



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ANA CAROLINA MACHADO

**Movimento Céu na Terra: práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus
desdobramentos no tempo presente (2016-2022).**

**FLORIANÓPOLIS,
2022**

ANA CAROLINA MACHADO

Movimento Céu na Terra: práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2022)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof.^ª Dr.^ª Rogério Luiz Klaumann de Souza

FLORIANÓPOLIS

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado, Ana Carolina

Movimento Céu na Terra: : práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2022) / Ana Carolina Machado ; orientador, Rogério Luiz Klaumann de Souza, 2022.
199 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Céu na Terra. 3. Movimento religioso evangélico. 4. espaço público. 5. Tempo Presente. I. Klaumann de Souza, Rogério Luiz. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Ana Carolina Machado

Movimento Céu na Terra: práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2022)

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Dr.(a) Karina Kosicki Belotti
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof.(a) Dr.(a) Emerson José Sena da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em História Global.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Dr.(a) Rogério Luiz Klaumann de Souza
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e sempre, aos meus pais, Salete e Elvio. E aproveito para dedicar este trabalho a eles, que apoiaram minhas escolhas, que sonharam comigo meus sonhos e que, acima de tudo, acreditaram em mim quando o mundo duvidou e quando eu mesma duvidei. Obrigada por terem me escolhido, por terem se feito presentes mesmo na distância, e por todo amor a mim dedicado.

Agradeço com muito amor à tia Silvia, tia Zenaide, tio Juan, madrinha Helena Lúcia, madrinha Jaqueline, madrinha Salete, e aos padrinhos Erimar e Gibrair. Pelo incentivo aos estudos, por toda a ajuda e suporte, pelas orações e pelo carinho.

Quando comecei a escrever esses agradecimentos, lembrei da música "A lista", interpretada por Oswaldo Montenegro, a qual diz: *Faça uma lista de grandes amigos, quem você mais via há dez anos atrás, quantos você ainda vê todo dia, quantos você já não encontra mais. Faça uma lista dos sonhos que tinha...* Bem, devo dizer que dos sonhos que sonhei na vida, fazer o mestrado era um deles. Hoje é um sonho realizado e isso me deixa feliz, embora eu precise confessar que a expectativa sobre a coisa, é muito maior do que a coisa em si. Mas esse não foi um sonho que sonhei sozinha, porque talvez se fosse, teria sido somente um sonho. Mas como diria Raul Seixas, *sonho que se sonha junto é realidade*. Então começo a listar os amigos, como sugere Oswaldo Montenegro, que fizeram parte desse caminho e que não apenas sonharam comigo, mas me ajudaram a realizar, a construir, a materializar esse sonho. Respondendo a música, nenhum deles eu vejo todo dia. Alguns eu via bem mais há dez anos atrás, outros eu não encontro mais... e outros estiveram de mim mais próximos durante o período do mestrado. Mas todos que tiverem seus nomes aqui registrados fazem parte da minha vida e também desse caminho. A eles sou grata pela amizade e por um infinito de outras coisas que cada um deles bem sabe...

Aos amigos que a graduação me deu, especialmente Thais Vasconcelos, Amanda Velho, Rafael Baldin, Rodrigo Mello Campos e Jaisson Cruz. A história nos apresentou e nos uniu, e para mim foi e continua sendo uma honra chamá-los de amigos há quase uma década.

Aos amigos de Pato Branco (PR) e da vida, com muito apreço e carinho: Andressa de Farias, Gabriela Pasini, Franciele De Col, Juliana Ribeiro, Tamara de Meira, Regiane, Ana Luiza, Eduarda, Maria Fernanda e Rosangela (todas de sobrenome Cordeiro... família que amo), Fernanda Rocha, Roberson Furlan, Guilherme Toss e Mauricio Tolentino. Obrigada pela

amizade sincera, o apoio ímpar, a ajuda emocional e financeira, as palavras de encorajamento, as orações e o amor. Vocês são parte da minha vida e mesmo de longe, estiveram sempre presentes, sobretudo dentro do meu coração.

Aos amigos de Floripa: Luciana Marinho (e as cachorrinhas Gaia e Pietra), Dona Chica, Renato (Papito), Darlan Queiroz, Cibele Ustra, André Miranda e Fabiana Guarez, que é amiga da graduação, de Pato Branco e com quem dividi momentos muito bons em Floripa! Fabi, sempre vou lembrar com carinho de cada um de nossos rolês. Vocês foram presentes que a vida me deu. Obrigada pela amizade, pelas cervejas geladas, pelos vinhos, as comilanças, as idas à praia, pelas muitas risadas. Vocês foram bem mais que amigos, foram minha família na ilha. Minha casa, meu lar.

Agradeço aos professores que me deram aula durante o curso de graduação na Universidade Estadual do Centro Oeste, durante os anos de 2014 e 2017, naquela extensão da pequena Coronel Vivida, no interior do Paraná, na qual não tínhamos estrutura universitária alguma, mas em compensação, muita vontade de aprender. O trabalho competente desses professores resultou no ingresso de muitos mestrados em programas de pós graduação, como é meu caso. Meu agradecimento a todos e todas, especialmente à Ismael Vanini, Paulo Haiduke, Kety Carla de March, Vanderlei Sebastião de Souza, Diná Schmidt e Thiago Reisdorfer. Sou grata a vocês por terem me ensinado tanto e pelo incentivo para a continuação dos estudos no mestrado. Assim como outros colegas, sou filha daquela extensão e vocês também são responsáveis por termos alçado grandes voos.

Agradeço ao meu orientador, Rogério Luiz Klaumann de Souza, por desde o início ter acreditado em um projeto que, a princípio, era somente isso mesmo, um projeto. Por ter me forjado a pensar e a mudar minhas hipóteses iniciais um tanto quanto equivocadas, pela autonomia que sempre me permitiu ter sem deixar de, ao mesmo tempo, me nortear de forma certa quando necessário. Mas, acima de tudo, agradeço, Rogério, por você ter aberto a porta para que eu entrasse, por ter confiado que eu poderia desenvolver um trabalho e amadurecer como pesquisadora/historiadora. Foi importante!

Agradeço aos professores do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina: Joana Maria Pedro, Janine Gomes, Beatriz Momigonian e Sidney Munhoz, que foram meus professores em disciplinas durante o mestrado. De igual modo, deixo meus agradecimentos aos professores Waldomiro Lourenço da Silva Junior e Rodrigo

Bragio Bonaldo, pela oportunidade em integrar as atividades do Laboratório de História Pública (LAPIS/UFSC), experiência na qual aprendi muito. Ao professor Rodrigo também agradeço por ter me acolhido como sua estagiária de docência, no curso de história, na disciplina de Teoria da História II.

Às colegas e ao colega de mestrado que se tornaram amigos: Janai Harin Lopes, Amanda Maia, Rodrigo Polatto, Athaysi Colaço (do doutorado) e, especialmente, Danielle Dornelles e Alina Nunes, agradeço pela parceria e pelas trocas, e lamento não podermos ter vivido tanto juntos/as a universidade e tudo que Floripa tem de mais lindo, por conta da pandemia. Mas ainda assim, gostaria de deixar registrado que vocês foram muito importantes nesse tempo. Sou feliz por ter cursado o mestrado ao lado de pessoas tão humanas e competentes. Sou grata pela força que nos demos, e quero dizer que acredito muito em vocês e no potencial que vocês têm como pesquisadores/historiadores.

Ao professor João Júlio Gomes da Silva Junior, agradeço por ter me aceitado como aluna ouvinte na disciplina História Global: entre espaços e narrativas, ministrada no PPGH da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi um espaço de discussão importante.

Aos professores Emerson José Sena da Silveira (UFJF), Karina Kosicki Belotti (UFPR) e Marcos Montysuma (UFSC), agradeço por gentilmente terem aceitado fazer parte das bancas de qualificação e defesa, cujas contribuições, apontamentos e críticas construtivas foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela bolsa de estudos concedida, sem a qual este estudo certamente não teria sido executado.

Por fim, agradeço também a professora Ana Maria Veiga (UFPB) e a sua mãe, dona Maura, pela oportunidade de morar pertinho da praia do Campeche, em Florianópolis, em uma casinha maravilhosa que surgiu como uma oportunidade daquelas que só acontecem uma vez na vida. Fui muito feliz nesse lugar, na companhia da cachorrinha Jade. É um tempo da minha vida que sempre vou lembrar com carinho e saudade. Essa pesquisa nasceu entre muitas idas na praia e um descanso na rede vez ou outra. Grata por ter vivido um pouco de cada canto de Floripa. Sobretudo pelo ritual de ver o sol se pondo na Avenida Beira Mar Norte, quando morei na Trindade, e pela beleza sempre inédita de assistir o sol nascendo atrás da ilha do Campeche, no período em que morei no maravilhoso sul da ilha. Floripa é mesmo a cidade da magia!

*O mérito é todo dos santos
O erro e o pecado são meus
Mas onde está nossa vontade
Se tudo é vontade de Deus?
Apenas não sei ler direito
A lógica da criação
O que vem depois do infinito
E antes da tal explosão?
Por que que o tal ser humano
Já nasce sabendo do fim?
E a morte transforma em engano
As flores do seu jardim
Por que que Deus cria um filho
Que morre antes do pai?
E não pega em seu braço amoroso
O corpo daquele que cai
Se o sexo é tão proibido
Por que ele criou a paixão?
Se é ele que cria o destino
Eu não entendi a equação
Se Deus criou o desejo
Por que que é pecado o prazer?
Nos pôs mil palavras na boca
Mas que é proibido dizer
Porque se existe outra vida
Não mostra pra gente de vez
Por que que nos deixa nos escuro
Se a luz ele mesmo que fez?
Por que me fez tão errado
Se dele vem a perfeição?
Sabendo ali quieto, calado
Que eu ia criar confusão*

*E a mim que sou tão descuidado
Não resta mais nada a fazer
Apenas dizer que não entendo
Meu Deus como eu amo você!*

(A lógica da criação - Oswald Montenegro)

RESUMO

A pesquisa analisa o processo de institucionalização do Céu na Terra, movimento evangélico pentecostal de jovens, que surgiu no espaço urbano de Águas Claras (DF), em 2016, e continua em andamento. Para tanto, busca compreender suas práticas, experiências e atuação no espaço público em três dimensões: o espaço urbano, o espaço midiático, e o espaço político. Esses espaços são entendidos, para este propósito, como espaços sagrados, simbólicos e de poder, que passaram a ser dotados de sentido através das atividades geradas em torno desse movimento. Dessa maneira, a pesquisa trata dos desdobramentos desse movimento no tempo presente, ao analisar como ele se projetou para além de seu local de origem, em espaços outros, realizando reuniões e encontros em diversas cidades do país, ganhando uma dimensão global através da internet e, também, pelo evangelismo e missionarismo transnacional que passou a realizar. A dissertação sustenta, desse modo, o argumento de que de um micro movimento, o Céu na Terra se tornou um macrofenômeno. Por conseguinte, busca demonstrar como a análise desse movimento permite compreender, mesmo que em linhas gerais, um contexto em que a interface entre religião e política, no Brasil, tem sido cada vez mais exacerbada. Nos últimos anos, vimos ascender na cena pública uma direita religiosa protagonizada majoritariamente por figuras evangélicas pentecostais, que tiveram papel fundamental nas transformações políticas que o país atravessou na última década. Essa força religiosa, segundo alguns autores, não apenas coloca em questão o caráter ambíguo da laicidade brasileira, mas projetou uma maré conservadora que acabou trazendo o fundamentalismo ao poder. Assim, com o objetivo de trazer inteligibilidade acerca do contexto em que o objeto referido se insere, essa pesquisa aborda, ainda, como o Movimento Céu na Terra "pega onda" nessa maré, alinhando-se ao "espírito" de sua época. Uma época marcada por um crescente processo de confessionalização dos espaços públicos e políticos constitucionalmente laicos, e por um forte ativismo político evangélico. Desse modo, o estudo contribui para a reflexão de novas formas de institucionalização das práticas e experiências religiosas no espaço público e, ao mesmo tempo, descortina alguns fragmentos que permitem compreender a força dos elementos religiosos no tempo presente.

Palavras-chave: Céu na Terra. Movimento religioso evangélico. Espaço público. Tempo presente.

ABSTRACT

The research analyzes the process of institutionalization of *Céu na Terra*, an evangelical pentecostal movement of young people, which emerged in the urban space of Águas Claras (DF), in 2016, and is still ongoing. In order to do so, I seek to understand their practices, experiences and performance in the public space in three dimensions: urban space, media space, and political space. These spaces are understood, for this purpose, as sacred, symbolic and power spaces, which became endowed with meaning through the activities generated around this movement. In this way, the research deals with the unfolding of this movement in the present time, by analyzing how it projected itself beyond its place of origin, in other spaces, holding meetings and encounters in several cities in the country, gaining a global dimension through the internet and also for the evangelism and transnational missionaryism that he began to carry out. The dissertation thus sustains the argument that from a micro movement, *Céu na Terra* has become a macro phenomenon. Therefore, I seek to demonstrate how the analysis of this movement allows us to understand, even if in general terms, a context in which the interface between religion and politics in Brazil has been increasingly exacerbated. In recent years, we have seen the rise of a religious right on the public scene, mainly led by pentecostal evangelical figures, who played a fundamental role in the political transformations that the country has gone through in the last decade. This religious force, according to some authors, not only calls into question the ambiguous character of Brazilian secularism, but also projected a conservative tide that ended up bringing fundamentalism to power. Thus, with the aim of bringing intelligibility about the context in which the referred object is inserted, this research also addresses how the *Céu na Terra* Movement "catch the wave" in this tide, aligning itself with the "spirit" of its time. A time marked by a growing process of confessionalization of public spaces and constitutionally secular politicians, and by a strong evangelical political activism. Thereby, the study contributes to the reflection of new forms of institutionalization of religious practices and experiences in the public space and, at the same time, reveals some fragments that allow us to understand the strength of religious elements in the present time.

Keywords: *Céu na Terra*. Evangelical religious movement. Public space. Present time.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. Um movimento evangelístico e avivalista nasce em Águas Claras (DF): o processo de constituição do Céu na Terra.	27
1.1 Protagonistas dos "últimos tempos": avivamento, evangelismo, e relações temporais	27
1.2 João Paulo Dias, um escolhido de Deus: carisma e experiência fundadora	43
1.3 Incorporação das mídias digitais: publicização das experiências religiosas, legitimidade carismática e autoimagem	55
1.4 O corpo de líderes, a inserção da lógica mercadológica e a dominação carismática	88
Capítulo 2. Fixação territorial, relações estabelecidas e mercantilização do sagrado no processo de institucionalização	98
2.1 Entre circuitos urbanos, à apropriação de um lugar próprio: A praça CNT como espaço de poder	98
2.2 "Céu e Terra" se encontram na praça CNT: a dimensão sagrada e simbólica do espaço	108
2.3 Relações estabelecidas com outras figuras e movimentos evangélicos	118
2.3.1 O estabelecimento de uma cultura do "Céu na Terra"	124
2.4 Mercantilização e marketização do sagrado	126
2.5 O Movimento Céu na Terra como uma instituição no espaço público	135
Capítulo 3. De micro movimento a macro fenômeno: o Céu na Terra em espaços públicos outros	143
3.1 A dimensão macro propiciada pela internet: conexões e experiências religiosas online.	144
3.2 De Águas Claras para o Brasil: o Tour Céu na Terra	151
3.3 Pregando o evangelho nas nações: evangelismo e missionarismo transnacional	153
3.4 Presença religiosa no espaço público político: a ordem temporal, o "espírito da época" e a homenagem ao Céu na Terra na Câmara dos Deputados	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	184

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: logotipo do Movimento Céu na Terra.	66
Figura 2: Foto de reunião do Movimento Céu na Terra.	68
Figura 3) Foto de reunião do Movimento Céu na Terra.	69
Figura 4) Jovens orando em reunião do Movimento Céu na Terra.	71
Figura 5) Jovens orando em reunião do Movimento Céu na Terra.	71
Figura 6) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.	72
Figura 7) Jovem em reunião do Movimento Céu na Terra.	72
Figura 8) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.	73
Figura 9) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra (líder de braços abertos).	73
Figura 11) Cartaz de divulgação sobre a venda de ingressos da conferência "No secreto".	92
Figura 12) Cartaz eletrônico de divulgação da conferência "No secreto"	92
Figura 13) Propaganda das camisetas do Céu na Terra	93
Figura 14) Propaganda de camisetas do Movimento Céu na Terra.	93
Figura 15) Imagem de cima da Praça da Caesb, ou "Praça CNT".	101
Figura 16) mapa de localização da Praça Caesb (Praça CNT).	103
Figura 17) Mapa da Praça da Caesb ou "Praça CNT"	103
Figura 18) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra	112
Figura 19) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra	112
Figura 20) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.	113
Figura 21) Reunião na Praça CNT.	113
Figura 22): Jovens em meio à chuva em reunião na Praça CNT.	114
Figura 23) Jovens se abraçando na reunião do Céu na Terra.	114
Figura 24) Reunião na Praça CNT	115
Figura 25) Jovens em meio à chuva em reunião do Céu na Terra.	115
Figura 26) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.	116
Figura 27) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.	116
Figura 28) Jovens em meio à chuva em reunião do Céu na Terra.	117
Figura 29) Jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra.	117
Figura 30) jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra	118
Figura 31) Jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra.	118
Figura 32) Cartaz de divulgação da presença da cantora cristã Priscila Alcantara em evento do Céu na Terra	121
Figura 33) Priscila Alcantara ministrando em evento do Céu na Terra	122
Figura 34) Bandeira do Brasil em reunião do Céu na Terra.	124
Figura 35) captura de tela da página da CNT store, no Instagram.	128
Figura 36) Cartaz da pré-venda do livro de João Paulo.	129
Figura 37) Captura da página do preço da matrícula da Escola 2414.	130
Figura 38) Clara Mendes, líder do Céu na Terra orando pela nação brasileira, em evento do Céu na Terra	170
Figura 39) Jovens em reunião do Céu na Terra orando pelo país.	170

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2017, realizei uma espécie de etnografia participante em uma igreja evangélica em minha cidade natal, Pato Branco (PR), no objetivo de realizar uma pesquisa sobre a identidade daquela comunidade religiosa, pesquisa essa que nunca chegou a ser realizada. Durante o tempo que frequentei os cultos e outras atividades dessa igreja, passei a conhecer e pude me familiarizar com o que havia de mais novo no cenário evangélico brasileiro, principalmente entre a juventude. Quais eram as músicas mais tocadas e mais recentes, quais eram os ministérios e grupos de louvor mais ouvidos, quem eram os pastores, missionários e evangelistas mais seguidos nas redes sociais. Foi nesse período que tomei conhecimento de que um movimento evangelístico de jovens, cujo nome era Céu na Terra, acontecia em Águas Claras, no Distrito Federal. Os jovens da igreja conheciam o movimento através do Instagram¹ e do YouTube.²

Curiosamente, comecei a seguir o movimento nesses canais e a acompanhar os conteúdos que eram compartilhados. Esses conteúdos não falaram nada por si só. Eles só puderem ser vistos como fontes históricas para essa pesquisa e somente fomentaram uma problemática, na medida em que lancei sobre eles um questionamento. Foi o problema lançado que elegeu as fontes dessa pesquisa, pois como bem afirmou Marc Bloch (2011, p. 79), "os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los" (BLOCH, 2001, p. 79). Ao identificar, através das fotos, textos e vídeos compartilhados nesses meios, que se tratava de um movimento semanal que acontecia em uma praça, reunindo uma "multidão" de jovens, minha ideia inicial foi de que seria possível analisar as apropriações que esses jovens faziam do espaço urbano para tecer suas práticas e experiências religiosas, abordando, portanto, sua presença e intervenção no espaço público. Foi esse objetivo que deu vida ao projeto de mestrado que resultou nessa dissertação.³ Um projeto que foi amadurecendo e sofrendo

¹Perfil do Céu na Terra no Instagram: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\)](#) • [Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 03 mai. 2022. A quantidade de seguidores no canal, na data desse acesso, é de 389 mil seguidores.

² Canal do Youtube do Céu na Terra. Disponível em: [\(255\) Céu na Terra Movement - YouTube](#). Acesso: 03 mai. 2022. A quantidade de inscritos no canal, na data desse acesso, é de 388 mil inscritos.

³O título do projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós Graduação em História da UFSC, em 2019, era "As apropriações do espaço urbano pelo Movimento Céu na Terra e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2020).

alterações até que se chegasse, finalmente, aos objetivos e problemas sob os quais me debruço nessa pesquisa.

Céu na Terra, o objeto desta dissertação, é um movimento evangélico que surgiu no espaço urbano de Águas Claras (DF), no início de 2016, em torno do qual centenas de jovens se reúnem, em uma praça, nas noites de terça-feira, para uma espécie de "culto a céu aberto". Esses encontros são permeados por pregações bíblicas, práticas de louvores e orações, e por outras experiências como, por exemplo, de conversão, curas e batismo no Espírito Santo. Trata-se, portanto, de um movimento pentecostal, cuja centralidade das práticas está na busca por um avivamento espiritual e na pregação do evangelho. O movimento surgiu em torno de um líder, João Paulo Dias, um jovem de vinte e poucos anos e, inicialmente, começou com pequenas reuniões na estação de metrô Arniqueiras. Durante o primeiro ano, o movimento se deslocou da estação para a Praça Tiziu, popularmente conhecida como Praça do Elefante, até se instalar definitivamente na Praça da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB), local em que os encontros passaram a ser realizados desde então.⁴

Tão logo o Céu na Terra começou a ganhar forma, as mídias digitais passaram a fazer parte de sua dinâmica, e foi através das redes e plataformas digitais que o movimento se tornou amplamente conhecido e seguido não apenas em Brasília, mas também no Brasil e no mundo. É um movimento evangélico que atua, dessa forma, nos espaços urbano e midiático. O movimento, entretanto, começou e se consolidou sem que houvesse autorização dos órgãos de segurança pública ou da administração local para ocupar o espaço urbano. Precisou deslocar-se de lugar devido a várias críticas e reclamações que recebeu por parte da sociedade civil por conta da aglomeração causada em suas reuniões, devido obarulho, e por ser realizado semanalmente em ambientes que não foram construídos ou destinados para fins religiosos.⁵ Contudo, também ganhou muitos frequentadores, somando um público cada vez maior desde que começou, além de notoriedade e apoio por conta de sua causa e missão, principalmente por parte de algumas autoridades políticas evangélicas. Por isso, o movimento

⁴É importante mencionar, contudo, que desde 2020, quando a pandemia ocasionada pelo corona vírus começou, as reuniões do Céu na Terra foram interrompidas por conta dos decretos públicos que proibiram aglomerações, haja vista a necessidade do isolamento social. Durante um tempo, suas atividades ficaram restritas aos meios digitais, de modo que as reuniões presenciais só tiveram retorno no final de 2021. Ainda assim, devido a pandemia, novas pausas e retornos das reuniões no modo presencial foram feitos durante o primeiro semestre do ano de 2022.

⁵Sobre isso, ver: <https://aguasclarasmidia.com.br/para-deus-e-todo-mundo-ouvir-assista-ao-video/>. Acesso: 24 jun. 2021.

Ao final desse trabalho, abordo como o Movimento Céu na Terra "pega onda" nessa maré, alinhando-se ao "espírito" de sua época. Uma época marcada por um crescente processo de confessionalização dos espaços políticos constitucionalmente laicos (CAMURÇA, SILVEIRA, ANDRADE JUNIOR, 2020) e, ao mesmo tempo, por um forte ativismo político evangélico (CARRANZA, GUADALUPE, 2020). Foi justamente pelo alinhamento com tais ideais que o Céu na Terra ganhou apoio e legitimidade em meio a políticos evangélicos, tecendo alianças em prol de um objetivo em comum: a construção de uma nação com altos valores morais, uma nação cujo "Deus é o senhor", e uma nação em que o "povo de Deus" busca ocupar todas as esferas da sociedade propagando sua mensagem e princípios.

Desse modo, para além de analisar a trajetória desse movimento, meu intuito com essa pesquisa é produzir, mesmo que em linhas gerais, uma inteligibilidade acerca do tempo em que vivemos, partindo do pressuposto de que o contexto brasileiro dos últimos anos não pode ser interpretado sem que se leve em consideração a força desses aspectos religiosos. Também porque parto da premissa de que todo objeto, seja ele religioso ou não, não deve ser interpretado apenas por ele mesmo. Um objeto é sempre localizado temporal e espacialmente. Por isso, uma das tarefas do historiador deve ser a de demonstrar o que o objeto sob o qual ele se debruça tem a dizer sobre seu tempo, ou seja, sobre a sociedade na qual ele se insere.

Por se tratar de um movimento que surge de forma autônoma no espaço público, o Céu na Terra parece se inserir no crescente processo de desinstitucionalização da religião, que segundo Hervieu-Léger (2015), se constituiu como um forte marcador da contemporaneidade. Esse processo é decorrente da crise das instituições religiosas de caráter mais tradicionais, que acabam por perder sua capacidade de regulamentação e controle. Essa crise serve de vetor para o surgimento de novas formas de religiosidade e novos movimentos religiosos, e é dessa crise que parecem derivar duas categorias que têm crescido muito no Brasil, conforme os últimos censos: a categoria dos desigrejados e dos religiosos sem religião (NOVAES, 2012). Segundo a antropóloga Regina Novaes (2012), a juventude religiosa brasileira tem vivido, neste século, sob o impacto de duas forças: de um lado, a crise institucional das religiões tradicionais, de outro, a presença cada vez mais latente de novas expressões religiosas nos espaços públicos. Nesse sentido, a pesquisadora sustenta o argumento de que são tempos em que a juventude experimenta o sagrado de muitas formas, formas essas que não implicam necessariamente no pertencimento a uma igreja, reinventando tradições com

ferramentas de seu próprio tempo, e construindo novas formas de crer, pertencer, frequentar e se relacionar com o sagrado.

Inserindo-se nesse cenário, a trajetória do Céu na Terra aponta, entretanto, uma nova forma de institucionalização do fenômeno religioso no espaço público. Por isso, parto do pressuposto, para analisar esse movimento, de que a crise das instituições religiosas tradicionais que marca a contemporaneidade, se constituiu como um solo fértil para o aparecimento de movimentos que como este, surgem desinstitucionalizados, mas que ao ganharem forma e adesão, fomentam novos *tipos* de instituição.

Como se verá ao longo deste trabalho, o Movimento Céu na Terra alçou um ambíguo e paradoxal processo de institucionalização no espaço público, configurando-se como um sistema religioso, de fato, pelos seguintes marcadores: 1) o surgimento em torno de um líder carismático e, posteriormente, a consolidação de um corpo de líderes que constituiu uma hierarquia eclesiástica, ao mesmo tempo em que produzia um discurso de que não seria um ministério, e sim uma "família". 2) a incorporação das mídias digitais em sua estrutura organizacional. 3) a adoção de medidas burocráticas e racionalizadas em sua dinâmica, a partir das quais o movimento se inseriu numa lógica mercadológica, cobrando serviços e utilizando-se do marketing religioso, adentrando, com isso, no interior do competitivo campo religioso brasileiro. 4) a demarcação/construção de uma territorialidade própria no espaço urbano. 5) a construção de um sistema de ensino de capacitação missionária e evangelística. Trata-se de um movimento que em um curto período de tempo, evidencia um processo de rotinização do carisma, legitimando-se e constituindo-se como dominação carismática e como instituição (WEBER, 1982, SELL, 2018).

A escolha em estudar sobre esse movimento seu deu pelo fato de que, apesar de ele ser amplamente conhecido na cena evangélica brasileira, e ser um movimento que tem relações próximas com outros grupos, igrejas, movimentos e figuras bastante influentes nesse cenário, é um objeto que ainda não foi analisado pelas ciências humanas que tratam acerca dos fenômenos religiosos.⁸ Nesse sentido, ao lançar uma abordagem histórica para a análise desse movimento, esta pesquisa contribui para uma ampliação de objetos na história das religiões, e também na história do tempo presente, descortinando novas formas de abordagem

⁸ O único trabalho que tomou o movimento como objeto é da área da Comunicação Social com habilitação no campo da publicidade e propaganda, que abordou a comunicação de movimentos cristãos analisando os perfis do Movimento Céu na Terra e do Movimento JesusCopy nas redes sociais. Ver: SILVA, Yago Henrique Feitosa da. Comunicação dos movimentos cristãos nas redes sociais: Análise dos perfis dos movimentos "Céu na terra movement" e "Jesuscopy" no Facebook e Instagram. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – UniCEUB, Brasília, 2018

das práticas e experiências religiosas protagonizadas pela juventude evangélica no espaço público. Em tempos como estes, em que a religião é cada vez mais pública e publicizada, objetos como o Céu na Terra permitem identificar, "no campo religioso brasileiro, a ocorrência de vários processos de reconfiguração, de transformações, de surgimento de novidades que marcam uma ruptura com o que havia até então sido considerado habitual" (TEIXEIRA, MENEZES, 2011, p.7). Trata-se de um campo cada vez mais plural e diversificado, em que velhos grupos se modificam ao mesmo tempo que novos fervilham, desafiando os pesquisadores na análise e compreensão de suas especificidades.

Por se tratar de um movimento religioso urbano, o Céu na Terra se insere entre as manifestações, movimentos e grupos urbanos que se utilizam, estrategicamente, dos espaços da cidade para praticar sua religiosidade, seu evangelismo, sua fé.⁹ A partir desse foco, esta pesquisa busca somar-se às abordagens que nos últimos anos tem se debruçado sobre as relações entre religião e cidades, considerando que "a religião vem assumindo importância na pauta global e, sobretudo a partir dos anos 1990, se impôs para quem estuda o urbano" (VITAL DA CUNHA, MENEZES, 2017, p. 10). Ao tratar do Céu na Terra como um movimento religioso que se utiliza amplamente das mídias digitais, esta pesquisa também busca somar-se aos estudos que tem se debruçado acerca das relações entre religião e internet¹⁰, tratando dessa interface como um fator geracional que é próprio do tempo presente.

⁹ Entre os estudos que se dedicam sobre as proximidades entre os universos urbanos e religiosos, destacam-se aqueles que compõem a coletânea: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). *Religiões e Cidades*: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. Constituem-se, semelhantemente, como referência, alguns dos trabalhos interdisciplinares desenvolvidos no Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), da Universidade de São Paulo (USP). Grande parte desses estudos tem se debruçado em analisar as formas de inserção dos jovens na paisagem urbana, investigando circuitos, apropriações e criações de espaços simbólicos. O Antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, um dos coordenadores do núcleo, se dedicou sobre o tema algumas vezes, discutindo o eixo religião e metrópole. Ver mais em: MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Religião e Metrópole*. Disponível em: [Religião e Metrópole \(usp.br\)](http://Religião e Metrópole (usp.br)). Acesso: 03 mai, 2022. A maioria dos trabalhos realizados no NAU são publicados, em forma de texto, na *Ponto Urbe*, revista eletrônica do núcleo. No ano de 2016, em seu 19º número, a revista contou com dossiê "Os usos da rua: apropriações religiosas do espaço público". Os artigos reunidos nesse dossiê contemplaram eventos observados por sociólogos e antropólogos que analisaram a presença da religião no cenário urbano no ano de 2016, em São Paulo, como a Marcha para Jesus, o Corpus Christi, as relações entre religião e gênero na parada de orgulho LGBT, contribuindo significativamente para o debate teórico metodológico da área. Tais trabalhos estão disponíveis em: [19 | 2016 Ponto Urbe 19 \(openedition.org\)](http://19 | 2016 Ponto Urbe 19 (openedition.org)). Acesso: 03 mai, 2022. Pesquisas no mesmo viés foram alvo do dossiê "Religião na Paisagem" da *Revista Religião e Sociedade* no ano de 2017, em seu 37º volume, nº2. Organizado pela socióloga Christina Vital da Cunha e pela antropóloga Renata Menezes, este dossiê trata de reconfigurações do religioso na paisagem urbana. Disponível em: SciELO - Religião & Sociedade, Volume: 37, Número: 2, Publicado: 2017. Acesso: 03 mai. 2022. Vale lembrar que as referências aqui citadas não esgotam, de maneira alguma, o tema em questão. São apenas alguns exemplos de estudos recentes desenvolvidos por pesquisadores que estão entre os principais estudiosos do tema no Brasil.

¹⁰ Os estudos que problematizam a interface entre religião e internet são relativamente novos nas ciências humanas. O que se verifica, é que este tem sido um tema que tem recebido maior atenção dos campos da antropologia e das ciências da religião do que historiografia, que ainda possui uma significativa lacuna na temática. Entre as pesquisas já realizadas, destaco os estudos de Airton Jungblut (2000, 2002, 2010, 2011),

Os protagonistas desse movimento são jovens. É um movimento encabeçado e liderado por jovens e frequentado, majoritariamente, por jovens. O protagonismo das juventudes, em sua pluralidade, tem atraído a atenção das ciências humanas na medida em que a juventude não tem sido mais interpretada apenas como uma fase da vida, ou seja, como um tempo intermediário entre a adolescência e a vida adulta (NOVAES, 2001). Pelo contrário, os estudos mais recentes têm buscado compreender as performances das culturas juvenis¹¹, os circuitos, as sociabilidades e os movimentos dos jovens urbanos¹², assim como as vivências religiosas dos jovens¹³, tratando os jovens como sujeitos históricos e sociais (ABRAMO, 1997; DAIRELL, 2003), capazes de interferir no contexto em que vivem. Ou seja, enquanto peças fundamentais na construção e transformação das realidades sociais nas quais estão inseridos.

Em consonância com esses estudos, nesta pesquisa a juventude é entendida como uma categoria social, uma vez que as culturas juvenis assim podem ser interpretadas como representações socioculturais e, ao mesmo tempo, como situações sociais. Dito de outro modo, “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p.7-8). Tal perspectiva auxilia, na análise do Céu na Terra, na medida em que ao longo do trabalho, analiso as atitudes e a forma como esses jovens têm experimentado e agido sobre este tempo, ou seja, como se comportam religiosa e socialmente.

No que diz respeito as fontes e a metodologia, desde a virada do século, a internet configurou novas tipologias documentais, as quais passaram a inserir o vasto campo da história do tempo presente, elencando novas fontes primárias e denotando novas possibilidades historiográficas no que tange aos objetos, as problemáticas e as técnicas

Eduardo Maranhão (2013), Karina Belotti (2011, 2012, 2014, 2016, 2018a, 2018b), Miklos (2010), e Sbardelotto (2011). Somam-se se a estes os textos que compõem a coletânea *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, organizada por Eduardo Meinberg Maranhão Filho.

¹¹ ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org). *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

¹² MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007; MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, pág. 13-38.

¹³ Destacam-se, entre estes, estudos como os de: NOVAES, Regina. *Juventude e religião. Sinais do tempo experimentado*. *INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro]* v. 20 n. 2, p. 351-368 ,dez. 2018; NOVAES, Regina. *Juventude, religião e espaço público. Exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 184-208, 2012; CAMURÇA, Marcelo; TAVARES, Fátima Regina Gomes. "Juventudes" e religião no Brasil. *Uma revisão bibliográfica*. *Numen: revista de estudos e pesquisa de religião, Juiz de Fora*, v. 7, n. I, p. 11- 46, para citar alguns.

(ALMEIDA, 2011). Entretanto, se essas novas possibilidades representaram, por um lado, uma ampliação nas maneiras de fazer história (SILVEIRA, 2018), por outro, apontaram novos desafios para o ofício dos historiadores, configurando uma significativa virada crítica no *modus faciendi* da Clio, conforme aponta a historiadora Anitta Lucchesi (SOARES, 2017). Dessa forma, as fontes digitais talvez sejam, entre os novos arsenais documentais da história recente, as mais ricas e desafiadoras para os historiadores que se debruçam sobre objetos pertencentes ao século XXI, e aos problemas que eles suscitam (LUCCHESI, 2014).

A incorporação de documentos digitais na historiografia representa uma ampliação ainda maior no estatuto de fonte histórica, apresentando-se como resultado e desdobramento das significativas transformações teórico-metodológicas ocorridas na disciplina ao longo do século XX. São vestígios do tempo presente quando conteúdos produzidos no espaço virtual, haja vista que a história do tempo presente se caracteriza não somente pelo aspecto temporal, mas também devido à natureza dos arquivos, sua forma de acessibilidade e a natureza dos métodos (CHAUVEAU, TÉTARD, 1999). Como fenômeno do tempo presente, utilizando-se das tecnologias digitais, o Céu na Terra produz seu conteúdo nos espaços digitais, os compartilha através deles e como já sinalizei anteriormente, é essa documentação, de natureza digital, que dá suporte a esta dissertação. Tratam-se de links, fotos, vídeos, comentários, textos e capturas de tela do site, do Instagram e do Canal do YouTube do Movimento. Se faz importante pontuar que são fontes produzidas e elaboradas na e para a internet, pois como aponta Laitano (2021), no arsenal de fontes digitais existem dois formatos: documentos digitalizados e os chamados “arquivos nascidos digitais”. Em menor medida, são utilizados aqui também outras fontes digitais como reportagens e entrevistas feitas por outros canais, mas que dizem respeito ao movimento em questão.

O caráter efêmero do espaço virtual impõe desafios na historiografia uma vez que o ciberespaço se apresenta como campo movediço, ou seja, em constante movimento. Dessa forma, o historiador se depara com a fluidez e a volatilidade de conteúdos que de uma hora para outra podem desaparecer ou serem modificados (SILVEIRA, 2016). Assim, parte da metodologia aplicada em relação a essas fontes seria, em um primeiro momento, o armazenamento destes dados a partir de capturas de tela, digitalização ou até mesmo impressão (ALMEIDA, 2011). Em outras palavras, trata-se da construção de um banco de dados digital. Para tanto, para a realização desta pesquisa, se fez necessária uma seleção documental diante da amplitude de informações e conteúdos presentes nas redes sociais do movimento em questão. Dessa forma, como sugere metodologicamente Almeida (2011),

busquei selecionar os documentos mais relevantes para uma análise qualitativa, na medida em que estas fontes me ajudavam a responder aos problemas e objetivos propostos.

É importante mencionar que as plataformas virtuais do Movimento Céu na Terra possuem um vasto leque de fontes a serem exploradas, e esta pesquisa se utiliza de apenas alguns desses conteúdos. Para se ter uma ideia, só no Instagram, há um total de 1132 publicações.¹⁴ Sem dúvidas, um dos maiores desafios desta pesquisa foi recortar o material documental. Depois do recorte, parte da metodologia se deu na captura de telas e na descrição de vídeos. Já os textos, alguns trechos puderem ser copiados e colados. As fontes foram introduzidas a fim de produzir uma narrativa histórica que não fosse linear e factual, mas que, ao mesmo tempo, desse sentido a trajetória do movimento. Tenho ciência de que muitos outros focos e problemáticas poderiam ter sido tratados, e espero que esse arsenal público e digital permaneça disponível para futuras pesquisas que possam surgir, minhas ou de outros pesquisadores, que eventualmente venham se interessar em estudar esse movimento. Mas espero com a ciência de que por se tratarem de redes sociais, de uma hora para a outra podem ser excluídas, podem ter conteúdos apagados. Lidar com conteúdos digitais é isso. Estar à mercê das plataformas e buscar meios de armazenamento e arquivamento de dados.¹⁵

No que diz respeito ao método crítico, os tratamentos para com as fontes digitais não levaram ao desenvolvimento de uma crítica documental essencialmente nova, mas têm com base os princípios já estabelecidos do método histórico, que requer que o historiador realize um exercício crítico de autenticidade dos dados, levantamento de quem os produziu, bem como o cruzamento de informações (ALMEIDA, 2011). No decorrer do processo da pesquisa, autenticar essas fontes, contextualiza-las, descrevê-las e analisá-las criticamente continuam como fundamentos obrigatórios da investigação histórica, esteja ela ou não no domínio digital, conforme apontam Gallini e Noiret (2011). Por fim, os conteúdos digitais nessa pesquisa serão compreendidos enquanto representações de práticas sociais (HAVALAIS, 2011). Nesse sentido, a internet possibilita analisar aspectos da realidade social de modo que essas representações devem ser analisadas enquanto linguagens que não são de forma alguma neutras, mas como práticas discursivas geradoras de sentidos. Desse modo, ao lidar com este tipo de fonte se faz necessário:

¹⁴Estes dados conferem a uma consulta realizada em 04/05/2022.

¹⁵ Sobre isso, ver: LAITANO, Bruno Grigoletti. Digitalizar o arquivo, arquivar o digital: a história e suas fontes diante das velhas e novas tecnologias. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

levar em conta seu contexto e as culturas que nela se desenvolvem, no qual estão inscritas conversações, práticas e negociações simbólicas cuja observação sistemática e a investigação interpretativa nos ajudam a decompor e desvendar padrões de comportamentos social e cultural (AMARAL, FRAGOSO, RECUERO, 2011, p. 167-168)

Os suportes teóricos desta pesquisa definitivamente não seguem uma receita pronta, em que seria utilizada essa ou aquela perspectiva. Durante o processo de escrita, lembrei de um professor de teoria da história que tive durante a graduação, que nos dizia que são as questões que vão sendo colocadas durante o percurso da pesquisa que apontarão quantas e quais ferramentas teóricas e metodológicas serão necessárias para a análise de um determinado objeto. Meu referencial teórico é composto, dessa forma, por discussões oriundas da História do Tempo Presente, da História Cultural das Religiões, dos estudos sobre Religião e Mídia, da Fenomenologia da religião, da Geografia da Religião, da Sociologia da Religião, da Antropologia Urbana, da História Global, entre outras perspectivas que se entrecruzam, fazendo deste trabalho um exercício historiográfico de caráter essencialmente interdisciplinar. Desse modo, o trabalho propõe um diálogo frutífero entre diferentes áreas do conhecimento que se ocuparam com o estudo das religiões, demonstrando que para lidar com um objeto complexo e ainda não explorado, várias ferramentas conceituais podem ser usadas na tarefa de explicar o fenômeno religioso. E entre essas complexidades, talvez a maior delas tenha sido pesquisar um objeto tão vivo.

Não são poucos os impasses, os dilemas e as dificuldades que enfrentam os historiadores que se aventuram em interpretar e compreender as questões de sua própria realidade social, as movimentações que permeiam seu próprio tempo vivido (LOHN, 2019). Estes, entre os quais aqui me incluo, acabam por lidar com conjunturas, fenômenos e acontecimentos que direta ou indiretamente, perpassam suas experiências como sujeitos históricos e, comumente, partilham com os grupos e sujeitos cuja história buscam narrar, um mesmo espaço-tempo. Colocamo-nos diante de uma tarefa árdua. Esta tarefa, apesar de sua delicadeza, não deixa de ser, justamente por isso, uma escolha corajosa, haja vista que um dos grandes desafios da história do tempo presente/imediato, em detrimento de tempos outros que já se findaram, é produzir uma inteligibilidade histórica sobre processos e fenômenos que muitas vezes ainda não estão definitivamente encerrados (DELACROIX, 2018), como é o caso deste estudo.

Uma das questões sempre presente nesse debate, é a delimitação do marco temporal que indica o que é o presente, ou seja, sua dimensão temporal. Onde ele começa? O que o define? O que o diferencia do passado e do futuro? A discussão acerca do que chamamos de

dimensão temporal está, nesse sentido, no cerne do debate que elabora um estatuto epistemológico específico sobre a história do tempo presente enquanto abordagem e perspectiva historiográfica (FERREIRA, 2018). Sobre isso, há que se dizer que a dimensão temporal de uma pesquisa em história do tempo presente, para além de um mero recorte temporal (de tal a tal ano, finais do século tal, décadas tais), pode e deve ser definida com base na natureza de seu objeto e nos problemas que o permeiam, haja vista que é com base nos problemas e objetivos sob os quais o pesquisador se propõe ao lidar com sua documentação, que ele realizará o exercício operacional no que concerne à temporalidade.

Esta pesquisa se debruça sobre a análise de um movimento recente, que surgiu no ano de 2016, e que ainda está em andamento no cenário religioso brasileiro. Por isso o seu recorte temporal (2016-2022). Dessa forma, a noção de história imediata talvez seja um bom caminho para a compreensão deste objeto que ainda pulula bastante vivo. O presente imediato, apesar de sua efemeridade e das muitas críticas que ainda sofre na academia, é considerado temporalidade legítima da história há quase pelo menos cinquenta anos, quando esta modalidade historiográfica passou a ser elaborada e praticada na França, em finais da década de 1970, com a criação do Instituto de História do Tempo Presente (CHAUVEAU, TÉTARD, 1999). As bases epistemológicas de uma história do tempo presente imediato decorrem da matriz historiográfica francesa, cujo pioneirismo dos pressupostos norteiam, em grande medida, a história do tempo presente produzida no Brasil ao longo das últimas décadas.

A noção de tempo imediato é fluida e pode abarcar algumas horas, algumas semanas, meses ou anos, conforme Chauveau e Tétard (1999), ela cabe para pensar objetos muitíssimo recentes, que acabaram de acontecer ou que ainda estão se desenrolando. Uma das questões que se levantam a partir dessa perspectiva, é que quem se debruça sobre o presente imediato, está sempre à mercê de acontecimentos que podem mudar os rumos de sua pesquisa, que podem colocar em questão suas hipóteses, e que podem apontar novos caminhos. Sobre isso, como apontou Jacques Le Goff (1999, p. 101), “o caso da história imediata, privada do conhecimento do futuro e do depois permite ao historiador de todas as épocas apreciar melhor o peso do acaso”. Lidamos, portanto, com a possibilidades de reviravoltas quando nos dedicamos à uma história a acontecer. Assim, como apontei no início dessa introdução, a situação pandêmica ocasionada pelo Covid-19 interrompeu as reuniões presenciais do Movimento Céu na Terra e me impediu de ir até essas reuniões realizar uma etnografia participante, ou até mesmo falar com alguns dos participantes, coisas que eu havia cogitado.

Do mesmo modo, diferente dos historiadores do passado, "que sabem o que aconteceu depois", nós, historiadores que nos debruçamos sobre um movimento que ainda está acontecendo, não sabemos o que acontecerá.

Desse modo, essa pesquisa é feita, conforme François Bédarida (2000), de moradas provisórias. Ela se debruça, como na noção cunhada por Jean-Pierre Roux (1999), na análise do vibrato de um inacabado. Trata-se de uma história "em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim" (BÉDARIDA, 2000, p. 50). Isso ocorre, sobretudo, porque nesta empreitada, os sujeitos de nossos estudos protagonizam o hoje não apenas a partir das memórias de tempos outros, mas a partir de suas ações. Em outras palavras, produzimos história de testemunhas vivas (DELACROIX, 2018). Assim, essa pesquisa não tem como intenção fechar o campo de possibilidades apontando essa ou aquela conclusão, mas pretende descortinar alguns fragmentos tanto do objeto em questão, quanto do contexto temporal e espacial em que ele se insere. Como abordei em outra oportunidade,

quando nós, historiadores e historiadoras, a partir de nossas escolhas, tratamos de alguns aspectos de uma determinada sociedade, outros são deixados de lado evidenciando inúmeras lacunas. Por isso, no tocante a história do presente e do imediato, sobretudo, o que fazemos é muito mais tecer considerações, levantar questões e instigar reflexões do que apresentar conclusões fechadas (MACHADO, 2020, p. 79).

Nesse sentido, por ser uma história sujeita a renovação porque ainda está a acontecer, e sem que se saiba o que virá depois, é certo de que este trabalho "conta" uma história inacabada. E por isso, está sujeita, como toda pesquisa que se debruça sobre o presente imediato (MACHADO, 2020), a críticas pelos pares e a revisões futuras, quando talvez outros historiadores se debruçem sobre este mesmo objeto ou contexto, a partir de ferramentas e perguntas diferentes, as quais permitam vislumbrar outros aspectos. O próprio Céu na Terra enquanto fenômeno a acontecer pode mudar suas posturas, pode acabar, pode assumir outros formatos e modalidades.

Entretanto, é importante salientar que como adverte Le Goff, o que se espera de um historiador que se dedique sobre o imediato, sobre o que aconteceu a pouquíssimo tempo ou que continua a acontecer, é que este seja capaz de "ler o presente, o acontecimento, com uma profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto as suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores, segundo os métodos adaptados a suas fontes; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar" (LE GOFF, 1999, p.101). É

com base na assertiva de Le Goff que analiso, temporalmente, o Céu na Terra, buscando compreendê-lo para além da imediatividade.

Dessa forma, no primeiro capítulo, abordo as relações temporais que envolvem o objeto em questão, no objetivo de compreender como o Céu na Terra se relaciona com o passado e o futuro para dotar de sentido sua missão no presente. Para tanto, discuto suas características pentecostais e messiânico milenaristas. Abordo, de igual modo, a forma como o movimento surge em torno de um líder carismático, no espaço urbano, descortinando como ele vai ganhando forma na medida em que o carisma vai sendo legitimado. Nesse capítulo também trato da incorporação das mídias digitais na organização interna e rotina do Céu na Terra, problematizando a midiaticização e publicização de suas experiências religiosas, a legitimidade carismática e sua autoimagem construída na internet. Com isso, trato da inserção e atuação do movimento no espaço público midiático. No objetivo de compreender os estágios de institucionalização do movimento, o primeiro capítulo também trata da construção de uma hierarquia de líderes e do começo da inserção de uma lógica mercadológica em sua dinâmica. A análise deste último aspecto, no entanto, é feita com mais profundidade no segundo capítulo, que aborda como, aos poucos, vai sendo adotada uma estrutura racionalizada a partir da qual o carisma vai se rotinizando até se conformar em um *tipo* de dominação carismática.

Começo o segundo capítulo tratando sobre o espaço urbano. Para tanto, discorro sobre as estratégias de apropriação e dominação territorial do movimento Céu na Terra e sobre como, a partir de suas práticas e experiências, o espaço urbano no qual suas reuniões se fixaram se constituiu um espaço de poder, simbólico e sagrado. A questão espacial é interpretada como fundamental no processo de institucionalização e expansão do movimento no espaço público. São abordadas também nesse capítulo as relações que o movimento estabeleceu com outras figuras e movimentos de grande relevância no cenário evangélico atual, fator que lhe serviu como vetor de visibilidade e popularização, sobretudo por conta das redes sociais. A partir dessas relações, abordo como Céu na Terra busca construir uma cultura evangélica, denominada como "cultura do céu", que visa uma certa maneira de estar no mundo, que molda sujeitos e aponta seus papéis na construção de uma sociedade específica, na qual Deus seja o senhor. Para tanto, o movimento atua na formação de jovens avivalistas e que carreguem os valores cristãos. Por fim, o segundo capítulo aborda de forma mais concreta e aprofundada a questão da mercantilização do sagrado na rotina do Céu na Terra, problematizando a cobrança de seus serviços, a criação de um sistema de ensino criado

pelo movimento e o marketing religioso. Com base nesses aspectos, o argumento que desenvolvo é de que o Céu na Terra demonstra uma nova forma de institucionalização das práticas religiosas no espaço público, na medida em que se estrutura de forma burocratizada e racionalizada, assumindo características neopentecostais.

O terceiro capítulo aborda como o Céu na Terra de um micro movimento, se tornou um macro fenômeno que se desdobrou para outros espaços, dimensionando-se para além de seu local de origem. Para tanto, abordo como a internet possibilitou a publicização e a macro dimensão de suas práticas e mensagens, conectando pessoas de várias partes do mundo e promovendo experiências religiosas *online*. São trabalhadas as relações entre as escalas micro e macro históricas, problematizando a questão espacial para compreender a maneira como o movimento se estendeu para outras cidades do Brasil, e também como se tornou um fenômeno global, extrapolando as fronteiras nacionais através de práticas de missionarismo e evangelismo.

No intuito de compreender os espaços nos quais o Céu na Terra se desdobrou, o terceiro capítulo aborda também a sua presença no espaço público político, numa ocasião em que o movimento recebeu uma homenagem na Câmara dos Deputados, por políticos evangélicos. Discorro sobre as relações entre religião e política no tempo presente e sobre o itinerário dos evangélicos na política, para compreender o processo de inflexão dos evangélicos como ativistas políticos e para problematizar sobre a confessionalização do Estado. Desse modo, descortino como Céu na Terra se alia a políticos evangélicos em prol de um objetivo comum, a construção de uma nação de valores cristãos e cujo Deus é o senhor. Com base nisso, defendo o argumento de que o movimento se constituiu como um componente da nova direita religiosa, na medida em que pega carona na onda conservadora que se projetou nos últimos anos no país. Dedicado aos desdobramentos do Céu na terra no tempo presente, o último capítulo se preocupa com as diferentes dimensões de sua experiência social e com a multiplicidade de espaços em que ele transita. Mas também se preocupa em produzir inteligibilidade sobre o contexto histórico no qual ele surge e se projeta, um contexto de forte presença religiosa na cena pública.

CAPÍTULO 1. Um movimento evangelístico e avivalista nasce em Águas Claras (DF): o processo de constituição do Céu na Terra.

...Que caia o teu espírito. Vem fazer, o que nenhum homem fez. Vem fazer, o que a história nunca viu. Vem cumprir, o descrito em Joel: aviva-nos! Aviva-nos! (Cultura do Céu)

1.1 Protagonistas dos "últimos tempos": avivamento, evangelismo, e relações temporais

Quando discorre sobre o problema do "ídolo das origens" em seu clássico *Apologia da História ou o ofício do historiador*, Marc Bloch (2011, p.60) frisa: "em suma, nunca se explica plenamente o fenômeno histórico fora do estudo de seu momento" pontuando, em outras palavras, que todo fenômeno histórico é filho de seu próprio tempo, e que os sujeitos se parecem mais com sua época do que com seus antecessores. Ao pensar acerca do Movimento Céu na Terra, objeto desta pesquisa, concordo com Marc Bloch de que este movimento não pode ser analisado senão como expressão de um tempo muito específico, o presente no qual está inserido. Ele possui muitas especificidades de seu tempo, e como demonstrarei ao longo deste trabalho, o uso das mídias digitais talvez seja uma das principais marcas de sua época, um elemento que caracteriza e interfere diretamente em suas práticas.

Mas ao tratar acerca do ídolo das origens, Marc Bloch também lança o seguinte questionamento: "devemos considerar o conhecimento do mais antigo como necessário ou supérfluo para a compreensão mais recente?" (BLOCH, 2001, p. 56). Acredito que dependendo dos objetivos e problemas que se colocam para um determinado objeto, o conhecimento do mais antigo é fundamental, sobretudo se for um objeto que como este, pertence a um presente tão imediato. O Movimento Céu na Terra começa no ano de 2016, permanece ainda em atividade, tem suas muitas especificidades, mas não é de todo inédito. Considerar o conhecimento do mais antigo, nesse caso, não tem como objetivo uma "busca pelas suas origens", que tenha como intuito "descobrir as causas", mas de compreender as relações que este movimento estabelece com o passado.

Ao abordar teórica e metodologicamente sobre a história do tempo presente, Jacques Le Goff sugere que quando lidamos com objetos tão presentes e vivos, seria conveniente estabelecermos alguns questionamentos tais como: "de onde vem isso? Até onde é preciso

remontar para compreender bem o acontecimento, a situação, o problema (história-problema) de hoje?" (LE GOFF, 1999, p. 93). O que Le Goff salienta com isso, é que o historiador do presente imediato, ao abordar seu objeto, precisa ler o presente com uma profundidade e densidade histórica. Ou seja, inserindo o objeto no processo histórico maior de duração. Nesse sentido, embora o Céu na Terra seja um produto de seu tempo, existiram outros movimentos que são a sua pré-condição histórica.

Marc Bloch (2001) assume essa importância de considerar o mais antigo. Contudo, adverte que "indispensável, é claro, a uma correta relação com os fenômenos religiosos atuais, o conhecimento de seus primórdios não basta para explicá-los"(BLOCH, 2001, p. 58). Com isso, o historiador dos Annales ensina que ao buscar as origens, os historiadores acabam por simplificar o problema. Dessa forma, ele aponta que embora suponhamos que uma tradição religiosa permaneça no imaginário social intacta, ou seja, fiel a sua origem, a questão sob a qual devemos nos debruçar é de outra ordem: voltar às origens de uma tradição/crença para compreender as razões de sua manutenção, no tempo. Nas palavras de Bloch (2001, p. 58),"a questão, em suma, não é mais saber se Jesus foi crucificado, depois ressuscitado. O que agora se trata de compreender é como é possível que tantos homens ao nosso redor creiam na Crucificação e na Ressurreição". A partir desse exemplo, Bloch aponta, nas entrelinhas, que a história problema já não está tão interessada assim em comprovar uma verdade, ou seja, julgar o acontecimento referencial para o cristianismo como verdadeiro ou não. A assertiva de Bloch aponta um outro caminho operacional: a necessidade de compreender como uma tradição religiosa se estabelece e se perpetua, no tempo. Como é possível que os sujeitos do presente creiam e sustentem determinada tradição.

Essa problemática permite ao historiador do tempo presente perceber as camadas de tempo que perpassam seu objeto e, no caso do meu objeto que é um movimento religioso, como este movimento se relaciona com os tempos históricos para sustentar sua atuação/missão no presente. Em outras palavras, possibilita problematizar que estratos de tempo compõem o presente do grupo religioso, em que fontes do passado este movimento atual bebe, e como este movimento se relaciona com o passado, o presente e o futuro. Essa problemática temporal se insere em um movimento, na história do tempo presente, que como sublinha a historiadora Caroline Jaques Cubas, não tem como intuito "contestar as distintas narrativas assumidas por fiéis, mas sim o de entender – no tempo – o estatuto histórico-social dessas mesmas narrativas e, por consequência, das religiões" (CUBAS, 2021, p.5). Voltar ao passado ou "as origens" para compreender as experiências religiosas do hoje é reconhecer,

claro, que o passado e o presente são tempos singulares. Entretanto, o problema se desloca para um outro lugar de interesse da história do tempo presente, que é voltar ao passado para compreender os usos que se fazem do passado no presente. Em outras palavras, que passados compõem o presente.

O Movimento Céu na Terra nasceu com a motivação de clamar por um avivamento espiritual. Trata-se de um movimento que foi ganhando corpo com o propósito de atuar, com suas práticas de evangelismo, louvores, orações, experiências com visões e curas, entre outras, para um "derramamento do Espírito Santo" que seja uma marca deste tempo e para este tempo, e assim contribuir para a construção de uma geração que seja "cheia do Espírito Santo".¹⁶ Para tanto, seu objetivo passou a ser o de "compartilhar um evangelho puro e simples até que Cristo volte"¹⁷, proporcionando para seus adeptos uma experiência espiritual. Tais elementos apontam suas características identitárias: é um movimento de jovens evangélicos de caráter avivalista e pentecostal, que orienta sua ação crendo na volta de Jesus. Portanto, é também um movimento messiânico milenarista. Há, no interior desse movimento, tradições inscritas na história do cristianismo que permitem pensar tanto a sua relação com o passado, como com o futuro, ou seja, como a sua experiência articula as temporalidades.

Para entender como se articulam passado, presente e futuro, parto da premissa de que os passados avivalistas são apropriados como referência, são tradições que buscam ser atualizadas pelo movimento. É como se existisse uma vontade de viver algo parecido com o que já aconteceu, mas algo ainda maior, e é justamente aí que reside os usos religiosos do passado no presente. Há, como discute Cubas (2021), uma memória coletiva sobre as tradições religiosas que nas experiências religiosas contemporâneas, presentificam o passado. Já o futuro é entendido, bíblicamente, como profecia. Este futuro é pregado e esperado pelo Movimento Céu na Terra, e este elemento aponta a maneira como o presente é experimentado, pois como afirma Hartog (2015), a depender de como os sujeitos se relacionam com o passado e o presente, o futuro pode ser visualizado como ameaça ou como promessa. Para o Céu na Terra, o presente é um tempo de missão. Um tempo experimentado

¹⁶ Disponível em: [Um pouco da historia do Céu na Terra. - YouTube](#). Acesso: 28 fev. 2022.

¹⁷Esta é a frase que está na descrição da biografia do movimento, em seu perfil no Instagram. Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 23 set. 2021.

que se ancora no passado, buscando um reavivamento espiritual, e um tempo no qual se trabalha, por meio do evangelismo, na espera de um futuro prometido.¹⁸

Desse modo, pensar a forma como o movimento se projeta levando em conta as relações temporais é uma problemática inicial deste trabalho, que ao se constituir como um exercício de história do tempo presente, tem como preocupação compreender os estratos de tempo que compõem as práticas e experiências religiosas do objeto em questão. Acredito, por isso, que pensar a forma como o Céu na Terra se relaciona com os tempos históricos permite entender a maneira como o movimento busca interferir no presente vivido através de suas ações e, ao mesmo tempo, como busca dotar de sentidos este presente. Mas, acima de tudo, possibilita compreender a forma como esta parcela da juventude tem experimentado o tempo, falando publicamente sobre sua fé nos espaços em que ocupa e transita. Tratar das juventudes religiosas a partir da noção de "tempo experimentado" é entender, como sublinha a antropóloga Regina Novaes (2018), que cada grupo experimenta o tempo de uma forma diferente e singular, de modo que vão haver, em um mesmo presente vivido, diferentes tipos de experiências religiosas, diferentes usos do passado, diferentes expectativas de futuro.

Para tanto, tomo como ponto de partida as noções de espaço de experiência e de horizonte de expectativa propostas pelo historiador Reinhart Koselleck (2006), para sinalizar como se articulam passado, presente e futuro. A categoria de espaço de experiência contempla a dimensão do passado incorporado, diz respeito a relação entre presente e passado. Já o horizonte de expectativa abarca a relação entre o presente e o futuro. Desse modo, a atuação do movimento no presente surge da tensão e da relação entre passado e futuro, que temporalizam o seu presente. Nesse sentido, concordo com a historiadora Caroline Jaques Cubas (2021), que se adotarmos a concepção koselleckiana para a análise dos fenômenos religiosos no/do tempo presente, a religião conforma experiências e expectativas, podendo ser compreendida como um passado atual em que determinados acontecimentos são lembrados e incorporados, ou seja, trata-se de um passado rememorado no presente, através de práticas e rituais que presentificam acontecimentos passados e que os adotam como referência. Por isso, segundo Cubas (2021), distintas apropriações do passado religioso conformam o presente.

As expectativas de futuro construídas no presente, de igual modo, se articulam com elementos da tradição religiosa. Dessa forma, quando o Movimento Céu na Terra tem como

¹⁸Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](https://www.instagram.com/ceunaterramovement/). Acesso: 19 abr. 2022.

objetivo pregar e compartilhar o evangelho até que Cristo volte, existe uma relação específica com o futuro que precisa ser problematizada. Sua experiência e atuação é marcada por uma expectativa futurista baseada na vinda do Messias e na promessa da eternidade, que é central no interior da tradição cristã. A partir dessa ideia, o movimento em questão busca protagonizar o presente, ancorado na ideia de que a humanidade estaria vivendo os últimos tempos, antes do grande acontecimento da volta de Jesus. Essa ideia, mais uma vez, está presente no imaginário de muitos grupos cristãos de caráter apocalípticos e messiânico milenaristas.

Para refletir sobre esses aspectos, me aproprio também da teoria de estratos de tempo proposta pelo historiador Reinhart Koselleck (2014). O uso metafórico dessa noção auxilia o historiador do tempo presente a refletir de que maneira as categorias de espaço e tempo representam as condições de possibilidade da história. Em suma, a teoria de estratos de tempo é uma ferramenta teórica a partir da qual é possível analisar "as estruturas temporais da história humana, de suas experiências e de suas narrativas" (KOSELLECK, 2014, p.7). Esta categoria permite ao historiador do tempo presente compreender como a humanidade significa e representa suas experiências numa perspectiva temporal, projetando-se no passado e no futuro para dotar de sentido o tempo presente.

A partir dessa teoria, Koselleck (2014) busca superar uma organização temporal pautada na diacronia e na sincronia e passa a complexificar o tempo na longa, média e curta duração, estabelecendo diálogo com os pressupostos teóricos do historiador Fernand Braudel. Para tanto, três estratos básicos são trabalhados por Koselleck a partir do conceito de experiência: experiências de singularidade, de repetibilidade, e experiências de longuíssima duração que transcendem e, ao mesmo tempo, perpassam as experiências individuais dos sujeitos. A religião e a metafísica são exemplos desse tipo de estrutura, pois instauradas na perspectiva da longa duração, levam séculos para se transformarem (KOSELLECK, 2014). Sua tradição e as crenças que a sustentam são mantidas e reatualizadas ao longo dos séculos, como é o caso do cristianismo, uma religião que apesar de suas ramificações e distinções doutrinárias e denominacionais, tem suas bases essenciais solidificadas no imaginário social ao longo da história. A ideia de que Jesus voltará um dia, por exemplo, permanece viva para muitos grupos, é uma crença que se perpetuou e que legitima ações dos crentes de todos os tempos.

No que diz respeito a sustentação desse tipo de crença, Koselleck aponta que são as estruturas de repetição que sustentam processos de duração e que garantem "a durabilidade e

a constância dos modos de conduta social” (KOSELLECK, 2014, p. 113). Com efeito, as estruturas de repetição não apontam certos “retornos”, mas modos de repetição que executados na atualidade, possuem caráter atualizador. Por isso, segundo Kosseleck, “ritos ou dogmas dependem da repetibilidade para garantir constância. Costumes, regras e leis repousam na aplicabilidade repetida” (KOSELLECK, 2014, p. 113), uma vez que, alguns novos movimentos, “por mais originais que possam ser, vivem do reaproveitamento de possibilidades preexistentes” (KOSELLECK, 2014, p. 14). Entretanto, as estruturas de repetição não descartam o efeito e papel singular de determinadas experiências. O que fazem, na verdade, é problematizar o seu estatuto de ineditismo, e, de igual modo, revelar como algumas práticas são "mantidas" na espessura temporal e no terreno cultural de alguns grupos.

Quando o Céu na Terra tem como intenção protagonizar o despertar de um avivamento espiritual no tempo presente, se faz necessário remontar a outros movimentos avivalistas que aconteceram no decorrer da história, e que servem como inspiração e como legado para sua missão religiosa no presente. Pois, é em um exercício de diálogo temporal com esses movimentos que, no presente, movimentos pentecostais e avivalistas buscam criar e recriar essas tradições religiosas através dos usos que fazem desses passados. Houveram sujeitos históricos em outras conjunturas que protagonizaram movimentos avivalistas e que na crença evangélica, foram "instrumentos usados por Deus" para transformar seu contexto social e marcar a sua geração. Desse modo, com base em Koselleck (2014), no presente, o que esses sujeitos buscam fazer é, na verdade, um reaproveitamento e uma reatualização desses outros passados e, ao mesmo tempo, a manutenção de uma tradição/crença em função do presente. Nesse sentido, é possível afirmar que:

Em constante relação com esse passado, os crentes se constituem em um grupo “religioso”, suscitando e mantendo a crença na continuidade da linhagem de fé, ao preço de um trabalho de rememoração que também é uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente. (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 61 Apud CUBAS, 2021, p. 11).

Por isso esse reaproveitamento é sempre uma releitura, uma reatualização, um reavivamento. O "avivamento" no tempo presente seria o mesmo avivamento de outros períodos históricos? A resposta é óbvia: não. Mas como o problema aqui é de outra ordem, cabe pensar que quando se fala em avivamento, não se trata de algo que nasceu no presente, existem raízes históricas. Os grupos religiosos que pregam e buscam praticar um avivamento

no presente recorrem a eventos fundadores, a outros processos históricos. Por isso, a história do Céu na Terra, ao projetar-se como um movimento avivalista, decorre de um acúmulo experiências vividas em tempos e espaços outros, das quais os sujeitos deste grupo se apropriam como que num exercício de identidade temporal. As fontes indicam que o que o Céu na Terra busca viver, no presente, é uma experiência de despertar espiritual tal como aquela que aconteceu no início do século passado, nos Estados Unidos, que ficou conhecida como o Movimento da Rua Azuza.¹⁹

Avivamento é uma categoria que remete, historicamente, ao protestantismo e ao pentecostalismo, e que diz respeito ao despertar espiritual. As discussões de Leonildo Silveira Campos (2005) e Magali do Nascimento Cunha (2010) apontam que, historicamente, o movimento pentecostal, um dos principais segmentos modernos do cristianismo, nasceu no início do século XX, nos Estados Unidos, paralelo à emergência e a consolidação de movimentos avivalistas, ou simplesmente *revivals*, que já vinham tomando forma no protestantismo europeu e norte americano desde o século XVIII. Esses autores apontam que os movimentos avivalistas iniciaram na Inglaterra, na primeira metade do século XVIII, como uma reação ao movimento iluminista, tendo suas bases nos preceitos calvinistas e influências arminianas e anglicanas. Foram liderados por figuras como Jonathan Edwards, William Booth e John Wesley, que estão entre os principais avivalistas da história contemporânea do cristianismo, e que são figuras que no Movimento Céu na Terra, são considerados como "pais espirituais". Estes líderes carismáticos promoveram movimentos que tiveram como cerne a experiência no Batismo com o Espírito Santo e a busca pela santificação que, no entanto, não ficaram restritas à Inglaterra, transcendendo as fronteiras nacionais e influenciando outras práticas religiosas em outros lugares. Nesse sentido, o movimento de pentecostalização norte americana do início do século XX se configurou como um processo decorrente do protestantismo avivalista (CAMPOS, 2005; CUNHA, 2011).

O movimento pentecostal é caracterizado pela ênfase na manifestação do sagrado a partir de práticas e experiências diretas com o Espírito Santo como a conversão, o batismo no E.S - este último evidenciado pelo dom de falar em línguas estranhas (glossolalia) -, e pela busca incessante aos ideais de santificação e salvação (ARAÚJO, 2007; PASSOS, 2005). Seus cultos e reuniões são centrados na experiência emocional e estática, com práticas de louvores, curas divinas e leitura literal das escrituras. Mas o universo pentecostal também é permeado por outras experiências que se dão através dos “dons espirituais”, como revelações,

¹⁹Disponível em: [João Paulo Dias \(@joaopauloz_\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 18 abr. 2022.

visões, profecias, avisos e direcionamentos através de figuras carismáticas (CAMPOS, 2005). Uma de suas principais crenças é a volta eminente de Cristo, e por isso se colocam como seus agentes na disseminação do evangelho salvacionista (MARIANO, 1999).

O movimento pentecostal se configura como um reavivamento moderno da igreja, que encontra suas raízes temporais na hierofania descrita em Atos dos Apóstolos 2: 1-4, experiência ocorrida no dia de pentecostes, segundo a narrativa bíblica, quando o Espírito Santo desceu sobre o grupo dos apóstolos de Jesus, dando início à Igreja propriamente dita (PASSOS, 2005). Desse modo, o pentecostalismo contemporâneo se constitui como um fenômeno que se centra na reatualização da experiência de Pentecostes, descrita biblicamente da seguinte forma:

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuíam, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.²⁰

O início do movimento pentecostal é atrelado ao ministério de Charles Fox Parham, um pastor congregacional que após um rompimento com a igreja Metodista, iniciou um trabalho de disseminação de sua compreensão do evento descrito em Atos dos Apóstolos 2, fundando a Escola Bíblica Betel, no Texas, e propagando suas ideias também através da publicação de um periódico quinzenal, o *Apostolic Faith* (Fé Apostólica) (CUNHA, 2005). Entretanto, a expansão do movimento pentecostal na literatura acadêmica tem sido atribuída, majoritariamente, à figura de William Joseph Seymour, homem negro e filho de ex escravos que foi discípulo de Parham e estendeu os ensinamentos adquiridos no Texas projetando, em Los Angeles, o que ficou conhecido como a grande expressão pentecostal do início do século XX: o *Azuza Street Mission*, ou, simplesmente, Movimento da Rua Azuza (MARIANO, 2015). O movimento da Rua Azuza liderado por Seymour foi uma experiência que, para o universo pentecostal, significou um verdadeiro despertar espiritual da fé cristã, constituindo-se como o braço forte da Missão da Fé Apostólica iniciada por Parham. Conforme sublinha Magali do Nascimento Cunha (2011, p. 37):

A Missão da Rua Azuza ficou marcada pelos cultos que enfatizavam a oralidade na liturgia, apresentação de testemunhos, espaço à emoção expressa na inclusão de êxtase, sonhos e visões, expressão corporal própria das igrejas negras, além do falar em línguas estranhas e manifestações de cura divina.

²⁰Disponível em: [Atos 2 - João Ferreira de Almeida Atualizada \(bibliatodo.com\)](https://bibliatodo.com/atos-2-joao-ferreira-de-almeida-atualizada). Acesso em: 08 mar. 2022.

Como essa missão é um referencial para o céu na Terra, se verá, ao longo do trabalho, várias características semelhantes, sobretudo a ênfase nos testemunhos, a emoção, visões e curas. É importante pontuar, que segundo Cunha (2011), o movimento da *Azuza Street* significou não apenas um reavivamento espiritual, mas um movimento que contribuiu diretamente para a luta contra o racismo nos países norte-americanos. Ao tratar sobre a dimensão ecumênica no pentecostalismo, a autora salienta que o movimento foi fortemente marcado pela derrubada de várias barreiras experimentadas por igrejas tradicionais:

a barreira racial, com a inclusão de brancos e negros no mesmo espaço eclesial; a barreira social, com o acolhimento de imigrantes e pessoas empobrecidas que não encontravam espaço de plena participação nas igrejas tradicionais; e a barreira de gênero, com o desenvolvimento do espaço para liderança das mulheres (CUNHA, 2011, 39).

Estes são marcadores importantes para compreender o movimento da *Azuza Street* como fruto de seu tempo, na medida em que o fenômeno religioso dialoga com questões de cunho social da época. De certo modo, como se verá ao longo deste trabalho, o Céu na Terra surge numa dinâmica semelhante ao se projetar no espaço público da cidade. Buscando se consolidar em um ambiente não tradicional como as igrejas e os templos, e se constituindo como um movimento para jovens, que ganhou adesão e sucesso justamente pelo fato de buscar agrupar gente de toda cor, gênero, religião e classe.

Embora existam relatos de que em 1904 tenha ocorrido um expressivo movimento de avivamento no País de Gales²¹ no qual uma das principais figuras envolvidas foi o avivalista Evan Roberts, a historiografia sobre o pentecostalismo dedicou atenção majoritariamente ao avivamento norte americano devido as catarses das manifestações ocorridas na *Azuza Street* entre os anos de 1906 e 1915, consideradas como o berço de expressão do pentecostalismo contemporâneo. Entretanto, este foi um período no qual várias "chamas" avivadas estavam sendo acesas em muitas partes do mundo. As notícias do avivamento galês foram se espalhando através de correspondências e panfletos que chegaram até os EUA. O início do século XX é marcado, desse modo, por um processo de pentecostalização de amplitudes transnacionais no qual igrejas já instituídas e novos grupos que se formavam, clamavam por

²¹ Sobre o avivamento galês, ver: DEMOSS, Nancy L; SMITH, Marice. O avivamento do país de Gales. Joinville: Impacto, 2016. Ver também: [1904-1905 avivamento galês \(stringfixer.com\)](http://stringfixer.com) Acesso em: 20 set. de 2021.

um derramamento do Espírito Santo que pudesse ser evidente e concreto através de sinais (CAMPOS, 2005; CUNHA, 2011).²²

Leonildo Silveira Campos (2005) defende a tese de que a experiência da *Azuza Street* representa não apenas as origens do pentecostalismo norte americano, do qual o pentecostalismo brasileiro é tributário, mas, de igual modo, que esta experiência representa a primeira aparição pública do movimento pentecostal. Para este autor, este é um fenômeno decorrente “do processo de secularização, do pluralismo religioso, da invasão do espaço público pelas religiosidades contemporâneas e da chegada da pós ou da alta modernidade” (CAMPOS, 2005, p. 103), que configuraram novas expressões religiosas. Campos (2005) ainda salienta que este modelo de pentecostalismo contemporâneo de bases norte americanas foi se espalhando globalmente ao longo do século XX, assumindo formas diferentes dependendo do local e da cultura de cada país e grupo que o aderiu.

No Brasil, o movimento chegou na virada da primeira década do século XX. Paul Freston, cujo trabalho datado da década de 1990 ainda é uma referência para a compreensão do pentecostalismo brasileiro, traçou um caminho interpretativo que compreende o fenômeno, ao longo do século XX, através de três ondas pentecostais. A primeira onda se estende até por volta dos anos 1950, que inauguram um novo momento marcado pela segunda onda pentecostal no país e, por fim, a terceira onda vai ganhando forma a partir das décadas de 1970 e 1980. Segundo Freston (1994, p. 71) "a vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é que ressalta, de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu".

A abordagem de Freston (1994) analisa o perfil e as características de cada uma dessas fases, elencando as igrejas e grupos pertencentes a cada uma dessas ondas. Essas ondas dizem respeito a diferentes momentos do pentecostalismo brasileiro, que em alguma medida se relacionam e mantem algumas continuidades, mas que ao mesmo tempo se diferenciam por diversos marcadores teológicos, litúrgicos, estéticos, organizacionais, comportamentais, entre outros. A abordagem de Freston aponta, nesse sentido, que no Brasil, o pentecostalismo é caracterizado por um pluralismo de práticas, denominações e movimentos, ou seja, trata-se de um fenômeno que ao longo do século XX assumiu diversos formatos e ramificações. Em suas expressões teológicas, por exemplo, a primeira onda

²²Ver mais em: CURTIS, A. Kenneth, LANG, J. Stephen e PETERSEN, Randy. Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003.

pentecostal foi marcada pela ênfase do batismo no Espírito Santo, com o dom das línguas (glossolalia). A segunda, iniciada a partir dos anos 1950, é bastante caracterizada pela cura divina e a terceira, que se projetou a partir dos anos 1970 e 1980, teve outros focos como a libertação, as práticas de exorcismo e o combate às possessões malignas, projetando um cenário de guerra espiritual (FRESTON, 1994).

O pentecostalismo se projetou como uma força religiosa que fomentou significativas transformações no cenário religioso e social brasileiro. Ao final da primeira década do século XXI, depois de um século da chegada do movimento no Brasil, alguns pesquisadores buscaram discutir seus impactos, desdobramentos, descontinuidades e permanências ao longo destes cem anos. Nesse ínterim, Ricardo Mariano, um dos principais pesquisadores do tema no Brasil, sublinha que:

Ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil contribuiu para intensificar o declínio numérico da Igreja Católica e da Umbanda e para “pentecostalizar” parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo (MARIANO, 2010, p. 5).

Essa pentecostalização do campo religioso brasileiro foi caracterizada por ideais e movimentos de reavivamento ao longo do século XX, segundo Campos (2011), especialmente a partir da sua segunda metade. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça (1995), o protestantismo foi largamente influenciado pelos movimentos reavivacionistas dos EUA que ecoaram em solo brasileiro. Diferenciando-se do que Freston (1994) chamou de pentecostalismo clássico ou de primeira onda, da qual fizeram parte a igreja Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus, a segunda onda pentecostal no Brasil foi marcada por movimentos e campanhas de avivamento espiritual e de cura divina em comunidades pertencentes ao protestantismo histórico. Nesse sentido, na segunda metade do século XX, conforme aponta Maschio (2018, p. 58), "a renovação espiritual se tornou um fenômeno de caráter nacional: o fenômeno do avivamento."

Conforme Campos (2011), esta segunda onda pentecostal, que enfatizava o avivamento e as curas divinas, se constituiu em um movimento interdenominacional em torno da Cruzada Nacional de Evangelização", que posteriormente veio a ser a Igreja do Evangelho Quadrangular, que ao lado das igrejas Brasil para Cristo e Deus é Amor, representa esta segunda fase pentecostal. Segundo Freston (1994), a segunda onda pentecostal no Brasil

emerge em um contexto de urbanização e da formação da sociedade de massas, é um tipo de prática pentecostal que passou a se utilizar dos modernos meios de comunicação de massa, em meados do século passado, acompanhando as transformações da sociedade brasileira.

A terceira onda pentecostal ou neopentecostalismo, que emerge a partir da década de 1970, carrega alguns traços das duas ondas anteriores, mas seu grande diferencial é um formato ainda mais adaptado em outros aspectos da cultura de massa e da sociedade capitalista. O neopentecostalismo abarca um grupo de igrejas que se utilizam amplamente dos meios de comunicação a partir de um marketing evangelístico, que se centram no discurso da Teologia da Prosperidade, que se voltam para o público jovem e propiciam uma certa liberação de costumes. Tais igrejas, entre as quais a Universal do Reino de Deus é uma das mais expressivas, se estruturam sob uma lógica mercadológica empresarial e atuam com ampla participação na política partidária (MARIANO, 2010). Desse modo, segundo Mariano (2010, p. 33-36) "o prefixo neo mostra-se apropriado para designar a formação de um caráter inovador, na década de 70, que representou as dissidências pentecostais das Igrejas Protestantes, posteriormente nominadas de movimento carismático".

Entre os estudos que se debruçaram em problematizar o pentecostalismo no momento em que se comemorava o seu centenário no Brasil, Leonildo Silveira Campos (2011, p. 516) sublinha que "ao longo de seus 100 anos de história no Brasil, o pentecostalismo acumulou importantes mudanças internas capazes de afetar o relacionamento dos vários tipos de pentecostalismos com as diversas denominações brasileiras". Para este autor, a história do pentecostalismo no Brasil é marcada pelo enfraquecimento das primeiras ênfases adotadas quando o movimento chegou no Brasil, "e pela supervalorização de novas ênfases; a apropriação de símbolos de religiosidades populares; provocando-se mutações teológicas e eclesiológicas significativas" (CAMPOS, 2011, p. 516). Sua interpretação aponta, por exemplo, que no presente, parece haver um enfraquecimento da glossolalia e do batismo no Espírito Santo, assim como da crença na volta eminente de Jesus, pois o pentecostalismo parece centrar-se cada vez mais na vida terrena e na supervalorização do agora, deixando para trás algumas características escatológicas. O neopentecostalismo teve peso no enfraquecimento das primeiras ênfases pentecostais, segundo Campos (2011), porque o é o que melhor se adapta aos valores de uma sociedade centrada no consumo de coisas materiais.

Entretanto, como o campo religioso brasileiro é composto por pentecostalismos de ordem muito diferentes, se faz necessário analisar com mais cuidado as características internas de cada grupo, como salienta Fajardo (2011), para que não sejam feitas

generalizações e equívocos. No caso do Céu na Terra, será possível perceber, ao longo deste trabalho, que o movimento se apropria de traços de várias dessas fases pentecostais, estando no centro da sua missão a prática do avivamento e da manifestação do Espírito Santo, o evangelismo, as curas, os louvores, as visões, expressões corporais, emoções. Mas é um tipo de prática pentecostal que é filha de seu tempo, e como abordarei, o uso das tecnologias digitais e a lógica mercadológica sob a qual o movimento se estrutura e se institucionaliza, denotam ao movimento características neopentecostais.

Campos (2011) pontuou que o neopentecostalismo, ao se centrar nas coisas de ordem terrena, material e mercadológica, se distanciou bastante da crença na volta de Jesus, na manifestação do Espírito Santo, na busca pelo avivamento. Mas no caso do Céu na Terra, o movimento se utiliza da lógica mercadológica e das ferramentas digitais e, ao mesmo tempo, enfatiza o discurso sobre o avivamento e sobre a volta de Jesus. Por isso os jovens que constituem o movimento se colocam como protagonistas dos últimos tempos. Evangelismo e avivamento estão em suas práticas porque se colocam como instrumentos de Deus para a pregação do evangelho antes que Cristo venha. Seus discursos são permeados pela ideia de que há um futuro glorioso, com Cristo, na eternidade. Por isso se projeta uma expectativa de futuro, uma esperança da glória.²³

Dessa forma, no que tange a relação temporal com o futuro, a experiência deste movimento é marcada pela ativação da abreviação do tempo contida nos textos apocalípticos da tradição judaico-cristã. Desse modo, “trata-se de um conceito de experiência religiosa que extrai sentido da expectativa escatológica” (KOSELLECK, 2014, p. 172) que representa, em última instância, um sinal e uma necessidade de salvação deste mundo. Assim, estes jovens passaram a encontrar sentido e, sobretudo, a produzir sentido neste presente, na medida em que, subjetivamente, creram e continuam a acreditar, serem estes os últimos tempos narrados na bíblia, nos quais um derramamento do Espírito de Santo aconteceria, promovendo o rendimento humano para a espera da vinda do Messias. Estes aspectos ficam bastante evidentes no discurso de João Paulo Leandro Dias, fundador e principal líder do movimento, quando em uma de suas pregações o jovem afirma:

Eu creio, firmemente, que nós estamos vivendo nos últimos dias da terra. Quantos creem que nós estamos nos últimos dias da terra? (evocação de amém em coro). [...] No sermão escatológico de Jesus, em Matheus 24, do versículo 1 ao 14, Jesus nos aponta sinais dos últimos dias. No versículo 16 ele diz, que o amor de muitos iria se

²³Disponível em: [Céu Na Terra Movement no Instagram: “Um futuro glorioso nos espera! Certamente, as nossas lágrimas de hoje derramadas aos pés de Jesus estão regando o amanhã. Perseverar...”](#). Acesso: 09 abr. 2022.

esfriar. Mas logo, no versículo 14, ele diz: nos últimos dias, o evangelho do reino de Deus, será pregado a todos os povos, nações, e etnias e tribos, e então virá o fim. [...] nós vamos, como igreja, se preparar para o casamento, como nunca a igreja se preparou antes. Jesus não volta enquanto nós, como igreja, não amadurecermos em conhecimento e, principalmente, em paixão por Jesus. [...] e é por isso, que nesses dias, Jesus está derramando paixão em nós, por ele. E esta paixão tem resultado ou, pelo menos, tem que resultar em uma coisa, amor e compaixão por aqueles que estão lá fora. E este tempo em que estamos vivendo, gente, é muito oportuno, para todos aqueles que tem fome e sede de marcar uma geração. E talvez você se pergunte, João, por que este é um tempo oportuno? Porque nós estamos vivendo no meio de um caos [...] e conforme os gritos de socorro vão crescendo lá fora, Deus vai procurando pessoas para levantar.²⁴

O movimento surge, assim, da atitude de responder a este tempo que é apropriado como um tempo caótico, contribuindo com a propagação do evangelho e, portanto, com o salvacionismo dos últimos dias. Caótico por que? Porque o movimento sustenta um discurso de que os princípios do evangelho estão sendo perdidos, de que existem vários problemas sociais no país, pessoas precisando de libertação, cura e ajuda. Discursos recorrentes em meios cristãos para fomentar a função social da religião. Embora o "Ide", conhecido como a "Grande Comissão", não esteja presente somente em igrejas e grupos apocalípticos, no caso do Céu na Terra, essa atitude de pregar o evangelho se deu por conta de suas características messiânico milenaristas. Ou seja, pela crença na narrativa apocalíptica de que Jesus um dia voltará, e de que antes desse evento, todos os povos e nações precisariam conhecer o evangelho e aceitá-lo como salvador. Levando em conta as relações tecidas com o tempo, a busca por um avivamento remete a um derramamento do Espírito Santo que em termos proféticos, aconteceria nestes últimos dias. Este fenômeno é descrito na passagem bíblica de Joel 2:28-32:

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.²⁵

Nesse sentido, a relação que o Movimento Céu na Terra estabelece com o futuro, com base nessa profecia, o constituiu como uma expressão pentecostal de características messiânicas milenaristas. Conforme aponta Negrão (2009, p. 34), o conceito de messianismo

²⁴Disponível em: [Resposta para esse tempo - João Paulo | Escola 2414 - YouTube](#). Acesso: 04. Mai. 2022.

²⁵ Disponível em: [Joel 2:28-32 - ACF - Almeida Corrigida Fiel - Bíblia Online \(bibliaonline.com.br\)](#) Acesso: 04. Mai. 2022.

diz respeito "à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça". Os movimentos messiânicos milenaristas se constituem de uma atuação coletiva, que atua no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas. Essa concepção, segundo Negrão (2009), associa os movimentos messiânicos à escatologia, embora possam existir movimentos milenaristas não messiânicos, mas esse não é o caso do Céu na Terra. Apropriando-se da passagem bíblica anteriormente citada, descrita no livro de Joel, alguns fatores se constituiriam sinais dos fins dos tempos. O Céu na Terra acredita que, através de suas práticas, está protagonizando esse período. Por isso, como pontua Cerqueira (2014), é comum nos movimentos messiânicos milenaristas, a crença de que o compartilhamento do evangelho a todos os povos e nações representaria uma prática desencadeadora da consumação dos séculos.

Sobre isso, Leonildo Silveira Campos (2000) aponta que o pentecostalismo estadunidense do início do século XX foi desencadeado, entre outros fatores, porque a virada do século foi marcada pela ideia da volta do messias. Segundo o autor, naquela conjuntura pairava "a ideia de que a volta do messias (Jesus) inauguraria o milênio (pré-milenarismo) e que esse retorno triunfal seria precedido por manifestações do Espírito Santo, tais como as "chuvas tardias" prometidas pelo profeta bíblico Joel" (CAMPOS, 2000, s/p). Ao tratar dos movimentos pentecostais messiânicos milenaristas, o autor salienta que estes são caracterizados por uma postura utópica. Há, como já sinalizei, uma esperança em relação ao tempo futuro entendido como promessa e como expectativa (HARTOG, 2015; KOSELLECK, 2006).

Campos (2005) salienta que este tipo de movimento encontra nos contextos de crise um fértil cenário para se projetar, uma vez que em tempos difíceis, a demanda espiritual tende a aumentar. Por isso estes movimentos ganham bastante expressividade em conjunturas como essas, justamente porque apontam caminhos de reconstrução e esperança. Foi dessa forma que os pentecostais se tornaram um dos grupos mais expressivos do campo religioso brasileiro contemporâneo a partir de meados do século XX, de modo que seu crescimento e sucesso encontram explicação pelo seu esforço evangelizador, estratégico e persuasivo em oferecer soluções pragmáticas para problemas de ordem cotidiana, como bem sublinhou o sociólogo Ricardo Mariano (2001). Mariano explica que os pentecostais souberam aproveitar muito bem de contextos temporais e espaciais de vulnerabilidade social, pobreza,

desigualdade, violência e criminalidade, por exemplo, para promover sua expansão através da prestação de serviços mágico-religiosos.

Como bem sublinhou Hartog (2015), momentos de crise são tempos desorientados, permeados pelo sentimento de incertezas e nos quais se têm dificuldade de enxergar além. Tempos carregados de distopias e insatisfação, em que as relações que os sujeitos estabelecem com os tempos históricos podem causar a sensação de um futuro sem precedentes (SANTOS DORNELLES, BONALDO, 2022). Mas também tempos que se apresentam, justamente por ser uma demanda, como solos férteis para a emergência de narrativas que buscam apresentar soluções para realidades sociais e particulares afogadas em desesperanças e incertezas, dotando de novos sentidos o presente e a experiência dos sujeitos. Períodos de crise são cenários frutíferos, portanto, para a eclosão de discursos religiosos e utópicos que se constituem como centelhas de “reencantamento do mundo”, pois oferecem caminhos de esperança e solução, otimizando o presente e projetando futuros possíveis, abertos e desejados (BONTIVOGLIO, 2020). Dessa forma, em tempos de crise social e política, a emergência de movimentos religiosos ganha forma, força e adesão, dotando de sentido o presente vivido e fomentando utopias religiosas, ou seja, um futuro ideal.

Em 2016, quando o Movimento Céu na Terra nasceu, em Águas Claras, no Distrito Federal, o país atravessava um momento bastante delicado de crise político democrática. Eram tempos desorientados para a nação. Tempos de intensa polaridade política e agitação social, no qual o advento do golpe que justamente no ano de 2016 depôs a presidenta Dilma Rouseff (PT) do cargo de presidenta, foi um acontecimento que representou não uma simples transição política, mas um processo de ruptura e descontinuidade que alterou de forma profunda a história da jovem democracia brasileira. Esse momento foi marcado por uma incerteza coletiva de quais seriam os rumos do país. Embora o contexto político não tenha sido um fator decisivo para a emergência do Movimento Céu na Terra, ainda assim não se pode desconsiderar, com base na assertiva de Campos (2005), que este cenário de caos e vulnerabilidade pode ter favorecido a sua emergência e crescimento. Afinal, todo objeto histórico é fruto de um contexto. Em maior ou menor grau, é em consonância com a sua sociedade e o seu tempo que todo movimento, seja ele religioso ou não, vai se desenvolver e se projetar.

Conforme aponta Campos (2005), é justamente em tempos de incertezas e crises que os movimentos religiosos se projetam, por conta da demanda social, através da figura de um líder carismático. Essa ideia é discutida na sociologia weberiana acerca do tipo ideal

carismático, uma vez que esses líderes ganham notoriedade "em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas" (WEBER, 1982, p. 283). Desse modo, Campos (2005) destaca que recorrer à biografia de seus principais agentes ajuda a reconstruir a trajetória de alguns destes movimentos, haja vista que estes supostos enviados por Deus "lideram multidões de fiéis em processos coletivos de recomposição de crenças e práticas, gerando em consequência de suas pregações formas alternativas às principais receitas religiosas monopolizadas pelas igrejas" (CAMPOS, 2005, p. 107-108). A figura do líder carismáticos é importante para o entendimento de tais movimentos, pois está "no centro da sociologia dos movimentos carismáticos a preocupação com a forma assumida por uma pregação religiosa de sucesso em um determinado momento histórico e que pode se constituir um fracasso em outros tempos e lugares (CAMPOS, 2005, p.107-108). O Céu na Terra nasce a partir de um líder: João Paulo Dias⁹ e se consolida justamente porque apresenta formas alternativas de religiosidade, que escapa à monopolização das igrejas.

1.2 João Paulo Dias, um escolhido de Deus: carisma e experiência fundadora

No mês de fevereiro do ano de 2016, um grupo de quatro jovens começou uma reunião semanal na Estação de Metrô Arniquireiras, em Águas Claras (DF), orando por um avivamento espiritual. A iniciativa partiu de João Paulo Dias, um jovem de vinte e poucos anos, que relata ter convidado os amigos para iniciar as reuniões depois de algumas experiências que teve com Deus, que teria o direcionado a começar algo nesse sentido.²⁶ A história do Movimento Céu na Terra, que é oriundo dessas reuniões, está ligada diretamente com a figura de seu líder, João Paulo. As reuniões que iniciaram o movimento estão associadas com o momento de conversão de João Paulo e com outras experiências que este jovem alega ter tido com Deus. Por isso, existe um gênesis do Céu na Terra, que é também um gênesis da caminhada de João Paulo com Deus. Nesse sentido, nesse subcapítulo me dedico em problematizar como a figura de João Paulo é central para o entendimento da constituição do movimento, na medida em que este jovem desempenha nele um papel de fundador e líder carismático.

Apesar de João Paulo ter nascido em um berço evangélico, a adolescência foi um período de desvio de práticas religiosas e pertencimento a alguma igreja, revelando uma crise

²⁶ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 21 set. 2021.

na identidade religiosa herdada familiarmente.²⁷ Como característica dessa fase, a curiosidade em conhecer outras crenças, filosofias e práticas espirituais, o levaram a ter contato com ensinamentos budistas, através do Cânone Pāli, além das práticas do pai do espiritismo, Allan Kardec, e o ateísmo de Nietzsche.²⁸ Vivendo com a família na região de Guará, no Distrito Federal, João Paulo teve a adolescência marcada pelo trauma da perda de sua irmã mais velha que veio a óbito por cometer suicídio, pelo envolvimento com roubo, uso e tráfico de drogas.²⁹ Nesse período, entre os quatorze e dezessete anos, João Paulo teria participado de uma gangue chamada "esquadrão terrorista", e o uso excessivo de drogas levou o jovem a duas overdoses, situações em que precisou ficar durante dias internado em hospitais.³⁰

Sua vida teve uma transformação e ele pode encontrar novos sentidos para sua existência a partir do momento em que Jesus o encontrou. João Paulo relata que nasceu de novo após o episódio da sua conversão, deixando velhas práticas para trás e passando a seguir os caminhos de Deus. O encontro com Jesus aconteceu no dia dezessete de dezembro de 2015, e não foi em uma igreja, tampouco em meio a um louvor ou na leitura de uma passagem bíblica. João Paulo alega que a experiência aconteceu no seu quarto:

No dia 17 de dezembro de 2015, depois de anos vivendo as loucuras aí no mundo, o Espírito Santo me encontrou. Eu tive uma experiência com ele no meu quarto, e senti uma paixão muito forte no meu coração. E olhando para o céu eu perguntei: o que é isso? O que é isso? Que parada é essa que eu tô sentido? E aí eu ouvi uma voz, dentro de mim, que dizia: sou eu! Sou eu! E aí eu caí de joelhos, do lado da minha cama, e comeci a chorar. Me lembrando das inúmeras experiências que eu havia tido com ele anos atrás. [...] Tinha muito tempo que eu não ia à igreja, tinha muito tempo que eu não lia a bíblia, tinha muito tempo que eu não ouvia um louvor. Então tinha muito tempo que eu não estava nesse contexto com a mensagem do evangelho sendo pregada. Então, foi totalmente aleatório aos olhos humanos. Inesperado.³¹

Nessa mesma experiência, João Paulo relata que Deus teria trazido a ele uma memória recente. O levou até um cemitério em que pouco tempo antes, ele havia enterrado um amigo

²⁷Este parece ser um dos principais aspectos da modernidade e perpassa diretamente as experiências juvenis em relação as escolhas religiosas. Ver mais sobre o assunto em: HERRVIEU-LÉGER, Danièle. O fim das religiosidades herdadas. In: HERRVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

²⁸Informações coletadas em entrevista concedida por João Paulo. Disponível em: <http://jornalismo.iesb.br/2019/10/27/jovens-desigrejados/>. Acesso em: 15 set. 2021.

²⁹ Idem.

³⁰ Disponível em: [JOÃO PAULO \(CÉU NA TERRA\) - JesusCopy Podcast #54 - YouTube](#). Acesso: 01 mar, 2022.

³¹ Disponível em: [JOÃO PAULO \(CÉU NA TERRA\) - JesusCopy Podcast #54 - YouTube](#). Acesso: 01 mar, 2022.

que tinha falecido pelo uso excessivo de lança perfume³² em uma *rave*.³³ E nesse momento, sentindo uma grande compaixão por almas, João Paulo conta que teve sua primeira experiência de lágrimas por vidas, e foi dessa experiência que Deus fez nascer um amor pelos perdidos, e que surgiu uma vontade, em seu coração, de pregar o evangelho.³⁴ Dois dias depois de ter vivido essas experiências, decidiu compartilhar sobre o que havia acontecido no metrô. Pegou um metrô na região do Guará, em Brasília, com o percurso sentido ao Plano Piloto, e ali contou seu testemunho, falando de Jesus e perguntando se alguém gostaria de aceitá-lo como seu único e suficiente salvador. Nessa ocasião, sua primeira experiência de evangelismo, o jovem relata que um menino ergueu a mão e aceitou Jesus.³⁵

Animado para essa missão, em janeiro de 2016, através da sugestão de uma tia, João Paulo participou durante quinze dias do JOCUM³⁶, na unidade de São Paulo. Ao voltar do treinamento missionário e evangelístico que foi fazer, João Paulo conta que teve mais uma experiência com Deus no avião. Ele via cair uma chuva, que a princípio não fazia sentido, haja vista que o avião estava acima das nuvens. Então ouviu dentro de si novamente aquela voz que no seu quarto havia falado: sou eu!, e essa voz dizia que a chuva que ele estava vendo não era uma chuva física, mas sim uma chuva espiritual. Segundo João Paulo, nessa experiência Deus dizia que o Brasil viveu um tempo de seca espiritual, mas que ele estava mandando um período de chuva. Nessa viagem, ele havia comprado um livro no Jocum, intitulado *Por que tarda o pleno avivamento?* da autoria de Leonard Ravenhill, e alega que a partir do que estava lendo neste livro, o que Deus teria comunicado a ele nessa experiência é que estaria derramando sobre o Brasil um avivamento.³⁷

As experiências relatadas foram o pontapé para que começasse a evangelizar seus amigos. Por volta do mês de fevereiro de 2016, João Paulo reuniu mais três amigos e os

³² O lança-perfume, popularmente conhecido como "loló ou cheirinho da loló", é uma droga produzida a partir de uma combinação de éter, clorofórmio, cloreto de etila e essência de perfume. Trata-se de uma espécie de droga.

³³ Rave são festas que acontecem geralmente em lugares longe dos centros urbanos e que duram bastante horas. Nesses eventos, há predominância de música eletrônica e espaço para a arte.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Jovens Com Uma Missão (JOCUM) é uma organização cristã evangélica interdenominacional, empenhada na mobilização de jovens de todas as nações para a obra missionária, que nasceu na década de 1960. O trabalho da organização atua na tarefa de treinar e capacitar pessoas para assumirem sua parte no cumprimento da Grande Comissão inscrita no livro de Marcos (16:15) através da ordenança de Jesus: ide e pregai o evangelho à toda criatura. Hoje, o Jocum é uma das maiores organizações missionárias e cristãs do mundo e treinou pessoas muito influentes no universo evangélico brasileiro, como, por exemplo, Ana Paula Valadão, principal líder do ministério Diante do Trono. Sobre o Jocum, ver mais em: [Conheça a JOCUM](#). Acesso: 01, mar. 2022.

³⁷ Disponível em: [JOÃO PAULO \(CÉU NA TERRA\) - JesusCopy Podcast #54 - YouTube](#). Acesso: 01 mar. 2022.

convidou para irem até a estação de metrô Arniqueiras, em águas Claras (DF), para contar seu testemunho, clamar por um avivamento e compartilhar o evangelho. Desses jovens, dois não eram convertidos, então o trabalho começaria por eles. Convidá-los para ir numa igreja não adiantaria, pois eles não iriam. Eles aceitaram o convite pensando que iriam fumar maconha, uma prática constante do grupo. Mas chegando no metrô, João Paulo deu as mãos para os demais amigos e fez uma oração, pedindo se eles queriam aceitar Jesus e compartilhou as experiências que tinha vivido. Foi assim que as reuniões começaram, segundo o jovem.³⁸

Em relação às experiências de João Paulo, é importante sublinhar que as narrativas de conversão seguem um tropo a partir do qual os sujeitos que narram, elencam alguns elementos que indicam um antes e um depois, ou seja, a conversão significa para o crente um processo de descontinuidade e ruptura. Tais narrativas, em sua grande maioria, indicam um caráter transformador que é atribuído a este encontro com o sagrado, pois para o sujeito que se converte, este acontecimento se configura como um divisor de águas. Em outras palavras, as experiências que levam o indivíduo à conversão, constituem-se como marcos para que o sujeito possa nascer de novo, em Cristo, deixando para trás um velho eu. De uma perspectiva geral, conforma apontam Teixeira, Vital da Cunha, Corrêa e Reis (2021, p.12),

a ideia de uma conversão religiosa na modernidade produz certo fascínio sobre as pessoas justamente porque ela se tornou um arquétipo da mudança de vida (Rambo 2003). A conversão religiosa tematiza algo caro ao mundo moderno: uma espécie de mobilidade existencial voluntariamente dirigida, deixando sempre em aberto a presença potencial de outra vida possível (Duarte e Giumbelli 1995). A conversão coloca no horizonte do homem moderno a possibilidade de tornar-se outro, isto é, de afastar-se de um conjunto axiomático de valores ou de determinada visão de mundo e engajar-se em outra. Ela indica que, em princípio, toda e qualquer pessoa pode romper com o seu passado, exilar-se de sua cultura de origem, transitar para outra comunidade de pertencimento e tornar-se, enfim, um novo sujeito, uma nova pessoa (liberta, emancipada, salva, em suma, diferente etc.).

Além de enfatizarem um acontecimento transformador, as narrativas de conversão e experiências pessoais com o sagrado, de igual modo, são recorrentes em universos evangélicos e pentecostais para justificar o nascimento de novos movimentos e ministérios que se surgem através da figura de um líder, aquele a quem Deus se revelou e escolheu para fazer frente a uma missão, conforme discuti anteriormente.

³⁸ Disponível em: [JOÃO PAULO \(CÉU NA TERRA\) - JesusCopy Podcast #54 - YouTube](#). Acesso: 03, mar. 2022.

A tese de doutoramento de Iara Regina Damiani, sobre a institucionalização do movimento religioso de surfistas evangélicos em Florianópolis, que tem como recorte temporal os anos de 1982 e 2006, trata sobre esse aspecto. A experiência de conversão de Bitá Pereira, líder do movimento, foi fundamental para o início das reuniões que deram corpo aos surfistas evangélicos em Florianópolis, um movimento que surgiu paralelo à Igreja Batista Betel. Surfista e também usuário de drogas, Bitá narra, em entrevista realizada pela historiadora, que o momento de sua conversão representou um marco divisório, um renascimento que acarretou uma mudança de vida. Segundo Damiani (2008), foi a partir de sua conversão e experiências pessoais com Deus, que Bitá justifica o começo das práticas de evangelização de surfistas nas praias de Florianópolis, e a realização de reuniões em que compartilhava seu testemunho e pregava o evangelho. Nessas reuniões, muitos jovens se converteram, e com o tempo, o público foi aumentando, dando forma a um movimento maior: os surfistas evangélicos.

A pesquisa de Eduardo Meinberg Maranhão acerca da Igreja Bola de Neve Church é outro estudo que aborda este aspecto bastante presente nos discursos de lideranças evangélicas. Seu estudo demonstra, através da análise de fontes midiáticas da igreja, que a experiência de conversão do apóstolo Rina, o fundador da Bola de Neve Church, também se deu após alguns episódios pessoais, coincidentemente também ligados a uma overdose, quando Rina se converteu e passou a frequentar a Igreja Renascer em Cristo, no início da década de 1990. Conforme Maranhão (2013), as fontes indicam que Rina pensou que fosse morrer, mas após uma oração, entregou sua vida para Jesus e recuperou-se milagrosamente, de modo que sua conversão aconteceu por conta dessa cura, que lhe proporcionou uma nova oportunidade de vida. Desse episódio, nasceu um novo Rina, e também nasceram algumas reuniões descompromissadas que deram forma a um dos ministérios direcionados para jovens de maior expressividade no Brasil atual: a Bola de Neve Church.

Conforme bem salienta Maranhão (2013), havendo ou não overdose, a biografia da agência religiosa está diretamente relacionada com a de seu criador e a este momento fundante, pois, "o Apê Rina supera dificuldades através de Deus, o que culmina na fundação da BDN. O esforço de construção identitária da agência se dá do seguinte modo: há o momento de gênese através do surgimento do líder" (MARANHÃO, 2013, p. 83). No caso da pesquisa de Maranhão, a experiência de conversão do líder da BDN aponta aspectos importantes, pois instituem não apenas um líder, mas também um marco inicial, o que Maranhão identificou como um mito fundante. Neste estudo, entretanto, o mito fundante em

relação à BDN, "não é visto necessariamente como algo isento de verdade, mas certamente como construção cultural com dados objetivos – como o de instaurar uma identidade à igreja" (MARANHÃO, 2013, p. 83).

Enquanto historiadores, não nos cabe julgar como verdadeiras ou falsas as experiências dos sujeitos religiosos, tampouco se os processos que estes sujeitos narram sobre sua conversão se deram, realmente, da forma como são relatados por eles. Ao lidarmos com esse tipo de depoimento, o que devemos buscar entender, é a maneira como essas narrativas justificam e legitimam determinadas ações, quais são seus desdobramentos e implicações, o que estas narrativas geram em um determinado contexto. Ou seja, compreendê-las historicamente, pois, conforme Mircea Eliade (1989, p. 22), “um dado religioso ‘puro’, fora da história, é coisa que não existe”. Portanto, quando nos debruçamos sobre as experiências religiosas, nosso exercício é interpretar que movimentações surgem delas, que modificações promovem no tempo e no espaço, e que relações essas experiências projetam. Nesse sentido, a história cultural das religiões, perspectiva da qual me aproprio para a análise do Movimento Céu na Terra, sugere que os fenômenos religiosos sejam interpretados como sistemas "de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos" (SILVA E KARNAL, 2002, p. 13-14).

Desse modo, embora as experiências religiosas sejam tecidas entre os sujeitos e seus deuses, ou seja, entre o humano e o sagrado/metafísico, historicamente, tratam-se de fenômenos humanos, dado que são os sujeitos religiosos, suas relações, experiências e práticas, os objetos da história das religiões em sua perspectiva cultural. Nesse sentido, a partir dos pressupostos da história cultural das religiões, a historiadora Karina Kosicki Belloti (2004, p. 100) sugere que "o que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos", compreendendo os fenômenos religiosos não como algo essencial ao ser humano, mas como produtos histórica e culturalmente construídos. As experiências de João Paulo são, por isso, aqui compreendidas, como pano de fundo para a emergência de um movimento religioso, ou seja, de um sistema de crenças e práticas que é localizado temporal e espacialmente, pois, é partir dessas experiências pessoais que teve com o sagrado, que o jovem alega ter tido um direcionamento para começar as reuniões na estação de metrô.³⁹

³⁹ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 21 set. 2021.

Os elementos que constituem essas experiências apontam uma certa presença do sagrado manifestado e revelado a João Paulo. Tais elementos vão ao encontro das conceitualizações da fenomenologia da religião de Mircea Eliade, que apontam que o sujeito religioso toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, revelando-se em um plano diferente das coisas de ordem natural. Nesse sentido, Eliade (1992) propõe a noção de hierofania para conceituar as diversas formas a partir das quais o sagrado pode se revelar. Antônio Gouvêa Mendonça (2004. p.35) sublinha, com base em Eliade, que a "a hierofania, com poucas exceções, é um epifenômeno que se apresenta a um indivíduo e constitui nele uma experiência fundante ou transformadora", ou seja, trata-se de uma experiência que projeta indivíduos fundadores de religiões e movimentos religiosos, entre estes, profetas, pastores, líderes, que alegam tomar determinadas iniciativas através do direcionamento de Deus. A experiência do sagrado nessa perspectiva não se encerra, portanto, no sujeito, mas se transforma em algo maior *através* do sujeito (MENDONÇA, 2004).

O trecho a seguir faz parte de uma das pregações de João Paulo, na qual ele trata da passagem bíblica descrita no livro de Êxodo (3:1-6):

Por que que Deus respondeu "Eu sou" ao questionamento de Moisés quando Moisés perguntou " como eu vou libertar o povo"? Sabe por que, galera? Porque não tem nada a ver comigo e com você. Não tinha a ver com Moisés. Não tinha a ver com as capacidades e as qualidades que Moisés tinha. Mas tinha a ver com Deus. Deus responde o "eu sou", porque na verdade, não seria Moisés que seria o libertador. Moisés seria o filho de Deus que iria ser usado para libertar, mas na verdade quem iria libertar o povo, seria Deus.⁴⁰

Segundo seu discurso, Moisés teria sido o libertador do povo hebreu do cativo no Egito não porque ele teria algum poder inerente, mas porque Deus o havia capacitado para essa missão. Em outras partes dessa pregação, João Paulo compara o presente com aquele momento, ambos tempos difíceis, em sua interpretação, para dizer que nesse tempo, Deus também estava levantando pessoas para trazer libertação, e ele seria uma dessas pessoas que poderia mobilizar grandes transformações. Afinal, o Deus é o mesmo, e Moisés também era muito jovem na época em que lhe foi dada a sua missão. Na passagem, Deus teria se levantado de seu trono para capacitar Moisés como um homem qualificado para ser um libertador, portanto, um homem dotado de poder. Um, entre milhares. Deus havia chamado Moisés e ele respondeu "eis-me aqui".

⁴⁰ Disponível em: [\(44\) VOCÊ É A RESPOSTA DA SUA ORAÇÃO | A ação viva de Deus para um avivamento - JOÃO PAULO DIAS - YouTube](#). Acesso em: 01. Set. 2021.

Ainda na interpretação de Antônio Gouvêa Mendonça (2004), com base em Mircea Eliade, essa passagem retrata o acontecimento de uma hierofania, uma manifestação do sagrado, que fundou a religião do Antigo Testamento. Deus havia se revelado a Moisés a partir do fogo em uma sarça no monte denominado Herobe, e essa manifestação hierofânica representou um ato divino em que Deus teria se comunicado com Moisés para autorizá-lo e direcioná-lo e libertar o povo de Deus da escravidão. João Paulo também teria sido levantado como um escolhido de Deus para ser um instrumento dele em sua geração. O discurso sobre si mesmo segue na direção da pregação sobre a manifestação do sagrado a Moisés, a qual fundou a religião do Antigo Testamento. Não se trata do sujeito em si, mas de Deus *através* do sujeito. Ele não foi escolhido porque quis, o movimento teria nascido no coração de Jesus. Posteriormente, o crescimento do movimento não teria sido através de sua capacidade, mas pelos feitos do Espírito Santo *através* de sua vida.⁴¹ João Paulo passou a ser, desse modo, um *instrumento* de Deus, expressão bastante usada em meios evangélicos pentecostais para se referir a pastores, evangelistas, missionários, avivalistas e lideranças em geral, ou seja, para se referir a figuras carismáticas e a qual se atribuem determinados poderes.

Ao discutir sobre a relação entre alguns sujeitos e o Espírito Santo em universos pentecostais, a antropóloga Clara Mafra problematiza o indivíduo como interlocutor do sagrado. Segundo a pesquisadora, no universo pentecostal "uma primeira mediação, marcada pela constituição do indivíduo como interlocutor, se realiza pela fala. Os crentes afirmam que o Espírito Santo "fala" com a pessoa" (MAFRA, 2011, p. 146). Embora essa fala do Espírito Santo esteja atrelada a um processo de subjetivação, ou seja, da produção de subjetividades do sujeito, "nessa mediação, o pentecostalismo coloca em destaque o valor do indivíduo" (MAFRA, 2011, p. 146). Mafra aponta que essa dinâmica produz uma hierarquia nas congregações e comunidades pentecostais na medida em que, se por um lado todos podem receber e ter contato com o Espírito Santo, alguns possuem uma maior familiaridade com o sagrado, são mais unguídos. Desse modo, a antropóloga sublinha que:

Postula-se, nesse sentido, uma mediação com o sagrado que vai se adensando na pessoa com o passar do tempo, algo que permite uma distinção entre os "irmãos", promovendo hierarquia congregacional e criatividade institucional. Essa familiaridade com o Espírito é que faz com que os líderes religiosos sejam reconhecidos como pessoas com capacidade de circulação social ampliada, algo impróprio para o crente comum. (MAFRA, 2011, p. 147).

⁴¹ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 06, mar. 2021.

É com base em tais pressupostos que a figura de João Paulo é aqui interpretada. De igual modo, as perspectivas de Eliade (1992) e Mendonça (2004) demonstram que o sujeito religioso se apropria das experiências que tece com o sagrado como um método de orientação. A partir dessa manifestação, o homem religioso cria um mundo, e por isso, essas experiências possuem um valor simbólico e também existencial para o sujeito religioso (ELIADE, 1992). Nesse sentido, quando esse sujeito religioso se sente capacitado em agir, no tempo e no espaço, tendo as suas experiências com o sagrado como elemento legitimador, este sujeito é revestido de uma aura de poder. Quando João Paulo fala que foi Deus quem o direcionou a começar esse movimento, é desse poder que ele se apropria. Sua narrativa serve, nesse sentido, como um elemento legitimador de sua figura enquanto líder de um movimento que nasce a partir da sua experiência pessoal, uma experiência que se projeta, portanto, como uma experiência fundante, capacitando-o como líder de uma missão.

A experiência religiosa foi tema central dos clássicos da sociologia da religião. No bojo dessas discussões, para Emile Durkheim (1989, p. 493) "o fiel que comungou com seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que *pode* mais". Ou seja, este indivíduo está elevado em sua condição de sujeito, possuindo força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las, mas também para interferir através de suas ações em sua realidade social.

Em Max Weber (1982), essa esfera de poder é compreendida através do conceito de carisma, que constitui o principal dos tipos de dominação weberiana. Para Weber, o carisma significa um dom da graça e caracteriza um líder que é seguido por um grupo de pessoas, ou seja, um coletivo, que acredita que este sujeito é dotado de qualidades extraordinárias. Nesse sentido, Weber (1982, p. 70) destaca que "os fundadores das religiões mundiais e os profetas, bem como os heróis militares e políticos, são os arquétipos do líder carismático". Milagres e revelações, feitos heróicos de valor e êxitos surpreendentes são marcas características de sua estatura". Tratam-se, portanto, de sujeitos que se diferenciam socialmente, e aos quais são atribuídos determinados poderes. A perspectiva de Weber se mostra, portanto, bastante eficaz para o entendimento do Céu na Terra como um movimento de características carismáticas.

Weber explica sobre isso, que para que os seguidores de um líder o reconheçam como tal, o portador de um carisma precisa constantemente provar sua virtude e autoridade. Nesse sentido, o sujeito carismático somente será reconhecido como um líder ou um herói, na medida em que a sua missão é provada de forma concreta àqueles aos quais se propõe a falar. Através de provas, a sua missão divina é provada e este líder é então legitimado como aquele

enviado pelos deuses para realizar sua missão (WEBER, 1982). Mais adiante, analisarei como os testemunhos de jovens que participaram das reuniões do movimento se constituem como elementos legitimadores deste carisma. Por hora, é preciso pontuar que esse tipo de carisma é definido, em Weber, como carisma em seu estado *puro*. É esse carisma, em seu estado puro, que dá legitimidade à experiência fundadora do Movimento Céu na Terra, em torno da figura de João Paulo, seu líder. Entretanto, na medida em que o movimento vai ganhando forma, este carisma deixa de ser um tipo ideal carismático puro, calcado em sua definição estritamente teológica, psicológica e focado na figura do líder, e vai assumindo a roupagem de um tipo ideal carismático institucionalizado, ou seja, vai constituindo um princípio organizacional no processo de institucionalização do Movimento Céu na Terra.

Um dos amigos que estava com João Paulo no início das reuniões na estação de metrô foi o jornalista Júlio Portella.⁴² Em conversa, os dois relembram que as pessoas começaram a participar das reuniões porque se sentiam atraídas e convencidas pelo testemunho de João Paulo. Em um dos vídeos disponíveis no canal do YouTube do Movimento Céu na Terra, que transcrevi para a análise, os dois comentam sobre o início das reuniões, em fevereiro de 2016, quando os ajuntamentos ainda não tinham um caráter de movimento. Eram apenas reuniões que ainda não possuíam um nome e uma identidade própria, mas que foram ajuntamentos através dos quais o carisma de João Paulo foi sendo provado e legitimado:

João Paulo: É até um pouco engraçado, mas durante uns dois meses, os dois primeiros meses, né?, *do do* Céu na Terra, é... eu só contava o meu testemunho de vida. Dois, três, quatro meses... Pode colocar aí, quatro, no mínimo, na verdade.

Júlio: Eu sabia o testemunho do João Paulo...

João: De cor e salteado...

Júlio: De cor e salteado, de frente pra trás e de trás pra frente...

João: Eu só contava isso. Eu não pregava, *eu não, eu não* falava... Na verdade eu pregava, mas eu falava o meu testemunho e era basicamente isso. E o louco era que a galera ouvia...

Júlio: Se identificava bastante...

João: E ia pra reunião pra ouvir de novo.

Júlio: Pra ouvir de novo...

João: Era... Mas a galera, mesmo assim, aceitava Jesus.⁴³

O modo como João Paulo começou a compartilhar seu testemunho e pregar na estação de metrô, começou a atrair pessoas. Os discursos de João Paulo, autorizados em nome de Deus, sugeriam que as pessoas poderiam conhecer um pouco mais sobre quem era Deus, e sobre como ele poderia transformar suas vidas como havia feito na sua vida. Bastava um

⁴² Perfil do instagram de Júlio Portella: [Júlio Portella \(@julioportella\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 05 set. 2021.

⁴³ Disponível em: [\(72\) NOSSA HISTÓRIA | EP 1 - YouTube](#). Acesso em: 03. set. 2021.

encontro real com ele. O perfil desses primeiros encontros era bem simples, consistiam, basicamente, no testemunho de João Paulo e em suas pregações. Às vezes tinha um louvor, no qual cantavam a música Holy⁴⁴, gravada pelos cantores Juliano Son e Ana Paula Valadão, mas sem instrumento nenhum.⁴⁵ Nessas reuniões do metrô, muitas pessoas aceitaram Jesus como seu salvador, e muitos jovens passaram a frequentar os encontros semanalmente, somando um público cada vez maior e legitimando o perfil carismático de um movimento que, aos poucos, ia ganhando forma. Com mais ou menos um mês, as reuniões já somavam cerca de quase cem pessoas, em sua grande maioria jovens.⁴⁶ Foi então que os metroviários sinalizaram que aquele espaço não poderia mais ser ocupado para esse tipo de manifestação, devido a aglomeração que as reuniões causavam.⁴⁷

João Paulo relata, sobre este momento, que como já era possível ver um resultado concreto desses encontros, eles não tinham a intenção de parar. Através de uma oração, ele conta que pediu um direcionamento para que Deus mostrasse um novo lugar para as reuniões acontecerem, e então, através de uma visão, Deus teria mostrado a ele a Praça Tiziu, ou, simplesmente Praça do Elefante, como é conhecida popularmente em Águas Claras (DF), por conta de uma escultura de um elefante que tem no local. Por volta de abril de 2016, as reuniões passaram a acontecer nesse novo lugar, um lugar que foi ocupado com a justificativa de que foi revelado por Deus.⁴⁸

Conforme salienta Eliade (1992, p. 22), "a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo". A Praça do Elefante passou a ser, nesse sentido, um ponto fixo para que aqueles jovens se encontrassem e ali pudessem tecer suas experiências com Deus. Existia algo ali que era ofertado ao público, que ia ao encontro das necessidades daqueles que se direcionavam até aquele lugar, nas noites de terça-feira. Foi na Praça do Elefante que o Céu na Terra, enquanto um movimento, começou a ganhar forma e se institucionalizou, em um curto período de tempo.

⁴⁴ Disponível em: [Livres / Juliano Son - "Santo" - Feat. Ana Paula Valadão - YouTube](#). Acesso: 06 mar. 2022.

⁴⁵ Disponível em : [JOÃO PAULO \(CÉU NA TERRA\) - JesusCopy Podcast #54 - YouTube](#). Acesso: 03, mar. 2022.

⁴⁶ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 21 set. 2021.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 21 set. 2021.

Antes de prosseguir, gostaria de pontuar, mais uma vez, que esta pesquisa não tem a intenção de dar a esses relatos e experiências - como a visão que João Paulo relata ter tido sobre um novo lugar para as reuniões -, um veredicto. Todo historiador de ofício, em algum momento de sua trajetória, aprendeu com Marc Bloch (2001), que o papel do historiador não é julgar, e sim compreender. Compreender os significados produzidos em torno das ações e dos discursos dos sujeitos e o que produzem e projetam. Estes relatos, assim como as outras fontes inseridas e analisadas adiante, aqui são tomados como vestígios históricos. É importante pontuar, todavia, que não são vestígios históricos que surgiram e sobreviveram ao tempo acidental e despropositadamente. Pelo contrário, as fontes aqui utilizadas foram produzidas e compartilhadas intencionalmente nas redes sociais, com o objetivo de produzir, arquivar e tornar pública uma "história oficial" do Movimento Céu na Terra, através de veículos oficiais do movimento. Ou seja, são narrativas que buscam produzir um sentido e uma identidade para o movimento. Portanto, essa pesquisa compreende que as narrativas de João Paulo, que operam em torno do surgimento do Movimento Céu na Terra, e as demais fontes de suas redes sociais aqui utilizadas, são testemunhos que buscam contar uma história monumentalizada do movimento, haja vista que quando são produzidos em forma de vídeo e compartilhados em suas redes sociais, estes testemunhos e narrativas se constituem como documentos monumentos.

Segundo Jacques Le Goff (1996), os conteúdos dos documentos-monumentos devem ser compreendidos como imagens projetadas consciente ou inconscientemente pelas sociedades e os atores sociais que os produziram (LE GOFF, 1996), pois, o documento monumento é construído, na maioria das vezes, através de um processo de manipulação. Trata-se de um documento que carrega a vontade de um ensinamento, "resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 1996, p. 538). Vale pontuar, dessa forma, que as fontes aqui utilizadas buscam registrar publicamente, ou seja, arquivar e compartilhar, para a posteridade, uma determinada história sobre o Movimento Céu na Terra. Isso não quer dizer, é claro, que essa não seja, de fato, uma história verdadeira. O que quero salientar, é que todas as imagens selecionadas para as redes sociais, as legendas, os vídeos, enfim, tudo o que compõem os meios digitais do movimento, sofrem uma manipulação e carregam a intencionalidade de que o movimento seja reconhecido de tal maneira, através de uma determinada (auto)versão e (auto)imagem. Ou seja, há nesse processo manipulado, a estratégia de construção de uma visualidade pública do movimento em suas mídias digitais.

1.3 Incorporação das mídias digitais: publicização das experiências religiosas, legitimidade carismática e autoimagem

Quando as reuniões passaram a ser realizadas na Praça do Elefante, os encontros já contavam com centenas de jovens. O público que desde o início passou a frequentá-las foi e continua sendo bastante diversificado: católicos, evangélicos (que frequentam ou não igrejas), espíritas, os chamados sem religião e até mesmo ateus.⁴⁹ Embora o movimento seja de jovens, ele é aberto ao público geral. Por isso, em algumas imagens no Instagram é possível perceber a presença de pessoas mais velhas e até crianças acompanhadas.

No trecho a seguir, a partir da transcrição de um vídeo já citado anteriormente que está no canal do YouTube do movimento, João Paulo e Júlio Portella, que estavam desde o início à frente das reuniões, relembram sobre essa transição para a Praça do Elefante:

Júlio: Sabe o que que eu lembro da Praça do Elefante, muito? O dia, a primeira vez que a gente esperava um público, que era o público da estação, foi depois, acho que duas, três vezes que a gente desceu... e aí a gente, eu lembro muito, recordo muito que a gente se surpreendeu com o público, se eu não me engano acho que foi duzentas, trezentas pessoas... Que a gente ficou assim: mano, como assim?

João Paulo: Foi...

Júlio: E engraçado que as pessoas que estavam nessas reuniões de duzentas, trezentas pessoas na Praça do Elefante, essas pessoas, elas vinham a partir das pessoas que já tinham ido. Então, era mais ou menos um... Meio que um vírus.

[...]

Júlio: E eu lembro que a forma que as pessoas conheciam o Céu na Terra, era... era realmente: "ah, eu fui no Céu na Terra, mano, tem uma parada, aliás, Céu na Terra, não, né?!

João Paulo: Não, não era Céu na Terra, a gente não..., na verdade, a gente tinha nome, era... Não, era..., não, não era Movimento Céu na Terra, era, era... oh... Movimento Céu na Terra, era reunião Céu na Terra... Só... Não era movimento.

Júlio: E, enfim, eu lembro que a gente não tinha... que a forma das pessoas conhecerem o Céu na Terra, era realmente, as pessoas que iam e contaminavam as outras, falando que tinha uma parada, terça-feira, lá em Águas Claras.⁵⁰

Como um "vírus", aqui associado de uma forma positiva, a notícia sobre o que acontecia na Praça do Elefante foi se espalhando por Águas Claras, e cada vez mais pessoas passaram a ser "contaminadas" a frequentar os encontros nas noites de terça-feira. João Paulo conta que o nome das reuniões, "Céu na Terra", que nesse momento já iam ganhando a forma de um movimento, surgiu a partir da inspiração de um livro que ele estava lendo, cujo título é *Quando o céu invade a terra*, da autoria de Bill Jhohson, um pastor estadunidense cujo

⁴⁹ Disponível em: [\(72\) COMO TUDO COMEÇOU // HISTÓRIA DO CÉU NA TERRA MOVEMENT - YouTube](#). Acesso em: 21 set. 2021.

⁵⁰ Disponível em: [\(72\) NOSSA HISTÓRIA | EP 1 - YouTube](#). Acesso em: 03. set. 2021.

ministério é focado em práticas avivalistas.⁵¹ O que se percebe, através das fontes, é que como já anteriormente também citado em relação ao livro *Por que tarda o avivamento*, de Leonard Havenhill, livros escritos por líderes avivalistas do tempo presente também serviram como vetores para que João Paulo buscasse inspiração para este movimento.

No mesmo vídeo, Júlio Portella e João Paulo relembram que nessa época, apesar de já terem criado uma página do Facebook, essa não era alimentada. Numa sexta-feira, depois da primeira reunião na Praça do Elefante, foi que as redes sociais passaram a fazer parte da dinâmica do Movimento Céu na Terra:

João Paulo: A gente não tinha nem... A gente não tinha... Lembrei! A gente não tinha rede social... A gente foi ter na sexta...
Júlio: A gente tinha... Tinha uma página no Facebook que ninguém alimentava...
João Paulo: É... Mas ninguém é... A gente nem postava nada. A foto era horrível, então a gente não divulgava nada.⁵²

Não só o Facebook passou a ser alimentado, nessa época, somando já milhares de seguidores em junho de 2016⁵³, como também foi criado um perfil no Instagram⁵⁴ e um canal no Youtube para o movimento.⁵⁵ De forma estratégica, as mídias digitais passaram a ser incorporadas para divulgar as reuniões, publicar avisos sobre as atividades do movimento, compartilhar vídeos e imagens dos encontros, testemunhos de jovens que participaram e tiveram ali experiências com Deus, e também como um método de evangelização virtual. Ou seja, para criar uma autoimagem do movimento. Desse modo, as mídias passaram a ser utilizadas como método de midiatização e publicização das práticas e experiências tecidas em

⁵¹ Bill Johnson e sua esposa Beni, são os líderes seniores da Igreja Bethel em Redding, Califórnia. O site de seu ministério aponta que, Bill é um pastor de quinta geração com uma rica herança no foco do Espírito Santo. Atualmente, seu ministério tem investido em uma compreensão mais profunda da frase "na terra como é no céu". Bill e a família da Igreja Bethel assumiram este tema para a vida e ministério, com ênfase na prática de curas e milagres. Seus ensinamentos giram em torno do entendimento de que os cristãos precisam agir no mundo de maneira a promover para as pessoas um encontro com Deus, apontando que um evangelho sem poder e feitos concretos não é o evangelho que Jesus pregou. É necessário resultados através de milagres, curas e outros sinais sobrenaturais. Ele é co-fundador da Escola Bethel de Ministério Sobrenatural (BSSM). Juntos com sua esposa, este pastor incentiva um número crescente de igrejas e movimentos a focarem na promoção de um reavivamento. Para tanto, viaja extensivamente pelo mundo encorajando os crentes a trazer o reino dos céus para o seu mundo e esfera de influência. Bill também é autor de uma série de livros best-sellers, incluindo *When Heaven Invade Earth* e *Hosting the Presence*. Disponível em: [Bill Johnson - Igreja Bethel](#). Acesso: 10 mar. 2022.

⁵² Disponível em: [\(72\) NOSSA HISTÓRIA | EP 1 - YouTube](#). Acesso em: 03. set. 2021.

⁵³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BGt7uQJuPJM/?utm_medium=copy_link. Acesso: 11 mar. 2022.

⁵⁴ A primeira postagem do instagram do movimento é datada em 16 de junho de 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BGt7uQJuPJM/?utm_medium=copy_link. Acesso: 11 mar. 2022.

⁵⁵ A criação do canal do Youtube aconteceu em 22 de junho de 2016. Disponível em: [\(577\) Céu na Terra Movement - YouTube](#). Acesso: 11 mar. 2022.

torno do Céu na Terra, e como instrumento de marketing para a divulgação de eventos e produtos que passaram a ser vendidos. Entretanto, o marketing vai ser analisado mais adiante.

A relação entre religião e mídia tem sido abordada por diversos campos de conhecimento. Isso porque o entrecruzamento dessas duas esferas demanda uma abordagem interdisciplinar que dê conta da complexidade de um fenômeno que se configura como um forte marcador do nosso tempo. Portanto, é com base nessa interdisciplinaridade que busco compreender a incorporação das mídias digitais no processo de institucionalização do Movimento Céu na Terra e sua inserção no espaço público digital/virtual.

No campo da história, as discussões de Karina Kosicki Bellotti tem contribuído para oferecer caminhos de interpretação para as relações entre religião, mídia e cultura. Para ela, as mídias se configuram como um amplo conjunto de suportes e veículos comunicacionais:

Por mídia, podem se compreender os suportes de comunicação (livros, revistas, televisão, rádio, cinema, internet, etc.) E os veículos e canais de comunicação (corporações, empresas, editoras, emissora de TV, etc). Mídia é um termo dos anos 1920, surgido na ascensão e popularização no Hemisfério Norte dos meios de comunicação eletrônica, dirigidos a grandes públicos ("massas"), e que atualmente abrange os sentidos tanto dos meios de comunicação quanto aos seus agentes – por exemplo, na expressão "a grande mídia possui influência na construção da opinião pública", seu sentido é ambivalente, pois pressupõe tanto a ação das corporações (detentora dos meios de comunicação mais poderosos, de maior alcance) quanto os suportes que elas usam para passar as mensagens que influenciaram uma parcela significativa da população (BELOTTI, 2018, p. 21).

A partir dessa compreensão de mídias, cujas bases são as discussões de Peter Burke e Asa Briggs (2004), segundo a pesquisadora, existem diferentes formas de analisar e interpretar a relação entre religião e mídia. Entre as muitas possibilidades elencadas pela autora, este estudo parte da abordagem da mídia religiosa, "isto é, a mídia produzida por grupo religioso, ou indivíduo religioso com propósitos religiosos (conversão, proselitismo, instrução, edificação, aconselhamento, informações sobre templo/culto/igreja, etc)" (BELOTTI, 2018, p. 20). Essa perspectiva foi adotada pelo fato de que, como já pontuei, as fontes aqui analisadas são conteúdos produzidas pelo próprio grupo e compartilhados em seus próprios veículos de comunicação.

Ao tratar sobre mídia evangélica no Brasil sob o prisma das questões da história cultural, Karina Kosicki Belotti reflete sobre o papel que exerce a linguagem no processo de produzir significado aos fatos e as experiências, sublinhando que a linguagem religiosa - assim como toda linguagem – se constitui como uma instância polissêmica geradora de sentidos (BELOTTI, 2004). Desse modo, conforme a historiadora, "lidamos com textos

(documentos de toda espécie) e com práticas repletas de significados, como é o caso da mídia em geral, e da mídia evangélica em particular" (BELOTTI, 2004, p. 107). Nesse sentido, quando tratamos de conteúdos que os próprios grupos religiosos produzem sobre si mesmos em seus veículos midiáticos, como é o caso desta pesquisa, a mídia precisa ser interpretada como um lugar de auto-representações, ou seja, de versões e imagens auto-projetadas, que são as formas a partir das quais um determinado grupo evangélico quer ser visto e reconhecido no ambiente digital.

Desse modo, Belotti (2004, p. 107) aponta que "ao trabalharmos com representações presentes na mídia evangélica, estamos lidando com a afirmação de identidades religiosas". A mídia religiosa se configura, nessa interpretação, como um veículo onde circulam documentos-monumentos, como tratei anteriormente, "que oferece pistas para a forma como princípios, símbolos, representações religiosas são articuladas por seus produtores para afirmar uma autoimagem (BELOTTI, 2015, p 2-3) Nesse sentido, as "representações expressas nos produtos de mídia estão ligadas à história do grupo produtor da mensagem, o que implica a construção de uma identidade e de uma tradição que dá sentido à ação desse grupo no presente" (BELOTTI, 2004, p.109).

Partindo das reflexões feitas por Belotti para a análise da mídia evangélica, compreendo que o Movimento Céu na Terra utiliza a mídia digital para projetar sua história e se fazer conhecido social e publicamente. Ou seja, como um espaço específico de diálogo com diversos grupos e sujeitos, sejam eles evangélicos ou não, utilizando-se de recursos simbólicos (imagens, testemunhos, vídeos etc) para legitimar sua atuação, sua mensagem, sua relevância, seus feitos. Em outras palavras, para tornar conhecidas suas práticas de forma pública. É nessa lógica que compreendo a inserção e apropriação do Movimento Céu na Terra no espaço público midiático, através das redes sociais. Nessa moldura, os veículos midiáticos se configuram como espaços por meio dos quais os evangélicos circulam sua fé e suas práticas em uma dinâmica na qual os conteúdos são produzidos, compartilhados, apropriados e reapropriados por sujeitos produtores e consumidores, de modo que nestes espaços "estão imbricados interesses evangelísticos, missionários e também comerciais" (BELLLOTTI, 2011, p. 146), como demonstrarei ao longo deste trabalho.

Ao analisar as relações entre religião e mídia no Brasil recente, a comunicóloga Magali do Nascimento Cunha salienta que a passagem da década de 1990 para os anos 2000 foi marcada, entre outros fatores, pela "intensa ocupação de espaços nas mídias tradicionais (rádio e TV) por grupos evangélicos, majoritariamente os pentecostais, em programação

própria e não, ampliada pela extensa participação dos variados segmentos desse grupo cristão nas mídias digitais" (CUNHA, 2019, p.4). Para a comunicóloga, a inserção dos evangélicos nos espaços públicos midiáticos corroborou com o crescimento do mercado da religião e o avanço do marketing religioso, consolidando "os cristãos como um segmento de mercado, por meio da oferta de produtos e serviços especialmente concebidos para atender às suas necessidades religiosas, sejam de consumo de bens ou de lazer e entretenimento" (CUNHA, 2019, p. 4).

Este processo é compreendido pela pesquisadora através de um fenômeno que marcou o campo religioso brasileiro na virada do século, a explosão de uma cultura gospel, em que a apropriação das tecnologias eletrônicas por parte dos evangélicos impulsionou uma certa espetacularização da fé (CUNHA, 2007). A expressão cultura gospel é formada pela tríade música, entretenimento e consumo, que passaram a ser vetores de produção de valores e sentidos religiosos, projetando uma aproximação maior entre os produtores de bens simbólicos religiosos e seus receptores. Nessa conjuntura, portanto, a comunicação tecnológica se constituiu como um meio a partir do qual as distâncias foram diminuídas, propiciando um "sagrado mais disponível, acessível e próximo" (CUNHA, 2007, p. 170).

A cultura gospel é algo recente. Trata-se de um fenômeno que representa um momento de explosão e intensificação dessas práticas, ou seja, foi um momento de *boom* do gospel no Brasil, que foi protagonizado, em grande medida, por segmentos pentecostais e, sobretudo, neopentecostais. É importante pontuar isso, pois a incorporação e usos das mídias tradicionais pelos evangélicos não é um fenômeno da virada do século, é uma prática que no Brasil, começou na primeira metade do século XX.

O trabalho de Bellotti (2011), por exemplo, aponta que os veículos de comunicação de massa no Brasil são usados pelos evangélicos desde os anos 1940 e 1950. Segundo a historiadora, "a mídia passou a ser um ponto de honra para o regime Vargas (1930- 1945; I 950 - 1954), e o rádio tornou-se, desde a década de 1930 o maior veículo de massas do Brasil" (BELOTTI, 2011). Naquela conjuntura, o uso da mídia já se constituía como um meio de chegar ao público mais jovem, através de uma linguagem moderna, conforme aponta Belotti. Nas décadas de 1940 e 1950, dentre grupos evangélicos pioneiros no uso midiático para fins religiosos figuravam protestantes de igrejas reformadas, em especial a Presbiteriana, e os Adventistas do Sétimo Dia, com programas na rádio e na TV (BELOTTI, 2011). Segundo a historiadora, o pioneirismo dos usos da mídia evangélica no Brasil decorre da influência das estratégias da mídia evangélica americana, mas "o objetivo era produzir

material evangelístico conforme a cultura brasileira, sem traduções ou adaptações americanas" (BELLOTTI, 2011, p. 441).

Os trabalhos de Leonildo Silveira Campos (1996) e Alexandre Fonseca (1997), de igual modo, problematizam a mídia, a propaganda e o marketing evangélico no Brasil, como uma grande característica do universo pentecostal brasileiro a partir da metade do século XX, principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, com a emergência do fenômeno do neopentecostalismo. Segundo estes autores, as igrejas do segmento neopentecostal, entre as quais a Igreja Universal do Reino de Deus é uma das principais, são caracterizadas pelo uso exacerbado do marketing digital e dos veículos midiáticos para a prática do proselitismo eletrônico, visando a atração de fiéis e o atendimento de suas demandas. Estas estratégias midiáticas se inserem em um contexto de espetacularização e mercadorização que marcam a sociedade do tempo presente, mas nos estudos destes autores, ainda se vê uma preponderância dos usos de mídias tradicionais como a rádio e a TV, já que datam do final da década de 1990.

Ao considerar o processo de explosão da cultura gospel no Brasil, em estudo mais recente, a comunicóloga Magali do Nascimento Cunha argumenta que a inserção dos evangélicos "no plano do acesso às mídias e da interação midiática (aquisição de espaços nas mídias tradicionais e digitais, produção e consumo de conteúdos, constituição de suas próprias celebridades, midiatização da linguagem e das práticas religiosas)" (CUNHA, 2019, p. 3), projetou, no tempo presente, o fenômeno da religião pública digital. Ou melhor dizendo, de expressões, práticas, igrejas e movimentos que com o passar do tempo, incorporaram essas mídias, ou já nasceram, se organizam e se projetam a partir desta lógica midiática pública, como é o caso do Movimento Céu na Terra. Quer dizer, são organizações religiosas em que o ambiente midiático e suas ferramentas fazem parte do seu *modus operandi* e de sua identidade desde a sua emergência.

Nesse sentido, no contexto da cultura gospel, segundo Cunha (2019, p. 5), "a religião não veio apenas ocupar um lugar no espaço público, mas construir o que denomina religião pública". A autora sublinha, assim, que

Nesta compreensão, não apenas a religião se projeta para além da fronteira do privado, por meio da vivência pessoal e coletiva, das práticas religiosas informais e institucionalizadas, mas se torna uma ação coletiva, no espaço público, como cultura e como discurso sobre valores. Daí ter se tornado uma religião pública. No Brasil da segunda década dos anos 2000, os evangélicos se apresentam "desprivatizados", tendo saído da condição de minoria invisível para uma

visibilidade publicizada por meio de estreita relação com as mídias e de participação (CUNHA, 2019, p.5).

Na interpretação de Cunha, o conceito de espaço público está relacionado ao de *pólis*, noção recuperada da filosofia grega e ressignificado por Hanna Arendt. Segundo a comunicóloga, trata-se de uma compreensão que extrapola tanto a noção geográfica e territorial relacionada ao espaço público da cidade, do Estado e da Nação, assim como também "à visão que a vincula ao Estado moderno, à cidadania, à democracia, à mobilização, ao engajamento e à participação na política, ao discurso e à opinião pública (HABERMAS, 1984)" (CUNHA, 2019, p. 5). A *pólis* seria, com base em Hanna Arendt, não um lugar físico, mas ainda assim um lugar de aparição e de visibilidade. Conforme Cunha (2019, p.5) "é aqui que o lugar das mídias e do processo da sociedade em midiatização se destaca". Nesse sentido, os modos através dos quais os evangélicos se comunicam através das mídias digitais inauguram processos de interação e midiatização, assim como constroem uma dinâmica por meio da qual estes sujeitos "se organizam no espaço público, em um movimento que os tira da reclusão dos templos à visibilidade da *pólis* midiatizada" (CUNHA, 2019, p. 6).

Ao afirmar que a configuração da religião pública entre os evangélicos brasileiros dá-se no contexto da dinâmica da sociedade em midiatização, Magali do Nascimento Cunha (2019, p. 8) explica quais são as referências a partir das quais discute o conceito de midiatização:

Por midiatização, referimo-nos, com base nos estudos de José Luiz Braga (2006), aos processos interacionais (de sociabilidade) que "se realizam de modos bastante diversos, em sociedades específicas", e que se desenvolvem segundo as lógicas das mídias (BRAGA, 2006). A expressão "em midiatização" refere-se ao fenômeno como um processo em curso, uma dinâmica, não um elemento consolidado ou determinado por uma única forma de estruturação. Recorremos também a Roger Silverstone na compreensão de que a midiatização é "um processo fundamentalmente dialético, ainda que não sempre igual, mediante o qual os meios de comunicação institucionalizados formam parte da circulação geral de símbolos dentro da vida social" (1999 apud Silverstone, 2006, p. 168-169, tradução nossa).

É através dessa interacionalidade e visibilidade que as expressões religiosas são publicizadas. Trata-se, de igual modo, de um processo de democratização da aparição e da visibilidade de sujeitos religiosos que em espaços religiosos não midiáticos não seria possível, pois, na medida em que possibilita a livre manifestação,

este processo de presença da religião no universo digital faz surgir novas autoridades religiosas: as celebridades evangélicas (pastores midiáticos e cantores

gospel) e os blogueiros e youtubers gospel. Essas novas autoridades tornam-se referência para muitos evangélicos, quanto ao que pensar e como agir (KARHAWI, 2017) (CUNHA, 2019, p.13).

A presença dos evangélicos nas mídias tradicionais e digitais revela, portanto, a forma como estes sujeitos se inscrevem neste espaço público, e como passam a incorporar este espaço midiático como seu maior veículo de expressividade, visibilidade e interação no tempo presente. Trata-se de um espaço potencializador para fama, sucesso e a soma de milhares de telespectadores, ouvintes e seguidores nas redes sociais.

Karina Kosicki Bellotti, por sua vez, debate o conceito de midiaticização da religião tendo como base os estudos norte-americanos de mídia, religião e cultura, em especial de Stewart Hoover. A historiadora sublinha que essa noção se refere a um processo recente no qual a internet desempenha um importante papel (BELLOTTI, 2012; 2018). Nesse sentido, a midiaticização da religião é um fenômeno impulsionado pelas mídias de caráter digital, pois é um processo que ganha forma, sobretudo, com a popularização da internet. É importante, contudo, pontuar, que como a historiadora chama a atenção, "a midiaticização da religião não significa a mera utilização das mídias para a transmissão de mensagens religiosas, mas sim a incorporação de formatos de comunicação midiática pelas autoridades religiosas e por seus fiéis" (BELLOTTI, 2018, p.14).

Esse aspecto é importante para a compreensão do Movimento Céu na Terra, pois a incorporação de formatos de comunicação midiática através da internet não é apenas um meio através do qual o movimento se comunica com a sociedade mais ampla, mas é um instrumento por meios do qual o movimento se organizou e se institucionalizou. Ou seja, as mídias digitais são veículos e estruturas de institucionalização do Céu na Terra. Por isso, esta pesquisa, ancorada nos pressupostos teóricos da história cultural das religiões e das mídias, parte da interpretação de que as mídias digitais do Movimento Céu na Terra não comportam somente a transmissão de informações, instruções, crenças, práticas e experiências religiosas do grupo. Mas que a incorporação dos meios de transmissão e comunicação passaram a fazer parte da rotina do Céu na Terra.

Airton Jungblunt foi um dos primeiros a se debruçar sobre os usos da internet pelos evangélicos brasileiros, quando a internet ainda estava em processo de popularização no Brasil. Este autor defende o argumento de que os evangélicos foram o grupo religioso que colonizou o uso da internet para fins religiosos no Brasil (JUNGBLUNT, 2002), admitindo que na década de 1990, quando começou a pesquisar o tema, "o quadro existente mostrava

que a utilização de espaços de publicação e a presença de indivíduos evangélicos em interação na Internet brasileira eram bem mais notáveis do que a de qualquer outro grupo religioso" (JUNGBLUNT, 2002, p.158). Os evangélicos foram os cristãos que no Brasil, melhor se adaptaram e se apropriaram às mídias digitais, diferente dos católicos, que durante muito tempo sustentaram uma relação de amor e ódio com as ferramentas da internet para a realização de suas práticas religiosas, conforme aponta o estudo de Sbardelotto (2011).⁵⁶

Jungblunt (2002) observa que a utilização da internet pelos evangélicos, no tempo presente, tem várias funções, mas entre elas, sem dúvidas, uma das principais é levar as boas novas cristãs. Isso quer dizer que, neste aspecto, os evangélicos, cuja nomenclatura já sinaliza a preocupação evangelística, estão fazendo o que sempre se dispuseram a fazer, mas agora se apropriando dos métodos e ferramentas do tempo presente, entre as quais, a internet é a mais notável. Pregar as boas novas é uma prática circunscrita no universo cristão milenarmente. Mas como também sublinhou Belotti (2012), a mensagem tradicional em tempos como estes, se apresenta em "odres novos", apropriando-se da noção cunhada por Cunha (2007). Quer dizer que a própria ideia de destradicionalização precisa ser problematizada. Nem sempre é a mensagem dos evangélicos que se destradicionaliza ou que é relativizada, mas os meios através dos quais essa mensagem passa a ser comunicada, pois, como sublinhou Belotti (2012), a presença de religiões tradicionais na internet e que se apropriam da internet, é um fenômeno do tempo presente.

Em relação ao Movimento Céu na Terra, o que percebo é que sua mensagem é de caráter tradicional. O que o movimento faz é se utilizar dos meios digitais para, justamente, reafirmar determinadas tradições, ou seja, para conservá-las. O que há de novo são os métodos, no caso desse objeto, e não necessariamente os conteúdos da sua mensagem. Karina Bellotti discute esse aspecto ao abordar que:

do início do século XX até o início do século XXI, passando pela inserção na Internet, vemos um aspecto do discurso tradicional das religiões cristãs ser instrumentalizado para justificar o uso da mídia - a imagem da Grande comissão, o "Ide e pregai a todos os povos; usar os meios de comunicação modernos seria continuar a tradição instituída por Cristo. (BELOTTI, 2012, p. 134-135).

São velhas práticas, através de novos grupos e movimentos, em novos tempos e a partir de novos métodos. Mais uma vez, velhas tradições em novos odres (CUNHA, 2007). Como sublinhei no começo deste trabalho, o Movimento Céu na Terra tem como foco "pregar

⁵⁶ Disponível em: [Igreja e internet: uma relação de amor e ódio. Entrevista especial com Moisés Sbardelotto - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#). Acesso: 17 mar. 2022.

um evangelho puro e simples até que Cristo volte", e esse objetivo está registrado na biografia de seu perfil no Instagram, alimentando suas postagens. Isso ocorre porque:

Em termos religiosos, a Internet passa a ser vista por grupos cristãos como a promessa da evangelização infinita - muitos discursos assemelham-se aos discursos levantados para o potencial da rádio para a evangelização na primeira metade do século XX, que encantava a muitos pregadores e pregadoras pela possibilidade de levar a mensagem a milhões de uma só vez. A Internet deve ser vista como mais uma ferramenta a ser incorporada a um repertório de meios de comunicação já utilizados por algumas religiões institucionais. Porém, o fator que mais se destaca nas pesquisas e reflexões acadêmicas sobre as relações entre Internet e religião apontam para a potencialização da autonomia individual religiosa, que se verifica na profusão de blogs, páginas pessoais, videologs; e também na iniciativa própria de evangelizar via e-mail, Twitter, Facebook e Orkut (...). (BELLOTTI, 2012, p.133).

Com isso, a historiadora aponta que, a internet muitas vezes serve como um meio potencializador para o crescimento e expansão de determinados fenômenos que fora dela já acontecem na sociedade, como foi o caso do Movimento Céu na Terra, embora a incorporação das mídias digitais tenha acontecido tão logo que o movimento começou a ganhar forma, como expliquei anteriormente.

Os historiadores que se debruçam sobre a relação entre religião e internet realizam, como é o caso dessa pesquisa, um exercício de história do tempo presente e imediato, haja vista que tratam de fenômenos religiosos do ciberespaço e no ciberespaço, ou seja, exploramos um outro espaço, uma outra dimensão da religião pública: o espaço da ciberesfera (BELOTTI, 2018).

Se no século XX imperaram os veículos midiáticos de caráter mais tradicionais como o rádio e a TV no universo evangélico, no século XXI, este processo de midiaticização vivido pelos segmentos evangélicos no Brasil tem sido protagonizado, em grande medida, por igrejas, grupos e movimentos que se utilizam do ciberespaço como a mais nova ferramenta midiática (MARANHÃO, 2013). Isso não quer dizer que as mídias tradicionais tenham sido descartadas pelos evangélicos, pois elas continuam sendo utilizadas como veículo comunicacional. Mas hoje, a potencialidade da internet e suas ferramentas tem sido mais exploradas pelos evangélicos, e a juventude tem um importante papel nesse processo, conforme destaca Belotti (2013; 2014). Nesse cenário recente, segundo Maralice Mashio (2018, p. 97), "muitas religiões, por seu tempo de existência, nasceram com o ambiente online, acompanham ou são marcadas por protocolos e processualidades da própria Internet. Boa parte dos movimentos religiosos recentes pertence a essa conjuntura", sendo um deles o Movimento Céu na Terra.

No caso das igrejas mais contemporâneas que se instituíram tendo o ciberespaço como veículo central estão, por exemplo, a Bola de Neve Church, estudada por Eduardo Meinberg Maranhão (2013), em sua dissertação de mestrado, e a Comunidade Gólgota, objeto da tese de doutoramento de Maralice Mashio (2018). Ambos os estudos partem da perspectiva historiográfica e abordam essas igrejas como igrejas emergentes, de características neopentecostais, surgidas muito recentemente. São instituições que recorrem aos meios midiáticos, linguagem descontraída e público-alvo como os jovens *undergrounds* e os surfistas, apontando novos tipos de religiosidade no tempo presente, que são forjadas a partir de elementos secularizados não utilizados em outros meios evangélicos mais tradicionais. São igrejas voltadas especialmente para a juventude, conhecidas por utilizarem-se amplamente da internet na interpretação apontada por Bellotti (2018), ou seja, não como mero veículo de comunicação, mas como veículo a partir do qual estas organizações religiosas foram instituídas. Sobre isso, ao abordar que o ciberespaço é a principal plataforma a partir da qual a Bola de Neve Church se institucionaliza, se expande e difunde sua mensagem, Maranhão (2013) argumenta que a igreja se configura como igreja cibernética ou ciberespacial.

O tempo presente é marcado, portanto, por igrejas, movimentos e comunidades virtuais que protagonizam a ciberesfera, e que se instituem através das ferramentas digitais. São expressões de um tempo em que a religião é digital, ou seja, expressões que ocorrem nos meios digitais, mas que também se utilizam destes meios para propagar práticas que se dão no ambiente físico (Campbell, 2012), como é o caso do Movimento Céu na Terra. Um movimento que começou no espaço urbano, que é urbano, mas que é também virtual. Trata-se de um fenômeno cuja presença no espaço público se projeta, concomitantemente, nessas duas dimensões: o espaço urbano e o espaço digital.

Uma questão importante a pontuar, é que grande parte dos estudos com os quais aqui dialoguei abordam que desde a década de 1990 até a presente década, houve uma mudança em relação às redes sociais e ferramentas usadas no ciberespaço pelos evangélicos. Nos primeiros anos, parece haver uma prática constante da atuação dos evangélicos nos blogs e chats, em websites e no Orkut, por exemplo, uma rede social que caiu em desuso em 2014. Depois, há um aumento da presença evangélica no Facebook, que sucedeu o Orkut. Entretanto, o que se percebe no momento, é que as redes sociais mais utilizadas, sobretudo em meio a juventude evangélica, parecem ser o Instagram e o Twitter, assim como a plataforma do YouTube, com vários canais criados por grupos e segmentos evangélicos. Vivemos um momento da história marcado pelo que popularmente tem sido chamado de

influência digital. Trata-se de um fenômeno que tem sido alimentado por diversos sujeitos da sociedade, e no Brasil, os evangélicos se utilizam bastante das mídias digitais para "influenciar".

Há, na internet, a presença de muitos “influencers digitais evangélicos”, falando de sua fé e influenciando a sociedade mais ampla com linguagem descontraída, muito riso, mas como estratégia de pregar o evangelho neste ambiente no qual a mensagem pode ser ampliada em largas escalas. O Céu na Terra é fruto deste tempo e carrega consigo os traços de sua época. Seus milhares de seguidores e as milhares de curtidas em suas postagens, demonstram como o movimento tem sido consumido, influenciando digitalmente a sociedade mais ampla. Essa influência digital, como apontei anteriormente, começou quando o movimento passou a incorporar as mídias digitais, no momento em que as reuniões passaram a acontecer na Praça do Elefante, por volta do mês de abril de 2016. Nessa época, foi criado um logotipo de referência, que é utilizado até hoje. Este logotipo foi criado como um símbolo de identificação visual do movimento.

Figura 1: logotipo do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra. ⁵⁷

Além da incorporação das mídias digitais e da soma de seguidores, se na estação de metrô Arniquireiras as reuniões se resumiam, basicamente, ao testemunho de João Paulo e da oração de conversão, na Praça do Elefante estes encontros assumiram um outro formato. Com a soma de público, passaram a ser realizados espécies de "cultos a céu aberto", e entre louvores, orações, peças de teatro e pregações bíblicas, estes jovens começaram a tecer experiências com o sagrado de maneira individual, mas, ao mesmo tempo, coletiva. Nessa fase, a praça foi se tornando, aos poucos, não apenas um lugar de sociabilidade e comunhão

⁵⁷ Disponível em: [Céu na Terra Movement - Página inicial | Facebook](#). Acesso: 11 mar, 2022.

na qual esses jovens se abraçavam, pulavam, cantavam, choravam e oravam uns pelos outros. Mas foi se constituindo, sobretudo, como um lugar em que a juventude se dirigia para "sentir a presença de Deus", para conhecer a ele de forma mais íntima e para adorá-lo em comunhão. Ou seja, uma comunidade emocional foi se formando em torno da qual era possível "atrair o céu para a terra". É como se fosse possível, conforme aponta o antropólogo Emerson José Sena da Silveira (2017, p. 178) "naquele local, com aquelas pessoas e com aqueles recursos, experimentar cura, salvação e experiências catárticas, emotivas, uma espécie de comunidade emocional, no sentido em que Hervieu-Léger denomina (2008)".

Entre as supostas maneiras de "atrair" a presença de Deus, e com isso gerar um avivamento, estava a ênfase na leitura das escrituras sagradas e a prática da oração, assim como através da prática do louvor. O louvor é uma manifestação importante no universo evangélico, sendo comum, em comunidades pentecostais, que os fiéis "adorem a Deus" através do louvor por conta da passagem bíblica contida no livro de Salmos, capítulo 22, versículo 3, na qual o salmista fala que Deus habita em meio aos louvores. Conforme Magali do Nascimento Cunha (2007), nos últimos anos, a explosão de uma cultura gospel no Brasil deu valor ainda mais privilegiado à música como instrumento de revelação e aproximação com o sagrado, e seu consumo nos ambientes evangélicos, seja através de meios físicos ou eletrônicos, passou a ser um elemento produtor de valores e sentimentos religiosos.

Dessa forma, no início das reuniões na Praça do Elefante, os jovens cantavam músicas que tinham em sua composição elementos hierofônicos, fazendo referências ao fogo, por exemplo. Antônio Gouvêa Mendonça destaca que Mircea Eliade "chama a atenção para a recorrência do fogo nas mais diversas culturas e religiões para significar, particularmente, a energia ao mesmo tempo criadora e sustentadora" (MENDONÇA, 2044, p. 36), como foi no caso da experiência de Moisés anteriormente citada. O fogo é um elemento sempre presente como metáfora no universo pentecostal, não raro uma das músicas mais cantadas em igrejas tradicionais é um hino cuja letra fala "Espírito, espírito, que desce como fogo, vem como em pentecostes, e enche-nos de novo".⁵⁸ Entre as canções mais cantadas na Praça do Elefante, estava a canção "Atos 2", que se refere ao acontecimento de pentecostes, como consta no vídeo gravado na reunião realizada em 21 de junho de 2016.⁵⁹ A canção é de autoria de

⁵⁸ Faço esta afirmação como alguém que participou de cultos pentecostais muitas vezes ao longo da vida. Esta canção permeia há muito tempo o universo pentecostal e tem sido regravaada por cantores gospels como, por exemplo, a cantora Gabriela Rocha. Disponível em: [\(731\) GABRIELA ROCHA - EU NAVEGAREI \(CLIQUE OFICIAL\) | EP CÉU - YouTube](#). Acesso: 04 set. 2021.

⁵⁹ Disponível em: [Céu Na Terra Movimento \(@ceunaterramoviment\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 28 set 2021.

Anderson Ricardo Freire e havia sido gravada recentemente pela cantora cristã Gabriela Rocha. Sua composição repete várias vezes as seguintes frases:

Nós estamos aqui, tão sedentos de ti, vem, ó, Deus, vem, ó, Deus. Enche este lugar, meu desejo é sentir teu poder. Teu poder. Então, vem me incendiar, meu coração é o teu altar. Quero ouvir o som do céu, tua glória contemplar. [...] Te damos honra. Te damos glória. Teu é o poder. Pra sempre, amém!¹⁸²

Outros elementos passaram a ser incorporados no ambiente da praça, como tochas de fogo, fazendo referência a este elemento da manifestação do sagrado, caracterizando a identidade pentecostal do movimento. Passaram a ser confeccionados cartazes que se referiam ao "fogo da manifestação espírito", e o desejo destes jovens de serem "incendiados" por Deus, como se pode ver nas figuras a seguir.

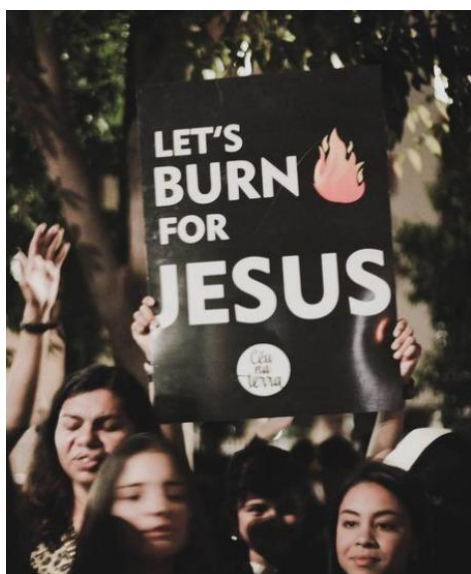
Figura 2): Foto de reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁰

⁶⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BNuonjSD3xj/>. Acesso: 21, mar. 2022.

Figura 3) Foto de reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶¹

A figura 2, por exemplo, é de uma reunião do final do ano de 2016, postada no perfil do Instagram do Céu na Terra. Na legenda, a seguinte frase: "Nosso maior sonho é ver uma geração pegando fogo por Jesus, eai, vamos queimar por Ele? *Let's catch fire?* 🔥🔥🔥 #Ceunaterramovement #avivamentojá". Já a figura 3, além dessas hashtags, também traz na sua legenda a hashtag #lestburnforJesus. Essa busca pelo avivamento foi sendo um elemento importante para a criação da identidade visual do Céu na Terra nas redes sociais, com o uso de *emojis*⁶² de fogo e dessas *hashtags*⁶³ que passaram a fazer parte de todas as publicações no Instagram como estratégias de marketing. Tanto os *emojis*, quanto as *hashtags*, não são apenas imagens e escrita, mas uma linguagem própria da comunicação no meio digital, que servem para engajamento de um produto, de uma causa, de uma imagem, movimento etc.

⁶¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BUP3ji8hxf/>. Acesso: 21, mar. 2022.

⁶² "Emoji é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos *e (imagem)* e *moji (letra)*. Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas". Disponível em: [O que é Emoji, o seu significado e emojis para copiar 😊👍😘 - Significados.](#)

⁶³ "Hashtag é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste de uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, conhecido popularmente no Brasil por "jogo da velha" ou "quadrado". As hashtags são utilizadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, ou seja, cria uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado.". Disponível em: [Hashtag \(#\): o que significa e quais as #hashtags mais usadas - Significados.](#) Acesso: 24, mar. 2022.

Em torno das práticas do movimento, música, emoções e experiências religiosas foram sendo tecidas no entrecruzamento de ambientes urbano-eletrônicos, noção partir da qual o pesquisador Emerson Sena da Silveira (2017) pensou circuitos semelhantes da juventude católica carismática. Para este autor, na modernidade tardia, a religiosidade e a espiritualidade da juventude têm "entrando cada vez mais no âmbito da escolha, da emoção e da experimentação a partir dos indivíduos, por um lado, mas também, a partir dos coletivos nos quais esses indivíduos estão inseridos, mesmo que provisória e fragilmente (GIDDENS, 1991; 2002; HERVIEU-LÉGER, 2008)" (SILVEIRA, 2017, p. 168). De forma coletiva, os jovens que passaram a frequentar as reuniões do Céu na Terra começaram a viver experiências com o sagrado em um ambiente que, ao mesmo tempo, se tornava um lugar de sociabilidade, de amparo e de comunhão.

Nas fotos a seguir, que como já sinalizei, são fotos produzidas pelo próprio movimento e compartilhadas em suas redes sociais, é possível visualizar capturas desses momentos de emotividade e de comunhão em que os jovens estão se expressando, chorando, cantando e orando uns pelos outros. Como sinalizou Silveira (2017), trata-se de um coletivo em que estes jovens se inseriram provisoriamente, ou seja, o Céu na Terra não se constituiu como um meio em que a juventude precisava congrega e seguir regras, mas frequentar de forma livre para, de fato, *experimentar* o sagrado. Entretanto, não se pode esquecer que ali estava sendo pregado um determinado modo de vida, uma determinada conduta a ser seguida, com base nos princípios do evangelho. Por isso, considero que essa fluidez com que o movimento foi sendo construído, se constituiu como um método muito bem sucedido para seu crescimento, atraindo participantes e seguidores que muito possivelmente, não frequentariam outros meios mais rígidos.

Essas imagens se constituem não apenas como registros que arquivados construíram uma imagem para o movimento, mas também como uma espécie de *spoiler*⁶⁴ do que acontecia ali, naquela praça, nas noites de terça-feira. Ou seja, uma forma de divulgar e compartilhar, na cena pública digital, o que ali era vivenciado. Ao serem consumidos na rede social, esses e outros registros do Instagram passaram a ser amplamente curtidos e comentados, inclusive por aqueles que aparecem nas fotos.

⁶⁴ Resumidamente, um spoiler seria uma revelação antecipada de informações sobre um conteúdo, situação ou experiência que a pessoa ainda não tenha visto ou vivenciado particularmente.

Figura 4) Jovens orando em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁵

Figura 5) Jovens orando em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁶

⁶⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BKwXATHjhnb/>. Acesso: 21 mar. 2022.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BM5WwUGj9jK/>. Acesso: 21 mar, 2022.

Figura 6) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.

Figura 7) Jovem em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁷

⁶⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BQ5VFRqhI4J/>. Acesso: 21, mar. 2022.

Figura 8) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁸

Figura 9) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra (Líder de braços abertos).



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁶⁹

Nas legendas dessas fotos, no Instagram, a menção ao avivamento é uma constante, e de que o grupo tem orado por uma nova geração de avivalistas, pelo levante de uma multidão de filhos apaixonados por Deus, que clamam pelo seu reino manifestado sobre a terra. Que uma cultura de oração e intercessão têm se levantado na nação, e que o Céu na Terra luta por isso, faz parte disso. Que este movimento faz parte de uma geração de fogo, paixão e

⁶⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BWNPTnDBH6D/>. Acesso: 21 mar, 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYdSicEhTem/>. Acesso: 21 mar, 2022.

lágrimas por almas que precisam de ajuda, que precisam de salvação. Estes aspectos evidenciam os objetivos e a missão do movimento na rede social.

Entretanto, mais do que focar nas legendas dessas imagens, é necessário voltar o olhar para a sua visualidade. As imagens acima inseridas não são aqui entendidas como ilustração, mas como elementos que desempenham um papel muito importante no processo de institucionalização e publicização do movimento. O Instagram é um de seus principais veículos de comunicação, uma rede social cuja função é, especificamente, o compartilhamento de vídeos e fotos. O que representam essas imagens dispostas nas redes sociais do movimento? O que elas pretendem comunicar para quem é de dentro e para quem é de fora, ou seja, para quem toma conhecimento da sua existência e de suas práticas através dessas evidências imagéticas e visuais no âmbito digital? Em outras palavras, qual a função destas imagens? o que buscam transmitir? Para pensar essas questões, recorro ao debate teórico metodológico sobre a análise de imagens fotográficas.

As fotografias e imagens visuais foram inseridas na oficina de Clio a partir de renovações epistemológicas que questionaram a hegemonia do documento escrito ao longo do século XX. A ampliação de fontes históricas foi um ponto central da discussão de Marc Bloch, em seu clássico livro já citado anteriormente, *Apologia da história ou o ofício do historiador*, quando o historiador da primeira geração da escola dos Annales enfatizou que "o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, ali está a sua caça" (BLOCH, 2001, p. 20). Com isso, Bloch apontou que qualquer vestígio humano pode ser considerado fonte para a pesquisa histórica, ou seja, tudo aquilo que é fruto da ação humana, todo e qualquer fragmento e rastro de experiência humana no tempo. Esse entendimento abriu um vasto leque de novas possibilidades que vão muito além do documento escrito. Nesse sentido, de acordo com Santiago Junior (2019), temas como magia, religião, religiosidade, família, infância e morte passaram a ser explorados através de imagens visuais, sobretudo a partir da terceira geração dos Annales e da consolidação da Nova História Cultural, a partir da década de 1960. Desde então, as imagens, de modo geral, passaram a ter uma importância na seara historiográfica como forma legítima de evidência da história (BURKE, 2017).

Conforme o historiador Peter Burke (2017), a incorporação das imagens no trabalho historiográfico parte da noção de que toda imagem conta uma história e busca transmitir uma mensagem, de modo que as imagens podem testemunhar aquilo que não poderia ser registrado em palavras. O autor salienta, também, que as imagens desempenham um papel

importante em muitas religiões, na medida em que atuam como criadoras da experiência com o sagrado, um traço que é possível perceber nas imagens inseridas acima, produzidas e publicadas pelo Movimento Céu na Terra em seu Instagram. São imagens que transmitem emoções, sensibilidades, expressões faciais e corporais, práticas de oração e de louvores, ou seja, aspectos de experiências subjetivas tecidas com o sagrado.

Em relação a veracidade dos acontecimentos que elas retratam, penso, como sugere a historiadora Ana Maria Mauad, que "num determinado momento um certo aquilo existiu diante da objetiva fotográfica, diante do olhar do fotógrafo, e isto é impossível negar" (MAUAD, 1996, p. 15). Mas a fotografia não deve ser compreendida, historicamente, como uma cópia fiel da realidade que ela busca retratar e registrar. Peter Burke (2017), ao se apropriar da noção de "efeito de realidade" do crítico Roland Barthes, problematizou a ideia de que a fotografia seria um registro imparcial ao ser elaborada por meio de uma operação técnica, em que a ação humana se restringiria somente ao *clic*. O historiador pondera que as fotografias, embora sejam evidências concretas, não constituem um registro fidedigno da realidade, são imagens cuja materialidade resulta de um processo de elaboração intencional da imagem. Nesse sentido, o efeito de realidade não retrata a realidade, sendo ele mesmo uma elaboração e não a simples captura de um momento, de um objeto, de um sujeito. As fotografias, dessa forma, carregam um efeito, que é resultado de um olhar do fotógrafo e da mensagem que elas buscam compartilhar.

Assim, conforme Mauad (1966, p.4), se faz necessário "considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz 'clic'. Aquele que fotografa, analisa o que merece ou não ser registrado, ou seja, faz um enquadramento fotográfico julgando que determinado momento ou gesto seja importante ou não de ser capturado. Nesse processo, muitos momentos ficam de fora para que outros sejam privilegiados. Portanto, na interpretação de Burke (2017), toda fotografia deve ser compreendida como um produto construído historicamente, que carrega as intenções dos sujeitos, grupos e instituições que a produzem, pois, é em função dos objetivos do meio de onde a imagem é oriunda que seu papel vai ser desempenhado.

Com base nessa interpretação, compreendo que as fotos do Movimento Céu na Terra acima inseridas, assim como os demais registros fotográficos que serão utilizados ao longo deste trabalho e todos aqueles que não aparecerão aqui, mas compõem suas redes sociais, não são meros registros da realidade. Elas intencionam contar uma determinada narrativa e

projetar uma determinada imagem visual do movimento. Nessa interpretação, essas fotografias não contemplam a realidade, mas são o resultado de uma seleção, são imagens que foram capturadas de uma determinada forma e não de outra. Desse modo, conforme também aponta a historiadora Ana Maria Mauad, "a fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido" (MAUAD, 1996, p.3).

Minhas escolhas foram conduzidas pelas composições destas imagens. Burke (2017) chama a atenção para uma leitura imagética que preste atenção nos detalhes das fotografias. Com base nesse olhar cuidadoso, nota-se que as fotografias acima inseridas são imagens em que os sujeitos fotografados não estão fazendo poses, mas são registrados em momentos espontâneos, ou seja, nenhum deles está olhando para a câmera. Eles são capturados de forma que suas expressões possam revelar a forma como estão envolvidos naquele momento, naquela prática, naquela experiência. Quem as tira, busca focar nas lágrimas, no sorriso, nas mãos levantadas, nas atitudes, nas expressividades e sensibilidades individuais e coletivas, ou seja, em elementos figurativos, emotivos e sentimentais. São imagens que buscam registrar um aspecto de liberdade, espontaneidade e participação, visando capturar a intensidade com que essas experiências estão sendo vividas, e como elas envolvem os jovens que ali estão presentes. Diante disso, o foco e o enquadramento desses registros buscam privilegiar tais elementos num objetivo de produzir um efeito simbólico para essas fotos, ou seja, "miram no esquadramento dos elementos figurativos no espaço da representação com recursos visuais para criar o efeito de profundidade" (MAUAD, 2014, p. 123).

Para a historiadora Ana Maria Mauad, que analisa a produção de fotografias na perspectiva dos sujeitos sociais, das suas práticas de registro e das experiências de ver e compor narrativas visuais, as imagens nascem "da prática social de representar e simbolizar, pois nascem dos corpos que se projetam na imagem e das imagens que se animam nos corpos" (MAUAD, 2014, p.115). A fotografia busca capturar acontecimentos e momentos singulares e inéditos que ficam registrados como imagem, ou seja, as fotografias são a materialização de experiências individuais e coletivas que depois de registradas não mais existem, mas permanecem estáticas na superfície fotográfica para o futuro (MAUAD, 2014), o que faz das fotografias um arquivo de memória. As fotografias têm a capacidade de condensar, assim, o tempo vivido, "as sensibilidades e os sentimentos que envolvem a expressão visual da experiência coletiva com alguns acontecimentos" (MAUAD, 2014,

p.107). Semelhantemente, conforme aponta Santiago Junior (2019, p. 422), "a presença-imagem ativa uma potência temporal e afetiva que evidencia, ainda, a memória que as imagens acionam". Nessa interpretação, as fotografias são registros através dos quais se consolidam identidades sociais, pois elas possuem uma biografia, materializam trajetórias. Por isso, para Mauad (2014), não há uma história por detrás das imagens, mas sim imagens que constroem uma história, uma narrativa, uma imagem visual.

As fotografias do Céu na Terra buscam, assim, contar uma história em forma de imagem visual, é um mundo de práticas e experiências que são projetadas em imagens. E essa imagem é construída não apenas pelas fotografias, mas também pelos vídeos, ou seja, é uma história contada através da construção da visualidade pública do movimento. Se torna importante, portanto, pensar na vida social dessas imagens, como sublinha Mauad (2014), pois elas circulam nessas redes sociais e ali o movimento passa a existir visualmente, elas materializam rituais no espaço público, registram corpos e práticas que formam um lugar público. Ao mesmo tempo, essa visualidade é a forma com que o movimento vai ganhando adesão e popularização, pois essas imagens são consumidas pelos seguidores do movimento no espaço público digital. Nessa interpretação, conforme Uipiano Bezerra Menezes (2003), a visualidade ganha forma através dos meios em que ela é compartilhada, ou seja, pelos meios em que as imagens são aderidas. Mauad (2014), semelhantemente, vai dizer que a materialização da visualidade é parte integrante da construção de seu significado.

Desse modo, na medida em que ganham forma visual no espaço público, as fotografias do movimento atuam em um duplo sentido: como forma de inserção do movimento na cena pública e como método que atende aos interesses do Céu na Terra. Assim, a preocupação desta pesquisa em pensar a presença deste movimento no espaço público, entende que essas fotografias são imagens públicas "não somente por ser a fotografia publicada, mas aquela que se refere ao espaço público como tema e que tem no espaço público o seu lugar de referência" (MAUAD, 2013, p. 19). De igual modo, porque a noção de fotografia pública "refere-se à produção de imagens fotográficas associadas ao registro de eventos sociais, por agentes históricos – os fotógrafos e fotógrafas – cuja prática de fotografar pode se realizar de forma independente ou associada a algum vínculo institucional" (MAUAD, 2013, p. 19).

Nesse caso, essas fotos estão diretamente associadas ao próprio processo de visibilidade e institucionalização do Céu na Terra como um movimento na cena pública, que se preocupa em fotografar suas reuniões e cuja prática fotográfica faz parte do conjunto de

técnicas e procedimentos incorporados em seu processo de institucionalização. Estas fotos publicadas propiciaram que aqueles que não participam do movimento passassem o conhecer, seja quem reside em Brasília ou quem é de fora. Para quem participava e participa, se enxergar nesses registros despertou um sentimento de pertencimento. Esse aspecto fica visível nos comentários das fotos acima inseridas, por exemplo, no Instagram, nas quais alguns dos jovens fotografados, já seguidores do movimento na rede social, se reconhecem nessas imagens ou são marcados com seus perfis por outros amigos.

Conforme já apontei anteriormente, a incorporação das redes sociais não apenas significou um método de organização e institucionalização do Céu na Terra, mas também um veículo a partir do qual o movimento foi construindo uma legitimação carismática através do compartilhamento do que acontecia nas reuniões. Nesse processo, a gravação e a publicação de depoimentos, em forma de vídeos, foram importantes. O conteúdo a seguir é a transcrição que fiz de um desses vídeos, em que alguns participantes dão seus *feedbacks* sobre o movimento. Cada frase, entre parênteses, é o depoimento de um participante diferente:

"Céu na Terra é a glória de Deus aqui pertinho". "Céu na Terra é um movimento irado! Bora colar". "Céu na Terra é top, meu irmão. Pipoco. Avivamento". "Céu na terra é benção.". "Cara, Céu na Terra é avivamento Genuíno". "Céu na Terra é o verdadeiro avivamento. Mudança de mente radical". "Gente, o Céu na Terra é tudo de melhor. Venham jovens, venham vocês que querem conhecer um pouco mais de Jesus. De conhecer uma geração sarada. Uma geração boa de caminhar. Venham pra cá. Céu na Terra, toda terça-feira, às 19h30min, na Praça do Elefante, em Águas Claras, esperamos por vocês".⁷⁰

Após a postagem do vídeo no perfil do Instagram do movimento, alguns seguidores também compartilharam o impacto do movimento em suas vidas a partir de comentários:

@lauraraujol : "Céu na terra, lugar de encontro com Deus!" @marianamelgares : "Céu na terra é avivamento!! Top dms! ❤️" @_marra : "Lucas 17:21 - "...Porque o reino de Deus está dentro de vós"... Céu na terra são pessoas/jovens evidenciando VERDADEIRAMENTE o reino que está dentro deles." @clarsmendes : Céu na terra é um lugar que relacionamentos com Deus se iniciam e se reconstroem!!!! É um caminho, uma verdade, uma vida pra as pessoas conhecerem o caminho, a verdade e a vida: Jesus Cristo 🙏🏻." @anacfmarrinho : "MT AMOR POR ESSE MOVIMENTO ❤️👊." @vila_rn : "Céu na terra é amor, é o verdadeiro evangelho sendo propagado!" @isabellasoaresv : "Céu na terra é o caminho pra verdadeira felicidade, onde abrimos nosso coração para o Espírito Santo 🙌" @rafhaaela : "Céu na Terra é a expressão e o cuidado do amor de Deus pelos jovens dessa geração. É Deus levantando jovens para alcançar seus irmãos, filhos de Deus!" @emanuelvieiraz: "Céu na terra é o lugar de decisão, avivamento ❤️."

⁷⁰Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BG4nIVpuPDF/>. Acesso: 22 mar. 2022.

@maikom.jhonson: "Céu na terra são jovens, com a cultura do Reino levando Cristo a sociedade." @taciocordeiro : "Céu na Terra é o caráter de Cristo em nós."⁷¹

Tais evidências são relatos digitais, impressões de uma realidade vivida. São o compartilhamento de experiências que esses jovens viveram naquela praça, em sua relação com o sagrado. Desse modo, por trás de cada "@" existe um sujeito que fala, na composição de cada imagem, de cada símbolo virtual, existem sujeitos históricos que tiveram suas vidas marcadas por uma experiência religiosa e espiritual. Segundo consta nas fontes, estes foram encontros permeados por comunhão e adoração nos quais muitos jovens aceitaram Jesus como seu salvador e foram curados de dores físicas, traumas psicológicos e outras questões e problemas pessoais, no entendimento e fé de que, o evangelho tem poder libertador. A manifestação do sagrado, conceituada como hierofania, conforme Mircea Eliade (1992), passou a ser, desse modo, evidenciada subjetivamente a partir dessas curas e de outras experiências vividas por essa juventude nesse espaço. Os testemunhos se constituem, assim, como desdobramentos empíricos da legitimação e dominação carismática do movimento, pois como abordei anteriormente, com base em Weber (1982), o carisma é legitimado através de provas concretas, são essas provas que sinalizam a efetivação de uma missão designada por Deus para um sujeito, um grupo, um movimento. Os testemunhos a seguir retratam este aspecto:

Sou católica e há 4 meses comecei a ir nas reuniões do Céu na Terra. Sempre vi alguns vídeos de cura física por orações na internet, porém nunca acreditei, principalmente porque na minha igreja não tem algo assim. Nunca acreditei que "qualquer" pessoa poderia curar alguém em nome de Jesus, isso é grandioso e sobrenatural demais! E um dos maiores espantos que tive foi chegar no Céu na Terra e vê que havia um momento que oravam por cura e as pessoas saíam curadas. Sempre fui pé atrás com isso, sem perceber que a cada reunião eu era curada também, não fisicamente, mas espiritualmente... Quando comecei a ir nas reuniões eu sentia muita dor na lombar, dor sem explicação, fui ao médico que me indicou alguns remédios que diminuía a dor, porém a dor sempre voltava; tinha reunião que eu pouco conseguia ficar sentada, e muito menos em pé, de tanta dor! Agora me pergunta se eu tinha coragem de ir lá na frente para orarem por mim? Não ia porque eu tinha MEDO, não sabia como seria, como me comportaria, porque me sentia despreparada e fraca demais para algo tão sobrenatural. No dia 13 de dezembro eu cheguei na reunião arrastada, tive um dos piores ataques de dor e não tinha força para ficar em pé, no final da reunião pedi para que uma amiga me ajudasse a chegar no pessoal da interseção, que teve que me segurar para que não caísse, eles oravam por cura e eu sentia a dor cada vez mais longe, como se ela estivesse sendo retirada, retirada de uma forma que eu sentia ela cada vez em pontos menores da minha lombar. Nesse dia eu, que nunca acreditei em cura através de oração, sai de lá aos prantos por ter sido curada fisicamente e até hoje, nunca mais senti dor parecida. 7 dias depois que tudo isso aconteceu me deparei com uma situação pessoal e

⁷¹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BG4nIVpuPDF/>. Acesso: 25 mar, 2022.

desesperadora, não sabia como seria, como me comportaria, porque me sentia despreparada e fraca demais para algo tão sobrenatural, mas eu me coloquei de joelho para orar por cura, e aconteceu! A pessoa realmente foi curada e eu pude ver com os meus próprios olhos. Eu precisei passar, que acontecesse comigo, para acreditar, mas e você? Por: Gabriela Moura⁷²

Este primeiro testemunho trata sobre uma experiência com cura física, e sobre um processo de crença que foi desenvolvido a partir da participação de Gabriela nas reuniões do movimento. Esse relato pessoal, que foi autorizado para ser postado no Instagram do Céu na Terra, busca construir um incentivo para que outros jovens incrédulos possam consumir e experimentar dessa experiência para que construam suas próprias histórias e experiências de fé. Já o testemunho abaixo, de outro participante, constrói uma narrativa na qual o Céu na Terra passou a ser um lugar de abrigo, que foge aos padrões de lugares religiosos "tradicionais", e no qual há uma liberdade para que todo o tipo de gente possa se achegar. Essa narrativa ressalta a importância de o movimento ocorrer no espaço público e não em quatro paredes, como no caso das igrejas:

"A grande realidade é que há muitos lugares em que muita gente não se enquadra, então a necessidade de algo como o céu na terra Movement! Essa é a dura realidade pelo fato da nossa espiritualidade ser ainda tão baixa!!! Ainda temos os que supostamente aparentam ser mais doentes e necessitados que a gente!!! Igual o casal de mendigo que correu de uma igreja com os constantes olhares de reprovação. Jesus pregava a céu aberto, logo não havia barreiras para um viciado se achegar ouvir o que era dito e de repente bummm, é alcançado pelo evangelho. Isso é impossível entre as quatro paredes! Acredito que ainda não alcançamos certos grupos, certas tribos por não serem pário a estrutura do templo. Templo é um lugar de família, gente chique, sofisticada, sem pecado, bem arrumada, sem defeito, sem mácula. Querendo ou não, essa é a realidade na mente deles e por culpa nossa também!!!! A compaixão não faz parte deste século! Eu louvo a Deus pelo céu na terra Movement porque ali não existe impedimento, ou barreira alguma. e se achega gente de toda espécie. A transformação cabe a Deus e não ao homem e é ali onde muitas vezes os templos cometem o seu maior erro. O papel de transformar um bode numa ovelha não é nosso e é sobrenatural. Se eu chego todo arrebatado num templo, cara, não têm como, você será inforcado pelos olhares! Você não consegue ficar aí! Pastores estão prontos mas o problema é o rebanho!!! Essa é a razão do porque o Reino de Deus não pode se expandir dentro das quatro paredes!!! Então aqui vai os meus agradecimentos a Deus por tal feito. Só eu sei o que tenho visto e sou grato a Deus por isso!!! Penso que também sou filho de Deus e possuo discernimento. Meu testemunho é válido para mim ainda que não aceitem tamanha realidade!!! Por: Afonso Daniel.⁷³

Esse testemunho é interessante no sentido de que ele parece afirmar que a experiência desse jovem, aponta que as reuniões do Céu na Terra constituem um ambiente que parece

⁷² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BOx5QNCD7GV/>. Acesso: 04 set. 2022.

⁷³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BO-IC1ZDtpL/>. Acesso: 11 out. 2022.

quebrar determinadas barreiras de diferenças. Por acontecer no espaço público, o movimento consegue alcançar um público que muito provavelmente não seria alcançado caso ele acontecesse em um lugar fechado. Esse testemunho aponta, nas entrelinhas, uma crítica ao método das igrejas, sobretudo pelo julgo que muitas comunidades fazem para pessoas que chegam em seus templos, um julgo que muito provavelmente esse jovem presenciou ou sofreu de forma particular. Ele se sentiu acolhido no ambiente do movimento, e sua narrativa reforça a identidade e a importância do Céu na Terra como um movimento evangelístico público. Mas o testemunho aponta, principalmente, a necessidade de o evangelho ser expandido para que ele cumpra a sua verdadeira função junto à sociedade.

O terceiro testemunho é de uma participante que já frequentava uma igreja, que vinha de uma família religiosa, mas estava afastada de sua religiosidade. Essa jovem relata ter tido sua fé renovada a partir das reuniões do Céu na Terra, contando que as conheceu através do incentivo de um amigo que já participava dos encontros, e também por ter tido contato com outros testemunhos, o que demonstra o impacto e o modo como estes testemunhos compartilhados e, principalmente, da forma como são compartilhados, tem o poder de atrair pessoas:

Fazem oito anos que frequento a igreja, mas esse ano minha fé estava muito abalada, eu estava indo pra igreja só ir, não estava mais sentindo aquela alegria de verdade, por conta de várias coisas que aconteceram comigo em 2015. Eu precisa liberar perdão pra algumas pessoas, eu já não orava, não lia a Bíblia, minha vida espiritual estava um caos. Quando, um amigo bem distante que eu não via tinha bastante do nada retornou a minha vida, nesse tempo estava em uma das primeiras reuniões do Céu na Terra, tinha bastante pessoas já, e quando eu comecei a ver aquilo meu coração palpitou. Então falei com ele, e ele disse que queria conversar comigo sobre isso, só que nunca dava. Então um dia deu, e fui na casa dele, foi no final de maio, ele conversou comigo, me mostrou o céu na terra, me mostrou o testemunhos de umas pessoas é aquilo mudou minha vida. Uma semana depois, eu fui em uma das reuniões, foi no dia 08/06/2016, eu nunca esqueci das mensagens que a Ana, Clara e a Nathalia deram, Deus falou demais comigo, a partir daí minha vida espiritual mudou pra melhor. Não continuei indo porque morava bem longe e não tinha ninguém pra ir, aí foi depois que eu chamei meu irmão, e ele se reconciliou e nunca mais perdemos uma reunião. Inclusive o testemunho dele tá aqui. - Natany Sousa (Nina).⁷⁴

O próximo testemunho trata de uma aproximação com o sagrado a partir das experiências promovidas pelo Céu na Terra, e também aponta um sentimento de não pertencimento ao "modelo igreja" e a algumas doutrinas mais rígidas. Esse jovem, que se encontrava "desviado dos caminhos de Deus", começou a tecer uma relação mais íntima com

⁷⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BO3MaluD_pe/. Acesso: 01 out. 2022.

o sagrado quando ainda nas reuniões do metrô, o impacto e a concretude do movimento já mostravam sinais. Esse testemunho narra um processo de libertação e aponta o próprio carisma de João Paulo, o líder do movimento, e como já naquele início, um poder de convencimento ia sendo construído em torno do seu objetivo:

Bom, meu nome é Fernando Sestello, eu frequentava as festas do mundo, era iludido como muitos de que eu era feliz, usava e vendia droga, fazia parte de uma igreja de outra religião mas não me adaptava muito bem a ela, não concordava com algumas doutrinas, mas minha mãe com a força de Deus nunca desistiu de mim, orou e jejuou 3 ano pela minha vida, mas não sabia ela que isso fazia parte de um plano maior, comecei no mundo com 13 anos, já tava bastante envolvido, mas Deus é bom e o cerco foi se fechando até eu não ter pra onde correr, então no final de 2015 conheci o João Paulo, na época não tinha CNT, era uma célula na estação, e em um dia incomum Deus me tomou de um jeito sobrenatural, de tal forma que o efeito das drogas passou na mesma hora, desde então Ele tem feito a obra dele na minha vida, não citei muitos detalhes por que tudo que eu falasse iria ser pouco pra expressar minha gratidão, e não seria 1/3 do que Ele fez e ainda vai fazer! Convido a todos pra conhecer a verdadeira vida e então passar a viver!⁷⁵

O próximo testemunho também ressalta esse poder carismático do movimento, enfatizando a experiência catártica com o Espírito Santo, corroborando para a construção de uma imagem pentecostal:

Bom comecei a frequentar as reuniões Céu na Terra não tem muito tempo, tem acho que 4 ou 5 semanas, mas todas as vezes que eu fui para as reuniões fui realmente IMPACTADO pelo poder do Espírito Santo, a presença de Jesus naquele lugar é maravilhosa, é realmente você estar vivendo o CÉU NA TERRA , não tem como ninguém não sentir nada .. a reunião do dia 13/12 veio com tudo na minha vida, eu escutei tudo o que eu precisava escutar. Ne um domingo antes da reunião de terça, eu estava com um vazio enorme dentro de mim, estava pensando até em desistir de tudo sabe, parece que quanto eu mais buscava a Deus mais eu não conseguia o sentir, parecia que ele não queria me ouvir, quando terminava de orar vinha a dúvida se Deus me escutou ou não, então com essa brecha que eu abri satanás aproveitou para colocar mentiras na minha mente, e o pior é que eu acreditava começava então a pensar: "Será mesmo que Deus estar me ouvindo?! porque eu não consigo mais o sentir?!" parece que ele não queria mais saber de mim, porém é como o João falou naquela reunião: "Deus não se afasta de você é você que se afasta de Deus". Acredito que eu estava morto espiritualmente, por isso quanto mais eu queria Deus mais eu não conseguia quebrantar meu coração na presença dele, parece que tinha algo ali prendendo a minha adoração, quanto mais eu queria ler a palavra dele mais desinteressado eu ficava, menos fome eu tinha. Mas quando chegou na terça feira, dia de Céu na Terra, fui pra reunião, quando cheguei lá que orei a Deus sobre o que estava acontecendo comigo então comecei a voltar a queimar, comecei a conseguir quebrantar meu coração na presença dele de novo. Na hora que o João falou se tinha alguém com alguma dor emocional, dor física.. que levantasse as mãos que o grupo de intercessão estaria intercedendo, então levantei as mãos quando alguém veio e começou a orar por mim, comecei a queimar, o Espírito Santo invadiu o meu ser naquela hora e ali estava pedindo a ele pra mim ser cheio do amor dele novamente,

⁷⁵Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BPIReNsDZca/> Acesso: 11 out. 2021.

então comecei a ser CHEIOOOOO DO ESPÍRITO SANTO. Isso foi uma experiência muito grande que tive com Deus. Por: Pedro Henrique⁷⁶

Por fim, o último testemunho, de uma jovem que tinha uma base familiar religiosa e se envolveu com drogas, retrata que ela até pensou em tirar a própria vida. O Céu na Terra foi por ela conhecido através do compartilhamento dos encontros na rede social, por uma amiga, e chamaram bastante a sua atenção para começar a frequentá-las. Novamente, essa experiência reforça um poder de libertação, de transformação. É justamente com esse intuito que estes testemunhos passaram a ser incorporados, para que outros jovens também pudessem conhecer o movimento. Para que aqueles que já tiveram suas vidas marcadas pela experiência ali vivida, pudessem compartilhar o que ocorre naquele lugar, com aquelas pessoas:

Testemunho - por: @_giullia|| Sempre fui uma pessoa de família temente a Deus, familiares evangélicos, espíritas e católicos. Com o passar dos anos eu fui "deixando pra lá", afinal, não acreditava muito em Deus. Em 2014 saí da casa dos meus pais em Goiás e vim morar em Brasília. Conheci inúmeras festas, e a partir daí entrei no mundo das drogas. Comecei bebendo, depois a fumar maconha e usar drogas sintéticas, por último a cocaína, que quase destruiu a minha vida e a vida da minha família. Foram 3 anos vivendo isso intensamente, quando no meio disso tudo conheci o meu esposo, em 2015, que também usava e vendia drogas. Vi diversos amigos sendo presos por tráfico de drogas, inclusive meu esposo e foi quando meu mundo caiu! Inúmeras vezes me perguntava onde estava Deus, que deixou isso acontecer com as nossas vidas. Voltei pras drogas, só que dessa vez foi muito pior. A escuridão dos meus dias dentro de casa sozinha, eu deixei o inimigo me abraçar e tomar conta de mim. Eu não via mais graça em nada, não tinha vontade de ir pra faculdade, não sentia mais carinho pelos meus pais. Pensei em me suicidar por 2 vezes e simplesmente "me livrar" dos meus tormentos da forma mais egoísta de todas. Há mais ou menos um mês, eu vi uma amiga postando no instagram sobre como ela estava feliz indo as reuniões do Céu na Terra, me interessei e quis ir. Não sei explicar, mas algo me chamava e eu PRECISAVA SENTIR isso também. Na 1ª vez que fui não tive dúvidas de que meu lugar era nos braços do Senhor. Toda a graça que eu não via mais nas coisas, consegui reencontrar ali. Todo o vazio que tomava conta de mim se foi e aquela tristeza hoje não existe mais. Sou grata do fundo do meu coração a todo o pessoal do CNT, vocês são muito abençoados. Hoje entendo que Deus só me deu esse fardo porque eu conseguiria carregá-lo para vencer e exaltar o nome Dele por onde fosse. É em lágrimas de alívio e felicidade que conto meu testemunho. Mesmo suja com os vícios desse mundo Deus jamais desistiu de mim e me deu a chance de escrever uma nova história. Hoje me encontrei, sou uma pessoa feliz e não tenho vergonha do que passei, pois foi isso que me trouxe até aqui! Obrigada.⁷⁷

Em relação a esses testemunhos, como historiadora, não tenho nenhuma pretensão de colocar em questão as experiências desses sujeitos, denotando a elas um estatuto de verdade ou mentira. Aliás, como bem frisou a historiadora Karina Kosicki Bellotti, como

⁷⁶Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BOze3SbD7zB/>. Acesso: 11 out. 2021.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXGtWZgB26C/>. Acesso: 12 out. 2022.

historiadores/as das religiões, precisamos "ter em mente o ensinamento de Durkheim de que todas as religiões são verdadeiras porque cada uma produz a sua verdade" (BELLOTTI, 2011, p. 41), e o mesmo vale, certamente, para as experiências religiosas, pois elas são verdadeiras para quem as viveu, elas têm valor simbólico para esses jovens.

Com base em Durkheim (2011) e, portanto, seguindo em uma perspectiva interdisciplinar na interpretação do fenômeno religioso, este estudo repousa sobre o postulado de que as experiências religiosas, assim como as práticas e atitudes de fé dos crentes de todos os tempos, não devem ser tomadas como ilusórias ou irracionais, mas que estas possuem valor demonstrativo porque operam na e sobre a sociedade. Desse modo, Durkheim aponta que para descobrir em que consiste o objeto da sociologia da religião, se faz necessário substituir uma representação sensível do mundo religioso por uma representação científica e conceitual que seja capaz de compreender as forças religiosas enquanto forças humanas que ganham projeção socialmente, haja vista que para Durkheim (2011, p. 146), "a ideia de sociedade é a alma da religião". Dessa forma, os testemunhos acima são relatos de experiências vividas em torno do Céu na Terra, que não é apenas um movimento religioso, mas que se desdobra socialmente. Ou seja, que têm um impacto social, mobilizando jovens que tem suas vidas marcadas por uma experiência religiosa e mobilizando, também, os espaços sociais em que essas experiências se projetam e se dimensionam. Nesse sentido, parto da interpretação tal qual feita por Gabatz e Zeferino (2017, p. 340), que ao refletirem sobre a religião a partir dos ensinamentos de Durkheim, apontam que a religião seria

um produto social criado por indivíduos que agem e pensam de forma coletiva, interagindo e estabelecendo condições para que a vida em conjunto continue a existir. É por isso que a religião é capaz de retratar a vida pressupondo a compreensão do fenômeno religioso a partir de suas múltiplas manifestações em suas inúmeras formas de vivência coletiva.

Tal interpretação sugere que o fenômeno religioso é, também um fenômeno social, e é com base nesse caminho teórico que compreendo o Movimento Céu na Terra. O historiador Sérgio da Mata (2010), ao tratar acerca dos desafios teórico metodológicos da história das religiões, destaca que não estamos diante da tarefa de tentar explicar aquilo que é inexplicável, ou, em outras palavras, o que se coloca como espiritualmente sobrenatural. Tampouco podemos, em nossas análises, esquecermos dos princípios básicos e éticos da história das religiões, que consistem em um esforço sempre constante de não construir análises com base em juízos de valor ou fé. Mais uma vez vem o ensinamento de Bloch

(2001), de que nosso papel não é o de julgar, e sim compreender. Assim, afastados de intenções apologéticas e pretensiosamente desmistificadoras, devemos nos inserir na prática da moderna história das religiões, uma modalidade historiográfica que "quer - o que já é um desafio suficientemente grande – compreender e explicar geneticamente a religião e suas relações com a cultura e a sociedade" (DA MATA, 2010, p. 17). Para tanto, se faz necessário

reconhecer no fenômeno religioso aquilo que efetivamente ele é: uma força capaz de gerar efeitos sociais e concretos, de regular com maior ou menor êxito uma conduta de vida, de moldar com maior ou menos sucesso algumas estruturas de pensamento por meio das quais aprendemos e nos relacionamos com o mundo. Pois se há uma coisa que as religiões demonstram, desde sempre (algo que o marxismo dogmático nunca pôde admitir), é a efetividade histórico-social das ideias (DA MATTA, 201, p. 21-22).

É nesse viés que o Movimento Céu na terra é aqui compreendido, levando em conta o conteúdo dos testemunhos analisados acima. O movimento ganhou efetividade como força religiosa que gerou efeitos sociais concretos, a começar pela própria reconfiguração do espaço urbano para fins religiosos, um ambiente que começou a se transformar em um espaço de poder, simbólico e religioso. O movimento demarcou lugares, a estação de metrô, a Praça do Elefante, o próprio ambiente virtual, e foi assim que ele se constituiu como um fenômeno na cena pública. Os relatos acima, em forma de testemunhos, de igual modo, demonstram como essa força religiosa foi capaz de transformar condutas de vida, a modificar o pensamento destes jovens e a sua forma de estar no mundo, de dar novos significados ao mundo e a sua existência. Tais elementos apontam, portanto, o impacto social do Céu na Terra.

A historiadora Caroline Jaques Cubas (2021), ao refletir sobre a análise dos fenômenos religiosos, sublinha que elementos de ordem metafísica são questões cuja existência e veracidade é indubitável para aqueles e aquelas que nelas creem. Entretanto, o metafísico não constitui, em si, o objeto de uma história das religiões. A historiadora sublinha que nosso interesse está na ação humana, nos sujeitos que tem suas experiências de caráter metafísicos, como consta nos testemunhos analisados anteriormente. Ou seja, como sublinha a historiadora, nosso acesso aos fenômenos e as experiências religiosas se dá, exclusivamente, através das fontes (CUBAS, 2021), dos relatos e dos vestígios daqueles que tecem com o religioso suas experiências. Afinal de contas, as fontes são a matéria prima sem as quais história nenhuma é possível. Desse modo, Cubas (2021) estabelece um diálogo com Michel de Certeau, que a partir do questionamento "o que é religioso", colocou o problema

da relação entre o sentido vivido e o fato observado no processo de interpretação e escrita da história. Com base em tais pressupostos, sua interpretação consiste em apontar que:

Assim como não podemos nos contentar em descrever um fato atribuindo a ele uma significação “externa”, nos diz Certeau, não podemos, igualmente, aceitar como incognoscível uma significação, apenas por esta advir de uma expressão à qual não temos acesso. É preciso, assim, atentar à relação entre um fato religioso e sua significação, assumindo que ela (a significação) lhe atribui sentido ainda que não possa ser acessada da mesma forma que ele (o fato) (CERTEAU, 2002, p. 145) (CUBAS, 2021, p.4).

Estas experiências (os testemunhos) são interpretadas, dessa forma, através das atribuições de sentido que a elas foram dadas pelos sujeitos que as viveram, e também pelo seu compartilhamento como um processo em que o simbólico é produzido, como abordei anteriormente. Não tenho acesso aos fatos (as curas, as experiências relatadas por João Paulo com visões, as libertações, o "queimar no espírito", relatado em um dos testemunhos, etc). Tenho somente os relatos sobre estes fatos, relatos que por serem construídos posteriormente ao fato, já são por si só moldados, e o que faço é analisar a maneira como estes fatos foram revestidos de significados. Sendo eles verdadeiros ou não, todos estes registros deram forma a um movimento, este que analiso, e é nisso que reside meu interesse.

É importante pontuar, de igual modo, que tais experiências se constituem através de relações de poder, pois a religião e suas verdades são, por si só, uma forma de coerção social, que aponta determinadas verdades religiosas, e ao fazerem isso, excluem uma série de outras possibilidades. A começar pela afirmação de que Jesus é o caminho, a verdade e a vida, um ensinamento constante dessas reuniões, que precisa ser entendido com base em um regime de verdade, pois, os discursos e as pregações que constam no canal do YouTube e no perfil do Instagram do movimento se pautam na verdade bíblica e em sua leitura literal. Um exemplo disso é o texto a seguir, de uma postagem do Instagram:

“Porque no Evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: o justo viverá pela fé”. Romanos 1:17. A Reforma Protestante lembrou o mundo que a Bíblia é a Palavra de Deus e que Ele é soberano sobre qualquer coisa. Hoje, vivemos os frutos de reformadores que entenderam que a **Verdade está acima de todas as coisas**. Martinho Lutero, John Knox, Calvino, Wycliff e outros participaram da construção de um caminho que hoje trilhamos. Que possamos entender o que eles compreenderam: **somente as escrituras, somente a graça, somente a fé, somente Cristo e glória somente a Deus.**⁷⁸

⁷⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B4S_LaRJGhL/. Acesso: 06 out. 2022.

Os grifos são meus e apontam esse regime de verdade, assim como também é possível perceber em que outros passados e figuras esse movimento bebe para projetar-se no presente. Como abordei na discussão inicial desta dissertação, na qual minha preocupação foi a de delinear as relações temporais que perpassam a experiência do Céu na Terra, ou melhor dizendo, como as práticas do movimento dialogam com os tempos históricos, este grupo é "herdeiro" da Reforma Protestante e de outros movimentos que surgiram a partir dela, como o movimento pentecostal e os avivamentos que são oriundos do protestantismo histórico. O Céu na Terra pode até não ser uma igreja, tendo um formato específico que é próprio do espaço público, mas ele segue uma tradição religiosa e busca atualizá-la, a partir de novas moldagens e meios.

Em Michel Foucault, os discursos, ao expressarem a vontade de verdade, o fazem em torno do poder, haja vista que essa verdade se impõe como absoluta, ou seja, é uma verdade universalista e, por isso, excludente e absoluta. Os discursos de verdade são feitos por sujeitos preestabelecidos e em torno deles. Desse modo, nas palavras de Foucault:

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, "em torno da verdade" entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar”, mas o “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia”, mas em termos de “verdade/poder”. (FOUCAULT, 1979, p. 13).

Embora Foucault não tenha dedicado atenção específica aos fenômenos religiosos, os pressupostos teóricos acerca da análise dos discursos se tornam cabíveis para a interpretação de discursos religiosos, na medida em que estes impõem um estatuto de verdade/poder. Os discursos que são forjados em torno do Movimento Céu na Terra são compreendidos nessa lógica, pois, a bíblia é a verdade e somente a este Deus é que cabe o poder. Dessa forma, a religião e, nesse caso, os movimentos religiosos, podem ser compreendidos como dispositivos de poder, a partir dos quais os sujeitos são moldados e/ou constituídos através de processos de subjetivação e relações de poder. Esses sujeitos vivenciam experiências que produzem subjetividades. O poder religioso discursivo, a partir do estatuto da verdade, fabrica indivíduos, funciona através de uma lógica de coerção e ordenamento. Indivíduos que se convertem, que aceitam Jesus e que ao fazerem isso, precisam se enquadrar nos princípios

da verdade bíblica. E este poder é aqui compreendido de forma relacional, ele circula e se estabelece em rede:

[...] nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação: nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 1992, p. 183).

Portanto, em relação às experiências relatadas nos testemunhos, vale dizer que, por serem experiências que se forjam através dessa verdade instituída, são experiências que se produzem num jogo de subjetividades e relações de poder, que instituem sujeitos e, ao mesmo tempo, os moldam. Nesse sentido, conforme aponta Joan Scott (1999), a experiência não é apenas algo vivido pelo sujeito, mas é o meio pelo qual este sujeito se constitui e a partir da qual as identidades são construídas.

Aproveito esse gancho da malha de poder para tratar da construção de uma hierarquia de líderes em torno do Movimento Céu na Terra, e, a partir disso, a transformação para um tipo de dominação carismática, fundamental para a compreensão de seu processo de institucionalização.

1.4 O corpo de líderes, a inserção da lógica mercadológica e a dominação carismática

No início das reuniões na Praça do Elefante, uma mesa servia como púlpito para apoiar a bíblia⁷⁹, depois, um tambor de ferro passou a ser o púlpito, já com um adesivo do nome do movimento.⁸⁰ Inicialmente, de forma voluntária, alguns jovens que passaram a frequentar as reuniões levavam seus instrumentos musicais, como violão⁸¹ e cajón, que passaram então a ser utilizados para as práticas de adoração. Entretanto, aos poucos o aumento do público fez com que começasse a ocorrer uma organização interna com a criação de grupos destinados a recepção de novos participantes, intercessão, oração, louvor e pregações. Ainda no período (2016-2017), ao lado de João Paulo e Júlio Portella, começaram

⁷⁹Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 04. Set. 2021.

⁸⁰Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 12 out. 2021.

⁸¹Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 04 set. 2021.

a ocupar alguns cargos de liderança no movimento Clara Mendes⁸², Fernanda Amândio⁸³, Philipe Firmo⁸⁴, Amanda Vilar⁸⁵, Romeu Amâncio⁸⁶, Samuel Dourado⁸⁷, Daniel Marra⁸⁸, Lucas Cardoso⁸⁹, entre outros. Esses jovens passaram a atuar na linha de frente do movimento, desempenhando papéis específicos em uma divisão de tarefas que formou uma hierarquia de líderes. A maioria desses jovens atuam ainda hoje como lideranças do movimento.

A construção de uma hierarquia de líderes foi um aspecto central no ambíguo e paradoxal processo de institucionalização do Céu na Terra, pois, inicialmente, os discursos de João Paulo, o principal líder, frisavam que a intenção do movimento era formar uma família, cujo princípio seria a comunhão e a igualdade, e não um ministério. Mas o crescimento do movimento fomentou novas moldagens organizacionais. O próprio ministério de louvor, com o passar do tempo, começou a ganhar forma com a inserção de uma aparelhagem de som e depois veio ser o CNT *music*⁹⁰, uma banda que se tornou o principal braço musical do Movimento Céu na Terra. Hoje o grupo possui uma agenda, ministra nos eventos do Céu na Terra e viaja por todo o país ministrando em outras igrejas, tendo gravado músicas da própria

⁸² Perfil do instagram: [Clara Dias \(@clarsmendes\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 05 set. 2021. Clara Luiza Mendes se tornou uma das principais líderes do Movimento Céu na Terra, realizando várias pregações e atividades, atuando na linha de frente. Foi namorada de João Paulo dia e se casou com ele no dia 17 de julho de 2021. O casal é bastante conhecido no meio cristão, sobretudo entre a juventude evangélica, e atuam nas redes sociais possuindo milhares de seguidores. Sobre o casamento, ver: [João Paulo, líder do Céu na Terra Movement, se casa em cerimônia no DF \(portaldotrono.com\); CASAMENTO JOÃO PAULO E CLARA on Vimeo](#). Acesso: 05 set. 2021.

⁸³ Fernanda Amândio é pregadora cantora e influencer digital cristã. Atua na linha de frente do Movimento Céu na Terra. Seu perfil no instagram: [Fernanda Amandio \(@fernandaamandio\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 05. Set. 2021.

⁸⁴ Philipe é também influencer cristão nas redes sociais e integra a linha de frente do que posteriormente veio a ser o Céu na Terra Music, banda oficial do movimento. Seu perfil no instagram é: [PH \(@philipefirmo\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 05 set. 2021.

⁸⁵ Fernanda Vilar atua na banda Céu na terra Music e em outro braço musical do Movimento Céu na Terra, o 1031 *music*, que surgiu com o tempo. Seu perfil no instagram: [Amanda Vilar \(@vilaar_a\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 05 set. 2021.

⁸⁶ Romeu Amâncio é teólogo e o responsável pelo setor administrativo do Movimento Céu na Terra. Seu perfil do instagram está disponível em: [Romeu Amâncio \(@romeuamancio\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em 09 out. 2021.

⁸⁷ Samuel Dourado trabalha com mentoria de finanças e também é um dos líderes do Movimento Céu na Terra. Seu perfil do instagram está disponível em: [Samuel Dourado \(@samuel.dourado\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 09 out. 2021.

⁸⁸ Daniel Marra prega nas reuniões do Movimento Céu na Terra e atua como mentor evangelístico. Seu perfil no instagram está disponível em: [Daniel Marra \(@d_marra\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 11 mar. 2022.

⁸⁹ Lucas Cardoso faz parte do ministério de louvor. Seu instagram é: [C A D A L L O R A \(@luccacardoso\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 12 out. 2021.

⁹⁰ Perfil do CNT *Music* no instagram: [Céu na Terra Music \(@ceunaterramusic\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 12 out. 2021.

autoria.⁹¹ No ano de 2020, um novo braço musical do Movimento Céu na Terra também nasceu, o 1031 *music*.⁹²

Ao acompanhar as postagens do Instagram dessa fase na Praça do Elefante, percebi que as postagens iniciais frisavam, em suas legendas, frases como "Não crie um ministério, crie uma família"⁹³, " Mais de 480 jovens reunidos pela paixão por Jesus, estamos formando uma família e não um ministério! #Ceunaterrabsb #AvivamentoJÁ".⁹⁴ Nessa ênfase, se reforçava, em torno do movimento, um discurso de que a igreja era compreendida pela comunhão entre os irmãos, e não como um templo, uma organização ou uma instituição religiosa⁹⁵, construindo sentido para a passagem bíblica contida no livro de Mateus 18:20, que fala "porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles".⁹⁶ Com isso, João Paulo apontava que não são as placas denominacionais de igrejas que salvam, mas Jesus⁹⁷, e onde ele estiver, há salvação. Entretanto, a liderança que foi sendo formada a partir dos nomes anteriormente citados, passou a atuar como mediadora entre os participantes do movimento e o sagrado a partir da participação no louvor, nas pregações e discursos, nas orações que a eles eram pedidas, nos conselhos, no trabalho do discipulado etc. Este e outros fatores foram modificando o formato do Céu na Terra que aos poucos, passou não somente a ser um movimento, mas uma organização religiosa, de fato.

Outro elemento central nesse processo que considero como uma fase de pré-institucionalização do Céu na Terra, foi o fato de que, conforme o movimento ia crescendo e já somava centenas de jovens em cada reunião, começaram a ser cobradas ofertas (figura 10). Não como uma prática obrigatória, mas somente o fato de que o dinheiro começou a ser inserido na sua dinâmica, é possível identificar uma moldagem diferente para aquele movimento que tinha começado lá na estação de metrô. De igual modo, começaram a ser organizados eventos que passaram a ser cobrados (figuras 11 e 12), e também a venda de artigos como camisetas com o logotipo do movimento (figuras 13 e 14).

⁹¹ Disponível em: [\(827\) Céu na Terra Music - Tema - YouTube](#). Acesso: 28 mar. 2022.

⁹² Disponível em: [1031 Music \(@1031music\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 mai. 2022.

⁹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BHr7XGoD8uq/>. Acesso: 26 mar. 2022.

⁹⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BJN_6agD-9I/. Acesso: 26 mar. 2022.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NGLmB5bawQA>. Acesso: 05 out. 2021.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/18/20>. Acesso: 06 out. 2021.

⁹⁷ Disponível

em: https://www.youtube.com/watch?list=PLQOty3Ux9PSIzRnNxcw5IiTD0fkD9Upcb&v=ID_E7vCp_Ik. Acesso: 26 mar. 2022.

Figura 10) Cartaz eletrônico sobre ofertas.

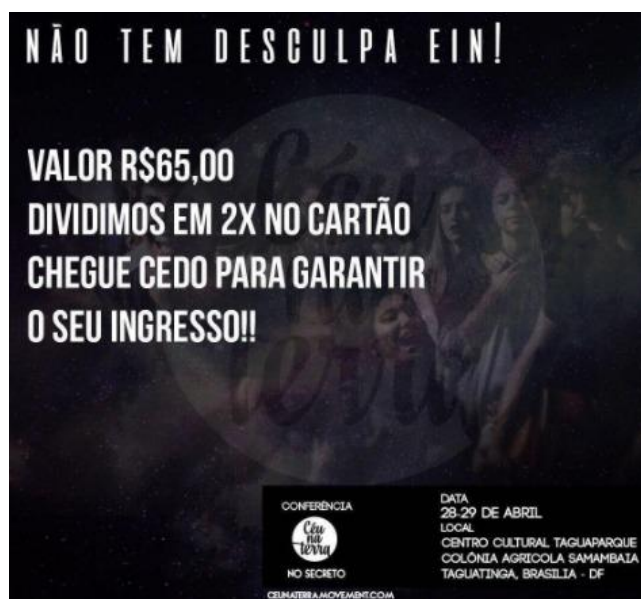


Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁹⁸

Nessa postagem em que foi publicada a imagem acima, uma seguidora fez o seguinte comentário: "Decepção". A mesma fez outro comentário dizendo: "Vocês são congregação ou movimento?". Essa crítica e insatisfação reflete que o discurso do movimento começou a mudar. Se antes a intenção não era ser um ministério e sim uma família, o cartaz acima aponta que o movimento assumiu o formato de um ministério, uma organização religiosa que começou, inclusive, cobrar pelos serviços mágico-religiosos que ali eram ofertados, em forma de ofertas. As duas imagens a seguir, por exemplo, são cartazes eletrônicos postados no Instagram sobre um dos primeiros eventos que o movimento organizou, a conferência "No secreto", um evento em que os ingressos foram cobrados e vendidos nas reuniões de terça-feira, na Praça do Elefante.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BTO5tNvhRpt/>. Acesso: 22 mar. 2022.

Figura 11) Cartaz de divulgação sobre a venda de ingressos da conferência "No secreto".



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.⁹⁹

Figura 12) Cartaz eletrônico de divulgação da conferência "No secreto".



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰⁰

⁹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BTZelYuBUB8/>. Acesso: 26 mar. 2022.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BSrONKqhtXF/>. Acesso: 26 mar. 2022.

Figura 13) Propaganda das camisetas do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰¹

Figura 14) Propaganda de camisetas do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰²

Essas fontes permitem analisar que desde este primeiro evento, cujos cartazes acima tratam, um conjunto de recursos burocráticos começaram a ser introduzidos na rotina do Céu na Terra. Houve a introdução da oferta, paga tanto em envelopes com dinheiro, nas reuniões, como também via depósito bancário na conta de um de seus organizadores e líderes, Romeu

¹⁰¹ Disponível em: [Céu Na Terra Movement no Instagram: "FALA GALERA!! Chegou a coleção das camisas Céu na Terra. O valor das camisas é R\\$ 40,00 e será vendida SOMENTE NAS REUNIÕES CÉU NA TERRA..."](#). Acesso: 28 mar. 2022.

¹⁰² Disponível em: [Céu Na Terra Movement no Instagram: "Novas camisetas Céu na Terra Movement | Coleção "Pão&Vinho" 🍞🍷 . - Estaremos vendendo APENAS nas reuniões CNT - Vendas sob encomenda -..."](#). Acesso: 28 mar. 2022.

Amâncio, o responsável pela parte administrativa do movimento. A introdução desses elementos, e o próprio fato de o movimento passar a ter um setor administrativo, revelam como, aos poucos, o carisma do Céu na Terra vai sendo rotinizado através de um processo de burocratização. Ou seja, vai sendo administrado por uma estrutura que não havia no começo.

Portanto, ainda na época em que as reuniões aconteciam na Praça do Elefante (2016-2017), aos poucos, uma lógica mercadológica já começou a fazer parte da dinâmica do Céu na Terra, não somente pelos aspectos que já pontuei, como também com as camisetas (figuras 13 e 14) que passaram a ser confeccionadas e vendidas tanto nas reuniões presenciais, como nos eventos. No início de 2017, foi criada uma coleção de camisetas, a coleção Céu na Terra, com estampas do logotipo do movimento (figura 13), já no final de 2017, em dezembro, saiu a coleção Pão e Vinho (figura 14). Essas coleções divulgadas no Instagram com fotos de modelos com tatuagens, como na figura 13, demonstra a forma como a construção da visualidade do Céu na Terra passou a incorporar elementos que ressaltassem um aspecto jovem e descolado como uma estratégia de marketing para a venda desses produtos. Começou a ser gerada, aos poucos, uma lógica de oferta e procura, pois os comentários nas postagens das camisetas e dos eventos, no Instagram, sinalizam a solicitação dos seguidores que não eram de Brasília para que fossem vendidas online, e como poderiam ser feitas as formas de pagamento. Entretanto, no que diz respeito a venda de camisetas, até o ano de 2020, as vendas parecem ter sido realizadas estritamente nos eventos que foram realizados, e nas reuniões presenciais. Somente em 2020, o movimento criou uma marca própria e uma loja virtual¹⁰³, com o projeto de uma marca voltada para a pregação do evangelho, que passou a vender online para todo o Brasil.

Esses aspectos serão melhor tratados adiante. Mas ainda em relação ao primeiro ano do movimento, (2016-2017), é possível apontar que este período foi caracterizado como uma fase em que o Céu na Terra ganhou forma como movimento religioso e social, e na medida em que foi ganhando forma e adeptos, começaram a ser incorporados elementos que configuram etapas de seu processo de institucionalização. Sustento esse argumento pelos aspectos que abordei até aqui, sobretudo pela incorporação das mídias digitais, a formação de uma hierarquia de líderes e o começo da inserção de uma estrutura mercadológica que como demonstrarei adiante, vai inserindo o movimento como um segmento de mercado no interior do competitivo campo religioso brasileiro. Nessa fase, como busquei demonstrar, o carisma do movimento precisou primeiramente ser legitimado, através de provas concretas – e os testemunhos tiveram papel central nesse processo de legitimação e na construção da

¹⁰³ Disponível em: [Loja céu na terra \(@lojact\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 28 mar. 2022.

visualidade pública do movimento - para, depois, começar a se transformar em carisma instituído. Nesse sentido, é possível apontar que desde a experiência fundadora de João, o pontapé do começo das reuniões na estação de metrô no início de 2016, passando pela Praça do Elefante e até o período em que o Céu na Terra se instala, definitivamente, na Praça da Caesb, em setembro de 2017, o movimento passa por estágios de institucionalização. Sobre isso, Antônio Gouvêa Mendonça (2004, p.30) aponta que

A história da vida institucional do Cristianismo mostra, em todas as suas diversas manifestações, que a experiência religiosa, seja individual ou coletiva (neste caso, grupos ou comunidades místicas em fase às vezes pré-institucional), está sempre presente provocando retornos e simplificações institucionais. [...] entre a experiência religiosa e a institucionalização da religião há um caminho às vezes curto, às vezes longo, que em certos casos se completa e noutros não.

Para esse autor, no processo de institucionalização da religião ou das formas religiosas, o sagrado manifestado através de formas emocionais acaba dividindo espaço ou cedendo lugar para estruturas mais racionalizadas a partir das quais desembocam novas igrejas e instituições religiosas. A experiência psicológica e hierofânica é, desse modo, um ponto de partida, "mas entre o sagrado instituinte da experiência religiosa e o instituído da instituição religiosa, há um gra-diente cujos segmentos mostram o grau de dominação do sagrado" (MENDONÇA, 2004, p. 41). Isso não quer dizer que nesse caminho de institucionalização, a efervescência da experiência religiosa hierofânica não seja mantida ou apresente movimentos de retorno. No caso do Céu na Terra, as experiências foram legitimando o carisma do movimento em um processo concomitante às fases de sua institucionalização.

Exatamente como apontou Mendonça (2004), o caminho entre a experiência fundadora do Céu na Terra e o processo de institucionalização foi rápido. Se deu a partir da incorporação das mídias, da organização de um corpo de líderes e da inserção de uma lógica mercadológica burocratizada. Por isso, percebi que a legitimação do carisma e o processo de institucionalização ocorrem de forma simultânea, como se uma coisa fosse possibilitando a outra. Ambos os processos se completam, embora claro, só houve uma organização institucional na medida em que o carisma foi sendo provado e legitimado. É como se, na medida em que o carisma ia sendo legitimado, e com isso iam aumentando os frequentadores, o movimento precisasse se organizar em outros moldes. Identifico, portanto, que nesse processo de dominação do sagrado, o carisma foi sendo transformado. Aquele carisma a

partir do qual o movimento começou, com as experiências de seu líder e fundador, e que foi sendo constantemente provado e legitimado, aos poucos, foi se rotinizado e racionalizando, até conformar o um tipo de dominação carismática, como abordarei adiante.

Nesse sentido, conforme sublinha o sociólogo Carlos Eduardo Sell (2018), se na reflexão teológica weberiana com a qual dialoguei anteriormente, o carisma é entendido de um lado, em sua dimensão extraordinária, em seu aspecto sociológico, o carisma é compreendido a partir dos processos de transformação social que o projetam como fundamento da organização religiosa em uma dimensão ordinária, ou seja, cotidiana. Nesta moldura teórica, o carisma não é reduzido a seu aspecto puramente psicológico, ou seja, pela influência subjetiva e personalista que certas figuras carismáticas exercem sobre outros indivíduos. Pelo contrário, o carisma passa a ser interpretado em termos de poder e, portanto, de dominação. Isto é, como um tipo ideal que tem poder mobilizador, uma vez que engendra e legitima estruturas de dominação e produz, com isso, relações de poder. Na dimensão sociológica, portanto, existe uma diferença entre carisma puro e carisma institucionalizado, de modo que o que está em jogo nessa interpretação não é a liderança carismática em si,

e sim o entendimento dos processos de institucionalização política de uma determinada organização social de caráter carismático (a igreja cristã). Como e em que medida isso é sociologicamente possível? Na esteira da discussão teológica, Weber não desenvolve uma teoria do “líder carismático”, mas da “dominação carismática”, e é nessa dimensão institucional que está contido o núcleo explicativo do modelo sociológico weberiano do carisma (SELL, 2017, p. 3).

Sell destaca, desse modo, dois elementos que analisei estarem presentes no processo de organização e institucionalização do Movimento Céu na Terra, que configuram a sua dominação carismática. Segundo o sociólogo, "a dominação carismática contém dois aspectos que definem seu conteúdo: o princípio de legitimidade e o princípio organizacional" (SELL, 2017, p. 4). Este trabalho demonstra como ambos os aspectos vão sendo condensados na constituição do Movimento Céu na Terra. Se em um primeiro momento o carisma do movimento é atribuído a um chamado pessoal de João Paulo, legitimando-se em torno das experiências e testemunhos, com o passar do tempo, o que se percebe é início de um processo de dominação carismática com a legitimação do carisma e a constituição de uma hierarquia de cargos. Esse processo se intensifica, como abordarei adiante, com a efetivação da lógica mercadológica, que delinea o processo de burocratização e racionalização do movimento, em termos weberianos, a partir do qual o Céu na Terra se institucionaliza, de fato.

Quando o movimento foi transferido da Praça do Elefante para a praça da Companhia de saneamento Ambiental de Brasília (CAESB), em setembro de 2017, outro elemento importante nesse processo de dominação carismática foi a construção de uma territorialidade própria do Céu na Terra, demarcando um espaço simbólico, sagrado e de poder para o movimento. A fase na Praça da CAESB, local em que as reuniões passaram a ser realizadas desde então, evidencia a efetividade deste processo de rotinização e dominação do carisma (WEBER, 1982; SELL, 2017), vetores que consolidaram a institucionalização do Movimento Céu na Terra.

Capítulo 2. Fixação territorial, relações estabelecidas e mercantilização do sagrado no processo de institucionalização

2.1 Entre circuitos urbanos, à apropriação de um lugar próprio: A praça CNT como espaço de poder

Foi na Praça da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB), em Águas Claras (DF), local em que o movimento se instalou desde setembro de 2017, que o Céu na Terra se consolidou e se institucionalizou, de fato. Nesse local, foi construída uma territorialidade própria para o movimento, a partir da qual foi demarcada a sua identidade. Desse modo, meu argumento é de que a partir das práticas, manifestações e estratégias do Céu na Terra, este espaço se tornou um espaço sagrado, simbólico e de poder. Para construir este argumento, dialogo, neste tópico, com algumas perspectivas tais como a Geografia da Religião, a Fenomenologia da Religião, a Antropologia Urbana e a História Cultural.

A Geografia da Religião problematiza a relação entre religião/práticas religiosas e espaço, no objetivo de compreender a organização e ressignificação espacial por grupos e movimentos religiosos (OLIVEIRA, 2012; ROCHA, 2019), que constroem territórios próprios a partir de estratégias de dominação religiosa no espaço, sobretudo no espaço urbano. Nesse sentido, conforme aponta a geógrafa Mônica Sampaio Machado, ao analisar o pentecostalismo brasileiro tendo como foco a sua dimensão territorial, "um dos vieses explicativos da força de difusão do pentecostalismo brasileiro encontra-se na apropriação espacial, isto é, na territorialidade desenvolvida por este movimento religioso"(SAMPAIO, 1997, p. 37).

O pentecostalismo brasileiro deve ser compreendido como um fenômeno essencialmente urbano. Sobre isso, Fajardo (2011, p. 181) sublinha que durante o século XX, "o pentecostalismo, em suas variadas formas, desenvolveu-se no Brasil em paralelo com o processo de urbanização dos grandes centros urbanos e esse é um fato que não deve ser desconsiderado ao se analisar o perfil da população pentecostal brasileira", uma vez que de lá pra cá, o perfil dos pentecostais aponta que grande parte do seu contingente se localiza e se expande em áreas urbanas. Alguns dos estudos que tratam da dimensão territorial do pentecostalismo brasileiro tem como foco a instalação de igrejas/templos em espaços urbanos específicos, principalmente nas grandes metrópoles e em áreas consideradas periféricas. Esse

é o caso do trabalho de Sampaio (2007), que analisa a presença pentecostal e sua dominação territorial no bairro periférico Largo da Batalha, localizado em Niterói, no Rio de Janeiro, com a implantações de templos, e o estudo de André Santos da Rocha (2012), que trata da dinâmica espacial pentecostal na periferia urbana do Rio de Janeiro (a Baixada Fluminense), com a instalação de igrejas na área. Entre estes estudos, vale citar também as pesquisas de Maxwell Fajardo (2011, 2015), as quais abordam que o pentecostalismo se constitui um dos agentes do crescimento metropolitano com sua ampla expressividade em localidades periféricas, como no bairro periférico de Perus, na zona noroeste de São Paulo.

Conforma destaca Maxwell Pinheiro Fajardo (2011, p. 189), "em locais onde o estado está menos presente, outras instituições ganham um papel de importância na inclusão socioeconômica de populações segregadas". O crescimento do pentecostalismo brasileiro, por conta de sua difusão em áreas urbanas marginalizadas, de pobreza e vulnerabilidade social, é um argumento já consolidado entre os estudos pentecostais brasileiros, tendo sido abordado pelo sociólogo Ricardo Mariano (2004) e pela socióloga Christina Vital da Cunha (2002, 2009), dois dos principais pesquisadores da temática, que apontam que o discurso pentecostal nesses espaços menos favorecidos ganhou força e adesão por possibilitar solidariedade material, amparo social, superação de precárias condições de existência e por apresentar novos sentidos de vida. Entretanto, a instalação de templos e igrejas no espaço urbano, sobretudo em localidades periféricas, é apenas uma das formas de ocupação e domínio espacial pentecostal no interior das cidades.

O pentecostalismo urbano pode ser percebido através de outras manifestações e expressividades pentecostais que ocorrem no seio das metrópoles e que também modificam, reorganizam e dominam o espaço citadino, criando territorialidades próprias, mas que não necessariamente se resumem a igrejas. A pesquisa de Christina Vital da Cunha (2014), por exemplo, analisa a intervenção no espaço urbano por jovens que se utilizaram do grafite como estratégia de evangelização, escrevendo mensagens e versículos bíblicos nos muros da cidade de São Paulo, assim como a presença de uma Cultura Pentecostal em periferias cariocas através de agenciamentos políticos. A pesquisa de Viviane da Costa e Vitor Chaves de Souza (2020), também vislumbra um outro aspecto, tratando da disputa por vidas e territórios em favelas cariocas ao focar nos traficantes evangélicos e nas relações que se estabelecem através da narcorreligiosidade. Os traficantes pentecostais delimitam um território, nesse espaço, através de uma linguagem visual, por meio de pinturas e outras expressões artísticas. Os autores apontam que um *ethos* de guerra é caracterizado por

elementos sagrados do catolicismo e da umbanda que foram substituído pelo Deus dos evangélicos, alterando a dinâmica da favela de Acari, na zona norte do Rio de Janeiro, demarcando um processo de pentecostalização deste espaço periférico (COSTA, SOUZA, 2020).

Desse modo, pichações, símbolos visuais artísticos, práticas de evangelismo urbano, shows e eventos gospels, cultos a céu aberto, entre outras manifestações, são exemplos das muitas formas e expressões que apontam a pentecostalização do espaço urbano e a demarcação de territórios através da intervenção e das práticas de grupos pentecostais. São formas de ocupação espacial urbana que por vezes são momentâneas e efêmeras, e, por outras, buscam uma fixação, demarcando uma identidade territorial. O que estas manifestações diversas tem em comum, é a projeção do pentecostalismo na cena pública.

A territorialidade aqui é tratada como parte do processo de institucionalização do Movimento Céu na Terra no espaço público urbano. Por isso, parto da perspectiva da geografia da religião que aponta que em relação às pesquisas sobre territorialidades institucionais, "concebe-se que as mesmas são marcadas muito além da materialidade dos templos, pelos intercâmbios simbólicos que se organizam na mediação das relações de poder" (SILVA E GIL FILHO, 2009, p. 76). Embora o Céu na Terra não seja uma igreja, o seu processo de demarcação territorial ocorre, em grande medida, por intercâmbios, deslocamentos e itinerários simbólicos na ocupação do espaço urbano, estabelecendo com esse espaço uma relação de poder. Tratar de seu percurso de apropriação do espaço urbano se torna importante porque a sua fixação em um dado espaço é um elemento chave em seu processo de institucionalização, pois, conforme aponta Rosendahl (2002, p. 59), "é nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus". A dinâmica espacial das práticas religiosas no seio das metrópoles urbanas deve ser interpretada, nesse sentido, por meio de uma noção de dominação geográfica e, ao mesmo tempo, afetiva, que considere as relações entre fé, território e poder (OLIVEIRA, 2012).

Embora as periferias sejam lugares frutíferos, a dinâmica pentecostal nas cidades se dá em diversos espaços: "ruas, antigos bares e casas de show, vagões de trens, até mesmo casas de prostituição são espaços onde de se podem constituir novos templos a partir de sua lógica simbólica religiosa" (ROCHA, 2019, p. 2671). O Céu na Terra protagoniza essa dinâmica espacial ocupando inicialmente a estação de metrô, onde João Paulo, seu líder, pregou e compartilhou seu testemunho, inclusive dentro dos vagões de trem, e,

posteriormente, o movimento foi migrando para outros espaços: a Praça do Elefante e a Praça da Caesb. Nesse itinerário, o Céu na Terra segue uma lógica de estratégia de dominação espacial semelhante às igrejas pentecostais nos grandes centros urbanos. Para além da estratégia de dominação espacial nas periferias, conforme sinaliza Oliveira (2012, p. 156), as igrejas pentecostais buscam se instalar em áreas "servidas por linhas de ônibus e/ou por ruas e avenidas de fluxos rápidos e com facilidade de estacionamento, atendendo tanto os que possuem meios próprios de transporte quanto os que não possuem". Essa estratégia busca facilitar o acesso dos fiéis, segundo o pesquisador, tornando-se um ponto positivo e de atração para os participantes de seus cultos.

É nessa lógica que a liderança do Céu na Terra criou uma localização no *Google Maps* indicando a sua "nova casa"¹⁰⁴, e postou em seu perfil do Instagram, anunciando um novo tempo para o movimento na Praça da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB). Para os líderes e participantes do movimento, o local passou a ser chamado e referenciado como Praça CNT, um nome que carrega as siglas do seu nome.

Figura 15) Imagem de cima da Praça da Caesb, ou "Praça CNT".



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰⁵

Na legenda dessa foto, postada no Instagram, foi compartilhado o seguinte texto: " Se liga aí gente! 🙌🏻. As reuniões do Céu na Terra *Movement* vão rolar na nossa nova casa, no mesmo dia e horário. Cara, as nossas expectativas estão a mil para esse novo tempo. Vem colar com a gente! Corre lá no google e confira: "Praça CNT", e em seguida, o link da localização. A afirmação "nossa nova casa", indica a relação de apropriação espacial que os

¹⁰⁴Disponível em: <https://www.google.com/maps?cid=56474498772133652&hl=pt&gl=br&shorturl=1>. Acesso: 30 mar. 2022.

¹⁰⁵Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZba6n9hihy/>. Acesso: 15 out. 2021.

líderes do movimento estabeleceram com essa praça. Sobre isso, é interessante notar, também, um comentário feito por uma seguidora nessa postagem, que escreveu: "E apareceu o Senhor a Abrão, e disse: à tua descendência darei esta terra. E edificou ali um altar ao Senhor. Gênesis 12:7 🕯️🕯️". Esse comentário soa como um comparativo à passagem bíblica, é como se essa "terra" em que as reuniões começaram a ser realizadas fosse dada por Deus, e que ali também seria construído um altar ao senhor. O fator religioso serve, nesse caso, como um elemento de legitimação e orientação para um processo de demarcação e dominação territorial do grupo.

A divulgação da "nova casa", através de mapas explicativos seguiu no Instagram, com o argumento de que o novo espaço proporcionaria maior comodidade ao público, possuindo estacionamento e podendo facilmente ser acessado por várias linhas de ônibus e metrô. Por isso, conforme a discussão que realizei acima, sobre as estratégias de dominação territorial urbana, o Céu na Terra segue a lógica dos grupos pentecostais. O fato de o movimento ter começado no metrô e buscar circular em praças próximas a estação de metrô é uma estratégia de dominação espacial do grupo, atenta a visibilidade, por ser um espaço público, e a fácil adesão de pessoas pela viabilidade. Trata-se de uma área amplamente transitada, haja vista que esta região de Águas Claras é um centro administrativo e de reprodução do capital no Distrito Federal¹⁰⁶, que concentra um grande número de pessoas diariamente.

¹⁰⁶Sobre isso, ver: ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. A lógica da produção de espaço de Águas Claras na reprodução do capital no Distrito Federal. 2009. Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo (USP).

Figura 16) mapa de localização da Praça Caesb (Praça CNT).



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰⁷

Figura 17) Mapa da Praça da Caesb ou "Praça CNT"



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁰⁸

Essa localização digital criada através da ferramenta do *google maps* permitia, a partir de então, que os participantes que fossem nas reuniões pudessem fazer *check-in*, assim como marcar a localização em postagens de suas redes sociais, constituindo-se como um método de demarcação territorial e expansão do movimento no meio virtual para além das suas próprias páginas virtuais. Para quem acompanhava o Céu na Terra somente através da rede social, agora também era possível saber exatamente onde as reuniões eram feitas. No Instagram

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZeME75BnWh/>. Acesso: 30 mar. 2022.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/ceunaterramovement/>. Acesso: 30 mar. 2022.

também foi criada uma localização "Céu na terra Movement"¹⁰⁹ e fotos passaram a ser compartilhadas, assim como vídeos, nos quais a localização passou a ser marcada mesmo que não fossem postados conteúdos referentes às reuniões. Muitos registros foram tirados em momentos nos quais as reuniões não estavam acontecendo, mas mencionaram as localizações tanto do *google maps*, como do Instagram. A praça passou a ser através dessas estratégias de demarcação territorial, o ponto fixo do Movimento Céu na Terra. Inclusive, para demarcar este espaço próprio, foram colocadas algumas placas nas cercas que rodeiam a praça, com o logotipo do movimento, utilizado como símbolo visual.

Desde então, muitos jovens postaram fotos se referindo à "praça CNT", compartilhando lembranças e experiências ali vividas. Vale pontuar, como se pode ver na figura 16, que as postagens do movimento passaram a incentivar a utilização destas localizações por parte dos participantes. Através desse método, que identifico como uma estratégia virtual de expansão, o movimento mobilizou pessoas de outros espaços que curiosos para ver o que "Deus estava fazendo naquela praça", saíram de suas cidades e foram até lá participar das reuniões. Assim, os conteúdos do Movimento Céu na Terra presentes no ciberespaço acarretaram em um processo de deslocamento de pessoas até o local de suas reuniões. A legenda de uma foto postada no Instagram de uma jovem que viajou até Brasília para participar de um dos encontros, em dezembro de 2018, é apenas um exemplo dos muitos deslocamentos compartilhados por seguidores na rede social:

Hoje iremos beber do vinho novo, na praça do Céu na Terra, aonde víamos somente por vídeos o que acontecia nesta praça, e ficamos LOUCOS de vontade de algum dia vir aqui e ver de perto, a loucura que Deus está fazendo neste lugar, que irá se expandir (já está) pelo Brasil todo!! O Avivamento já começou 🙏.¹¹⁰

O Movimento Céu na Terra se constituiu e atraiu, por meio de suas estratégias, centenas e até milhares de jovens que em coro clamavam e continua a clamar: "que venha o teu reino assim na terra como no Céu" no seio da metrópole, por meio de circuitos urbanos que mobilizaram o espaço citadino. Transitaram pela estação de metrô, ocuparam a Praça do Elefante e por fim, demarcaram um espaço próprio hoje reconhecido pela realização de seus "cultos a céu aberto". Nesse processo, conforme os pressupostos da geografia da religião, o Céu na Terra evidencia, em seus circuitos e estratégias de demarcação territorial, a ideia de

¹⁰⁹Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/locations/1615048205470696/C%C3%A9u%20na%20Terra%20Movement/>. Acesso: 30 mar. 2022.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BrQ0DDDgSTY/>. Acesso: 30 mar. 2022.

uma territorialidade fulgaz e móvel, que é comum na dinâmica de dominação espacial urbana pentecostal (MACHADO, 1997).

Desse modo, compreendo que itinerário percorrido pelo movimento Céu na Terra até a sua fixação na "Praça CNT" se deu a partir de uma estratégia informal, de descentralização e mobilidade. Nesse sentido, Oliveira (2012, p.153) aponta, com base em Machado (1997), que "a territorialidade e o território pentecostal não pode ser definido *a priori*, mas sim momentaneamente, pois a sua lógica é baseada na transitoriedade e mobilidade dos seus espaços sagrados". Nesse entendimento, a categoria heurística dos circuitos urbanos elaborada pelo antropólogo José Cantor Magnani, que tem sido amplamente utilizada pelos estudos oriundos da antropologia urbana, se torna também cabível. Essa categoria se aplica para designar as práticas culturais, as redes de sociabilidade e as trocas tecidas pelos jovens em contextos urbanos, buscando compreender a inserção de grupos juvenis na paisagem urbana através dos espaços por onde estes jovens circulam e os quais mobilizam (MAGNANI, 2007).

O espaço urbano é um cenário no qual os sujeitos protagonizam suas vidas. Na cidade, desenha-se um contexto de pluralidade no qual os indivíduos e grupos constroem diferentes percursos, estabelecem diálogos e trocas, travam conflitos e relações de poder e, assim, de forma relacional e subjetiva, constroem múltiplas identidades. A cidade é, portanto, o palco de múltiplas manifestações e experiências, o chão dos movimentos políticos, sociais e religiosos, o espaço de rearranjos e de descontinuidades que acarretam significativos desdobramentos sociais. Compreender a cidade por meio dessa ótica, em termos historiográficos, é remeter-se a uma perspectiva cultural, que proporcionou em finais do século XX, uma nova abordagem ao fenômeno urbano. Conforme aponta a historiadora Sandra Jatahi Pesavento, esse tipo de abordagem prioriza a produção de sensibilidades e subjetividades tecidas nos espaços urbanos, de modo que a cidade se projeta como um objeto de muitos discursos. Nesse sentido, a autora salienta que

no desdobramento das abordagens que se fazem do fenômeno urbano no final do século XX e no início do novo século, não se estudam apenas os processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade, ou seja, com o imaginário criado sobre ela. Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate de discursos, imagens, e práticas sociais de representação da cidade (PESAVENTO, 2007, p.15).

Dessa forma, se torna possível a compreensão das construções simbólicas que se forjam nas vivências da e na urbe, bem como os usos e apropriações que os indivíduos fazem do espaço urbano para o desenvolvimento de suas práticas na contemporaneidade. Nesse sentido, conforme sublinha o historiador do tempo presente Reinaldo Lindolfo Lohn, "uma história do tempo presente brasileiro deve considerar os processos que, nas últimas décadas, transformaram as cidades do país, ao mudar não apenas suas feições, mas especialmente o que podemos chamar de suas culturas urbanas" (LOHN, 2011, p. 162-163). Em Castells (2000), a cultura urbana diz respeito às experiências e os diferentes modos de viver dos sujeitos na cidade. Em suas palavras, "a sociedade urbana, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação" (CASTELLS, 2000, p.127).

Com base nessas perspectivas, oriundas dos estudos culturais, o Movimento Céu na Terra, como objeto do tempo presente e como componente ativo da cultura urbana do Distrito Federal, transformou o cenário urbano de Águas Claras (DF), reunindo centenas de jovens em suas reuniões, apropriando-se deste espaço público legítimo para suas práticas religiosas. Seguindo nessa perspectiva da história cultural, ao me referir a estas apropriações e práticas, recorro também às considerações de Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano. Artes de fazer 1*, obra na qual este historiador elaborou sua teoria das práticas cotidianas.

Certeau discorreu, nesse livro, sobre as maneiras de fazer, os usos, os desvios, as bricolagens e as mobilidades táticas com que os sujeitos ordinários burlam regras e manipulam algumas determinações espaciais. É desse modo que tecem suas experiências, inventam seu cotidiano, demarcam espaços, praticam lugares, instituem pontos de vista e constroem suas identidades. Dessa forma, as concepções do historiador oferecem pressupostos teóricos que possibilitam analisar modos de operação e modelos de ação no objetivo de compreender o que fabricam os sujeitos ordinários por meio de suas práticas. Certeau (2014, p. 40-41) define que "essas 'maneiras de fazer' constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção cultural". Tratam-se, em outras palavras, de operações que se proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e que alteram seu funcionamento por meio de processos de criatividade que reinventam lugares e reordenam espaços. Essas bricolagens compõem, para Certeau (2014), uma rede de antidisciplina. Em suma, o que ocorre nesse processo é uma

relação de contradição entre o modo de gestão das estruturas de poder e os modos de (re) apropriação dos lugares que se transformam, assim, em espaços vividos.

Dentre as ‘artes de fazer’ sob as quais Certeau se debruça, estão as práticas do espaço urbano. Segundo o historiador, o moderno conceito de cidade é instaurado por um discurso urbanístico que organiza a cidade de forma racional, compreendendo-a como um espaço próprio, a partir de um não tempo e habitada por sujeitos universais anônimos. Este discurso urbanístico de organização da cidade, fornecido pelos aparelhos estatais e burocráticos, é o que deu ensejo para várias queixas de moradores que se instalavam próximo aos espaços nos quais o movimento realizou as reuniões. Órgãos públicos e a própria polícia tentaram intervir em seu funcionamento por conta da aglomeração causada e, sobretudo do barulho, mas nenhuma lei ou medida foi aplicada para o seu impedimento.¹¹¹ Estes discursos de ordem projetam os lugares da cidade e ditam para que fins estes lugares devem ou não serem utilizados. Entretanto, nas palavras de Certeau (2004, p. 161),

a linguagem do poder ‘se urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas.

Com base nisso, Certeau destaca que o discurso da Cidade-conceito acaba por se degradar na medida em que a cidade é atravessada por meio das práticas que os sujeitos elaboram no tecido urbano através de movimentos contraditórios. O Céu na Terra é um desses movimentos que se constrói e se institucionaliza, fisicamente, através da demarcação fixa de um espaço, em um lugar que não foi projetado, urbanisticamente, para fins religiosos.

O historiador, propõe, então, uma diferenciação entre as noções de lugar e espaço ao delimitar um campo operacional. O lugar é definido por ele como “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2014, p. 184), é uma configuração de posições que implicam a indicação de uma estabilidade. Enquanto o espaço se constitui como um cruzamento de móveis, pois é constituído na medida em que é animado pelo conjunto de movimentos que nele se desdobram, “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam” (CERTEAU, 2014, p. 184). Nessa perspectiva, Certeau aponta que “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada” (CERTEAU, 2014, p. 184), porque em suma, um espaço só é

¹¹¹ Disponível em: <https://aguasclarasmidia.com.br/para-deus-e-todo-mundo-ouvir-assista-ao-video/>. Acesso: 06 mai. 2022.

constituído na medida em que um lugar é praticado. Foi como espaço praticado e vivido, que a praça CNT se tornou "a casa do Céu na Terra". É, portanto, em um jogo estratégico que o movimento se projetou como uma expressão pentecostal no espaço público urbano, se apropriando deste espaço e fazendo dele um espaço de poder.

2.2 "Céu e Terra" se encontram na praça CNT: a dimensão sagrada e simbólica do espaço

Ao consolidar o movimento cujo nome é "Céu na Terra", essa praça passou a ser um lugar ao qual se atribuíram sentidos metaforicamente teofânicos e por isso, também um espaço sagrado e simbólico. A praça CNT se tornou o ponto de referência a partir do qual nas noites de terça-feira, as reuniões do movimento propiciavam, subjetivamente, a comunicação entre dois mundos, entre dois planos diferentes que nesses encontros, entravam em contato: a terra e o céu. A praça se tornou, em outras palavras, a porta de abertura para que o céu descesse, por meio da manifestação do Espírito Santo, "daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem" (ELIADE, 1992, p. 19). É nesse sentido que, conforme os pressupostos da fenomenologia da religião, a praça pode ser compreendida como um espaço sagrado, porque para esses jovens, é considerado um espaço no qual é possível se encontrar com Deus.

Entretanto, uma ressalva é importante. Ao me apropriar dos pressupostos fenomenológicos propostos por Mircea Eliade para discutir esse espaço, ainda assim não adoto aqui uma oposição entre a dimensão sagrada e a dimensão profana, do mesmo modo que não considero as experiências religiosas como irracionais ou ilusórias. Conforme bem sinalizou a historiadora Karina Belotti (2011, p. 41), se outrora os estudos de religião se debruçaram em

determinar as delimitações entre sagrado e profano, entre o aspecto racional e irracional da religião, entre suas expressões públicas e privadas, atualmente, privilegia-se o diálogo entre essas fronteiras antagônicas e entre expressões religiosas individuais/ coletivas e instâncias sociais diversas [...].

Desse modo, a praça, se constituiu como um espaço simbólico e sagrado, temporariamente, para aqueles que ali tecem suas experiências com Deus, ou seja, para esse grupo de jovens que passou a frequentar o movimento. Para quem não participa das práticas ali tecidas, esse lugar continua sendo um espaço comum no seio da cidade. Ao tratar sobre os lugares sagrados, Mircea Eliade sublinha que para os crentes que se dirigem a uma igreja ou a

um templo físico, estes lugares se tornam locais em que os sujeitos conseguem se comunicar com seus deuses. No imaginário das comunidades religiosas, os espaços sagrados são construídos, simbolicamente, como se nesses espaços houvesse

uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente. Quando, em Haran, Jacó viu em sonhos a escada que tocava os céus e pela qual os anjos subiam e desciam, e ouviu o Senhor, que dizia, no cimo: “Eu sou o Eterno, o Deus de Abraão!”, acordou tomado de temor e gritou: “Quão terrível é este lugar! Em verdade é aqui a casa de Deus: é aqui a Porta dos Céus!” Agarrou a pedra de que fizera cabeceira, erigiu a em monumento e verteu azeite sobre ela. A este lugar chamou Betel, que quer dizer “Casa de Deus” (Gênesis, 28: 12-19). O simbolismo implícito na expressão “Porta dos Céus” é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torná-lo “aberto” para o alto, ou seja, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser a outro. Não tardaremos a encontrar exemplos ainda mais precisos: santuários que são “Portas dos Deuses” e, portanto, lugares de passagem entre o Céu e a Terra (ELIADE, 1992, p. 19-20).

Nesse entendimento, os lugares sagrados são muitos e dependem da religião e da crença. Uma gruta onde há presença de algum santo, uma capela, um monte em que um grupo de pessoas se reúne para fazer orações e vigílias, para citar apenas exemplos recorrentes no universo cristão, podem ser considerados lugares sagrados. Os sujeitos religiosos constroem, dessa forma, espaços de relação com o sagrado através de uma teia de significados, haja vista que as experiências com o sagrado constroem, ontologicamente, mundos próprios (ELIADE, 1992). Nesse sentido, apesar dos elementos metafísicos e hierofânicos, a religião precisa ser vista como um produto que é fabricado humanamente, como já abordado anteriormente, através das estratégias e práticas dos agentes religiosos.

O sociólogo Peter Berger, no clássico livro *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*, teceu uma interpretação que compreende a religião como um produto histórico. Em Berger, a religião é trazida para o universo humano e se configura como um produto fabricado pelo homem para dar significado à sua existência (BERGER, 1985). Sobre isso, Luiz Roberto Benedetti escreve, na introdução da obra, que:

À semelhança de Durkheim e Weber, Berger quer trazer a religião para o mundo dos homens. Uma realidade que os homens produzem para se entenderem e se explicarem a si mesmos no mundo. Religião, medo de conhecer o mundo e situar-se nele. Religião, "plenitude" do significado de um mundo, que só é humano porque significativo; mas significado construído. A religião aparece então como "intento audacioso de conceber o universo como humanamente significativo" [...]. Doação

de significado que oculta ao homem o fato de que é ele que constrói o mundo e o seu significado. (BENEDETTI, 1985, p. 7-8).

Para Berger (1985), a religião ocupa um lugar de destaque na construção humana do mundo em um processo dialético no qual, de um lado, o homem é um produto da sociedade e de outro, a sociedade é um produto do homem. Nesse aspecto, Berger se aproxima de Marx porque como problematiza a historiadora Caroline Jaques Cubas, para Marx, a religião não vive no céu, mas sim na terra. Cubas (2021) se utiliza desta sentença cunhada em 1842, que é atribuída a Karl Marx, indicando o olhar dos historiadores para a interpretação dos fenômenos religiosos a partir de seus vestígios terrenos. A historiadora argumenta que embora os homens atribuam aos céus uma aura de significados, é no espaço estritamente terreno que sua experiência religiosa se projeta. Desse modo, nas palavras de Cubas (2021, p. 3-4) "compreendemos que ainda que o fenômeno religioso seja conformado por "céu" e "terra", nosso acesso, através das fontes e da pesquisa, acontece através da "terra" e daquilo que dela provém".

As fontes apontam, dessa forma, que embora a inspiração do nome "Céu na Terra" tenha surgido, como abordei anteriormente, de um livro que o líder João Paulo lia na época em que o movimento começou, o livro *Quando o céu invade a terra*, da autoria de Bill Johnson, a noção "Céu na Terra" implicou na criação de um mundo próprio criado pelo movimento, pela construção de um espaço de contato entre céu e terra. As experiências ali vividas foram subjetivamente apropriadas como a "manifestação do céu na terra", e foi dessa forma que a "cultura do céu na terra" foi sendo consolidada em torno do movimento. As curas e as outras experiências ali vividas foram apropriadas como a manifestação do Espírito Santo nesse lugar. Assim, este espaço se tornou como que um oásis entre os muitos oásis que são criados e encontrados nos meios urbanos quando se analisa a interface entre a religião e o espaço urbano nas grandes metrópoles.¹¹² Sobre isso, conforme aponta o antropólogo José Cantor Magnani:

Missas, bênçãos, novenas, procissões, promessas, giras, saídas de orixás, sessões de jogo de búzios, descarregos, benzimentos, consultas astrológicas e de tarô, meditação transcendental, sessões de shiatsu, hatha-yoga, massagem ayurvédica... A lista parece não ter fim: em cada canto da cidade é possível encontrar uma espécie de oásis, discreto ou bem visível que, no meio da agitação característica da vida urbana, oferece uma pausa propícia ao recolhimento, à oração silenciosa, ao

¹¹²Ver mais em: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. (orgs.). *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

encontro com alguém disposto a ouvir, a dar um conselho, fazer uma imposição de mãos ou conduzir um trabalho corporal para realinhar os “chakras”.¹¹³

Nesses oásis, um tempo próprio é criado. Mas nem sempre estes oásis são silenciosos, muitas vezes estes lugares nos quais os crentes encontram “água para beber” e alimento para a alma, são os próprios vetores da agitação urbana, como no caso do Movimento Céu na Terra. O encontro com o sagrado neste espaço se deu em forma de manifestações individuais e coletivas permeadas por emoções, mas, ao mesmo tempo, muito barulho e agitação. Houveram, como sinalizei acima, muitas reclamações por parte dos órgãos públicos e da sociedade civil pelo barulho e a aglomeração causada pelo movimento no espaço urbano, uma vez que as reuniões acontecem próximo a casas e prédios.¹¹⁴ Mas para aqueles jovens, toda a agitação causada pelos louvores e expressões na praça propiciavam e continuam a propiciar um encontro com Deus, assim como também uma rede de sociabilidades.

O antropólogo Emerson José Sena da Silveira (2017, p. 197) aponta, sobre isso, que “esse encontro, para ser legítimo (segundo a concepção dos carismáticos), precisa ceder lugar à emotividade, ao afeto. Daí a espontaneidade, no tocante à participação (cantos, danças, orações coletivas “espontâneas”, entre outras práticas)”. Silveira ainda pondera, em diálogo com outros autores, entre os quais o antropólogo José Magnani acima referenciado, que:

no contexto da crescente criação de espaços heterogêneos nas cidades, a “experiência religiosa na modernidade, tende a ser uma experiência emocional, ligada ao sentimento, ao corpo e à subjetividade”. Constituem-se circuitos de mobilidade nos quais os fiéis e suas subjetividades, suas formas de manifestar, dançar e cantar, estão co-conjugadas com o espetáculo, o mercado e o consumo (SILVEIRA, 2017, p. 17).

As fotos a seguir são alguns registros que retratam essas emoções (figuras 17, 18), sentimentos, manifestações e corporeidades (figuras 19, 25 e 26) na "Praça CNT". São vestígios que evidenciam como essa comunidade emocional cresceu, entre afetos e sociabilidades (figuras 22, 28, 29 e 30), e entre muita chuva (figuras 24 e 27). Sim, pois a presença de várias imagens de reuniões em que estava chovendo, publicadas do Instagram, demonstram que a chuva não parece ter sido um impedimento para que os jovens se reunissem. Nessas fotos, é possível perceber, também, o crescimento de participantes em relação às fotografias anteriormente analisadas, registros de quando os encontros aconteciam na Praça do Elefante. O espaço na Praça CNT pôde ser melhor utilizado porque é, de fato, um

¹¹³ Disponível em: [Religião e Metrópole \(usp.br\)](http://Religião e Metrópole (usp.br)). Acesso: 15 out. 2021. p. 2.

¹¹⁴ Ver nota de rodapé 110.

espaço físico bem maior. Há também uma elevação de concreto nesse novo espaço, no qual os líderes passaram a pregar, e o ministério de louvor passou a ficar posicionado. É como se essa elevação fosse o altar do Céu na Terra, como os altares das igrejas (figuras 20 e 23).

Figura 18) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹¹⁵

Figura 19) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹¹⁶

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bajm7kUhnji/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹¹⁶

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bc7DLDOF7sc/>. Acesso: 31 mar. 2022.

Figura 20) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹¹⁷

Figura 21) Reunião na Praça CNT.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹¹⁸

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbbmX3oB0dl/>. Acesso: 16 out. 2022.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bc7DLDOF7sc/>. Acesso: 31 mar. 2022.

Figura 22): Jovens em meio à chuva em reunião na Praça CNT.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹¹⁹

Figura 23) Jovens se abraçando em Reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁰

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BhR2COFIsiZ/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BfCeTodF3k9/>. Acesso: 16 out. 2021.

Figura 24) Reunião na Praça CNT



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²¹

Figura 25) Jovens em meio à chuva em reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²²

¹²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BenVzCcFqf2/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BfeXODFF88B/>. Acesso: 16 out. 2021.

Figura 26) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²³

Figura 27) Jovens em reunião do Movimento Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁴

¹²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjbD1aOIHOR/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bnmvx8sl5zv/>. Acesso: 16 out. 2021.

Figura 28) Jovens em meio à chuva em reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁵

Figura 29) Jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁶

¹²⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpXaK8eFWx_/. Acesso: 16 out. 2021.

¹²⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BqKteKKA8hu/>. Acesso: 16 OUT. 2021.

Figura 30) jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁷

Figura 31) Jovens se abraçando em reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹²⁸

Esses registros são vestígios que revelam uma fase em que o Movimento já estava consolidado na Praça CNT, e na qual já era amplamente conhecido nas redes sociais.

2.3 Relações estabelecidas com outras figuras e movimentos evangélicos

É possível afirmar, a partir do acompanhamento do Instagram e do canal do YouTube, que o aumento do público nas reuniões também se deu porque já na época em que as reuniões ocorriam na Praça do Elefante,- mas com maior frequência depois que elas começaram a ser realizadas na Praça CNT-, figuras de muita relevância no meio evangélico brasileiro do

¹²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bv2kozYgvrV/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0CHyCfJhA6/>. Acesso: 16 out. 2021.

tempo presente, sobretudo entre a juventude evangélica, passaram a ser convidados para "levar uma palavra" e ministrar louvor nas reuniões e em alguns eventos de grande amplitude, como conferências e acampamentos, que passaram a ser realizados pelo movimento. Passou a ser recorrente a presença de pastores, líderes de igrejas, ministros de louvor e missionários que viajam o mundo todo, tais como: Victor Azevedo¹²⁹, Anderson Silva¹³⁰, Gustavo Paiva¹³¹, Alessandro Paiva¹³², Alessandro Vieira¹³³, Gilberto Araújo¹³⁴, Téo Haiashi¹³⁵, Banda Morada¹³⁶, Priscila Alcântara¹³⁷, Alessandro Vilas Boas¹³⁸, Luca Martini¹³⁹, Gabriel Cantarino¹⁴⁰ e Gabriela Figueiredo¹⁴¹, para citar apenas alguns. Alguns destes participaram várias vezes dos encontros na Praça CNT, principalmente Gustavo Paiva.

É importante pontuar que João Paulo, o líder do movimento, começou a frequentar, quando o movimento já havia iniciado, a Igreja Internacional da Reconciliação (IIR)¹⁴², em Brasília, sob a liderança dos pastores Alessandro e Gustavo Paiva. Ambos os pastores são criadores de um dos mais expressivos movimentos evangélicos e avivalistas do país, o Movimento Nova Geração¹⁴³, com o qual o Movimento Céu na Terra passou a trabalhar a partir de 2018. A IIR permanece sendo a comunidade local na qual João Paulo congrega. Considero que o fato de João Paulo ter começado a congregar nessa igreja foi um fator importante para que o Céu na Terra ganhasse visibilidade no cenário evangélico do tempo presente. Principalmente porque essa igreja e seus pastores já eram, quando o Céu na Terra começou, amplamente conhecidos, sobretudo nas redes sociais. Isso não quer dizer que o Céu na Terra não tenha ganhado popularidade e crescimento a partir de seus próprios métodos,

¹²⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BXoRuy_BVLV/. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXtpMpRBdIO/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZe85NqBxcF/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BX6nyNKBNRK/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BY1omVXh3EC/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbwW2uwhcBy/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BrFhxWYglUr/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BfhLABMFq3Q/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BhFGFVel-ZI/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYhXp4oB1CH/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹³⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZyeu9mBdyL/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYIOB9UhOVu/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYMYJB9BgBY/>. Acesso: 16 out. 2021.

¹⁴² A igreja é um dos maiores ministérios evangélicos de Brasília, possuindo 31,6 mil seguidores no Instagram. Disponível em: [IIR \(@iirbrasil\) • Fotos e vídeos do Instagram](https://www.instagram.com/iirbrasil/). Acesso: 26 mar. 2022.

¹⁴³ Nova Geração é um movimento que surgiu em Brasília, nos últimos anos e se constitui como um braço paraeclesialístico da Igreja Internacional da reconciliação (IIR). O movimento ganhou expressividade em cenário nacional muito rapidamente, principalmente pelo protagonismo de seus líderes nas redes sociais e mídias digitais. De características pentecostais, seu principal objetivo é "levantar e promover jovens avivalistas para que se tornem transformadores e influenciadores na sociedade", estruturando-se em vários departamentos e promovendo ensino por meio de uma escola de avivalistas". Sobre o Movimento Nova Geração, ver mais em: <https://www.instagram.com/inovageracao/>. Acesso: 15 set. de 2021.

mesmo porque, é importante deixar bem claro que se trata de um movimento que surgiu e se mantém de forma independente, e não como braço paraeclesiástico dessa ou de outra igreja, apesar de passar a ter uma parceria com o Movimento Nova Geração. Mas tanto Gustavo, como Alessandro Paiva, são pastores que mantém relação próxima com os nomes acima citados e muitas outras figuras bastante influentes no cenário evangélico brasileiro atual, e essa influência certamente deu visibilidade ao Céu na Terra, um movimento encabeçado por um membro dessa igreja.

Os pastores, missionários e líderes de louvor evangélicos que começaram a ser convidados para as reuniões e eventos do Céu na Terra, citados no penúltimo parágrafo, são figuras muito engajadas nas redes sociais, sobretudo no Instagram. Nas postagens do Instagram do Céu na Terra em que são marcados seus perfis¹⁴⁴, é possível perceber que todos possuem milhares/milhões de seguidores nessa rede social, e que suas postagens são amplamente comentadas e curtidas. Ou seja, são figuras públicas e bastante influentes neste cenário digital evangélico. Sua presença nos eventos e reuniões do Céu na Terra demonstra as relações e articulações que o movimento passou a tecer com outros grupos, igrejas e lideranças e, ao mesmo tempo, revela o potencial de visibilidade que o movimento ganhou por meio dessas articulações e relações.

Se o Céu na Terra trabalhou e trabalha assiduamente para uma ampla divulgação da presença dessas "celebridades evangélicas" em suas reuniões e eventos, postando fotos em suas redes sociais e, posteriormente, divulgando vídeos gravados durante esses encontros e eventos, estes convidados fazem o mesmo. Essas figuras, ao compartilharem também em suas redes sociais sobre a participação nesses eventos e reuniões, contribuíram para dar visibilidade a este movimento, ampliando sua presença para além de seus próprios canais e redes de comunicação digital. Desse modo, sustento o argumento de que a presença destas figuras acabou também sendo um vetor de visibilidade e popularização do Céu na Terra, principalmente através do meio digital, onde todos esses eventos foram amplamente compartilhados e difundidos, atraindo o público evangélico e não evangélico de Brasília e de outros lugares do país para as atividades promovidas pelo movimento.

Considero que este movimento de relações e articulações revela não apenas o interesse em comum de todos estes pastores, líderes e missionários com os objetivos do Céu na Terra, de pregar o evangelho e influenciar uma geração a ser cheia do Espírito Santo, mas como um fator que propiciou uma relevância para o movimento. Aquelas pequenas junções

¹⁴⁴Ver as últimas notas de rodapé.

no metrô, deram forma a um movimento que passou a ter a presença de Priscila Alcântara¹⁴⁵ em seus eventos, para me debruçar mais especificamente apenas a uma dessas pessoas. A figura 31 é um cartaz eletrônico divulgado no Instagram do Movimento, na qual a legenda chama o público para um de seus eventos em que Priscila foi uma das atrações: "Olha só quem estará conosco na nossa conferência "O grito da Salvação", [@priscillaalcantara!](#)".¹⁴⁶ Na mesma postagem, a descrição segue: " [@priscillaalcantara](#) tem atraído, com suas canções inspiradas no Espírito Santo, o olhar de diversas pessoas para Jesus Cristo. Você não pode perder, estamos há pouco mais de 1 mês para o início da conferência, se inscreva logo e vamos nessa!".¹⁴⁷

Figura 32) Cartaz de divulgação da presença da cantora cristã Priscila Alcântara em evento do Céu na Terra



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁴⁸

Já na foto a seguir, a cantora está ministrando no evento referido, reunindo centenas de jovens:

¹⁴⁵ Disponível em: [PRISCILLA \(@priscillaalcantara\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁴⁶ Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 31 mai. 2022.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 21 mai. 2022.

Figura 33) Priscila Alcantara ministrando em evento do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁴⁹

Priscila é reconhecida nacionalmente por ter apresentado o programa infantil *Bom dia e Cia*, do SBT. Atualmente é uma das cantoras evangélicas mais reconhecidas de sua geração, se apresentando em festivais como o *Lollapalooza*¹⁵⁰ e atuando novamente na TV, porém agora na Rede Globo, como apresentadora dos bastidores do programa *The Masked Singer Brasil*¹⁵¹, ao lado de Ivete Sangalo. O caso de Priscila talvez seja o mais expressivo por conta de sua notoriedade no cenário nacional, e também pela quantidade de seguidores nas redes sociais. No Instagram, por exemplo, a cantora soma mais de seis milhões de seguidores atualmente.¹⁵²

Mas o que gostaria de abordar, com isso, é que o Céu na Terra faz parte, ao lado destas e de outras figuras, movimentos e igrejas, de uma nova geração evangélica que é fortemente engajada nas redes sociais digitais e em outros muitos espaços públicos como a TV, os festivais de músicas seculares, as universidades etc. Vendem produtos, organizam

¹⁴⁹ Disponível: [Céu Na Terra Movement no Instagram: “O que acontece em nossa praça não é só um movimento. Os milagres e curas, não são só “moveres” momentâneos. O quebrantamento não é emoção....”](#). Acesso: 31 mai. 2022.

¹⁵⁰ Disponível em: [Gloria Groove recebe Priscilla Alcantara no palco e desfila hits e looks em sua estreia no Lolla | Lollapalooza | multishow \(globo.com\)](#). Acesso: 06 mai. 2022.

¹⁵¹ Disponível em: [Priscilla Alcantara celebra oportunidade no 'The Masked Singer Brasil': 'Sonho há 8 anos com unir as profissões' | 2022 | Gshow \(globo.com\)](#). Acesso: 06 mai. 2022.

¹⁵² Disponível em: [PRISCILLA \(@priscillaalcantara\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 31 mai. 2022.

eventos, mobilizam pessoas, transitam entre espaços religiosos e não religiosos e por todos estes lugares, buscam levar a sua mensagem, pregando o evangelho e tornando a religião cada vez mais pública. Ou seja, atuando em diversas esferas da sociedade. Gilberto Araújo¹⁵³, um dos nomes citados anteriormente que marcou presença em várias atividades do Céu na Terra, é professor de história e antropologia, e líder de um dos maiores movimentos evangelísticos universitários do presente, o *Fire Universitário*¹⁵⁴, outro exemplo de prática religiosa em espaços públicos. O *Fire Universitário* é um movimento cristão que atua nas universidades, pregando um evangelho avivalista e que já realizou diversos eventos contando, inclusive, com a presença dos mesmos que participam do Céu na Terra. Ou seja, são iniciativas e redes que se apoiam mutuamente e que protagonizam um mesmo tempo, a partir de ferramentas e objetivos em comum.

Os jovens que participaram das reuniões do Movimento Céu na Terra tiveram suas vidas marcadas pelas experiências vividas neste meio, e ali passaram a ser preparados para influenciar a sociedade no compartilhamento do evangelho que lhe estava sendo ensinado, com o objetivo de promover uma mudança na mentalidade de uma geração e seu modo de estar no mundo. Este modo de estar no mundo implica uma vida santificada e livre de pecados, na busca pela salvação e em ser cheio do Espírito Santo para a propagação do avivamento. Existe, portanto, uma linguagem religiosa na construção desta identidade, que é a identidade de uma geração santa que carrega a cultura do céu por onde anda disseminando-a. Esta linguagem aponta um desejo transformador a partir da percepção da realidade social, ela visa transformar Brasília e o Brasil, buscando construir uma nova realidade social a partir de novas condutas e comportamentos, e da "colheita de almas". Para tanto, o Movimento Céu na Terra passou, a partir de 2018, a trabalhar em conjunto com o Movimento Nova Geração.¹⁵⁵ Como já abordei, o Nova Geração é vinculado a Igreja Internacional da Reconciliação, em, Brasília, instituição frequentada por João Paulo, líder do Céu na Terra, e seu objetivo é levantar e equipar jovens avivalistas para que se tornem transformadores e influenciadores na sociedade.

¹⁵³ Disponível em: [Gilberto Araujo \(@ggilbertoaraujo\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁵⁴ Disponível em: [Fire Universitário \(OFICIAL\) \(@fireuniversitario\) • Fotos e vídeos do Instagram](#); [Quem Somos – Fire Universitário \(fireuniversitario.com.br\)](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BdL16v2FJx5/>. Acesso: 16 out. 2021.

2.3.1 O estabelecimento de uma cultura do "Céu na Terra"

O projeto para o ano de 2018 em diante, com a parceria entre os dois movimentos, foi intensificar a colheita de almas, trabalhando para que Brasília fosse uma cidade do senhor Jesus, e ambos os movimentos estariam "queimando" para que uma "cultura do céu" fosse estabelecida primeiramente em Águas Claras e Brasília, e depois essa cultura fosse se espalhando pela nação, com ajuntamentos em praças e capitais, e práticas de evangelismo em pontos chaves das cidades. As práticas evangelísticas passaram a ser uma das principais atividades do Céu na Terra. Grupos de jovens começaram a se reunir para evangelizar pessoas nas ruas¹⁵⁶ e em outros espaços.¹⁵⁷ É interessante apontar que João Paulo, o líder, e mais alguns, passaram também a frequentar *raves*, baladas e outros espaços para evangelizar jovens.¹⁵⁸ Esse projeto de atuar como protagonistas para que o reino de Deus e o evangelho fosse espalhado pela nação pode ser percebida na foto a seguir, registro de um dos últimos eventos do ano de 2017, na Praça CNT, em que um dos participantes segura a bandeira do Brasil, enquanto os jovens reunidos oram pela nação brasileira, para que seja uma nação em que o seu Deus seja o senhor.

Figura 34) Bandeira do Brasil em reunião do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁵⁹

Se faz importante, nesse sentido, entender os meandros da construção dessa "Cultura do Céu", cujo objetivo foi de moldar uma nação com os princípios do evangelho, pois essa

¹⁵⁶ Disponível em: [\(1059\) 99 não é 100 // EVANGELHO NAS RUAS #1 - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁵⁷ Disponível em: [\(1059\) EVANGELISMO NO CARNAVAL #2020 - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁵⁸ Disponível em : [\(1059\) EVANGELISMO EM FESTAS E BOATES // ESCOLA 2414 - YouTube](#). 13 abr. 2022.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/inovageracao/>. Acesso: 16 out. 2021.

cultura diz respeito a uma identidade evangélica. Todos os discursos e imagens construídos pelo Céu na Terra e compartilhados, são símbolos e linguagens fundamentais para a construção dessa cultura e dessa identidade. Ao discorrer sobre o papel da linguagem na construção das identidades religiosas, a historiadora das religiões Eliane Moura da Silva destaca a necessidade de compreender as expressões religiosas como representações. Baseando-se nas concepções da história cultural de Roger Chartier, a pesquisadora aponta que

Assim, é possível pensar que a própria linguagem ajuda a moldar a percepção de mundo, os interesses e a construir o local de produção das ideias. Nesta direção, há que destacar os esquemas geradores das classificações e percepções de cada grupo social, de cada gênero, tendo como objeto a compreensão das formas e motivos – as representações do mundo social – descrevendo a sociedade tal como pensam ser, ou como gostariam que fosse. Assim, o conceito de representação é articulado em três modalidades de relação com o mundo social: classificações e delimitações através das quais, intelectualmente, uma realidade é contraditoriamente construída por diferentes grupos; as práticas de reconhecimento de identidades/subjetividades como maneiras de ser e estar no mundo, dotadas de sentidos e significados simbólicos; e as formas institucionalizadas através das quais, pessoas ou grupos tornam-se visíveis e perpetuam sua existência (ou se definem) como grupo, classe ou comunidade (CHARTIER, 1994, 1995, 1990, 2005) (SILVA, 2011, p. 227).

A historiadora sublinha que a identidade é construída culturalmente a partir das representações, ou seja, do modo como em um determinado lugar uma realidade social e histórica foi construída, pensada, vivida e retratada por um determinado grupo, e as formas como estes grupos se institucionalizam social e culturalmente. Nessa interpretação, as representações são produtos históricos que, ao descreverem e objetivarem a sociedade tal como o grupo gostaria que fosse - no caso do Céu na Terra, uma sociedade cristã e cujo Deus é o senhor - muitas vezes almejam uma projeção universal, ou seja, macro histórica, e por isso as religiões são representações que se impõem como autoridades ao legitimarem determinadas concepções de mundo através de suas verdades e objetivos.

O movimento busca construir uma realidade através de suas práticas, fomentando sua identidade, como uma maneira de estar no mundo. Como o Céu na Terra objetiva propagar essa identidade na construção do social para além de seu local de origem, é preciso entender que as práticas e concepções identitárias do movimento são "representações culturais que aspiram à universalidade e são determinadas por aqueles que as elaboram e não são neutras, pois impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas etc." (SILVA, 2011, p. 227). É nessa interpretação que a história cultural das religiões busca "identificar a maneira pela qual, em diferentes tempos e lugares, um determinado fenômeno religioso é construído, pensado,

lido e faz parte da dinâmica cultural" (SILVA, 2011, p. 227). É com base em tais pressupostos que a "Cultura do Céu" projetada pelo Movimento Céu na Terra, e também pelo Movimento Nova Geração, é aqui compreendida. Trata-se de um modo de viver que excluiu outros tipos de possibilidades de ser e estar no mundo, portanto, é uma cultura que projeta e molda sujeitos e seus papéis diante da sociedade na construção de uma sociedade específica.

Com base nas concepções de Stuart Hall, a historiadora Karina Kosicki Belloti aponta que a cultura determina as ações e os papéis sociais, pois confere sentido às relações sociais, às subjetividades e às identidades. Não se trata de uma questão ontológica, aponta a historiadora, a partir das noções de Stuart Hall,

mas de se tornar e se recriar a partir da interpretação e do posicionamento que os sujeitos têm em relação ao seu passado pessoal, ao seu grupo e as suas circunstâncias. O sujeito define sua subjetividade perante o social e perante seu entendimento de tradição, dos conhecimentos que vem recebendo de diversas instâncias sociais. No cotidiano, o indivíduo tem a possibilidade de reproduzir e também de recriar essa "tradição", conforme diferentes necessidades. Ou seja, não há identidades culturais fixas, mas construções feitas pelos grupos sociais para definir os papéis dos sujeitos. (BELLOTTI, 2011, p. 33).

Há que se dizer, com base nessa recriação da tradição por meio da construção desta "cultura do céu", de que o avivamento é um elemento que como já abordei, faz parte da dinâmica do Céu na Terra. Assim como em tempos outros, em que avivalistas e outros sujeitos "usados por Deus" tais como Billy Graham¹⁶⁰, George Whitefield, John Wesley ou Calvino impactaram seu tempo e a sociedade em que viviam através do "ide", promovendo avivamentos e reformas espirituais e religiosas, para citar algumas das referências presentes nas postagens do movimento e discursos de seus líderes, o Céu na Terra também busca impactar a sociedade através dessa "cultura do céu". Assim, a referência a estes outros estratos de tempo aponta as relações tecidas pelo movimento com os tempos históricos para recriar, no presente, uma tradição evangélica avivalista.

2.4 Mercantilização e marketização do sagrado

No processo de institucionalização do Céu na Terra e do estabelecimento dessa "cultura do céu", o movimento foi se estruturando cada vez mais a partir de uma lógica

¹⁶⁰Sobre isso, ver: BELLOTTI, Karina. "Fiéis soldados de Jesus Cristo: discussão sobre fundamentalismo no Brasil recente. In: BROPOHL, Marion, CAPRARO, André Mendes, GARRAFON, Renata Senna (Orgs.). Sentimento na história. Linguagens, práticas, emoções. Curitiba. Ed. UFPR, 2012.

mercadológica própria da cultura gospel (CUNHA, 2007), regida pela espetacularização, a oferta de bens simbólicos, o marketing religioso e o consumo. Como abordei no final do primeiro capítulo, essa lógica já começou a fazer parte da dinâmica do movimento ainda na época em que as reuniões eram realizadas na Praça do Elefante, quando começaram a ser cobradas ofertas, o ingresso de eventos e as camisetas. Mas foi sobretudo no período em que o movimento se instalou, de fato, na Praça CNT, que essa lógica mercadológica começou a fazer parte da sua rotina de forma mais concreta. Vários eventos aconteceram em forma de espetáculos em locais alugados, em que se apresentaram os convidados que abordei anteriormente, e também a *CNT music*, que se consolidou como o ministério de louvor do Céu na Terra.

Todos os eventos (conferências e acampamentos) foram cobrados e mobilizaram pessoas de vários lugares do país. Foi criada a *CNT Store* (figura 35), loja do movimento, como eu já havia sinalizado anteriormente, no segundo capítulo, e João Paulo, o líder do movimento, escreveu um livro que começou também a ser amplamente vendido (figura 36). Além disso, foi criado um sistema de ensino próprio do Céu na Terra, a Escola 2414 (figura 37). Como são muitos eventos, não será possível referenciar todos, mas todas as conferências e demais eventos foram divulgados e vendidos pelo Instagram. As figuras a seguir tratam desses outros produtos e serviços que passaram a ser vendidos. A loja online se dedicou para o vestuário, criando coleções próprias de camisetas e enviando para todo o Brasil, mas também foram vendidas em eventos.

Figura 35) captura de tela da página da CNT store, no Instagram.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁶¹

Nas postagens da página, consta que a loja surgiu depois de muitos pedidos, ou seja, apontando uma certa demanda do produto oferecido.¹⁶² Nos textos de legenda, do Instagram, consta que o projeto da *CNT store* nasceu com a ideia de ser uma marca voltada para a pregação do evangelho e para que as pessoas pudessem carregar um pedaço do Céu na Terra e de sua mensagem, também em sua vestimenta:

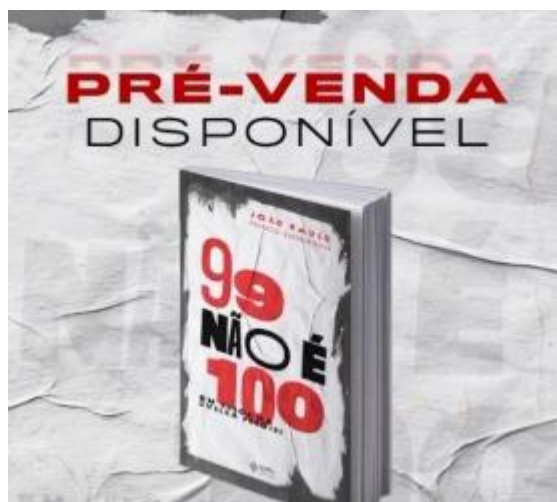
Nossa intenção é que cada produto seja uma forma de estabelecer pontes no evangelismo e te ajudar a alcançar pessoas pelo que você estiver vestindo. Nosso desejo é que tudo que fazemos, aponte para a pregação das Boas Novas que nos salvou e por isso, não seria diferente com a nossa marca. Prepara o coração que tem muita coisa incrível vindo por aí! Além de serem peças únicas e maneiras, irão te ajudar a pregar o evangelho. 🙌 Em breve o site e a nossa primeira coleção estarão disponíveis. 🙌¹⁶³

¹⁶¹ Disponível em: [Loja céu na terra \(@lojacnt\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁶² Disponível em: [Loja céu na terra \(@lojacnt\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁶³ Disponível em: [Loja céu na terra \(@lojacnt\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 06 abr. 2022.

Figura 36) Cartaz da pré-venda do livro de João Paulo.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.¹⁶⁴

Nessa postagem referente à pré-venda do livro de João Paulo, cujo título é *99 não é 100. Em busca da ovelha perdida*, a legenda foi a seguinte:

Estamos próximos de vivenciarmos o maior avivamento da história, que irá culminar na maior colheita de almas de todos os tempos. Uma geração está sendo levantada por Deus com o entendimento de que 99 não é 100". O livro 99 NÃO É 100 já está disponível e você pode ter o seu! Esse é o primeiro livro do @joaopauloz_ pra que você seja inundado de compaixão e lágrimas por almas. Adquira, presenteie seus amigos e seja abençoado por essas palavras! Link para compra na bio. #ceunaterramovement #99nãoé100.

Estes aspectos expressam a missão do Céu na Terra, cujo pano de fundo são aquelas primeiras experiências que João Paulo teve, as quais abordei no início do primeiro capítulo. A paixão e as lágrimas por almas, a prática do evangelismo como prática da "Grande Comissão", e o avivamento. O livro seria um dos instrumentos de preparação desta geração de avivalistas, entretanto, a preparação intensa destes avivalistas e missionários foi visada com a criação da Escola 2414.¹⁶⁵

A Escola 2414, cujo nome se refere ao versículo bíblico "o evangelho do reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações e então virá o fim" (Mateus 24:14), foi talvez o principal método de institucionalização do movimento. Trata-se de um sistema de ensino que tem como foco treinar, capacitar e impulsionar todos que desejam

¹⁶⁴Disponível em: [Céu Na Terra Movement no Instagram: ““Estamos próximos de vivenciarmos o maior avivamento da história, que irá culminar na maior colheita de almas de todos os tempos. Uma...”](#). Acesso: 06 abr. 2022.

¹⁶⁵ Disponível em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](#). Acesso: 07 abr. 2022.

pregar o evangelho e realizar missões. A primeira edição ocorreu em 2018, e atualmente já se conta com quatro edições.¹⁶⁶ Formaram-se mais de mil alunos nesse sistema de ensino, brasileiros e de outros países. O método é composto por aulas teóricas que são realizadas em uma chácara, em Brasília, a partir das quais a liderança do movimento e outros preletores, convidados externos, ensinam fundamentos bíblicos para o evangelismo e a obra missionária, e instruções de como pregar o evangelho nas diferentes esferas sociais. Abordarei no próximo capítulo como esta escola tem projetado estas práticas em um nível global, haja vista que os alunos tem sido encaminhados para vários países do mundo para a prática evangelística que aprendem neste meio. Para o momento, gostaria de salientar que este sistema de ensino não apenas é seletivo, uma vez que os jovens são selecionados como aptos ou não para participarem, como também é pago, como se vê na fonte a seguir:

Figura 37) Captura da página do preço da matrícula da Escola 2414.



Fonte: site do Movimento Céu na Terra.¹⁶⁷

A imagem não está bem nítida, possuindo letras pequenas, mas gostaria de explorar a visualidade dessa fonte. A página oferece instruções sobre a efetivação da matrícula na escola e suas formas de pagamento. O total de investimento é de R\$ 1590,00, mas é possível fazer em algumas condições de pagamento. No cartão de crédito e no boleto, é cobrada uma taxa plataforma de R\$178,00, já no pix não é cobrado taxa nenhuma. No crédito, é possível parcelar em até doze vezes. Acompanhando o site durante o tempo de gestação da pesquisa (2020, 2021 e parte da primeira metade de 2022), percebi que a visualidade do mesmo mudou desde que tive conhecimento dele, em 2018. Se antes o site tinha uma outra "cara" e

¹⁶⁶ Disponível em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](https://ceunaterramovement.com). Acesso: 07 abr. 2022.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://ceunaterramovement.com/escola-2414/>. Acesso: 16 out. 2022.

compartilhava informações gerais sobre o movimento. Depois de 2021, o site passou a funcionar como instrumento de marketing específico da Escola 2414, e para a realização das matrículas. Quem administra esse site é Rômulo Amâncio¹⁶⁸, outro integrante da equipe administrativa do Céu na Terra. Dessa forma, o site é direcionado para o sistema de ensino do Céu na Terra, enquanto o YouTube, o Instagram, o Facebook¹⁶⁹ e o Twitter¹⁷⁰, dos quais explorei nesta pesquisa somente os dois primeiros, são utilizados como veículos de avisos e compartilhamento das práticas, experiências e atividades desenvolvidas pelo Céu na Terra.

As fontes inseridas e os aspectos que elas permitiram explorar apontam que o Céu na Terra, em seu processo de institucionalização, se inseriu em uma lógica mercadológica como fornecedor/vendedor de bens simbólicos e de salvação. Ou seja, o movimento incorporou uma estrutura mercadológica a partir da qual começou a fornecer serviços e produtos que passaram a ser cobrados. É neste aspecto que se centra meu argumento de que ao longo do processo de institucionalização do Céu na Terra, o movimento passa por um processo de neopentecostalização, incorporando elementos que são centrais do segmento neopentecostal. O movimento carrega muitos traços do pentecostalismo clássico, como abordei no início dessa pesquisa, como as práticas de profecia e cura (dons do Espírito Santo), o louvor, e ênfase no avivamento espiritual através da manifestação do Espírito Santo. Mas, aos poucos, sua rotina vai incorporando elementos da sociedade de consumo. Fazem parte de sua estrutura mercadológica as mídias digitais, sobretudo com o marketing religioso enquanto veículo estratégico de venda de seus produtos e serviços (eventos, camisetas, livro, treinamentos), assim como a própria incorporação das ofertas em suas reuniões.

Desse modo, o que se percebe, na trajetória do movimento, é uma transformação do carisma puro em um tipo de dominação carismática, na medida em que o movimento foi se estruturando aos moldes burocráticos e econômicos (SELL, 2018). Se inicialmente o movimento assumiu a forma de uma comunidade, com o passar do tempo, para participar da maioria de suas atividades, exceto os cultos na Praça CNT, na qual a pessoa pode escolher ou não ofertar, passou a ser necessário pagar. Nesse sentido, meu argumento consiste em apontar que a legitimação do carisma do movimento e suas estratégias nas mídias digitais, proporcionaram um aumento do seu público, fazendo com que a sua organização e estrutura fosse sendo alterada a partir de novos moldes, diferentes daquele formato inicial.

¹⁶⁸ Disponível em: [Rômulo Amâncio \(@romuloamancio\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 07 abr. 2022.

¹⁶⁹ Disponível em: [Céu na Terra Movement - Página inicial | Facebook](#). Acesso: 06 abr. 2021.

¹⁷⁰ Disponível em: [Céu na Terra Movement \(@ceunaterramov\) / Twitter](#). Acesso: 06 abr. 2022.

Mas por que o Céu na Terra se tornou um movimento de características neopentecostais? Ricardo Mariano (2008) aponta que no universo neopentecostal, vertente pentecostal que surge no Brasil a partir da década de 1970 e é representada, em grande medida, pela Igreja Universal do Reino de Deus, o dinheiro ganha um capital simbólico e material central. Isso ocorre não apenas porque a Teologia da Prosperidade se torna o carro chefe das denominações neopentecostais, mas porque emerge, nesses meios, a adoção de modelos organizacionais e de gestão de cunho empresarial. É importante deixar esse aspecto claro, porque o discurso da Teologia da Prosperidade não faz parte das pregações e da missão do Céu na Terra, ou seja, não há uma ênfase em suas pregações sobre bênçãos financeiras e busca por riquezas materiais e terrenas, seu foco é o avivamento e o evangelismo. O que ocorre é uma incorporação da lógica mercadológica em sua organização/estrutura interna, a adoção de modelos administrativos e organizacionais de gestão mercadológica, uso das mídias enquanto instrumento para a realização do marketing religioso e formas burocratizadas da venda de seus serviços e produtos. São elementos que fazem com o Céu na Terra tenha se tornado um segmento no interior do chamado "mercado da fé" (LOWENTHAL, MARANHÃO, 2016).

Leonildo Silveira Campos (1996) aponta que a adoção de modelos organizacionais e de gestão de cunho empresarial fazem emergir espécies de igrejas-empresas. Nestes empreendimentos, a religião se torna uma fonte de lucro segundo autores como Ari Pedro Oro (1992) e Reginaldo Prandi (1996). Para Peter Berger (1985), a lógica mercadológica inserida nos meios religiosos é estimulada pela racionalização e burocratização das estruturas religiosas. Este processo se dá, segundo este autor, na configuração dos quadros eclesiásticos e administrativos dos sistemas religiosos. Tais aspectos são nitidamente percebidos na trajetória do Céu na Terra, um movimento pentecostal que começa mal organizado e desprovido de um modelo administrativo e de um corpo burocrático, que aos poucos vai se estruturando com a formação de um quadro eclesiástico de líderes que assumem papéis específicos na divisão do trabalho religioso, e com a incorporação de uma lógica de oferta e procura de produtos que demandam formas burocratizadas e racionalizadas de pagamento e gestão.

Duglas Monteiro (1979), que estudou grupos pentecostais que enfatizam a cura divina, já na década de 1970 apontou que estes assumiram formato de agências religiosas ao promoverem eventos, cultos e outros serviços a partir de um corpo burocrático e de uma estrutura semi-empresarial. Tais grupos são compreendidos como empresas religiosas

responsáveis pela produção e distribuição de bens simbólicos e de salvação, na medida em que suas práticas sacrais e mágicas ao serem administradas nestes moldes, vão se alinhando ao desenvolvimento capitalista que rege as sociedades industriais. Semelhantemente, Rubem Alves (1978), sublinha que essas empresas de cura divina são configuradas pela prática da comercialização de bens espirituais.

A racionalização e burocratização das estruturas religiosas faz parte de um contexto religioso pluralista e competitivo em que os grupos religiosos se veem pressionados pelas pressões exercidas pelo mercado religioso, segundo Mariano (2008). Esta dinâmica se projeta porque os sistemas religiosos disputam entre si o campo religioso, precisando se adequar à lógica econômica para se promover e se manter. Desse modo, o modelo empresarial não apenas elenca um grupo administrativo no interior destes sistemas, como também se utiliza de mecanismos de expansão de suas práticas e entre os neopentecostais, o principal veículo tem sido as mídias, que são apropriadas para a prática do marketing religioso.

No Caso do Movimento Céu na Terra, as mídias digitais funcionam de duas maneiras: como veículo de organização e institucionalização interna, fundamental para a projeção do movimento na cena pública e para a projeção de sua identidade visual, e como instrumento para o marketing religioso de seus produtos e serviços. Como sublinha Leonildo Silveira Campos (1996), os novos empreendimentos religiosos, alcançam popularidade e rápido crescimento por conta de sua eficácia comunicativa por meio das estratégias de marketing, somando-se a montagem de uma estrutura administrativa e organizacional, que equilibra a centralização de todas as decisões nas mãos da liderança carismática e a padronização de “produtos”, conforme a missão do grupo.

Esse aspecto fica evidenciado quando o Céu na Terra constrói a própria marca, adequando o produto com o objetivo que norteia suas práticas, o evangelismo. A criação de uma marca própria é uma estratégia de marketing bem construída, porque viabiliza que o movimento esteja presente no cotidiano de pessoas que não necessariamente frequentam suas reuniões, expandindo-o amplamente. Por isso o logotipo do movimento estampado nas camisetas, por exemplo, é tão importante nesse processo de expansão mercadológica do produto. Este foi um aspecto abordado por Maranhão (2013), que também estudou a construção de uma grife que recebeu a marca da Bola de Neve Church, seu objeto de estudo, uma grife que acompanha o estilo surfista e descontraído, e que faz sucesso entre as pessoas que frequentam a referida igreja, sendo uma das suas principais estratégias mercadológicas.

O marketing religioso, ancorado em um sistema de comunicação eficiente, viabiliza a circulação de produtos de consumo religioso que estrategicamente atraem públicos cada vez maiores (CAMPOS, 1996). Nesse sentido, as relações religiosas "se convertem em relações mercadológicas onde o consumo é o principal condutor das ações. O consumo é caracterizado por um ato imediatista, fugaz, rápido, superficial, que não atinge diretamente a essência do objeto e sim sua imagem" (LOWENTHAL, MARANHÃO, 2016, p. 252), por isso a importância de investir na visualidade e no impacto das imagens, um elemento muito presente nos usos midiáticos que o Céu na Terra faz. É necessário fazer com que o produto seja interessante para o consumidor, por isso o investimento no enquadramento das fotos, que conseguem capturar a intensidade da experiência ofertada pelo movimento, as muitas formas de pagamento de seus eventos, o compartilhamento de vídeos e testemunhos, o convite e a divulgação da presença de "celebridades evangélicas".

A publicização dos eventos e dos cultos projetam uma espetacularização da fé, através da música, do entretenimento e do consumo, que segundo Cunha (2007), fazem parte do novo tipo de ser evangélico. Sobre isso, Campos (1996) aponta que, em função dessas estratégias de marketing e de comunicação, tanto os cultos como os eventos promovidos por esses empreendimentos religiosos se tornam "teatros", "templos" e "mercados". São cultos, eventos e manifestações nos quais ocorrem rituais, dramaturgias, expressividades, e, sobretudo, a transformação de "bens simbólicos" religiosos em recursos financeiros para os grupos que ofertam.

Nesse processo, que Campos (1996) compreende como formas de "mercantilização" e "marketização" do sagrado, é muito importante que os empreendimentos religiosos saibam lidar com as especificidades do mercado religioso, adequando seus produtos com os interesses de seus consumidores, ou seja, é importante conhecer o perfil dos consumidores e dos nichos que consomem o produto (MARIANO, 2008). No caso do Movimento Céu na Terra, há um investimento de linguagem visual e escrita destinada ao público jovem, com amplo engajamento nas redes sociais, que são os meios em que a juventude mais consome. É uma estratégia de publicizar para um público alvo, "atrair e recrutar o maior número possível de adeptos e formar e cativar novas clientelas" (MARIANO, 2008). Lowenthal e Maranhão (2016) vão dizer que na eficiência dessa lógica mercadológica, se constrói uma dinâmica de oferta e procura, e quem condiciona a oferta é o próprio público, pois, "segundo a máxima do marketing empresarial 'sem demanda não há oferta'" (LOWENTHAL, MARANHÃO, 2016, p. 255).

As questões abordadas para a interpretação do processo de institucionalização do Céu na Terra apontam, desse modo, que o movimento assume características neopentecostais na medida em que marketing, espetáculo midiaticizado e mercado, fazem parte da sua dinâmica, estrutura e rotina. Portanto, o movimento se insere em um contexto de espetacularização e mercadorização próprios da sociedade do tempo presente (MARANHÃO, 2013), adequando-se às suas demandas e apropriando-se dos instrumentos e ferramentas de seu tempo.

2.5 O Movimento Céu na Terra como uma instituição no espaço público

A análise tecida até aqui, aponta elementos que indicam a legitimidade e a dimensão prática do movimento, e delineiam a sua dominação carismática em termos de poder, em seu processo de organização e institucionalização. Carlos Eduardo Sell sublinha, que é por essa ótica que deixamos de olhar para o carisma "apenas como uma relação social entre indivíduos, para indagar que tipo de organizações ela pode engendrar. Desse modo, Weber qualifica as estruturas sociológicas de tipo carismático com a fórmula de comunidade emocional" (SELL, 2018, p.493), mas também problematiza as estruturas sociais que levam a processos de burocratização e racionalização da religião. Nesse sentido, discorrendo sobre os estágios da constituição da dominação e rotinização carismática, Carlos Sell em diálogo com outros teóricos weberianos, pontua o seguinte esquema:

- 1) uma situação carismática; 2) um indivíduo carismaticamente qualificado; 3) os adeptos carismaticamente qualificados; 4) a missão carismática; 5) o reconhecimento do carisma; 6) a comprovação do carisma; 7) o alheamento econômico; 8) um aparato administrativo de caráter pessoal (SELL, 2018, p. 6).

Como demonstrei, o movimento Céu na Terra seguiu estes estágios. Houve um contexto histórico que favoreceu uma situação e uma proposta carismática. Um indivíduo com tais atributos que estendeu seu carisma para uma equipe carismaticamente qualificada, o corpo de líderes que passaram a integrar o quadro eclesiástico, trabalhando nessa missão carismática. Houve comprovação deste carisma através do aumento do público, dos testemunhos de curas e outras experiências e, por fim, um processo econômico de racionalização e instituição do movimento que se deu através da burocracia e da incorporação da lógica mercadológica. Este processo aponta que, com o passar do tempo, o carisma do *tipo*

puro que deu início ao movimento, foi consolidando um tipo de dominação carismática, através de um processo de rotinização do carisma. Foi a partir desse processo que o Céu na Terra ganhou a forma de uma instituição, mesmo sem deixar de ser um movimento. Trata-se de um movimento institucionalizado, estruturado a partir de um quadro de líderes, uma hierarquia com a divisão de cargos e serviços cobrados. Dessa forma,

A ênfase sobre a “soberania do homem carismático” não minimiza a mecânica das instituições; pelo contrário, acompanhando a rotinização do carisma, Weber pode atribuir um acentuado peso causal às rotinas institucionais. Assim, ele conserva um determinismo social ressaltando a rotinização do carisma. A forma pela qual trata esse problema testemunha seu empenho em manter um pluralismo causal e colocar a ordem econômica em equilíbrio. Em geral, a construção que Weber faz da dinâmica histórica em termos do carisma e rotinização é uma tentativa de responder ao paradoxo das conseqüências não-intencionais. O carisma da primeira hora pode incitar os seguidores de um herói guerreiro ou profeta a esquecer a conveniência em favor dos valores finais. Mas, durante a rotinização do carisma, os interesses materiais de um séquito em crescimento constituem o fator mais forte. Um movimento carismático pode ser rotinizado no tradicionalismo ou na burocratização. A direção a ser seguida depende principalmente das intenções subjetivas dos seguidores ou do líder; depende da estrutura institucional do movimento e especialmente da ordem econômica. A rotinização do carisma, sob aspectos essenciais, é idêntica à adaptação às condições da economia, ou seja, às rotinas continuamente efetivas da vida de trabalho diária. (WEBER, 1982, p. 72).

É justamente neste aspecto que Sell (2018) aponta que a sociologia weberiana não está preocupada com o líder carismático em si, mas com a dominação carismática a partir da qual é estruturada uma organização/instituição religiosa que surge por meio de um carisma do tipo puro, teológico e extraordinário. Em outras palavras, é no que este carisma se transforma e o que ele projeta, em que consiste o interesse da sociologia da religião weberiana. Nos moldes weberianos apontados na citação acima, se confirma a hipótese de que foi na burocratização e na adaptação às condições da economia que o carisma do Céu na Terra se rotinizou, pois em Weber, o princípio da racionalização tem como eixo uma ética na qual entram em cena elementos materiais e econômicos. Por isso, "o elemento filosófico na construção da história por Weber é esse equilíbrio antinômico dos movimentos carismáticos (líderes e idéias) com a rotinização racional (instituições duradouras e interesses materiais)" (SELL, 2018, p.73). Nessa interpretação, o aspecto teleológico e extraordinário do carisma cede lugar ao aspecto racionalizado do carisma.

A legitimidade e rotinização carismática do Movimento Céu na Terra foi se concretizando ao mesmo tempo, ou seja, ao passo que o perfil carismático ia sendo provado, com as curas, as visões e as demais experiências, os serviços foram sendo cobrados e

incorporados ao mercado de bens simbólicos. A legitimidade possibilitou a rotinização, é verdade, mas é um processo que ocorre concomitantemente e de forma muito rápida. Desse modo, embora o Movimento Céu na Terra tenha surgido no espaço público sem ter vínculos com igrejas ou instituições, sua trajetória aponta uma nova forma de institucionalização das práticas religiosas no âmbito público, e confirma o caminho operacional delineado por Antônio Gouvêa Mendonça (2004), que aponta que entra a experiência religiosa (a de João Paulo, que foi fundadora do movimento) e a institucionalização do movimento, às vezes há um curto percurso. Com um ano, o movimento já possuía uma hierarquia de cargos, uma rotina eclesial, além de oferecer e cobrar serviços e artigos, e isso só se intensificou com o passar do tempo, consolidando o Céu na Terra como instituição religiosa efetiva desde 2017, estando em funcionamento até os dias atuais.

Pierre Bordieu aponta que neste processo de institucionalização, a manipulação simbólica dos leigos, sobre quem os agentes religiosos exercem seu poder, é realizada por uma divisão do trabalho religioso e que a

força material ou simbólica que as diferentes instâncias (agentes ou instituições) podem mobilizar na luta pelo monopólio do exercício de poder religioso depende, em cada estágio do campo, de sua estrutura objetiva das relações de autoridade propriamente religiosa, isto é, da autoridade e da força que conquistarem no decorrer da luta (BORDIEU, 2007, p. 90).

A instituição religiosa surge, dessa forma, através da administração dos bens simbólicos de salvação que é feita por uma burocracia de funcionários que aspiram o "monopólio da coerção hierocrática legítima e encarregados de organizar em lugares e momentos determinados o culto público do deus, isto é, a prece e o sacrifício (em oposição a coerção mágica), e ao mesmo tempo, a prédica e a cura de almas"(BORDIEU, 2007, p. 93). Uma instituição religiosa ganha forma, portanto, quando o carisma pessoal do profeta que teve a experiência fundadora passa a se vincular, rotineira e cotidianamente, a uma dinâmica institucional. Se instaura, dessa forma, uma relação simbólica a partir da qual o aparelho sacerdotal exerce sua autoridade, um poder começa a ser exercido.

Um poder começa ser exercido em rede na medida em que existem indivíduos que o exercem e outros que sofrem a sua ação. Pierre Bourdieu (2001) aponta que o discurso religioso atua como um poder simbólico, como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e a ação sobre o mundo. Este aspecto é percebido no Movimento Céu na Terra quando ao se consolidar em

termos institucionais, o movimento trabalha para equipar e instrumentalizar jovens para transformarem a realidade social. Este poder é exercido pelos sujeitos religiosos na medida em que se colocam como instrumentos de Deus, capacitados, e que atuam, portanto, em seu nome.

Weber aponta que, solos férteis para a emergência deste *tipo ideal de dominação carismática* são momentos em que, aparentemente, as estruturas institucionais outrora consolidadas apresentam certa decadência, desintegrando-se, e as formas cotidianas de vida e conduta no interior dessas instituições mostram-se “insuficientes para dominar um estado crescente de tensões, pressão ou sofrimento” (WEBER, 1982, p. 69-10). A modernidade, sob a aura da secularização, evidenciou um processo de crise das instituições religiosas, que se estende até o tempo presente, processo este em que se verifica uma certa desregulação institucional que altera significativamente as formas de pertencimento de certos crentes à uma comunidade religiosa específica, colocando em cheque seu poder de dominação. Danièle Hervieu-Léger (2015) aponta, sobre isso, que o tempo atual é marcado não pela mera indiferença com respeito à crença, mas pela perda de sua “regulamentação por parte das instituições tradicionais produtoras de sentido. O que ocorre é uma 'bricolagem de crenças', uma individualização e liberdade na dinâmica de construção dos sistemas de fé” (TEIXEIRA, 2015, p. 8)

Pois bem, há duas considerações a se fazer. A primeira delas é que o Movimento Céu na Terra surgiu de uma forma desinstitucionalizada buscando, estrategicamente, alcançar aqueles que as igrejas não alcançavam na estação de metrô, nas ruas, nas praças, espaços não institucionais. De certa maneira, seu foco evangelístico indica uma certa flexibilização na maneira de atrair seus frequentadores. Não cobra um pertencimento e por isso, conseguiu atrair cada vez mais pessoas buscando na flexibilidade e no discurso de que não seria um ministério e sim uma família, uma porta de adesão, de legitimidade e de dominação. Isso porque este tipo de discurso projeta no imaginário uma relação de igualdade, mas como demonstrei, é um discurso que foi, com o passar do tempo, mostrando-se ambíguo e paradoxal, ao passo em que o movimento vai se institucionalizando a partir dos moldes discutidos nas páginas acima.

Desse modo, inicialmente, sem a pretensão de ser um movimento de fato, a atitude de começar reuniões evangelísticas no espaço da cidade se insere em um processo de desinstitucionalização/desregulação institucional das práticas religiosas, que sublinha um dos principais traços das formas de ser da religião na modernidade secularizada. Conforme

Hervieu-Léger (2015), este processo de desinstitucionalização da religião se intensifica no tempo presente, apontando uma significativa inflexão do fenômeno religioso na cena pública que se configura, em grande medida, como desdobramento do enfraquecimento das instituições religiosas e seu papel regulador.

No que tange ao cristianismo, este processo se evidencia não pela decadência das crenças religiosas, mas pelo afrouxamento dos pertencimentos que aponta, por um lado, a crescente diminuição do número de fiéis autodeclarados e a emergência da categoria dos “desigrejados”¹⁷¹, ou dos que se autodefinem como “religiosos sem religião”.¹⁷² Por outro, também se caracteriza pela emergência de novas expressões religiosas/espirituais e pelo surgimento de Novos Movimentos Religiosos¹⁷³ no âmbito público. Tais movimentos configuram tipos de religiosidade mais flutuantes e em movimento, encabeçados por grupos que tecem suas experiências e constroem suas identidades em meios outros que não os das instituições religiosas como os templos e as igrejas, por exemplo.¹⁷⁴

Se proliferam, nesse processo, novas formas de crer que se caracterizam pela crença individualista e subjetiva, pela flexibilidade, e pela movimentação de "crentes passeadores" que acabam por praticar uma espiritualidade flutuante. Dessa forma, Danièle Hervieu-Léger (2015) sublinha que a religiosidade nas sociedades contemporâneas se caracteriza pela dinâmica do movimento e da mobilidade, que faz surgir sistemas religiosos que dão vãs a dois personagens religiosos conceituados pela socióloga como o peregrino e o convertido. O peregrino seria aquele que frequenta as reuniões do Movimento Céu na Terra, tece sociabilidades, vive experiências em seu entorno, mas em uma dinâmica fluida de agregação e dispersão. Ele não necessariamente se converte e segue os preceitos cristãos pregados pelo

¹⁷¹ Sobre o fenômeno dos desigrejados ver: sobre os desigrejados ver os trabalhos de: BILHALVA, Alexandre Oliveira. Os “Desigrejados”. Estudo sobre o Fenômeno da Desinstitucionalização Contemporânea nas igrejas Evangélicas. Dissertação de Mestrado em Teologia. Programa de Pós-graduação Em Educação. Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020 e MACIEL; Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. *Sacrilegus*, Juiz de Fora, v. 12, n.2, p. 87-99, jul-dez/2015.

¹⁷² Ver: RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. *REVER*. Revista de Estudos da Religião dezembro / 2007 / pp. 31-56.

¹⁷³ Sobre os Novos Movimentos Religiosos, ver: Sobre os Novos Movimentos Religiosos, ver os trabalhos de: BECKFORD, James A. Novos Movimentos Religiosos. Traduzido por Max Luiz Gímenes e Diogo Barbosa Maciel. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós - Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.26.2, ago./dez., 2019, p.326-339; RODRIGUES, Elisa. A emergência dos Novos Movimentos Religiosos e suas repercussões no campo religioso brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1 e 2, p. 45-58; RODRIGUES, Donizete. Novos Movimentos Religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 12, volume 19(1): 17-42 (2008) e MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(2): 145-163, 2010.

¹⁷⁴ Ver mais em: Ver mais em: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

movimento, mas consome seus serviços. Já o convertido é aquele que nesse sistema escolhe seguir este "Deus" e muda de vida, entrando em um "regime intenso de vida religiosa" (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.10).

Ocorre, dessa forma, que há algum tempo as instituições mais rígidas e tradicionais encontram uma certa dificuldade em manter seus adeptos, que buscam por outras formas de experimentação do sagrado. É no afrouxamento dessa rigidez e das formas de pertencer/congregar/consumir, que novas comunidades surgem, num jogo estratégico que vai atraindo aos poucos. Conforme aponta o antropólogo Emerson Senna da Silveira com base nas discussões de Anthony Giddens e Danièle Hervieu-Leger, na modernidade tardia as religiosidades, sobretudo em se tratando da juventude carismática, entram "cada vez mais no âmbito da escolha, da emoção e da experimentação a partir dos indivíduos, por um lado, mas também, a partir dos coletivos nos quais esses indivíduos estão inseridos, mesmo que provisória e fragilmente"(SILVEIRA, 2017, p. 169).

Desse modo, embora o "crer sem pertencer" seja um dos principais traços do tempo atual, conforme sublinha Danièle Hervieu-Léger (2015), não se pode dizer, do mesmo modo, que como afirma a socióloga, esta nova configuração impossibilite a constituição e a institucionalização de comunidades de crentes em âmbitos e formas não tradicionais. Novas instituições e novos sistemas de fé surgem do aproveitamento da crise dos sistemas religiosos de caráter mais tradicionais, e o Movimento Céu na Terra é um desses sistemas. Não se pode dizer, entretanto, que sua pregação e discurso seja (des) tradicional. O que são mais ou menos novos são os métodos e as estratégias que este grupo elabora para se efetivar e ganhar espaço ao lado de outras expressões religiosas que compõe o plural e competitivo campo religioso.

O movimento Céu na Terra se insere, assim, neste processo de flexibilização das práticas e dos pertencimentos religiosos que tem sido fortemente protagonizado pelas juventudes religiosas, haja vista que os jovens tem adotado novas formas de experimentação e relação com o sagrado, ocupando as cidades, os espaços públicos, o meio virtual. No tempo presente, essas formas de experimentação são flutuantes e flexibilizadas, pois conforme aponta a antropóloga Regina Novaes, "o pertencimento exclusivo e a assiduidade aos cultos já não podem ser vistos como o principal denominador comum do "ser crente", do "ser protestante", do "ser pentecostal", "ser evangélico". (NOVAES, 2012, p. 194). Novos formatos surgem, como é o caso do Céu na Terra, nos quais consomem e frequentam, regular ou dispersamente, peregrinos e convertidos (HERVIEU-LÉGER, 2015), em um movimento de reconfiguração dos espaços públicos. São práticas públicas de crer, em que a juventude

busca liberdade religiosa. Assim, "reafirmando elos com este universo religioso, mas não se sentindo presos a denominações, jovens evangélicos (genéricos) inserem mais uma possibilidade no repertório dos modos de estar e se movimentar no espaço público" (NOVAES, 2012, p. 194).

Um movimento de jovens e para jovens como o Céu na Terra ganha, assim, adesão, porque os participantes se identificam com seus líderes, que não são pastores e líderes mais velhos com os quais poderiam haver conflitos geracionais. E aqueles pastores e líderes mais velhos, que participam das reuniões, são pessoas que já trabalham com o universo jovem, que já tem ministérios, escolas e movimentos que atendem a este público. Mas em relação ainda a essa apropriação do espaço público e a essa flexibilização, ambas as movimentações devem ser compreendidas em um jogo de estratégias, pois o movimento conforme vai se institucionalizando, se ocupa do panorama da crise das instituições religiosas justamente para projetar novas formas de institucionalização das práticas religiosas no espaço público, como tentei demonstrar. Quer dizer que a crise gera novas possibilidades, inclusive novas institucionalidades em formatos essencialmente públicos. Por isso a importância de entender instituição religiosa como uma organização, um sistema, um dispositivo, uma tecnologia.

Nesse sentido, a institucionalidade diz respeito as estruturas a partir das quais os grupos e movimentos religiosos operam, seja no âmbito privado ou público. No caso do Céu na Terra, o movimento não possui um templo físico, porque a proposta que dá vazio a sua identidade é, justamente, atuar nos espaços públicos urbanos e virtuais. Conforme aborda Regina Novaes (2018), trata-se de uma questão geracional, já que as estruturas religiosas de hoje são diferentes das de outrora, mesmo que estas estruturas sejam utilizadas, como problematizei, para reafirmar velhas tradições, discursos, crenças. O fato é que o tempo experimentado, presencial e virtualmente, pela juventude religiosa no tempo presente, revela que essas duas esferas não se excluem, mas se completam. Pois os jovens desta geração, mesmo que não seja possível falar de todos uma vez que o tempo experimentado é plural, estão "vivendo em um momento histórico em que o presencial e o virtual se imbricam constituindo-se uma mesma realidade" (NOVAES, 2018, p. 353).

A segunda questão que gostaria de pontuar, é que na medida em que o Céu na Terra se institucionaliza, o movimento começa a fazer parte, como já apontei anteriormente, do plural e competitivo campo religioso brasileiro. Com base nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu, Arnaldo Hérico Huff Junior (2011) discorre sobre a noção de campo e, mais especificamente, de campo religioso, ao tratar sobre o tempo presente:

A ideia de campo remete à existência de mundos relativamente autônomos em sociedades diferenciadas, onde se originam acontecimentos entendidos como séries causais independentes, ligados a diferentes esferas de necessidades. Trata-se de subespaços sociais com jogos que têm alvos sociais particulares, com interesses que podem ser desinteressantes ao mundo exterior. No interior deles há, porém, lutas para a definição do jogo e dos trunfos para dominá-lo. Pode-se, assim, falar em um campo jurídico, um campo artístico ou um campo religioso, por exemplo. O campo religioso é, nesse sentido, aquele em que os bens religiosos estão em jogo, havendo nele lutas pelas maneiras de desempenhar os papéis determinados no próprio jogo. Nele se manipulam visões de mundo na elaboração de estruturas de percepção do mundo, palavras, princípios de construção da realidade. A religião tem, nessa perspectiva, um caráter de linguagem. É um sistema simbólico de comunicação e de pensamento. Como subespaço social de produção e circulação de bens simbólico religiosos, o campo religioso está assim sujeito a regras específicas que o configuram nas práticas. Ele é o conjunto das relações que os agentes religiosos (que Bourdieu chama também de especialistas da religião – sacerdotes, profetas e magos) mantêm entre si no atendimento à demanda dos leigos e à produção de sentido religioso para a existência de um grupo (HUFF JUNIOR, 2011, p.52).

É neste jogo de interesses e estratégias que o Movimento Céu na Terra se insere ao elaborar determinadas visões de mundo e uma certa construção de realidade para Águas Claras e o Brasil, cujo edifício é a palavra de Deus e seus princípios, cuja ética de vida é andar sobre seus caminhos, propagando seu reino. E o faz através de um sistema simbólico de comunicação e de pensamentos no qual os especialistas da religião são mediadores entre os sujeitos e seu Deus. Inserido no campo religioso, o Movimento Céu na Terra visa atender os interesses dos participantes que frequentam suas reuniões, a fim de oferecer ações mágicas e religiosas e construir um capital religioso que hora se alia, hora disputa o monopólio pelos bens de salvação (BORDIEU, 2007) com outros movimentos, grupos e denominações que compõem o campo e o mercado religioso.

Sua atuação revela uma das muitas formas que a juventude religiosa brasileira tem "experimentado o tempo" (NOVAES, 2018), a partir de suas práticas religiosas nos espaços públicos urbanos e virtuais. Nessa lógica, conforme salienta a antropóloga Regina Novaes, "com conteúdos, formatos, performances e rituais diversificados, indivíduos, grupos e instituições levam diferentes demandas ao espaço público onde são disputados recursos materiais e simbólicos" (NOVAES, 2012, p. 185). Desse modo, seja pela atuação no espaço urbano, seja no virtual, o Céu na Terra protagoniza e experimenta um tempo em que as práticas religiosas se publicizam e visibilizam cada vez mais, não somente porque se ampliam para além dos templos e dos espaços privados mais tradicionais, mas porque "as novas tecnologias de informação e comunicação também pesam na ampliação do espaço público no qual surgem inéditas maneiras de incidir" (NOVAES, 2012, p. 185).

Capítulo 3. De micro movimento a macro fenômeno: o Céu na Terra em espaços

públicos outros

Essa maneira de experimentar o tempo, em que as práticas e experiências religiosas são tecidas na cena pública digital, se dá pelo fato de que o movimento aqui analisado faz parte de um contexto histórico bastante específico. Objeto do tempo presente, o Movimento Céu na Terra nasce, se desenvolve e carrega os traços de sua época. Ele é fruto desse período em que autores como Cohen e Rosenzweig (2005), Anderson (2011) e Gold (2012), caracterizam como "Era Digital". Trata-se, como já abordado, de um movimento encabeçado, consumido e frequentado por uma geração que vive um mundo digital e virtualizado. Em outra oportunidade, trabalhei com a noção de geração virtual/digital para compreender a sociedade e os sujeitos que tem como espaço de experiência as últimas décadas, nas quais a internet passou a ser popularizada e inserida como elemento presente no cotidiano de muitos sujeitos (MACHADO, 2020).¹⁷⁵Esse aspecto geracional foi também abordado pelos historiadores Danielle Dornelles e Rodrigo Bonaldo, os quais apontam que

se formos pensar no recorte geracional, os que nasceram no final do século XX e no início deste milênio tiveram suas subjetividades atravessadas pelas novas tecnologias. Nascer e crescer na “era digital” é ter muito de sua vida relatada em redes como Blogspot, Facebook, Twitter, Orkut, Instagram, YouTube entre outras (DORNELLES, BONALDO, 2022, p. 32).

Se faz importante, desse modo, questionar o que essas tecnologias digitais projetam e promovem. Ou seja, "como as tecnologias digitais têm nos moldado, nos temporalizado?"

¹⁷⁵ No entanto, saliento que "apontar que a internet é um fenômeno de geração implica em duas questões, a meu ver. A primeira delas é apontar e reconhecer, para não cair em um simplismo e em uma universalidade, que nem todas as pessoas que nasceram e viveram pelo menos uma parte de sua vida nessa “nova era” digital podem, de fato, ser consideradas digitais. Muitas, seja por opção própria, seja por falta de condições, permanecem à margem no tocante ao acesso à internet. A outra questão que se coloca é que a interpretação de geração digital não pode limitar-se ao elemento da faixa etária daqueles que nasceram depois da década de noventa"(MACHADO, 2020, p. 8). Quem nasceu em meados do século passado, por exemplo, e adaptou-se a essa nova realidade fazendo uso das tecnologias digitais, também pode ser considerado sujeito da geração digital, virtual. Faço essa apropriação da noção de geração virtual/digital aqui, porque acredito que ela é cabível para pensar o objeto em questão, ou seja, ela é aplicada a este recorte específico em função das problematizações aqui colocadas. Mas tenho plena convicção de que esta é uma noção que não caberia para interpretar alguns outros objetos, além de que, ela levanta outras questões delicadas. Nesse mesmo texto, problematizo, por exemplo, que as tecnologias digitais apesar de promoverem movimentações positivas, são ferramentas elitistas e excludentes. Sim, pois sabe-se que o acesso à internet e a essas ferramentas digitais não são universais e, tampouco, gratuitas. Seus usos e não usos revelam desigualdades sociais, dessa forma, suas possibilidades de acesso estão ligadas diretamente a privilégios de classe. Ver mais em: PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdeir. Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.

Como estamos moldando o mundo e nossas relações interpessoais através delas? Estaríamos expandido nossas vivências às plataformas digitais ou adaptando nossas vidas a partir destas plataformas?" (DORNELLES, BONALDO, 2022, p. 32). São questões norteadoras para a discussão que segue, sobretudo no que diz respeito à alteração temporal que as tecnologias digitais promovem, assim como a possibilidade de expansão das experiências, nesse caso, religiosas.

3.1 A dimensão macro propiciada pela internet: conexões e experiências religiosas online.

As últimas décadas do século XX e estas duas primeiras décadas do século XXI, são marcadas pelo alto desenvolvimento da tecnologia e da cibernética que indicam não apenas novo ciclo no sistema capitalista, mas também projetam um novo processo de interação e conexão mundial. Este novo momento em que a tecnologia adentra nos mundos do trabalho, da economia, nos sistemas políticos e educacionais, no cotidiano e na cultura, caracteriza o que Emanuel Castells (2005) definiu como Sociedade em Rede. Trata-se de uma sociedade que se conecta, em rede, a partir dos usos e da ampliação da tecnologia empregada nas mais diversas esferas sociais e práticas. Essas conexões se tornaram possíveis por conta da emergência do ciberespaço:

um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 2010, p. 17).

A comunicação interpessoal em ambientes virtuais fomentou a cibercultura, um neologismo que segundo o filósofo Pierre Levy, diz respeito ao "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço"(LEVY, 2010, p. 17). Na contracapa do livro de Levy, referência para a análise dos impactos das tecnologias digitais no tempo presente, Carlos Irineu Costa (2010) aponta a necessidade de explorar as potencialidades deste novo espaço de comunicação no plano econômico, político, cultural e humano, e de tentar compreender o impacto, o ambiente e a dinâmica inédita que resulta da expansão dessas novas redes para a vida cultural e social. O ambiente inédito que estas

tecnologias propiciaram, na virada do século, faz parte de um movimento de globalização, propiciando a interconectividade entre sujeitos de diferentes partes do mundo.

Nesse sentido, as tecnologias digitais são centrais para a compreensão do globalismo que caracteriza o tempo presente, uma vez que conforme salientam João Júlio Gomes dos Santos Junior e Monique Sochaczewski (2017), na virada do século, o mundo passava por um intenso processo de globalização em função das novas tecnologias digitais, que não apenas acarretaram o encurtamento das distâncias, mas também propiciaram uma aceleração do tempo histórico. Semelhantemente, para a historiadora Anita Lucchesi (2014), as tecnologias digitais são fruto de um movimento de virtualização que provocou significativas transformações nas noções de tempo, espaço e dado. A internet promove uma noção diferenciada do tempo e do espaço, alterando a forma como os sujeitos se relacionam temporal e espacialmente, pois, conforme discorri em outra oportunidade, a partir das conceitualizações de Reinhart Koselleck, a internet propicia e desenha um novo espaço de experiência no mundo contemporâneo, "espaço este em que os corpos se distanciam fisicamente, mas se aproximam virtualmente" (MACHADO, 2020, p. 85).

Isso ocorre porque a internet possibilita que toda experiência seja “desterritorializada”, sendo "capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa em um lugar ou tempo particular” (LEVY, 2010, p. 51). Em outras palavras, a internet se torna um mecanismo através do qual as experiências e os discursos podem ser compartilhados e ampliados através do *online*, sem que haja a necessidade da presença física para que eventos e outras atividades sejam compartilhadas com um amplo público, inclusive em tempo real. Desse modo, qualquer evento ou atividade

que se presencialmente seria realizada em um dado lugar e alcançaria um número *x* de pessoas, ao ser lançada ou realizada no espaço virtual, em tempo demasiadamente acelerado pode se espalhar globalmente. É necessário considerar, portanto, que virtualização e globalização são processos que ocorrem concomitantes e imbricados (MACHADO, 2020, p. 91).

Nesse sentido, “a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dela no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global [...]” (LEVY, 2004, p. 15). As tecnologias digitais que caracterizam a sociedade em rede (CASTELLS, 2005), desse modo, proporcionam novas conexões entre local e global, entrecruzando as escalas micro e macro sociais (REVEL, 2010), projetando

experiências e práticas realizadas em um espaço geográfico circunscrito para diferentes regiões do mundo em uma mesma rede, projetos e pessoas específicos de um lado a outro do globo, conectando e aproximando a todos. Movimentos transnacionais são realizadas por meio dessas novas técnicas, fundando uma cultura globalizada e cibernética que é fruto das inovações da contemporaneidade. A internet possibilita problematizar, dessa forma, a dimensão, a amplitude, o impacto e as proporções que alguns movimentos alcançam, na medida em que as "mídias eletrônicas, desprovidas de dimensões espaciais duras, estão sob o signo de uma temporalidade peculiar: difusão instantânea, perda da distinção entre o 'aqui' e o 'lá', fusão de fronteiras e outros fenômenos" (SILVEIRA, 2014, p. 122).

Vale lembrar, sobre isso, que como bem afirmou Bellotti (2011), a globalização cultural que se acentuou no final do século XX e início do XXI, repercutiu também no campo religioso. Por conta disso, as relações entre mídia, religião e cultura acabaram por redefinir, e, ao mesmo tempo, desconstruir as fronteiras religiosas na medida em que indivíduos e grupos religiosos passaram a se utilizar das mídias digitais a fim de propagar e tornar conhecidas suas práticas. No que diz respeito ao Brasil, o que se vê é uma ampla circulação global da cultura brasileira, incluindo símbolos, práticas e identidades religiosas (ROCHA, VÁSQUEZ, 2014). Nesse sentido, em diálogo com outros autores que discutem a relação entre religião e globalização, Joanildo Burity e Airton Jungblut (2014, p. 393) apontam que "a expansão da agência e do lugar no cenário recente dos processos de globalização tornou 'a religião' cada vez mais visível, como tema, como prática e como ação estratégica". A relação entre religião e globalização pode ser analisada a partir de diversos enfoques, mas a interconectividade, propiciada pela revolução nas comunicações, fomentou a internacionalização, a transnacionalização, e difusão global dos fenômenos religiosos (BURITY, JUNGBLUNT, 2014). Dessa forma, conforme Cristina Maria de Castro (2014, p. 8), "a religião transforma e é transformada na era global".¹⁷⁶

Como apontam Rocha e Vasquez (2014), no universo religioso, por meio dos veículos tecnológicos de comunicação, "processos que acontecem numa localidade particular podem quase instantaneamente ter efeitos globais" (ROCHA, VÁSQUEZ, 2014, p.21). Essa "universalização" do particular pode ser entendida, segundo estes autores, como "glocalização", ou seja, um entrecruzamento entre o local e o global. Esse é o caso do

¹⁷⁶Sobre as relações entre religião e globalização ver mais em: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes, 1997; ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, VOL. 16 N°. 47 e JUNGBLUNT, Airton. Globalização e religião. Efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo. Revista Civitas, Porto Alegre v. 14 n. 3 p. 419-436 set.-dez. 2014.

Movimento Céu na Terra, um movimento que começou localizado e que através do ciberespaço, acabou por extrapolar suas fronteiras geográficas alcançando dimensões muito amplas e se tornando conhecido nacional e globalmente. Nesse sentido, argumento que a internet possibilitou ao movimento um impacto macro histórico, ou seja, uma amplitude que o projetou como um fenômeno transfronteiriço. É possível pensá-lo como fenômeno global porque como afirmou o historiador Sebastian Conrad (2016), um dos propósitos da história global é, justamente, se debruçar sobre as conexões e interações que constituem a contemporaneidade, focando nos processos e movimentos que transcendem as fronteiras do Estado-Nação. Desse modo, a história global

Toma a interconexão global como ponto de partida e faz da circulação e do intercâmbio de coisas, pessoas, ideias e instituições os seus principais objetos de análise. Uma definição preliminar e bastante lata de história global pode ser formulada da seguinte maneira: é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais. (CONRAD, 2016, p. 16).

Com base nisso, saliento que o Céu na Terra só é compreendido neste trabalho como um fenômeno global porque coloquei sobre este objeto uma problemática a partir da qual ele pudesse ser pensado em um contexto mais amplo. A circulação de ideias e das práticas do Céu na Terra tem impactos e dimensões mais amplas, conforme os pressupostos da história global, porque conectam pessoas de vários lugares. A internet, ao conectar lugares e pessoas, também possibilita experiências religiosas e espirituais que se constituem através do ambiente *online*. Ocorre que, quando a presença física é impossibilitada, os meios digitais funcionam como vetores para a experimentação do sagrado. Os comentários a seguir, em um dos vídeos recentes do movimento, retratam este aspecto global, apontando que as reuniões do movimento extrapolam Águas Claras, promovem experiências e disseminam a mensagem do Céu na Terra para vários lugares do mundo:

Gaby Camargo: A melhor coisa, além do CNT ter voltado, foi esses ao vivo. Posso participar, mesmo de longe. Posso participar em outro horário. E é como se eu estivesse aí, com vocês. Obrigada!!!!!! Vocês são incríveis.

Roberta Alessio: Eu estou em outro país e estava muito triste que não ia poder participar, mas fiquei MUITI FELIZ que pude assistir on-line!!!! Por favor se for possível sempre transmitir será muito bom pra quem não pode ir presencial!!!! Obrigada céu na terra!!! Estava com saudade de tudo isso.

Larissa Oliveira : VCS VOLTAM!!! MDSSS OBRIGADO POR POSTAR AQUI NO YOUTUBE É COMO SE EU ESTIVESSE LÁ 🥹❤️🔥

Anselmo Vilanculos: Wauuuu quando o CNT moviment. Escola 2414 virá a Moçambique?¹⁷⁷

Gaby, Roberta, Larissa e Anselmo são seguidores que assistiram a reunião do Céu na Terra *online*, pelo canal do YouTube. Eles não estavam lá de forma presencial. São seguidores que falam de várias partes do mundo, lugares onde o movimento chega através das plataformas digitais, como, por exemplo, em Moçambique, lugar de onde Anselmo escreve perguntando quando o movimento e a sua escola irão para o seu país. Muitas *lives* foram realizadas, em que seguidores de vários lugares tiveram experiências religiosas de forma *online*, são experiências que foram compartilhadas no Instagram do movimento em forma de testemunho, para publicizar o impacto que o Céu na Terra produz mesmo para aqueles que o seguem virtualmente.¹⁷⁸ Estes são apenas alguns dos exemplos que permitem pensar a catarse que o Céu na Terra tomou, e a interação e conectividade que promoveu.

É importante apontar, nesse sentido, que como Conrad (2016) sublinha, os fenômenos globais se projetam globalmente através de estruturas que propiciam sua amplitude, ou seja, existem condições que possibilitam a projeção desses fenômenos. A história global defendida por Conrad (2016) é baseada no conceito de integração, um conceito que se aproxima bastante, segundo o autor, da noção de estrutura. Nesse sentido, as tecnologias, a economia, os impérios, entre outras, são tipos de estruturas recorrentes na história global que é baseada no conceito de integração. Este modelo também se preocupa em investigar quais as causalidades que possibilitam a projeção e dimensão de alguns fenômenos até atingirem o nível global. No Caso do Céu na Terra, as estruturas tecnológicas fomentaram as condições históricas de sua expansão, e o seu engajamento nas redes sociais pode ser visto como a causa por meio da qual o seu conteúdo chegou a tantos espaços. E por que se faz importante pensar antes nas estruturas e nas causas e depois nas conexões que elas propiciam? Porque "os historiadores globais precisam de ter em mente que as conexões globais são antecidas por determinadas condições. Por sua vez, estas últimas necessitam de ser exaustivamente compreendidas antes de tentarmos perceber as próprias conexões" (CONRAD, 2016, p. 90).

¹⁷⁷ Disponível em: [\(1052\) REUNIÃO CÉU NA TERRA \(30.11.21\) - YouTube](#). Acesso: 12 abr. 2022.

¹⁷⁸ Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#), Acesso: 13 abr. 2022.

Na análise do Céu na Terra, não apenas a dimensão e o impacto do movimento podem e devem ser levados em conta, a partir da noção de integração, devido a conectividade, interação e circulação através dos meios digitais. O movimento pode ser analisado também por conta da mobilidade e dos circuitos, que também são categorias centrais no vocabulário da história global. A história global se preocupa com "a mobilidade de bens, as migrações e as deslocamentos de pessoas, a transferência de ideias e de instituições" (CONRAD, 2016, p. 84), pois estes são aspectos que formam o mundo globalizado e integrado em que vivemos. O Céu na Terra não apenas promoveu deslocamentos de pessoas que se interessaram em ir ou mesmo foram até Brasília para viver essa experiência, como a circulação dessas ideias e práticas também gerou uma demanda de que o movimento fosse levado a outras cidades do país. Os comentários a seguir, feitos por seguidores em vídeos e postagens nas redes sociais do movimento, evidenciam estes aspectos e a forma como a ideia do avivamento do Céu na Terra tem influenciado pessoas:

Jefferson G1015: Vou em Brasília para conhecer o projeto.

Luis Henrique Barros: Maranhão quer experimentar esse Avivamento!

Thiago Mendes Oficial: Bençãos demais, não canso de assistir os vídeos. Espero que um dia venham no Rio de Janeiro!¹⁷⁹

Assucena sousa: Vou sair do Piauí pra conhecer o movimento, fé em Deus

Felipe Matos: Por favor, alguém me explique pois quero sair aqui do Rio pra conhecer o movimento em BSB.¹⁸⁰

O deslocamento e a mobilidade não se resumem apenas ao movimento de pessoas que saíram de suas cidades para participar das reuniões ou eventos, como por exemplo, uma seguidora que se deslocou de Roraima¹⁸¹, mas os próprios integrantes da liderança do Céu na Terra, ao ganhar visibilidade, começaram a ser solicitados e convidados por igrejas de várias partes, eventos de jovens e canais do YouTube, para pregar e ministrar, compartilhando a sua mensagem de avivamento e evangelismo. No Instagram, várias postagens foram feitas sinalizando que outros grupos e igrejas que quisessem a presença de algum participante do movimento poderiam entrar em contato. Desse modo, João Paulo, o líder, passou a pregar em

¹⁷⁹Disponível em: [\(1053\) A ORAÇÃO PODE MUDAR VIDAS - JOÃO PAULO - YouTube](#). Acesso: 12 abr. 2022.

¹⁸⁰ Disponível em: [\(1053\) VOCÊ É A RESPOSTA DA SUA ORAÇÃO | A ação viva de Deus para um avivamento - JOÃO PAULO DIAS - YouTube](#). Acesso: 12 abr. 2021.

¹⁸¹ Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 13 abr. 2022.

várias igrejas e eventos¹⁸² realizados em cidades como Curitiba (PR)¹⁸³ e Caratinga (MG)¹⁸⁴, por exemplo, para citar apenas duas. Esses deslocamentos evidenciam, portanto, a circulação de ideias dessa instituição que é o Céu na Terra, para além do seu local de origem.

Essa visibilidade e demanda só foi possível, como já abordado, pelo engajamento do movimento em suas redes sociais. Foi este engajamento que possibilitou a sua expansão, fazendo daquele pequeno movimento que começou na estação de metrô Arniqueiras, que era um micro movimento, um macro fenômeno. A internet promoveu, dessa forma, um movimento de publicização de suas práticas religiosas, colocando-as em um macro contexto, fomentando a oferta e a procura de seus serviços. Esse ponto é interessante, porque como problematiza Conrad (2016), ao focar nas estruturas que possibilitam a integração e a conectividade, a história global parece desalocar do centro de sua análise o sujeito. Mas quando focamos na mobilidade, no deslocamento e nas operações que os sujeitos fazem a partir de determinadas estruturas, como as tecnológicas, percebemos que essas estruturas são apropriadas pela ação dos sujeitos de modo a atender seus interesses expansionistas.

Diante desses aspectos, o Céu na Terra é um objeto que evidencia um movimento de macro dimensão da religião no tempo presente, propiciado pela internet. Trata-se de um movimento que permite lançar não apenas uma problemática global para as práticas religiosas localizadas, em tempos virtuais e digitais, mas também permite compreender, entrecruzando as escalas de observação micro e macro sociais, as dimensões que essas práticas ganham no presente através da internet, assim como seus possíveis efeitos e impactos. Uma das questões interessantes que se colocam nesse vasto campo de possibilidades, é pensar de que maneira as expressões religiosas de um certo grupo localizado são apropriadas em outros locais. De que forma uma determinada comunidade de um certo local serve como inspiração para outro grupo que o segue nas redes sociais, um aspecto que coloca, novamente em jogo, o consumo religioso nos âmbitos digitais.

Os sujeitos seguem os grupos religiosos, compartilham suas postagens, comentam, acompanham, assistem *lives* religiosas em qualquer lugar do mundo, tecem experiências subjetivas com o sagrado nessas ocasiões. O virtual, desse modo, possibilita experiências empíricas e reais. Todos esses aspectos revelam as novas formas de ser da religião no

¹⁸² Disponível em: [\(1054\) João Paulo | Céu na terra moviment | Conference19 - Intimidade - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁸³ Disponível em: [\(1054\) JOÃO PAULO - CÉU NA TERRA MOVEMENT | REDE JOVEM | 21/07/2018 | Comunidade Cristã de Curitiba | CCC - YouTube](#). Disponível em: 13 abr. 2022.

¹⁸⁴ Disponível em: [\(1054\) JOÃO PAULO - CÉU NA TERRA MOVEMENT - ÚLTIMA PREGAÇÃO DE 2018 - JESUS'CHURCH LIVE - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

presente globalizado, que é também um presente virtualizado e digital. Dessa forma, alteram-se as percepções de tempo, um tempo acelerado e que permite a sincronização e a simultaneidade (CONRAD, 2016) de sujeitos e experiências.

3.2 De Águas Claras para o Brasil: o Tour Céu na Terra

Nos comentários do Instagram e dos vídeos do YouTube, a demanda para que o movimento fosse levado a outras praças e capitais do país fomentou um projeto de expansão do Céu na Terra que acabou possibilitando que, de fato, o movimento impactasse, como era seu objetivo, não apenas Águas Claras (DF) e Brasília, mas também, aos poucos, o Brasil. Em torno do projeto Tour Céu na Terra¹⁸⁵, a partir do ano de 2019, reuniões do movimento, com a presença de seus líderes, foram realizadas em algumas cidades do país como Goiânia (GO), Uberlândia (MG), Belo Horizonte (MG), Vitória (ES), e Rio de Janeiro (RJ)¹⁸⁶, reunindo centenas de pessoas, em sua grande maioria jovens. Estes encontros podem ser compreendidos como verdadeiros espetáculos (CAMPOS, 2006), com palcos, aparelhagem de som, muito louvor e som alto.

O movimento alterou a paisagem destas cidades, disseminando sua mensagem evangelística de avivamento e profetizando que o Brasil será uma nação cujo Deus é o senhor. A bandeira do Brasil passou a ser presente nesses encontros, em que essas multidões de jovens reunidas, passaram a orar pela nação e muitos relatam, por meio de seus testemunhos, que nessas ocasiões, foram batizados no Espírito Santo.¹⁸⁷ Na reunião do Rio de Janeiro, João Paulo enfatiza que o movimento se baseia na ideia de que, como abordei no início desta pesquisa, a humanidade estaria vivendo os últimos dias até que Jesus venha. Por isso, o Céu na Terra estava se empenhando em pregar o evangelho por todos os lugares, a começar pela nação brasileira.¹⁸⁸

Todo este deslocamento, migração e mobilidade apontam para a questão espacial. Conforme aponta Sebastin Conrad (2016, p. 85), "a história global faz parte de uma viragem espacial (*spatial turn*) mais ampla. Uma consequência disto é a renovada importância

¹⁸⁵ Disponível em: [Stories • Instagram](#). Acesso: 23 abr. 2022.

¹⁸⁶ Disponível em: [\(1054\) O CHAMADO DE DEUS PARA O BRASIL // RIO DE JANEIRO - CNT TOUR - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁸⁷ Disponível em: [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁸⁸ Disponível em: [\(1054\) O CHAMADO DE DEUS PARA O BRASIL // RIO DE JANEIRO - CNT TOUR - YouTube](#). Acesso: 13 abr. 2022.

atribuída às relações de cada constelação espacial com outros lugares". Nesse aspecto, é importante salientar que a história global procura "situar assuntos e fenômenos históricos concretos no interior de um contexto mais amplo e, potencialmente, global" (CONRAD, 2016, p. 84). Mas o contexto mais amplo pode ser ainda o território nacional, quando a preocupação é entrecruzar e variar as escalas micro e macro históricas (CONRAD, 2016) para articular diferentes espaços e não limitar-se a análise de territórios fixos. Nesse sentido, "os historiadores têm sido capazes de transcender territorialidades demarcadas, de conectar lugares do interior de uma nação com outros níveis, supranacionais, e de explorar espaços que se sobrepõem" (CONRAD, 2016, p.149). A presença do Céu na Terra, um movimento de Brasília, em vários outros espaços nacionais, aponta este aspecto, pois, nessa virada espacial, a preocupação está em analisar de que forma os indivíduos interagem com outros espaços e sujeitos, como suas práticas e ações repercutem em outros espaços e afetam outras pessoas.

Os níveis micro e macro históricos não se opõem. O enfoque nos pequenos grupos e sujeitos singulares que apresentam itinerários transfronteiriços, permite analisar a forma como estes condicionam os espaços. A propósito, no cerne deste novo debate sobre globalização, está justamente a intenção de entrecruzar as escalas micro e macro históricas como operação historiográfica eficaz na interpretação de casos específicos (REVEL, 1998). Este exercício é reflexo de transformações heurísticas da disciplina histórica, haja vista que desde as décadas de 1970 e 1980, a reflexão sobre a variação das escalas de observação passou a estar entre as principais preocupações dos historiadores (REVEL, 2010).

Revel (2010) apresenta um método de interpretação em que o princípio da variação de escalas possibilita dar conta das circulações que tornam possíveis as conexões de pessoas em determinados locais, seja pelos itinerários e deslocamentos de grupos e sujeitos específicos para contextos mais amplos, como no caso do Céu na Terra, seja pela projeção de sua experiência numa larga escala, englobando várias cidades do país. Por isso, para Revel (2010), reduzir o campo de análise em um micro objeto e analisar a sua projeção macro histórica, permite perceber as diferentes dimensões da experiência social. No caso do Céu na Terra, é uma experiência micro que se projeta em uma escala macro espacial quando o movimento é deslocado de seu território e é levado para outras espacialidades. São itinerários, trajetos e deslocamentos que permitem essa projeção. O princípio de variação de escalas inclui, desse modo, "uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações sociais que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação" (REVEL, 2010, p. 439).

Estes aspectos revelam, mais uma vez, a dimensão da experiência do Céu na Terra como um micro movimento que se projetou como um macro fenômeno, transitando numa multiplicidade de espaços.

3.3 Pregando o evangelho nas nações: evangelismo e missionarismo transnacional.

Um dos principais focos da história global é pensar fenômenos transnacionais que se projetam para além das fronteiras do Estado-Nação (CONRAD, 2016). O Céu na Terra é um objeto que se projeta de forma transnacional não apenas por conta das tecnologias digitais, mas também por conta da efetividade de sua missão, com foco na Grande Comissão, ou seja, ir e pregar o evangelho a toda criatura, nas nações do mundo. O foco da Escola 2414 é, como já abordei anteriormente, baseado em Matheus 24:14: "O evangelho do reino será pregado em todo o mundo, como testemunho em todas as nações, e então virá o fim".¹⁸⁹ Dessa forma, o empreendimento transnacional da prática da missão evangelística está inscrito, como se pôde ver, na identidade do Céu na Terra, sendo um elemento central no cristianismo evangélico que se empenha na Grande Comissão, ou seja, que se apropria dos ensinamentos de Jesus para realizar o trabalho missionário.

Segundo Rocha e Vasquez (2014), uma das muitas maneiras de transnacionalizar as práticas religiosas tem sido o deslocamento de líderes e missionários que rumam ao exterior com o objetivo explícito de propagação de suas religiões. Por isso, alguns movimentos se projetam como fenômenos transnacionais não apenas devido a mediatização, mas também através da missão, da migração e da mobilidade (ROCHA, VASQUEZ, 2014; BURITY, JUNGBLUNT, 2014). Esse trabalho missionário transnacional é realizado pelo Movimento Céu na Terra na atividade prática da escola de treinamento evangelística e missionária 2414. Conforme consta no site¹⁹⁰, depois de realizarem a parte teórica da escola, os alunos colocam em prática tudo que aprenderam. Nessa etapa, as equipes (divididas anteriormente à realização da escola) são distribuídas por Brasília, outros estados e países, para realizarem viagens missionárias, viagens essas que duram cerca de uma semana. Rocha e Vasquez (2014) e Butity e Jungblunt (2014), entendem que esta propagação transnacional das práticas religiosas, que extrapola as fronteiras nacionais, pode ser compreendida em termos de

¹⁸⁹ Disponível em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](http://ceunaterramovement.com). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁹⁰ Disponível em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](http://ceunaterramovement.com). Acesso: 06 mai. 2022.

diáspora, pois evidencia um deslocamento que os sujeitos religiosos fazem de sua terra natal para outros lugares em prol de uma missão.

Estes processos desencadeiam uma nova cartografia da religião na esfera global. Para Rocha e Vasquez, (2014, p. 22):

atores nacionais e locais espalhados pelo mundo têm cada vez mais um papel saliente no desenvolvimento de estilos religiosos alternativos, serviços, estratégias empresariais, redes de distribuição e novos mercados. O resultado é o surgimento de uma cartografia policêntrica da globalização religiosa com vários pontos de injunção, donde se deriva a produção, circulação e consumo.

Por que essa globalização da religião se torna não apenas uma missão evangelística, mas também uma questão de mercado? Porque estes portadores da mensagem são, ao mesmo tempo, detentores dos bens religiosos de salvação. Um grande exemplo citado por estes autores são as práticas de proselitismo religioso que a Igreja Universal do Reino de Deus faz em vários países do mundo. Desse modo, a globalização das práticas religiosas em uma perspectiva transnacional pode ser analisada de diversas maneiras, como pelo turismo religioso, a implantação de igrejas brasileiras em outros países, e também pela prática evangelística e missionária. No caso do Céu na Terra, a intenção é também formar uma geração de avivalistas, por isso essas práticas missionárias e evangelísticas transnacionais acabam fomentando um movimento global de avivamento, porque esses enviados para outros países vão para estes lugares para disseminar essa "cultura do céu". Por outro lado, a escola de evangelismo também acarreta um movimento global de alunos que se direcionam até o Brasil para participarem desses treinamentos. Mais de mil anos foram formados desde 2018, quando a escola começou, alunos de diversos estados brasileiros e outros países como o Chile e Inglaterra.¹⁹¹

Por fim, embora eu não me detenha a esse exercício neste estudo, seria possível também compreender a projeção global do Céu na Terra através da trajetória de uma pessoa somente, como, por exemplo, de seu líder. João Paulo, em seu perfil do Instagram, tem na biografia escrito que ele tem viajado o mundo falando de Jesus.¹⁹² De fato, é possível perceber que o jovem já viajou diversos países da América Latina e Europa, como Bolívia, México, Portugal, Espanha, Punta Cana, França, e também Israel, no Oriente Médio.¹⁹³ A

¹⁹¹ Disponível em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](http://ceunaterramovement.com). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁹² Disponível em: [João Paulo Dias \(@joaopauloz_\) • Fotos e vídeos do Instagram](https://www.instagram.com/joaopauloz_). Acesso: 13 abr. 2022.

¹⁹³ Ver os destaques, no perfil de João Paulo, no instagram.

trajetória desse pregador nas nações aponta, desse modo, a possibilidade de uma outra forma de abordagem, pautada nos pressupostos da micro história global.

A projeção transnacional do Céu na Terra está vinculada a virada espacial, que suscita novas abordagens histórico-globais para a história das religiões (MORALES, 2017). Nesse sentido, o que vemos diante deste objeto é uma projeção global e espacial do fenômeno religioso, seja devido a conectividade, seja por conta da mobilidade e dos deslocamentos para além das fronteiras locais e do Estado-Nação. Nessa esteira, conclui-se que "o fenômeno religioso, na perspectiva global, coloca em jogo diferentes escalas. Diferentes personagens permitem micro-histórias que envolvem a articulação de diferentes estruturas espaciais e temporais" (MORALES, 2017, p. 225). Por isso, a dimensão dos fenômenos religiosos localizados, permitem análises que produzam narrativas que o problematizem também como fenômenos a um nível macro histórico.

3.4 Presença religiosa no espaço público político: a ordem temporal, o "espírito da época" e a homenagem ao Céu na Terra na Câmara dos Deputados

A história do tempo presente é movida e justificada pelo fenômeno da demanda social, e está diretamente associada à função social da história e do historiador diante de seu tempo (BORGES; SANTHIAGO; RODRIGUES 2020). Ela é o resultado de um esforço que os historiadores fazem, muitas vezes, para tentar compreender e explicar o presente vivido (LOHN; CAMPOS, 2017). Dessa forma, conforme abordei no início dessa pesquisa, os historiadores se debruçam em estudar acontecimentos e processos históricos que perpassam, direta ou indiretamente, suas próprias vidas, e em relação aos quais são, por isso, testemunhas vivas. Estudar o presente vivido é tecer um olhar crítico e problemático para uma história a acontecer, e então perceber que alguns temas, objetos e problemas se colocam, justificados pela demanda social que se projeta como demanda historiográfica, mais na "ordem do dia" do que outros. Jean-François Sirinelli (1999) aborda, sobre isso, que o clima ideológico de uma determinada época influencia e projeta orientações historiográficas específicas, assim como também implica nas formas de abordagem de determinados fenômenos.

No Brasil, a relação entre religião e política se coloca como uma das principais demandas para a historiografia do tempo presente, uma vez que o entrecruzamento cada vez maior entre essas duas esferas por meio do engajamento e atuação de alguns segmentos e

atores evangélicos, se apresenta como uma das tônicas que ajudam a compreender a ordem temporal que se projetou no país nos últimos anos (BUTIRY, 2018).

Se a interface entre política e religião no Brasil tem sido amplamente abordada por outros campos como a sociologia, a antropologia, a ciência política e as ciências da religião¹⁹⁴, no que diz respeito a virada do século e, especialmente, aos últimos anos, com discussões sendo feitas no calor dos acontecimentos, a história do tempo presente propriamente dita ainda dedicou pouca atenção para o tema. Contudo, conforme sublinham Marieta Ferreira de Moraes e Lúcia Delgado (2014), a história do tempo presente, ao lidar com questões tão contemporâneas, se constituiu como campo de estudos preponderante interdisciplinar. Desse modo, o diálogo com essas outras áreas aqui será imprescindível, na medida em que elas auxiliam a subsidiar as reflexões necessárias para a compreensão tanto do cenário no qual está inserido o objeto em questão, como de suas relações, pautas e presença no espaço público político.

As questões de cunho político ocupam um lugar consolidado na história do tempo presente. Aliás, o retorno do político teve papel aglutinador servindo como pano de fundo para a afirmação e depois a expansão do campo em finais da década de 1970, haja vista que os historiadores do político constituíram a vanguarda da história do tempo presente (CHAUVEAU, TÉTARD, 1999; RÉMOND, 1999). Ainda hoje, o político e suas interfaces permanecem entre os principais interesses dos historiadores do tempo presente, e isso inclui a historiografia brasileira. Ângela de Castro Gomes (1996) aborda sobre a inflexão de uma nova história política na historiografia brasileira que em finais do século XX, ao mesmo tempo em que é fruto de uma crise de paradigmas que buscou questionar e superar formas tradicionais de abordagem de temáticas políticas, de igual maneira, acompanha um giro historiográfico de caráter interdisciplinar que buscando dar conta de problemas contemporâneos e muito recentes na ordem cronológica, apontou para a constituição de uma história política *do e no* tempo presente.

¹⁹⁴ Uma série de textos e dossiês tem tratado do assunto e seria impossível recuperar toda essa bibliografia. Dialogarei com algumas dessas discussões ao longo deste tópico, mas gostaria de destacar, entre estes estudos, duas coletâneas referenciais para a compreensão das relações entre religião e política, cujo foco está no engajamento e atuação dos evangélicos nas últimas décadas: GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020 e ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.) Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. pp. 163-193. Os textos que compõem essas duas coletâneas estão entre as discussões mais atuais sobre a temática a partir do recorte dos evangélicos, escritos pelos principais especialistas do tema no Brasil, oriundos de diferentes áreas do conhecimento.

Nessa seara, o político pode ser o ponto de partida para a compreensão de outros fatores “comportamentos, das escolhas, das convicções, das lembranças, da memória, da cultura. O político toca muitas coisas. Não é um fato isolado. Ele está evidentemente em relação, também, com os grupos sociais e as tradições de pensamento” (RÉMOND, 1999, p.58). Sobre isso, o historiador João Júlio Gomes Santos Junior, sublinha que

Uma das contribuições mais importantes do movimento de reabilitação da história política na historiografia francesa foi, sem dúvida, uma agenda renovada, que se afastou da concepção tradicional de exaltação dos heróis, governantes e batalhas e ofereceu novos objetos de pesquisa. Para citar apenas alguns exemplos, passou-se a questionar o processo eleitoral, os partidos, a mídia, os intelectuais, as ideias, as religiões e até mesmo os condicionamentos da política interna na política externa (RÉMOND, 2003) (SANTOS JUNIOR, 2019, p. 74).

Nessa perspectiva, o político passa a ser analisado na sua interface com outras esferas sociais, numa abordagem que privilegia os aspectos culturais (GOMES, 1996). A relação entre política e as religiões se insere nesse novo campo de possibilidades e como se verá adiante, se aplica no entendimento de processos eleitorais recentes no Brasil. Há, desse modo, a possibilidade de entrecruzar a perspectiva da história do tempo presente e a história cultural das religiões, pois, no momento em que o fenômeno religioso passa a ser compreendido como produto social e culturalmente construído, não somente os problemas levantados pelos historiadores se modificaram, como também exigiram-se renovações teórico metodológicas que sustentassem novas investigações (BELOTTI, 2011). Nesse sentido, conforme sublinha a historiadora Karina Bellotti (2012, p. 55), "a religião é considerada uma cultura, conferindo um modo de viver e de estar na sociedade, em constante articulação com outras instâncias sociais" como, por exemplo, a política.

A interface entre religião e política no presente brasileiro evidencia um outro aspecto da religião no espaço público a partir do qual o Céu na Terra pode ser analisado, e é a essa dimensão que me dedico agora. Além de sua presença e atuação no espaço urbano e virtual, o movimento também adentrou a esfera política estatal. As três dimensões do espaço público em que o movimento se faz presente e atua são, portanto, os espaços públicos urbano, midiático e o político. Dessa forma, o percurso e trajetória do Céu na Terra corresponde à dinâmica abordada pelos pesquisadores Emerson Sena da Silveira, Marcelo Camurça e Péricles Moraes de Andrade no que se refere a presença das expressões religiosas contemporâneas no espaço público, em se tratando do Brasil:

nos meios de comunicação social de massa e eletrônicos, que são elementos de forte influência sobre o espaço público, a religião faz-se fortemente presente. Evangélicos (neo) pentecostais e católicos carismáticos/midiáticos predominam em canais e programas religiosos, que multiplicam e diversificam-se, absorvendo linguagens e tecnologias modernas, combinando antigos bens simbólicos com o estilo da modernidade capitalista. Nos meios políticos, a atuação institucional intensifica-se: Frentes Parlamentares Evangélicas na Câmara Federal e nas Câmaras Estaduais ocupam comissões, encaminham projetos, negociam o varejo político. Nos meios sociais urbanos, as grandes marchas e mobilizações em massa, lideradas por evangélicos e católicos, procuram traçar sobre o território público (SANTANA, 2014) (CAMURÇA, SILVEIRA, JUNIOR, 2020, p. 992-993).

Contudo, antes de analisar especificamente a presença do Céu na Terra no espaço político estatal e sua relação com figuras políticas evangélicas pertencentes e atuantes na Câmara dos Deputados, se faz necessário, compreender, embora em linhas gerais, como, historicamente, os evangélicos passaram a ocupar este espaço de poder no Brasil, ou seja, compreender o itinerário de sua participação política numa média duração. Assim como sinalizar de que forma os evangélicos mobilizaram o contexto político e social na última década, conjuntura em que o Céu na Terra nasceu.

Conforme aponta Joanildo Butiry (2020, p. 198), "a presença protestante na política brasileira remonta aos primórdios da própria implantação desta fé minoritária no país". Sobre isso, Leonildo Campos (1997) sinalizou que os primeiros políticos evangélicos surgiram ainda no tempo da chamada República Velha, em algumas pequenas cidades e Estados. Segundo este pesquisador, "estes sujeitos faziam parte de famílias de grandes sitiantes ou fazendeiros, e se tornaram deputados, prefeitos e vereadores evangélicos, antes mesmo dos anos 30, quando se elegeram os primeiros deputados federais evangélicos" (CAMPOS, 2002, p. 2). Pertencentes a segunda e terceira geração de protestantes no país, estes sujeitos foram eleitos nessa conjuntura em função de seu capital social e econômico.

Mas foi somente a partir de 1930 que foram eleitos os primeiros evangélicos para cargos representativos e executivos. Este momento de modernização e mudanças sociais, contexto de ascensão da classe operária e da baixa classe média nos centros urbanos, implicou no campo político brasileiro (CAMPOS, 2002). A organização política dos protestantes se viu ainda maior a partir de meados do século passado, e conforme abordam Freston (1993, 1994), Campos (2002), Mariano (2011) e Burity (2020), "ser evangélico" neste período, significava também, em um campo de disputas religiosas e políticas, ser "anticatólico", já que os evangélicos buscavam espaço combatendo a primazia política e cultural do catolicismo no Brasil. Por isso, no que diz respeito a política nacional, os evangélicos protestantes defenderam expressamente a laicidade, com a separação entre Igreja

e Estado, assim como a liberdade de cultos, o tratamento igualitário, a liberdade entre as religiões, e a educação pública e laica.

Como aponta Burity (2020, p. 199), "o período de 1950 a 1964, de grande efervescência no Brasil, teve impacto direto nas igrejas evangélicas, originando movimentos, especialmente entre jovens pastores e leigos, de vinculação a movimentos sociais rurais e urbanos e a partidos de esquerda". É importante salientar que o campo evangélico era composto por atores e segmentos de posicionamentos de caráter progressivos e conservadores. Dessa forma, se nesse neste período houve uma notável aproximação do protestantismo com o pensamento social e político brasileiro e com os movimentos populares e de esquerda, como destaca Burity (2020), essa aproximação causou impacto em certos setores das igrejas, de caráter mais conservador, predispondo-os a reações que legitimaram o golpe militar de 1964, por exemplo. Nas alas mais conservadoras, "ser evangélico" passou a significar, também, uma luta contra o "comunismo", de modo que não bastava ser somente "anticatólico", era necessário, para afirmar o caráter político evangélico, ser também "anticomunista", conforme observa Campos (2002).

Entretanto, embora o protestantismo brasileiro tenha sido impactado, como já abordei anteriormente, por um grande processo de pentecostalização em termos religiosos, um dos marcos diferenciadores desses segmentos evangélicos pode ser sinalizado pelo fato de que, diferente dos protestantes, os pentecostais demoraram a adentrar no campo político mais propriamente dito.¹⁹⁵ Sobre esse aspecto, Joanildo Burity (2020, p. 201) aborda que:

Até fins dos anos 1970, apesar de seu grande crescimento numérico, o campo pentecostal se manteve à margem dessas iniciativas, considerando "suja" a atividade política, aferrando-se a uma combinação de ferrenho anticomunismo, quietismo participativo e apoio tácito ao governo instituído. Nem mesmo os primeiros anos da abertura política (1974-1978) alteraram o perfil discreto e passivo dos pentecostais.

Mariano (2010) já havia apontado, que até a década de 1980 os pentecostais permaneceram apáticos e ausentes da atividade política partidária, assumindo um perfil de apolitismo sustentado pelo argumento de que os crentes não deveriam se envolver com política. Essa postura sofre alterações significativas no decorrer do processo de redemocratização, na medida em que a Assembleia Nacional Constituinte, eleita em 1986, inaugurou um vigoroso ativismo político pentecostal no Brasil, que somente se intensificou

¹⁹⁵ Ver mais em: FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: História ambígua e desafio ético*, Curitiba, Encontro, 1994; FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*, (Tese de doutorado em Sociologia), Universidade de Campinas, 1993.

de lá para cá (MARIANO, 2010; COWAN, 2014). Isso não quer dizer, claro, que todas as ramificações pentecostais adentraram no jogo político. Muitas igrejas e denominações ainda hoje preferem se abster da prática política como, por exemplo, a Congregação Cristã no Brasil. Mas a mudança na mentalidade da grande maioria dos grupos pentecostais, inaugurou um novo jeito de ser evangélico no Brasil, que se consolidou a partir da década de 1990, dando vazio a um novo sujeito: o político de Cristo. Em relação ao comportamento de protestantes e pentecostais no que diz respeito a sua participação política durante o século XX, Campos (2002) sublinha que o itinerário histórico no Brasil é marcado pelo aparecimento de dois tipos ideais, à moda weberiana:

a passagem do “político evangélico”, que usava simplesmente as denominações evangélicas para produzir votos que os elegessem e depois procuravam defende-las na fronteira política, até a chegada do “político de Cristo”, que a nosso ver se constitui um novo ator político-religioso, pois empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política (CAMPOS, 2002, p.2).

Dessa forma, a categoria "político de Cristo" busca dar conta de figuras que fazem parte de uma nova geração de políticos evangélicos, cujas principais figuras são pentecostais. Trata-se de um novo ativismo político pentecostal, que nasceu na virada de século e que foi ganhando força e expressividade ao longo das últimas duas décadas¹⁹⁶. Este novo ativismo político tem sido protagonizado por sujeitos que se denominam como "escolhidos por Deus", que se colocam como representantes do povo de Deus e que por isso, precisam ocupar os cargos-chaves da nação, para defender seus princípios (CAMPOS, 2002). Conforme aborda Campos (2002) ao tratar da fabricação destes políticos de Cristo pela Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, um dos segmentos que mais possui representantes na política brasileira, alguns dos políticos dessa igreja constroem argumentos para legitimar sua presença na política com a justificativa de que a política não é e nem deve ser neutra, e que os evangélicos precisam fazer parte dos processos políticos quando está em jogo o poder que vai governar o seu destino.

Fica evidente, portanto, uma mudança de comportamento que indica a responsabilidade que os evangélicos pentecostais assumiram, nos últimos anos, na construção do país (CAMPOS, 2000). Se antes a política era demonizada como algo que desfojava os crentes "das coisas de Deus", passou a imperar um novo lema em que "irmão passou a votar

¹⁹⁶ Sobre isso, ver : GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

em irmão", na medida em que "da Constituinte para cá, os evangélicos, encabeçados pelos pentecostais, mais que duplicaram o tamanho de sua bancada parlamentar" (MARIANO, 2011, p. 251). Essa nova postura faz parte de um jogo de relações de poder tanto no interior do campo religioso, como também na sociedade civil. Ricardo Mariano aborda, sobre isso, que os pentecostais abandonaram sua tradicional autoexclusão da política partidária, justificando seu inusitado ativismo político

Com a alegação de que urgia defender seus interesses institucionais e seus valores morais contra seus adversários católicos, homossexuais, "macumbeiros" e feministas na elaboração da carta magna. Para tanto, propuseram-se as tarefas de combater, no Congresso Nacional, a descriminalização do aborto e do consumo de drogas, a união civil de homossexuais e a imoralidade, de defender a moral cristã, a família, os bons costumes, a liberdade religiosa [...] (MARIANO, 2010, p. 251).

Nesse cenário, a partir de posturas conservadoras e fundamentalistas e com o argumento de que a crise moral foi o seu terreno, a direita religiosa ganhou força social e política no Brasil recente, como analisa Cowan (2014). Este ativismo evangélico pentecostal de direita projeta e sustenta uma guerra cultural, uma vez que os pentecostais assumem posturas fundamentalistas.

Para Belotti (2012), o fundamentalismo religioso no presente é um fenômeno que aponta a reação de grupos religiosos que enxergam na modernidade (racionalismo, ciência, progresso, secularização), uma ameaça e uma possibilidade de aniquilação de seus valores morais e religiosos, na medida em que outros valores vão sendo construídos tornando a sociedade cada vez mais plural. Entretanto, essa reação se mostra ambígua e paradoxal, na medida em que se essa religiosidade combativa é contrária aos valores modernos, ao mesmo tempo os fundamentalistas religiosos se utilizam dos meios modernos como, por exemplo, as estratégias midiáticas para a evangelização, assim como o racionalismo na interpretação literal da bíblia como verdade (BELLOTTI, 2012). Ou seja, utilizam ferramentas modernas para preservar sua identidade e para efetivar sua missão de reformar a realidade a partir de seus princípios, defendendo a família (de núcleo patriarcal e tradicional), afirmando os papéis de gênero, ao defenderem o padrão heteronormativo instituído pelo criacionismo bíblico e, portanto, enfatizando a autoridade bíblica.

A força com que a direita religiosa representada na figura dos evangélicos pentecostais têm ganhado nos últimos anos, entretanto, não é um fenômeno isolado. As últimas décadas delineiam um gradual processo, em escala global, da ascensão de um

fenômeno que na literatura acadêmica tem sido compreendida como “Novas Direitas”. Na interpretação do historiador Odilon Caldeira Neto, a emergência e o crescimento de forças conservadoras e autoritárias no Brasil ao longo dos últimos anos tem sido interpretada e caracterizada a partir de diversos termos, entre os quais “a) onda ou maré conservadora; b) autoritarismo; c) bolsonarismo; d) neofascismo; e) novas direitas; f) extrema direita; g) direita radical; h) neoliberalismo; i) democracia iliberal; j) populismo etc”. (CALDEIRA NETO, 2020, p. 122). Entretanto, tais noções apontam um fenômeno que não é em si novo, segundo o historiador, pois a direita, embora “envergonhada” nos primeiros anos do presente século, nunca se ausentou do campo político nacional, mobilizando suas pautas e tecendo alianças com grupos outros para a manutenção de sua presença nos espaços de poder.

Antônio Flávio Pierucci (1987) aponta que durante o processo de redemocratização já se evidenciavam as bases da “Nova Direita”, cujas principais características são o medo da ameaça do “outro”, o diferente, culpado da decadência dos costumes e valores que apontam a crise de sua identidade, a qual buscam preservar e defender, sobretudo no campo das moralidades. Suas bases morais são contrárias ao que se conhece por direitos humanos. Seus discursos, majoritariamente de fundo discriminatório e autoritário, promovem reações antiigualitárias e reacionárias à tudo aquilo que foge da sua “receita ideal” (PIERUCCI, 1987). É neste processo redemocratizando que, segundo Cowan (2014), a direita religiosa pentecostal vai construindo suas bases políticas e ideológicas.

Em diálogo com outros autores que tem buscado compreender a complexidade deste fenômeno no Brasil, Odilon Caldeira Neto (2020) elenca algumas das características que denotam grupos e movimentos de direita no presente, entre os quais destacam-se as pautas de oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a contrariedade a determinadas agendas políticas progressistas que buscam pela legalização do aborto, por exemplo. De modo geral, a direita têm levantado a bandeira dos costumes a partir de bases conservadoras e majoritariamente preconceituosas, como é o exemplo de representantes políticos que compõem as chamadas Bancada da Bala e Bancada evangélica, hoje bastante fortes no Congresso Nacional. Do ponto de vista político-econômico, esses grupos também podem ser compreendidos pela defesa do modelo político econômico neoliberal, cujo exemplo mais expressivo é o Movimento Brasil Livre (MBL).

Caldeira Neto (2020) ainda aponta que, nessa seara de "Novas Direitas", entram também alguns grupos negacionistas que negam ou distorcem a existência de determinados passados. Em relação aos negacionistas, conforme abordam Avelar, Valim e Bevernage

(2021), popularizado pelo historiador francês Henry Rousso para a compreensão da relação que o presente estabelece com o passado ou, mais especificamente, dos usos que se fazem de alguns passados no presente, o termo negacionismo passou a ser utilizado como categoria que permite interpretar grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista, por exemplo, negligenciando a seriedade e os impactos deste processo histórico. De igual modo, a nova direita também tem sido caracterizada por outros grupos e movimentos que neste contexto recente, mobilizaram e mobilizam os espaços públicos com discursos apologéticos em relação à ditadura militar, visando combater um possível “comunismo”. Como observa o historiador Mateus Pereira, ao abordar sobre as guerras de memória mobilizadas pela Nova Direita em tempos de Comissão Nacional da Verdade, o negacionismo e o revisionismo em relação à ditadura militar evidenciam, no presente, os usos políticos do passado em um campo de batalhas de memória, visando legitimar ações e projetos de poder de bases autoritárias (PEREIRA, 2015).

Desse modo, entre grupos com características monarquistas, liberais radicais, conservadores, evangélicos, militaristas, armamentistas, neofascistas, revisionistas, negacionistas etc, Odilon Caldeira Neto (2020) frisa que as direitas são diversas, seja em relação ao ponto de partida e as pautas defendidas, como aos elementos de unidade e identificação ideológicas de sustentação de cada grupo. Nesse sentido, Novas Direitas é uma noção polissêmica que abarca um fenômeno de muitas ramificações. Trata-se de um fenômeno heterogêneo e de dimensões globais. O Brasil e a América Latina se situam, desse modo, em consonância com um contexto mais amplo. Conforme apontam Sebastião Valasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Codas (2015, p. 8),

não se trata de fenômeno nacional. Por toda América Latina, assistimos ao reagrupamento de forças no campo do conservadorismo, com a emergência de novas caras, a atualização do discurso e o emprego de estratégias e táticas novas. Como na Europa, a reemergência da direita assumida se dá depois de longo processo de adaptação, e num contexto de dificuldades econômicas que lhe abre um novo campo de oportunidades. Em ambos os casos, a direita põe em questão as conquistas sociais alcançadas no período precedente. Mas há uma diferença que precisa ser frisada. Na Europa, onde a sociedade civil é mais robusta e as instituições mais sólidas, a direita trava uma guerra de posição. No Brasil e na América Latina, a direita se mostra frequentemente mais afoita: ela opta pela guerra de movimento, e busca o poder a qualquer custo, mesmo que para tanto precise transformar, como no passado, em mero arremedo os princípios do Estado de direito e as normas do regime democrático.

Entre as muitas faces do fenômeno das Novas Direitas no Brasil do tempo presente, destacam-se, por exemplo, a presença de setores de direita no sistema partidário, no meio

jurídico e no sistema judiciário, a associação com as forças policiais e sua intervenção no debate da segurança pública, com as bandeiras da ordem e progresso, travestidas em um patriotismo problemático, nos meios de comunicação, na imprensa e nas redes sociais da internet, assim como as diversas manifestações de massa vinculadas às classes médias. Entretanto, é inegável reconhecer que, em se tratando do Brasil, a compreensão desse fenômeno e da maré conservadora que o caracteriza, se relaciona diretamente com a força e o crescimento da direita religiosa no âmbito público, sobretudo o político, por um grupo que embora não seja coeso, vem se destacando significativamente na cena pública, como busquei abordar, desde o processo de redemocratização (COWAN, 2014)

A incursão de evangélicos na política partidária, através dos pentecostais, tem sido uma constante em vários países do continente latino-americano nos últimos anos, por isso um fenômeno transnacional. Conforme destaca o sociólogo José Luiz Peres Guadalupe, este fenômeno que está acontecendo no Brasil possui suas singularidades nacionais por conta da extensão territorial e devido a diversidade social do país, mas acompanha uma tendência do continente latino americano, na qual os evangélicos tem se tornado os novos atores religiosos do campo política (GUADALUPE, 2020). Ao tratar sobre este segmento no continente latino-americano, o também sociólogo Julio Córdova Vilazzón reitera que:

A América Latina tem uma longa tradição de presença evangélica, mas nas últimas décadas houve um salto significativo, especialmente em sua versão pentecostal. Esse crescimento fortaleceu a sua capacidade de influência na agenda pública através de partidos evangélicos ou, mais frequentemente, por meio de associações “pró-vida” e “pró-família”. Enquanto no início do século XX, a agenda evangélica lutava pela separação entre Igreja e Estado, hoje suas posturas contra o avanço da “agenda gay” e da “ideologia de gênero” aproximam esses grupos aos conservadores católicos na luta contra as mudanças liberalizantes na família e na sociedade. As expressões politicamente conservadoras do movimento evangélico na América Latina ganharam notoriedade nos últimos anos, especialmente em sua persistente luta – em parceria com a hierarquia católica – contra a descriminalização do aborto e o casamento igualitário (VILAZZÓN, 2015 p. 163).

Ao se debruçar sobre a análise da última década no Brasil, o cientista político Joanildo Burity questiona se haveria um “especificamente religioso” neste cenário de crise democrática, e se é possível falar no surgimento de uma nova hegemonia religiosa no Brasil. Ao propor o tema da religião no espaço público, ou melhor dizendo, ao refletir acerca de um regime de publicização da religião neste contexto, o autor sugere, ao sustentar a hipótese de que uma nova ordem temporal foi projetada no Brasil, que alguns setores evangélicos de caráter pentecostal e neopentecostal parecem ter tido papel fundamental nesse processo:

Na conjuntura pós-eleições presidenciais de 2014, a desenvoltura e o protagonismo com que o bloco pentecostal hegemônico (“os evangélicos”/ a “bancada evangélica”) se moveu entre o Legislativo e o Executivo e mobilizou a “sociedade civil” e a “indústria cultural” evangélicas do país em seu favor, projetaram esse ator de forma notável no cenário político que foi se conformando até o desfecho no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a formação do governo do ex-vice presidente Michel Temer. Não apenas isso, mas, de uma coalizão liderada pelo PT, o principal partido de esquerda das últimas décadas no Brasil, emergiu uma das mais reacionárias formações políticas da história republicana do país (em si mesma não exatamente um primor do progressismo!), da qual “os evangélicos” parecem ser, e isso é que surpreende, uma força chave” (BURITY, 2018, p.17).

Nesse sentido, Burity (2018) argumenta que o que vai se conformando na história recente do país é um novo regime temporal, uma nova ordem que se caracteriza pela emergência de uma onda conservadora, encabeçada majoritariamente por segmentos evangélicos de ramificação pentecostal, que acabou por trazer o fundamentalismo ao poder.

A partir de sua atuação no espaço público, especialmente nos espaços de poder políticos institucionais, alguns dos chamados "políticos de Cristo" (CAMPOS, 1997), componentes da Bancada Evangélica, demonstraram uma força significativa neste cenário de crise ao mobilizarem a opinião pública com suas pautas, e utilizando-se de um arsenal retórico e persuasivo de discursos e práticas fundamentados em argumentos substancialmente religiosos. Embora não se possa falar em um “golpe político religioso”, estes atores foram elementares na arquitetura do golpe de 2016, por exemplo, ao converterem seu capital religioso em capital simbólico político. Para tanto, foram enfáticos na necessidade de colocar fim, de forma radical, na cultura política de esquerda que ocupava as altas cúpulas do poder brasileiro desde o início do século, aquela praticada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O peso de elementos religiosos no processo histórico que culminou no acontecimento do impeachment da presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016 se mostra elementar, desse modo, para a compreensão tanto da crise em curso, como da projeção de um novo capítulo da história do Brasil, uma vez que tais elementos foram preparando o solo para um dos períodos mais conservadores e fundamentalistas da história do país.

O antropólogo Ronaldo Almeida aponta, por exemplo, que boa parte dos argumentos discursivos no processo de votação do impeachment, valeram-se dos termos “Deus”, “família” e “nação”, os quais tiveram peso decisivo no desfecho do processo, revelando e atualizando a importância do “valor histórico-cultural do cristianismo para a simbologia nacional” (ALMEIDA, 2018, p. 169). Valor este que se outrora tinha no catolicismo sua referência, contemporaneamente tem nos evangélicos sua força maior. Ou seja, o que se

verifica é que um projeto político que visava projetar uma nação de valores cristãos fica bastante evidente no processo de deposição do PT, projetando um horizonte de expectativas que se baseia em um campo de ações que se empenham em construir uma realidade na qual “o deus da bíblia será o senhor da nação quando os evangélicos, os homens de deus, ocupem cada vez mais as posições de poder do Estado” (ALMEIDA, 2018, p. 171). Este projeto parece se evidenciar ainda mais com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, mobilizada com forte apoio destes políticos de Cristo, em 2018, a partir do slogan de campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, conforme bem discorreu Almeida (2019).¹⁹⁷ Um projeto que não apenas aponta o aspecto autoritário do governo do presidente, mas que delinea as ambiguidades e o formato paradoxal da laicidade no Brasil.

Sobre isso, conforme bem salienta Mariano (2010), os evangélicos pentecostais estão empenhados justamente em ampliar a dimensão religiosa no espaço público político, e não para laiciza-lo. O aumento de políticos de Cristo na política institucional nas últimas décadas aponta, de igual modo, um paulatino processo de confessionalização da política e do espaço público, como sinaliza Camurça (2020). Este processo implica na construção de um *modus operandi* religioso que vem, nos últimos anos, tecendo modalidades políticas no interior da máquina estatal, que refletem posicionamentos extremistas, fundamentalistas, conservadores, negacionistas, preconceituosos e exclusivistas na maneira de abordar os assuntos sociais e de administrar e justificar leis e políticas públicas.

Conforme discorrem os pesquisadores Marcelo Camurça, Emerson Sena da Silveira e Péricles Morais Junior (2020), o que se percebe é uma porosidade do sistema público/político brasileiro com o meio religioso, uma vez que no Brasil, apesar da separação entre Estado e Igreja efetivada após a Proclamação da República (1889) e o estabelecimento do regime político laico a partir da Constituição de 1891, as fronteiras entre religião e política foram precariamente construídas ao longo da constituição do Estado, sem nunca haverem sido institucionalmente bem demarcadas. Para estes autores, ao longo do século XX, e em maior medida no XXI, as medidas laicizantes do Estado brasileiro foram sendo flexibilizadas projetando um cenário de pluriconfessionalidade nos espaços políticos institucionais. Desse modo, o que se vê é um Estado constitucionalmente laico, mas que na prática é confessional,

¹⁹⁷ Ver mais em: LACERDA, Marina Basso. Jair Bolsonaro: a agenda defendida em sua trajetória política; FONSECA, Alexandre Brasil. Mídia, religião e política no Brasil de Bolsonaro e MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Apoio evangélico a Bolsonaro: Antipetismo e sacralização da direita. Ambos os artigos estão presentes na terceira parte da coletânea CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

e que gerou concessões "às religiões majoritárias cristãs, assegurando legitimidade pública a seus símbolos religiosos nos espaços estatais, à princípio, neutros e seculares" (CAMURÇA, SILVEIRA, ANDRADE JUNIOR, 2020, p. 975).

Trata-se de uma prática que decorre do século XX mas que se intensifica, portanto, nas últimas duas décadas. A mudança na mentalidade dos evangélicos, ao adentrarem no espaço político, e o seu intenso ativismo na última década, em se tratando do Brasil, revelam uma vontade de construir uma nova nação. Por isso, se o desfecho do impeachment de Dilma significou um retrocesso no tocante à trajetória da democracia brasileira e de um vasto campo de conquistas que foram possibilitadas pela era petista, para estes setores, este acontecimento representou a oportunidade de construir "um novo Brasil", um novo tempo. Isso ocorre porque o tempo experienciado nunca é um tempo coeso, longe de ser uniforme e unívoco, o presente "é vivenciado de forma muito diferente conforme o lugar ocupado na sociedade" (HARTOG, 2015, p. 14). A crise da democracia brasileira representa, por isso, uma alteração na ordem do tempo. Se para alguns grupos este presente foi visto como decadente, para estes setores conservadores da política religiosa, este momento foi decisivo e visto como uma grande oportunidade. Dessa forma, quando a questão é pensar os sentidos atribuídos para as crises, "não significa, então, tratar somente de decadência, decomposição ou fim, pois crise impulsiona reelaboração. A etimologia mesma da palavra, em grego ou latim, remete ao ato de separar, discernir e, portanto, à decisão, julgamento, evento ou momento decisivo", conforme apontam Vieira, Fellipe e Nicodemo (2018, p.8).

Penso que este período de rupturas, no qual a simbologia do evento político representou uma pedra angular, se compreendido pelo viés religioso, projetou não apenas uma nova ordem temporal, mas, de igual modo, produziu um novo *Zeitgeist*. Existe um certo espírito do tempo, ou da época, que ronda o país nos últimos anos, conforme permitem interpretar as discussões com as quais dialoguei acima. A ferramenta dos regimes de historicidade desenvolvida pelo historiador François Hartog serve como instrumento operacional para a compreensão de como novas ordens temporais se constituem a partir de momentos de crise do tempo, crises essas que colocam em cheque a forma como uma sociedade se relaciona com os tempos históricos ao tecer suas experiências no seio social (HARTOG, 2015).

O que se verifica, portanto, no contexto recente brasileiro, é a força de uma cultura política evangélica, na medida em que como afirma o historiador Rodrigo Patto Sa Motta "a existência de cultura política implica um imaginário, neste caso, nacional, um conjunto de

representações que contribui para instituir o grupo como comunidade política" (PATTO SA MOTTA, 2018, p. 115). Nesse sentido, uma cultura política se define por um *tipo* de comportamento político, por um "conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas, partilhado por determinado grupo humano, que expressa/constrói identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro" (PATTO SA MOTTA, 2018, p. 114).

E o que quero dizer com espírito de uma época? *Zeitgeist*, do alemão, significa espírito do tempo, termo desenvolvido por Hegel em sua filosofia da história, que remonta ao século XVIII. De maneira bastante pontual, a noção é utilizada para definir as características e a tônica de um período histórico no que diz respeito às principais tendências e movimentos culturais, políticos, religiosos, às ideologias, o pensamento, as artes etc, que representam uma determinada época (WAGNER, 2014).¹⁹⁸A noção aqui apropriada, busca compreender a inflexão dessa cultura política evangélica e sua força nesse tempo recente, na medida em que vivemos um período, no Brasil, que não não pode ser interpretado sem levar em conta o papel da direita religiosa. Ordem temporal e espírito do tempo são noções que ajudam a compreender, dessa forma, o *status quo* desses últimos anos, indicando a forma como o tempo é habitado, experienciado, e como ganha sentido por meio de uma arena de disputas e relações de poder.

Dessa forma, considero que a depender do foco de análise sob o qual nos debruçamos, nós, historiadores, acabamos por tematizar o tempo, ou, dito de outro modo, o caracterizamos a partir de alguns elementos em função de nossas problemáticas e objetos. Sobre isso, Hartog (2015, p. 13) é bastante pontual quando explica que "o regime de historicidade não deve ser encarado como uma realidade dada, pelo contrário, é construído pelo historiador". Nós, na condição de historiadoras e historiadores, é que criamos ordens do tempo para explicá-lo. Por isso, com base nas noções de ordem temporal, espírito da época e cultura política, tematizei este contexto recente justamente no objetivo de produzir inteligibilidade sobre essa conjuntura de intensa presença dos evangélicos na cena pública.

É justamente nessa conjuntura que o Céu na Terra surge, no ano de 2016. E se o fator político não foi um determinante para que o movimento iniciasse, com o tempo, ele se alinha a esse espírito de sua época. Afinal, é importante pensar que os objetos em história são frutos de um dado contexto e estabelecem, em maior ou menor grau, relação com o tempo ao qual

¹⁹⁸ Ver mais em: MATTOS, Delmo. Razão e historicidade em Hegel. Revista Expedições: Teoria & Historiografia | V. 6, N.2, Agosto -Dezembro de 2015.

pertencem, seja positiva ou negativamente. Isso pode ser percebido talvez não na maneira como alguns fenômenos emergem, isto é, em suas formas e objetivos de ser *à priori*, mas no modo como vão sendo moldados em consonância com o “espírito de uma época” e, ao mesmo tempo, como passam a moldar a realidade social corroborando com este espírito.

O Céu na Terra se constitui como uma fatia evangélica pentecostal que tem buscado ocupar espaços sociais para propagar seus princípios, apropriando-se da ideia de que o povo de Deus precisa ocupar todas as esferas da sociedade disseminando seus discursos, seus princípios bíblicos, sua fé.¹⁹⁹ Nas pregações das reuniões, nesse contexto de mudanças entre a deposição de Dilma e a eleição de Bolsonaro, o movimento começou a tecer discursos de que "Deus" estava movimentando a política brasileira, de que santo não é aquele que se afasta da política, mas que entra e muda o tipo de política que está sendo feito.²⁰⁰ Do mesmo modo, o movimento vai assumindo posturas conservadoras na medida em que as pregações começam a criticar a questão da legalização do aborto, as questões de gênero e todo tipo de postura contrária ao criacionismo e aos modelos tradicionais de família. Nesse ponto, é interessante notar que contrários as interpretações científicas, as quais são denominadas equivocadamente como "marxismo cultural", o movimento vai assumindo um fundamentalismo bíblico, abordando questões da modernidade como feminismo e movimentos pró aborto, de uma forma cristocêntrica²⁰¹, assim como a defesa da pureza sexual.²⁰²

Sua atuação sugere que o Brasil precisa ser tomado por uma "cultura do reino" e por isso, vai ao encontro da tese levantada por Amos Young, para quem "a espiritualidade pentecostal, particularmente suas práticas de oração, profecia e louvor, fomenta posturas políticas que são relevantes para a missão cristã no século XXI"(YOUNG, 2017, p. 4). Este autor sublinha que o tempo presente tem sido fortemente marcado por práticas de oração e louvor proféticos pelo pentecostalismo carismático nos espaços públicos. Os pentecostais estão focados na missão evangelizadora, mas também em interceder por suas nações, seus governos e seus políticos, para que estes sejam guiados por uma intervenção divina nas práticas políticas, para que se levantem "homens e mulheres de Deus" que representem seus princípios. Dessa forma, a presença destes atores na cena pública é um forte traço do cristianismo no século XXI, e indica uma "renovação da fé cristã no presente, ao mesmo

¹⁹⁹ Disponível em: [\(199\) CÉU NA TERRA MOVEMENT - 07/11/2017 - YouTube](#). Acesso 29, abr. 2022.

²⁰⁰ Disponível em: [\(199\) CÉU NA TERRA MOVEMENT - 07/11/2017 - YouTube](#). Acesso: 29 abr. 2022.

²⁰¹ Disponível em: [\(200\) REUNIÃO CÉU NA TERRA - 22/11/2017 - YouTube](#). Acesso: 28 abr. 2022.

²⁰² Disponível em: [\(200\) MEU CONTATO COM A PORNOGRAFIA | Há pureza em você - FERNANDA AMANDIO - YouTube](#). Acesso: 29 abr. 2022.

tempo em que ela pode augurar a renovação da esfera pública através da presença e atividade cristã" (YOUNG, 2017, p. 5-6). Nessa lógica, a bandeira do Brasil começou a ser incorporada de forma recorrente nas reuniões e eventos do Céu na Terra (figuras 38 e 39), assim como também o discurso de que os cristãos devem ocupar estádios, praças, as universidades e a própria política para pregar a sua verdade, promovendo, com isso, uma salvação em massa.

Figura 38) Clara Mendes, líder do Céu na Terra orando pela nação brasileira, em evento do Céu na Terra.



Fonte: Instagram do Céu na Terra.²⁰³

Figura 39) Jovens em reunião do Céu na Terra orando pelo país.



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.

²⁰³Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxpR5EwgXbc/>. Acesso: 27 abr. 2021.

Com base nesses aspectos, este estudo repousa sobre o postulado de que todo fenômeno de cunho religioso, ou, grosso modo, toda religião, é um "produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto, e, por sua vez, capaz de condicionar o próprio contexto em que opera" (MASSENZIO, 2005, p. 179). Desse modo, recorro também a Michel de Certeau, o qual sinaliza que, em sua interpretação historiográfica acerca das práticas e sistemas religiosos, "o historiador estabelece, espontaneamente, como tarefa, determinar o que um setor definido como "religioso" lhe ensina de uma sociedade (assim o fazemos todos)" (CERTEU, 2002. p. 77). Alinhado com este "espírito da época", o Céu na Terra começou a receber apoio e reconhecimento de políticos evangélicos, na medida em que o movimento foi se consolidando não apenas como uma expressão religiosa, mas também como uma força política e social, que tem buscado influenciar a sua geração a ser uma geração "santa".

Por conta disso, no dia 16/08/2018, o Movimento Céu na Terra foi homenageado na Câmara dos Deputados, em Brasília.²⁰⁴ A sessão solene foi requerida por Ronaldo Fonseca, advogado, político e pastor evangélico da Assembleia de Deus, filiado ao partido Progressistas (PP), integrante da Bancada Evangélica.²⁰⁵ Fonseca atuou como deputado federal por dois mandatos consecutivos (2011-2015 / 2015-2019), foi presidente do Conselho Político Nacional da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e, no curto governo de Michel Temer, foi nomeado como Ministro Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, cargo que ocupava quando da ocasião dessa sessão solene. O pastor defendeu ao longo de sua trajetória política questões de cunho moralista conservador, que envolvem temas como a defesa pela família patriarcal e tradicional brasileira, e a crítica às minorias sexuais que não se enquadram em uma identidade heteronormativa de gênero. Fizeram também parte de seus discursos políticos questões sobre a educação sexual, distorcidamente compreendida pelos setores conservadores na bandeira da "ideologia de gênero", e a defesa de um país com bases cristãs.²⁰⁶

Compuseram a mesa, que foi dirigida pelo professor e deputado federal Marcos Pacco Ribeiro Coelho (PODE), o então ministro Ronaldo Fonseca, e parte da liderança do Céu na

²⁰⁴ Disponível em: [\(115\) PLENÁRIO - HOMENAGEM AO MOVIMENTO CÉU NA TERRA - YouTube](#). Acesso: 23 abr. 2022.

²⁰⁵ Sobre isso, ver: QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Progressistas, mas conservadores: a ideologia do partido progressista (PP) no Rio Grande do Sul. 2012. (Dissertação em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

²⁰⁶ Ver mais em: DIAS, Tainah Biela. A defesa da família tradicional e a perpetuação dos papéis de gênero naturalizados. Mandrágora, v.23. n. 1, 2017, p. 49-70.

Terra. Entre estes, Clara Mendes e João Paulo Dias, líderes sênior, Romeu Amâncio, assessor do movimento, Matheus Neri, gestor administrativo, jurídico e financeiro, o apóstolo Alessandro Paiva, líder do Movimento Nova Geração e Samuel Dourado, outro componente da liderança do Céu na Terra, responsável pelo setor de intercessão. O deputado Rodrigo Maia, na época presidente da Câmara dos Deputados, não esteve presente fisicamente no dia, mas escreveu discurso que foi lido na ocasião pelo deputado Pacco:

Senhoras e senhores, gostaria de, primeiramente, saudar o nobre deputado Ronaldo Fonseca, autor do requerimento que ensejou esta homenagem prestada pela Câmara dos Deputados ao Movimento Céu na Terra, programa cristão de evangelização, que visa a transformação e ao resgate de jovens e adolescentes por meio da propagação do evangelho. O movimento teve um início muito modesto, eram apenas quatro jovens que clamavam por um avivamento durante uma reunião na estação de metrô Arniquireas, em Águas Claras, aqui no Distrito Federal. Após intensas e contínuas orações, eles sentiram que poderiam levar avante o projeto de congregar jovens e adolescentes **em torno da palavra de Deus. Senhoras e senhores, embora esta casa seja uma instituição laica, é legítimo registrar a ocorrência de movimentos como este que surgiu aqui, a poucos quilômetros deste parlamento.** Não cabe a nós, parlamentares, fazermos juízo de valor sobre a experiência espiritual deste pequeno grupo de jovens. **Podemos, por sua vez, debruçarmos sobre os desdobramentos concretos dessa experiência e verificar o lado positivo, do ponto de vista social. “Conhecereis a árvore pelos seus frutos, diz o evangelho”.** Aquele encontro inicial em Arniquireas, resultou em muitas outras reuniões, que agregaram crescente números de jovens. O saguão do metrô logo ficou diminuto para acolher todos os que para lá acorriam, **ansiosos pelo conagraamento dos valores cristãos.** As reuniões então foram transferidas para uma praça, também em Águas Claras, que hoje recebe centenas de jovens, vários dos quais, nominalmente, ateus. Não é difícil imaginar o potencial transformador destes encontros. Sem dúvida alguma, neles muitas experiências já foram ressignificadas, os horizontes ampliaram-se, vidas ganharam novo sentido, e motivação. Todos nós, detentores de mandato popular, temos o compromisso com a construção de um Brasil mais ético, em que prosperidade e justiça social, se associem para a resolução das profundas dificuldades que ainda marcam nossa sociedade. **Fenômenos sociais como o movimento Céu na Terra, desempenham importante papel, complementar ao do Estado, neste processo. Os jovens deste movimento estão contribuindo para formar novas lideranças comprometidas com elevados valores morais, reserva ética sem a qual, sociedade alguma pode almejar um futuro digno, pacífico e promissor.** Quero, pois, em nome da Câmara dos Deputados, saudar todos os integrantes do movimento céu na terra, com os votos de que perseverem neste projeto, tão nobre e generoso, atraindo uma atenção cada vez maior, da nossa juventude, para a sua causa. Muito obrigado.” [palmas].²⁰⁷

Os grifos, feitos por mim, apontam o caráter religioso desses políticos, componentes da Bancada Evangélica, que são representados no discurso de Maia, que fala "em nome da Câmara dos Deputados", e declaram o apoio do presidente da Câmara ao movimento, que segundo ele, tem desempenhado papel complementar ao do Estado no processo da formação

²⁰⁷ Disponível em: [\(693\) PLENÁRIO - HOMENAGEM AO MOVIMENTO CÉU NA TERRA - YouTube](#). Acesso: 08 jun. 2022.

e instrução de uma geração de jovens que se comprometem em disseminar valores essencialmente cristãos. Ou seja, o Céu na Terra é visto por estes políticos como um auxiliar na disseminação de suas causas junto à sociedade. Embora o discurso do presidente reconheça a laicidade do Estado, alguns elementos como "em torno da palavra de Deus" e a citação do versículo bíblico contido na passagem de Mateus 7:16, "Conhecereis a árvore pelos frutos", indicam o tom confessional e religioso do discurso.

Todos os líderes foram convidados a ocupar o espaço da tribuna para falar sobre os objetivos do movimento. Alessandro Paiva, pastor da igreja que João Paulo, o líder do movimento, frequenta, começou seu discurso falando a seguinte frase: "eu quero, primeiramente, nesta manhã, honrar o nome do senhor, porque eu acredito que este momento é um marco".²⁰⁸ Na sequência, o pastor parabenizou os políticos evangélicos que estão trabalhando para uma geração e sociedade cristã, alegando o lugar de honra que pastores como o deputado Pacco tem ocupado. Ao falar sobre o Movimento Céu na Terra, o pastor salientou: "o que está acontecendo na praça, na verdade, é uma igreja"²⁰⁹:

que decidi de uma forma muito livre, honrar ao senhor, sendo essa igreja que decidi transformar a sua fé em obras" (...). A igreja do domingo, a igreja da fé, e a bíblia diz que é fé vem do ouvir e ouvir a palavra, mas existe uma igreja que trabalha na segunda e decidi ir às praças **transformar sua fé em obra**. O que eu tenho dito ao João e aos líderes e envolvidos no Movimento Nova Geração é que **Deus tem lugares de honra para nós**. (...) **Esse ano é um ano de grandes transformações João, e graças a Deus, nós decidimos, de forma muito peculiar e profunda, plantar uma semente de mudança profunda no nosso país**. E eu quero agradecer a cada jovem que está aqui sentado, por você decidir ser essa transformação. **Por você decidir ser essa voz de mudança, por você decidir transformar as bases deste país, desde as bases mais simples, até os lugares mais abastados, e nós dizermos, então, que o senhor é o senhor do Brasil**. Por isso Pacco e ministro Ronaldo, queria agradecer a vocês por terem proposto este momento, porque eu acredito que esta geração, **aqui neste lugar, está sendo honrada hoje. Em uma casa de governo. E nós queríamos dizer que o senhor continue tudo isso, tá bom?!²¹⁰**

Os grifos do discurso do Pastor Alessandro Paiva revelam não apenas que o Céu na Terra se constituiu uma igreja, uma instituição a céu aberto, mas também permitem problematizar a aliança feita entre esses jovens com os políticos de Cristo que solicitaram, dirigiram e apoiaram essa sessão. Há um interesse em comum confessado de que as bases da nação precisam ser mudadas e um objetivo muito claro, "de que o senhor seja o senhor do

²⁰⁸Disponível em: [\(693\) PLENÁRIO - HOMENAGEM AO MOVIMENTO CÉU NA TERRA - YouTube](#). Acesso: 08 jun. 2022.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

Brasil". Essa narrativa confessional, apoiada e legitimada por essa "casa de governo" constitucionalmente laica, exprime esse projeto. E é preciso pontuar, que quando Alessandro Paiva menciona que é um ano de transformações e que essa geração de jovens tem atuado para disseminar valores cristãos, ele se refere ao momento que o país atravessava quando da ocasião dessa homenagem. O ano era 2018, o mês era agosto e em outubro seriam as eleições presidenciais, nas quais Bolsonaro foi eleito com o apoio de setores cristãos e políticos de Cristo com esse tipo de postura, como abordei anteriormente. Vale dizer, também, que a fala de Alessandro Paiva, que enfatiza os lugares de honra ocupados pelos integrantes do movimento, ressalta essa aliança e também a ideia de que o povo de Deus trabalha para ocupar os altos escalões de poder, questão abordada por Almeida (2018, 2019). De fato, o Céu na Terra chegou a esse espaço de poder político, e a pergunta que fica é: será que se esse movimento não fosse alinhado com esses interesses políticos religiosos ele teria tamanho apoio, relevância e destaque junto a esse espaço de poder? Certamente não. Se fosse um movimento que contrariasse os interesses desses políticos de Cristo e as ideias que eles defendem, não alcançaria essa representatividade.

Matheus Neri, um dos integrantes do movimento, por sua vez, fez o seguinte discurso:

O fato de o CNT estar sendo homenageado aqui, em uma das casas do poder nacional, que nada mais é do que o titulado poder legislativo, só demonstra que o que temos feito em Águas Claras tem sido relevante para nossa sociedade. O fato de estarmos aqui hoje é motivo de muita alegria, pois em meio aos problemas políticos que temos passado, temos a convicção e cremos que Deus está no controle. Ele está levantando homens e mulheres que tem o caráter de Cristo, que realmente são cristãos. Que querem ser relevantes, que querem fazer a diferença na esfera política e em outras esferas sociais. Por mais que alguns acreditem que o poder corrompa o homem e que os cristãos não devem se envolver com a política para não se corromperem, Deus está levantando uma geração que foi regenerada não de semente corruptível, mas incorruptível, segundo 1ª Pedro 1:23. E essa geração fará um reboiço nessa nação. Fará a diferença aqui dentro desta casa e em outros lugares de poder, assim como levantou José para governar o Egito, que era um reino pagão. Assim como levantou Daniel na Babilônia, entre outros governantes que ele levantou e que não tiveram receios de exercer tais cargos políticos. Pois eles tinham a convicção de quem eles eram em Deus. E foram relevantes para sua geração. Cadê os homens de Deus que farão a diferença na nossa nação? e aceitar este cargo político sem se corromper, mostrando que o Brasil é a nação de Deus?²¹¹

O discurso desse integrante reforça os elementos enfatizados anteriormente na fala do pastor Alessandro Paiva, de que os cristãos estão ocupando os espaços de poder por honra, e aponta, também, essa mudança na mentalidade dos evangélicos, abordada anteriormente com

²¹¹ Disponível em: [\(693\) PLENÁRIO - HOMENAGEM AO MOVIMENTO CÉU NA TERRA - YouTube](#). Acesso: 08 jun. 2022.

base na bibliografia especializada. Ou seja, se durante muito tempo a política não era lugar para os evangélicos, hoje esses atores tem apoio social dos cristãos para levar a cabo suas pautas e interesses. Não somente os políticos de Cristo apoiam o Céu na Terra junto à sociedade, mas o Céu na Terra também apoia a presença desses representantes do povo de Deus junto aos espaços de poder político. Como abordei anteriormente, e na fala de Matheus Neri fica bastante explícito, há um desejo de uma nação cujo seu Deus seja o senhor. Para a legitimação desses cargos de poder, o jovem recorre a elementos bíblicos, reforçando esse diálogo sempre presente entre o presente e o passado, em que o passado serve para legitimar os interesses do presente, além de citar, também, um versículo. Quanto ao "rebolço" que estaria sendo feito na nação, é possível perceber que a narrativa faz uma crítica, nas entrelinhas, a prática política corrupta, pela qual o PT foi tão acusado, sendo um dos grandes alvos dos evangélicos. É como se esses "homens e mulheres de Deus" estivessem sendo destinados por Deus, para mudarem a situação do país de forma incorruptível. O que há, nesses discursos, são alianças e projetos muito bem claros, que se utilizam do nome de Deus, e mais do que isso, o fazem confessionalizando espaços de poder constitucionalmente laicos

Clara Mendes, a única representante feminina do movimento presente na ocasião, teceu o seguinte discurso:

Creemos que dele, por meio dele, e para ele são todas as coisas, e tudo glorifica a ele, e tudo aponta pra ele. E o que estamos vivendo aqui, nesta manhã, mais do que um marco, mais do que um evento, ou a imagem do Céu na Terra, isso tudo glorifica o pai, e estamos certos de que a glória dele não será dividida com nenhum de nós, então, tudo isso é para ele, e estamos gratos. Então, é por isso que estamos aqui esta manhã. Honra à equipe e a vida do João Paulo, por ter se posicionado, e apontando que mais do que idade, mais do que maturidade, Deus só precisa de um coração disposto e alinhado com o propósito dele. Que foi o que gerou e nos oportunizou de viver um pouco do que temos vivido. A igreja é mais do que quatro paredes, a igreja é mais do que uma placa, igreja é além de religião. (...) Em Atos 17:24 diz, o Deus que fez o mundo e tudo que nele há, é o Deus do céu e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. (...) Nós temos nos unidos naquela praça para manifestar uma face da igreja, como igreja. A qual Jesus disse: ide por todo o mundo e levai o evangelho a todas as nações. Estamos reunidos naquela praça, todas as terças-feiras, levando o reino de Deus e manifestando quem ele é, além das quatro paredes, além de denominações e tudo aquilo que podemos ter. A igreja está aqui para servir o mundo. A igreja está aqui como uma casa, uma cidade, colocada no mais alto monte para manifestar a luz de Deus sobre a terra. Estamos aqui para andar juntos. A igreja quer servir o Estado, para trabalhar socialmente, culturalmente e, acima de tudo, apontando quem Cristo é, para o mundo (...).²¹²

²¹² Idem.

A fala de Clara começa num tom bastante confessional. A impressão que dá, é que ela está, de fato, em um culto, dando "glórias a Deus". A líder enfatiza o caráter do movimento, ressaltando a importância de ele atuar junto à sociedade não ficando restrito em quatro paredes. Com isso, ressignifica o próprio papel da igreja junto à sociedade, no que concerne a propagação do evangelho. E, assim como nos discursos anteriores, Clara Mendes também reforça o alinhamento do movimento com a sociedade e com o Estado, para um trabalho coletivo que busque os mesmos objetivos. Já na fala do líder, João Paulo, entre as muitas coisas professadas, o que chama a atenção é, que ao contar sobre a trajetória do Céu na Terra, o jovem enfatiza que sua vontade é que o "Brasil seja reformado por cristãos apaixonados por Jesus, que não tenham ideologia X ou Y, mas uma ideologia das escrituras sagradas."²¹³ O que João Paulo critica, nas entrelinhas, são os estudos e teorias que tratam acerca do gênero, que naquela conjuntura, foram muito atacadas pelos evangélicos que equivocadamente as chamam de "ideologia de gênero".²¹⁴ Esse posicionamento enfatiza as bases moralizantes e conservadoras do Céu na Terra, e quando o jovem enfatiza a necessidade de uma "ideologia das escrituras sagradas", sua narrativa é baseada num parâmetro confessional e fundamentalista.

Ronaldo Fonseca, pastor e político requerente da sessão solene, se pronunciou justificando a homenagem ao movimento:

(...) Toda terça feira passo ali, saio daqui meio tarde, acompanho o CNT, e dizer para o Brasil, porque nós estamos numa casa de lei neste momento, e fiz questão dessa sessão porque acredito nos jovens. Ver vocês nesta mesa, com um ideal, uma visão querendo transformar vidas, transformar o Brasil e mudar a história desta nação e nós mais velhos, embora eu me considere ainda jovem, e temos que empurrar estes jovens. São estes jovens que vão estar conduzindo o Brasil daqui pra frente. E este parlamento precisa reconhecer e assinar embaixo, e dizer que são os jovens desta nação. Que não precisam de drogas para fazer a cabeça, não precisa "sair do armário" para ser aplaudidos pela sociedade. (...) João Paulo, eu quero he incentivar, continue. Você tem muito futuro, a Clara e os demais jovens, (...) a bíblia diz, conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Continue tirando jovens das drogas, do suicídio, sendo instrumento e benção, não perca seu ideal. Ah, e a política no futuro, você pode. (...) Mas agora concentre nessa chama que Deus ascendeu, e essa semente que Deus plantou. Por enquanto está em Águas Claras, mas acredito que logo estará no Brasil. Conte comigo. (...)

²¹³ Ibid.

²¹⁴ Sobre isso, ver: REIS, Toni e EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Educação e Sociedade. Campinas, v. 38, nº. 138, p.9- 26, jan.-mar., 2017 e MISKOLCI, Richard & CAMPANA, Maximiliano Campana . "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017. p.725-744.

Ronaldo Fonseca acompanha o Céu na Terra em suas reuniões e utilizou o poder que têm como político para legitimar e apoiar a causa do movimento, junto ao parlamento, por considerar que o Céu na Terra se alinha aos seus ideias e aos ideais de outros políticos evangélicos no que diz respeito aos rumos da nação. Com posicionamento essencialmente conservador e homofóbico, bastante característicos dos segmentos evangélicos de direita, o político se utiliza da expressão "sair do armário", ressaltando "o poder libertador da bíblia e da verdade que ela prega", ou seja, um discurso que também se deu em um tom fundamentalista e confessional.

Concluindo o que aqui vou chamar de "um colóquio de religiosos no plenário", o dirigente da sessão, deputado Marcos Pacco, teceu um extenso discurso que também seguiu num viés conservador. Já no início de sua fala, Pacco se pronuncia dizendo: "Nós sabemos que a família é, de fato, a base dessa sociedade. Por isso que há uma investida tão grande nas famílias, porque desmoronando a família, desmorona a sociedade".²¹⁵ Com isso, o político defendeu o modelo de família patriarcal, citando, inclusive, sua esposa e filhas, apontando que a sociedade tem investido na desestruturação desse modelo familiar. A defesa da família patriarcal, como se sabe, é um dos principais pontos levantados pelos políticos evangélicos, quando tecem críticas à diversidade de gênero, aos formatos das relações, os papéis sexuais e a outros tipos de estrutura familiar que não se enquadram no padrão heteronormativo. Depois de contar algumas de suas experiências como político evangélico e as causas que defende, Pacco ressalta a necessidade de os cristãos evangélicos ocuparem todas as esferas da sociedade, inclusive incentivando o líder do movimento a entrar na política futuramente, alegando que quando os cristãos não entram nesses espaços, outras pessoas que são contrárias aos seus valores acabam os ocupando:

Eu quero dizer para vocês porque a bíblia diz isso, que muitas pessoas são chamadas, o conselho do deputado Fonseca para vocês Joao Paulo é muito pertinente, fique naquilo para o qual você foi chamado. Você foi chamado, fique naquilo. Agora existe o chamado também para a política, eu tenho 44, entrei com 39, praticamente 40, existe pessoas que tem o chamado, porque todas as áreas que a igreja se recusou a governar, alguém resolveu governar contrário aos interesses da igreja. Porque no salmo 24 diz que do senhor é a terra e a sua plenitude. Plenitude significa tudo. Então aqueles que tem um chamado, os jovens, você tem que ter isso como um propósito, que entrem na política, não tem a ver com vocês neste momento, mas para os jovens que tem este chamado, que entrem na política, porque todas as áreas que nós nos recusamos a governar, foram governadas por outras pessoas que são contrarias ao que nós pensamos, contrarias aos nossos valores, e contrarias aquilo que é bom para a cidade. Entrem nas artes, a igreja precisa estar

²¹⁵ Disponível em: [\(693\) PLENÁRIO - HOMENAGEM AO MOVIMENTO CÉU NA TERRA - YouTube](#). Acesso: 09. Jun. 2022.

nas artes, jovens vocês precisam estar nas artes. Quem criou a dança, a literatura, o teatro, a pintura, quem criou isso? Do senhor é a terra e a sua plenitude. Então jovens tem que estar nas artes, tem que estar na musica e cada vez mais na música. Tem que estar na mídia, na comunicação, poder de comunicação. Tem que estar em todas as áreas, não se recuse a governar. (...) Sabe o que que a igreja falou lá atrás João Paulo? Cinema é do diabo. Cinema não tem nada a ver com a gente. Entregaram algo que Deus criou, porque ele foi quem deu inteligência para as pessoas, entregaram lá atrás e falaram, isso não é de Deus. E olha o que nós temos no cinema hoje em dia. Então não se recuse a governar algo que for entregue a você.²¹⁶

A fala do deputado delineia os aspectos abordados anteriormente, ou seja, que de fato houve uma mudança na mentalidade dos evangélicos, de que a política e outros espaços e práticas eram considerados "coisa do diabo". Hoje, esses setores buscam se infiltrar cada vez mais nos espaços outrora considerados seculares, para impor suas visões de mundo, e os discursos proferido nessa ocasião revelam bastante esse aspecto. Se antes a política era evitada, hoje ela é almejada por muitos grupos evangélicos. A fala do deputado ainda teceu críticas em relação ao aborto, outro discurso recorrente entre os políticos evangélicos de posicionamentos conservadores, como abordei anteriormente. O político salientou, ainda, que o "Estado é laico, mas não é ateu", e que se tem liberdade para professar a fé. Sobre o que os evangélicos chamam de "ideologia de gênero", referindo-se equivocadamente aos estudos de gênero e à educação sexual que estes promovem, o deputado alegou que o que os cristãos precisam é levantar a bandeira da "ideologia de gênese"²¹⁷, se remetendo ao livro bíblico da criação do mundo, em que Deus criou homem e mulher, e que certa "ideologia" traz um malefício para as crianças e adolescentes, corrompendo-os. Por fim, o deputado Pacco ressaltou que uma reforma planejada por Deus tem acontecido na sociedade, por isso, os cristãos têm sido levantados e levados a ocuparem espaços de poder.

Outros integrantes fizeram parte dessa sessão solene e se pronunciaram na tribuna, mas fiz esse recorte porque considero que os discursos acima analisados explicitam de maneira mais contundente os interesses que me norteiam nesse tópico. Essa homenagem é permeada por citações de passagens bíblicas, por pronunciamentos em nome de Deus e para Deus, e por um forte ativismo político religioso. A presença do Céu na Terra na Câmara dos Deputados, espaço de poder político, aponta a relevância deste movimento na cena pública e o legitima, na medida em que o grupo vai tecendo alianças com estes políticos evangélicos e com isso, vai sendo acolhido. Nesse sentido, conforme discorre Emerson Giumbelli (2008, p. 80), "essa acolhida corresponde a alguma forma de reconhecimento da religião por meio de

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ Ibid.

dispositivos jurídicos que implicam o aparato e o poder de Estado e que envolvem algum grau de legitimidade social". Giumbelli (2008) afirma, desse modo, que certas formas de presença da religião no Estado brasileiro não se constroem por oposição à secularização, mas sim no interior deste Estado comprometido com os princípios da laicidade. O fato de que os políticos evangélicos alegarem, na ocasião da homenagem, que o Céu na Terra tem realizado um papel que é complementar ao do Estado na construção de valores morais e dessa sociedade e nação de bases cristãs, aponta não apenas a legitimidade que o Estado dá ao movimento, mas também a aliança tecida, e as formas como ambos os polos se auxiliam. Nesse sentido, a presença de elementos religiosos no espaço político pode ser pensada em termos de colaboração, pois como afirma Giumbelli (2008, p. 82), "a noção de 'colaboração' conferiu assim um fundamento constitucional para aproximações entre Estado e religiões".

Os discursos feitos na ocasião em que o Céu na Terra recebeu a homenagem vão ao encontro da discussão realizada anteriormente acerca da confessionalização evangélica cada vez mais presente do Estado Brasileiro. A aliança e o apoio que o Céu na Terra recebeu destes políticos de Cristo, e o seu alinhamento com as ideias defendidas por estes setores evangélicos conservadores, permite argumentar que o movimento pode ser compreendido como um componente da "Nova Direita" brasileira, em seu braço religioso. Os argumentos ali tecidos, em nome de Deus e para a honra de Deus, são formas de intromissão confessional, pois, o próprio deputado Pacci salienta que, o Estado é laico mas não é ateu, ao mencionar o nome de Deus em seu discurso. Há uma disputa pela própria forma como a laicidade é pensada socialmente, pois como aborda Camurça (2020, p. 87 - 88),

O Brasil é um país laico dizem setores seculares que querem garantir a autonomia pedagógica, científica, jurídico-normativa como forma de gestão do bem público. O Brasil é um país laico, mas não ateu, replicam os setores evangélicos pentecostais secundados por católicos tradicionais, que desejam que valores religiosos venham influir nas decisões de Estado com relação à sociedade, devido ao que julgam ser o peso da presença religiosa nesta sociedade.

Essa confessionalização do Estado, a partir da presença e a circulação de discursos religiosos, intensificam, assim, dissonâncias culturais e conflitos de poder, conforme abordam Camurça, Silveira e Andrade Junior (2020), porque é marcada pela construção de estruturas de verdade. Os discursos tecidos na homenagem que o Céu na Terra recebeu são marcados pela ênfase nessa verdade religiosa, que projeta um campo de relações de poder e subjetividades na medida em que alguns assuntos se tornam "objeto de disputas dos religiosos conservadores, empenhados na defesa de representações naturalizadas da moral, da

sexualidade e da concepção de vida" CAMURÇA, SILVEIRA, ANDRADE JUNIOR, 2020, p. 990). Nesse sentido, estes autores apontam que a religiosidade cristã influencia a pauta dos legislativos e executivos, e suas tentativas impositivas de propor valores estritamente religiosos para o mundo social e cultural, com suas noções de "missão", "vocação" e "verdade". É dessa forma que o Céu na Terra é reconhecido pelo âmbito político, como uma força que atua na sociedade, através de sua vocação e missão, impondo estes valores.

O Céu na Terra pega onda nessa maré conservadora como um braço auxiliador. Esse aspecto poderia certamente ser tratado com mais profundidade, e talvez uma abordagem que levasse em conta as relações entre religião e gênero fosse interessante para analisar esses comportamentos. O que gostaria de salientar, ao abordar essa relação entre religião e política no presente brasileiro e, por fim, ao tratar dessa homenagem que o Céu na Terra recebeu, é uma outra via pela qual o movimento se faz presente na cena pública e como o estudo desse movimento permite compreender, também, questões de seu contexto. Nesse sentido, tomo a categoria 'religião pública' como "uma possível abordagem sobre o deslocamento estrutural que a religião sofre, quando o corpus evangélico assume outras modalidades políticas" (CARRANZA, 2020, p. 171), para argumentar que o Céu na Terra pode e deve ser visto não somente como um movimento religioso, mas também como uma força social e política, na medida em que ele molda e vai sendo moldado pelo contexto no qual está inserido.

O Céu na Terra começou como um movimento religioso pentecostal e avivalista, mas ele não ficou apático às movimentações de seu tempo, e sim começou a participar religiosa, social e politicamente em seu contexto. Desse modo, conforme Regina Novaes (2012, p. 187), os grupos e movimentos de jovens religiosos brasileiros "de maneiras diversas se fazem presentes no espaço público. A ideia é explorar as experiências desses jovens do ponto de vista de sua atuação na chamada sociedade civil". Justamente para compreender a atuação deste movimento na sociedade civil, foi que esta pesquisa buscou analisar suas formas de inserção nos espaços públicos pelos quais ele transita: o espaço urbano, o espaço midiático e, por fim, o espaço político. Para tanto, busquei descortinar não apenas fragmentos de sua trajetória e atuação nestes espaços, mas também os seus "desdobramentos", buscando perceber como este movimento específico ajuda a compreender, um pouco que seja, o Brasil dos últimos anos, uma época permeada pela presença cada vez maior de elementos religiosos na esfera pública em suas mais diversas modalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não serei o poeta de um mundo caduco, também
não cantarei o mundo futuro... O tempo é a minha
matéria, o tempo presente, os homens presentes, a
vida presente.
(Carlos Drummond de Andrade)*

*Explicar “o mundo ao mundo”, responder as
questões do homem do hoje, tal é, pois, a tarefa do
historiador que enfrenta o vento
(Lucien Febvre)*

*A ordem do tempo nos trai dia após dia
Enquanto historiadores tentam explicar o mundo ao mundo.
O tempo urge, o presente exige, o futuro não existe.
Faço história para a vida, não para a morte.
(Alina Nunes)*

Ao analisar historicamente um movimento ainda não estudado nas ciências humanas, essa dissertação buscou apontar novas formas de abordagem do fenômeno religioso nos espaços públicos, demonstrando que, no presente, imergem novos *tipos* de instituições religiosas. Instituições essas que não seguem parâmetros organizacionais e estruturais tradicionais, pois se utilizam das ferramentas e das linguagens de seu tempo. Mas que nem por isso são destradicionalizados em seus discursos. A trajetória do Céu na Terra demonstra a força que a juventude religiosa tem no presente, atuando junto à sociedade civil e condensando-se, estrategicamente, em diversas esferas sociais para levantar sua bandeira e disseminar sua mensagem. A trajetória deste movimento aponta, de igual modo, como diferente do que se pensou outrora, a religião permanece muito presente no cotidiano, nas instituições, nas relações, nas vivências e, sobretudo, na forma como os jovens se relacionam com o sagrado e como experimentam o tempo. Mas também como experimentam e ocupam os espaços em que transitam. Espaços que são dotados de sentidos simbólicos e sagrados, por conta de suas práticas e experiências, mas também espaços de poder, no qual são forjadas identidades, subjetividades e sociabilidades.

Essa pesquisa também buscou demonstrar como o espaço público pode ser analisado em suas mais diversas dimensões, em se tratando da presença dos fenômenos religiosos, descortinando a presença e atuação do Movimento Céu na Terra no espaço urbano, no espaço

mediático e no espaço político. No século XXI, as práticas e experiências religiosas se tornam cada vez mais públicas e publicizadas, e um fator que desencadeia este processo de publicização do fenômeno religioso em ampla escala é, sem dúvidas, os usos das tecnologias digitais e da internet. Do mesmo modo, as novas expressões e movimentos religiosos apontam que o campo religioso brasileiro tem se tornado cada vez mais plural e diversificado, e que, constantemente, novos produtos têm sido colocados na prateleira do seu mercado de bens simbólicos e de salvação, desafiando os pesquisadores a desconstruírem suas receitas teórico metodológicas no objetivo de compreender as especificidades de novos objetos, como foi o caso desta pesquisa. Para compreender a complexidade deste objeto, várias ferramentas teóricas foram necessárias, algo que do meu ponto de vista é extremamente enriquecedor, já que a História das Religiões e do Tempo Presente, campos nos quais esta pesquisa se insere, são áreas cuja interdisciplinaridade é um pilar central.

E falando no presente...

Justamente no dia em que decidi escrever as considerações finais desta pesquisa, 04 de maio de 2022, me deparei com uma publicação feita na página do Instagram da revista Carta Capital, em que Michelle Bolsonaro, esposa do atual presidente da República Brasileira, Jair Bolsonaro, fez orações na Câmara dos Deputados, pedindo para que Deus "curasse" o país. Na legenda da foto publicada, a revista fez o seguinte comentário:

"Michele Bolsonaro rezou, chorou e clamou pela 'cura da nação' durante um culto promovido pela Frente Parlamentar Evangélica em um plenário na Câmara, nesta quarta-feira 4, em homenagem ao dia das mães. "Tu és poderoso para curar a nossa nação, Jesus", disse, no momento em que se colocou de joelhos. "Haja um avivamento, senhor, no Legislativo, no Executivo, no Judiciário. Pai estenda as suas mãos sobre a nossa amada nação". As declarações da primeira-dama foram acompanhadas de gritos de 'aleluia' dos parlamentares presentes.²¹⁸

Essas declarações apenas confirmam a discussão levantada no final desta pesquisa, de que vivemos um momento da história do país em que a força dos elementos religiosos é sentida nas diferentes esferas da sociedade, sobretudo no meio político, onde se realizam verdadeiros cultos, que abordei com base na bibliografia especializada, a confessionalização do Estado brasileiro. O ativismo político dos evangélicos está diretamente associado com a questão nacional, e o avivamento que estes setores buscam promover levanta de diversas formas o tema da religião no espaço público, que apesar de ter sido amplamente tratada pelas ciências humanas nos últimos anos, permanece sendo uma demanda constante.

²¹⁸ Disponível em: [CartaCapital \(@cartacapital\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso: 04 mai. 2022.

Essa pesquisa buscou contribuir com esse debate, pelo viés historiográfico, ciente de que diferente das outras áreas do conhecimento, a história ainda não olhou com tanta atenção para essas questões. Talvez seja pelo fato de que diferente da sociologia, do jornalismo e da ciência política, por exemplo, a história ainda tenha um certo receio em tratar das coisas quando elas ainda estão acontecendo, e com isso, os historiadores acabam falhando em seu *métier*.

Continuo acreditando, ao lidar com o presente vivido, ao olhar para a realidade que me cerca como sujeito histórico e como pesquisadora, que ao se preocupar com a função e com a utilidade social da história, os historiadores precisam se dedicar em transformar o presente vivido em reflexão histórica (MACHADO, 2020). Por isso continuo a considerar, para não concluir, que Marc Bloch estava coberto de razão quando disse que “o erudito que não tem o gosto de olhar a seu redor nem os homens, nem as coisas, nem os acontecimentos, [ele] merecerá talvez, como dizia Pirenne, um título de útil antiquário. E agirá sensatamente renunciando o de historiador” (BLOCH, 2001, p. 66). Este ano é um ano de eleição presidencial, e a depender de seu resultado, é possível que entremos em uma nova ordem temporal no Brasil. Quem sabe Bolsonaro não se reeleja, quem sabe a bancada evangélica seja enfraquecida ou ganhe ainda mais força, quem sabe o PT volte a assumir o lugar ocupado durante quase quatro mandatos consecutivos no executivo brasileiro. Embora tenhamos alguns palpites e expectativas, não há como saber o que virá. E refletir sobre uma história a acontecer é isso, estar à mercê do devir. Quanto ao Movimento Céu na Terra, quem sabe ainda sejam escritas futuramente outras páginas que se dediquem em analisar seus próximos capítulos, ou as muitas lacunas que não puderam aqui ser abordadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 25-35, 1997.

ALMEIDA, Fábio Chang. de O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista AEDOS**, v. 3, n. 8, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018

_____. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org). **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ALVES, Rubem Alves. “A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil”, **Religião e Sociedade**, nº 3 (Out): 109-141. 1978.

ANDERSON, Steve F. **Technologies of history: visual media and the eccentricity of the past**. Hanover: Dartmouth College Press, 2011.

AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO; Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BECKFORD. James A. Novos Movimentos Religiosos. Traduzido por Max Luiz Gimenes e Diogo Barbosa Maciel. **PLURAL, Revista do Programa de Pós - Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.26.2, ago./dez., 2019, p.326-339.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. p. 122.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. **Revista de Estudos da Religião – Rever**. PUC/SP, 2004.

_____. A participação dos evangélicos na mídia. In: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasny de. (Orgs). **"Fiel é a palavra": leituras**

históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. p. 431-467.

_____. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: questões e debates**. Curitiba, n. 55, Ed. UFPR, jul./dez. 2011, p. 13-42.

_____. Juventude evangélica e os usos da mídia no Brasil (2000-2010). **Anais do VI Seminário Nacional Religião e Sociedade: O espaço do Sagrado no século XXI**. Curitiba: NUPPER/UFPR, Outubro, 2011.

_____. "fiéis soldados de cristo: discussões sobre o fundamentalismo no brasil recente. In: BREPOHL, Marion, GARRAFONI, Renata Senna; CAPRARO, André Mendes. **Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções**. Curitiba: ed. UFPR, 2012, p. 53-92.

_____. "Ser cristão é muito louco": Os usos da mídia para e pela juventude evangélica no Brasil (anos 2000-2010). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH/Maringá/PR, jan. 2013.

_____. Surfando nas ondas do Senhor: Juventude evangélica e mídia no Brasil (Anos 2000-2010). **Relegens Thréskeia estudos e pesquisa em religião**, v.3, n. 01, 2014.

_____. Os desafios de se fazer uma História Cultural das Religiões no Tempo Presente: Análise da literatura de Liderança e Sucesso no Brasil e nos Estados Unidos (1990-2010). **Anais do II Congresso Internacional de História, UEPG-UNICENTRO/Ponta Grossa/PR**, maio de 2015.

_____. Por uma história das religiões e das mídias. In: SILVA DE MOURA, Carlos André... [et al]. (Orgs.). **História, narrativas e religiões: diálogos sob o olhar da cultura**. Recife: Editora EDUPE, 2018.

BERGER, Peter. O dossel sagrado. **Elementos para uma teoria sociológica da religião**. [organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos]. -São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Apresentação. In: BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. [organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos]. -São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano T. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003.

BILHALVA, Alexandre Oliveira. Os “Desigrejados”. **Estudo sobre o Fenômeno da Desinstitucionalização Contemporânea nas igrejas Evangélicas**. Dissertação. (Mestrado em Teologia.) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENTIVOGLIO, Julio. O futuro das utopias e das distopias em tempos presentistas. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 390-404, set./dez. 2020.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

_____. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

BURITY, Joanildo.; JUNGBLUT, Airton. Religião e globalização. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 3, p. 393-402, 24 set. 2014.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso das imagens como evidencia histórica**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. **Revista Conhecer: Debate entre público e privado**. V. 10 nº 24/2020.1. pp.120-140.

CAMPBELL, Heidi. **Digital Religion: Understanding Religious Practice in New Media Worlds**. New York: Routledge, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. O milenarismo intramundano de novos pentecostalismos brasileiros. **XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Disponível em: [file \(anpocs.com\)](file(anpocs.com)). Acesso: 04 mai. 2022.

_____. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. **XXVI ANPOCS, Caxambu, outubro de 2002**. Disponível em: [file \(anpocs.com\)](file(anpocs.com)). Acesso: 31 mai. 2022.

_____. CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 110-115, set./nov. 2005.

_____. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 504-533, 24 out. 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Mito, líder político ou líder carismático? In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Orgs.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Um poder evangélico no Estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo bolsonaro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 12, n. 25, p. 82-104, jan./abr. 2020.

CAMURÇA, Marcelo Ayres.; SILVEIRA, Emerson José Sena; ANDRADE JÚNIOR, Péricles Moraes de. Estado laico e dinâmicas religiosas no Brasil: tensões e dissonâncias. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 57, p. 975, 31 dez. 2020.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima Regina Gomes. ”Juventudes” e religião no Brasil. Uma revisão bibliográfica. **Numen: revista de estudos e pesquisa de religião**, Juiz de Fora, v. 7, n. I, p. 11- 46.

CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 171-193.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTRO, Cristina Maria de. Apresentação do dossiê: religião e globalização. **Estudos de Religião**, v. 28, n. 2 • 7-10 • jul.-dez. 2014.

CERQUEIRA, Saulo Baptista. Conteúdos messiânicos milenaristas nos movimentos pentecostais e neopentecostais. **Revista Observatório da Religião**. V.1. N.1, Jan/Jun/ 2014.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Phillippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Phillippe (Org). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.39-50.

COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?** Princeton, NJ: Princeton University Press, 2016.

COSTA, Viviane; SOUZA, Vitor Chaves de. Religião e Domínio: Uma Abordagem sobre a Relação entre Linguagem Visual e Poder Símbolo em Favelas Cariocas. **Revista Jesus Histórico**. XIII: 24 (2020). p. 153-165.

COWAN, Arthur Benjamin. “Nosso terreno”: crise moral, política evangélica e a formação da “Nova Direita” no Brasil. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p.101-125, jan/abr 2014.

CUBAS, Caroline Jaques. Religião, tempo e memória: interfaces para o estudo da História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, e0107, 2021. Número especial.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, Mysterium, 2007.

_____. Pentecostalismo e Movimento Ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de Religião**, v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011.

_____. O processo de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Revista Famecos**. PORTO ALEGRE. V. 26, N. 1, JAN.-ABR. 2019.

CURTIS, A. Kenneth, LANG, J. Stephen e PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003.

DA MATA, Sérgio. **História e religião**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DAMIANI, Iara Regina. **A institucionalização do movimento religioso dos surfistas evangélicos de Florianópolis (1982 a 2006)**. 2009. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**. n. 24, p. 40-52, 2003.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editor Fundação Getúlio Vargas, 2014.

DEMOSS, Nancy L; SMITH, Marice. **O avivamento do país de Gales**. Joinville: Impacto, 2016.

DIAS, Tainah Biela. A defesa da família tradicional e a perpetuação dos papéis de gênero naturalizados. **Mandrágora**, v.23. n. 1, 2017, p. 49-70.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

_____. **As formas elementares de vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. 2ª ed., São Paulo: Paulus, 2001

ELIADE, Mircea. **Origens**. História e sentido na religião. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismo, urbanização e periferia. Perspectivas teóricas. **PARALELLUS**, Recife, Ano 2, n. 4, jul./dez. 2011, p. 181-192.

_____. **Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)**. 2015. 358 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

FERREIRA, Manuela Lowenthal; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. "In marketing we the trust": trabalho e mercado religioso na Bola de neve Church. **Revista Poder & Cultura, Rio de Janeiro**, Vol. 3, Nº 5, pp.249-267, Jan.-Jun.2016|.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, 2018.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ.

_____. Mídias, religião e política no Brasil de Bolsonaro. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Orgs.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 309-329.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

_____. **O que é o autor?** Lisboa: Vegas/passagens, 1992.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment**. Tese. (Doutorado em Sociologia), Universidade de Campinas, 1993.

_____. **Evangélicos na política brasileira: História ambígua e desafio ético**, Curitiba, Encontro, 1994.

_____. Bolsonaro, populismo, os evangélicos e a América Latina. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Orgs.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Eletrônica Correlatio** v. 16, n. 2 - Dezembro de 2017.

GALLINI, Stefania; NOIRET, Serge. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción AL dossiê Historia digital. **Historia Critica**, Bogotá, nº 43, p. 16-37, Ene.-Abr. 2011.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2008, p. 80-101.

GOLD, Matthew K. **Debates in the digital humanities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

GOMES, Angela de Castro. Política: História, Ciência, Cultura, etc. **Revista Estudos Históricos**. V. 9. n. 17 (1996).

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUADALUPE, José Luiz Pérez. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Orgs.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 17-111.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO; Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011, p.11-16.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. v. 1. Ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religiosidade em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O fim das religiosidades herdadas**. In: HERRVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido. Religiosidade em movimento. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **CADERNOS CERU**, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

JUNGBLUNT, Airton. Os evangélicos brasileiros e a colonização da internet. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.149-166, out 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à Semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.

_____. **Estratos do tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LACERDA, Marina Basso. Jair Bolsonaro: a agenda defendida em sua trajetória política; In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.p. 289-309.

LAITANO, Bruno Grigoletti. **Digitalizar o arquivo, arquivar o digital: a história e suas fontes diante das velhas e novas tecnologias**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3 Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Espaço urbano brasileiro: entre a ditadura e a democracia – o caso de Florianópolis, SC (1964-1990). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 24, nº 47, p.162-181, 2011.

_____. CAMPOS, Emerson. Cesar de. Tempo Presente: entre operações e tramas. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 10, n. 24, 2017.

_____. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: **Coleção história do tempo presente: volume 1** / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e Storiografia digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rio de Janeiro, 2014.

MACHADO, Ana Carolina. História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores. **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020.

MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 30(2): 145-163, 2010.

MACIEL; Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 12, n.2, p. 87-99, jul-dez/2015.

MAFRA, Clara; Almeida, Ronaldo. (orgs.). **Religiões e Cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

MAFRA, Clara. O problema da formação do "cinturão pentecostal" em uma metrópole na América do Sul. **Interseções** [Rio de Janeiro] v. 13 n. 1, p. 136-152, jun. 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Religião e MetrÓpole**. Disponível em: [Religião e MetrÓpole \(usp.br\)](#). Acesso: 08 mai. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Vol. XX, 2010, pág. 13-38.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na metrÓpole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução: Circuitos jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na metrÓpole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. 1ª Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **A grande onda vai te pegar**: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

_____. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **ESTUDOS AVANÇADOS** 18 (52), 2004.

_____. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**. dezembro / 2008 / pp. 68-95.

_____. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. SÃO LEOPOLDO, 17 DE MAIO DE 2010 | EDIÇÃO 329. pp. 5-8.

_____. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**. Porto Alegre. v. 11. n. 2 p. 238-258 maio-ago. 2011.

_____. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores. **Civitas**. Porto Alegre, v. 16, n. 4, pp. 710-728, out.-dez. 2015.

_____; GERARDI, André Dirceu. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Orgs.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 329-351.

MASCHIO, Maralice. **O movimento underground e a religiosidade**. Comunidade Gólgota. 2018. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná.

MASSENZIO, Marcelo. **A História das Religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MATTOS, Delmo. Razão e historicidade em Hegel. **Revista Expedições: Teoria & Historiografia** | V. 6, N.2, Agosto -Dezembro de 2015.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

_____. Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**. Revista Brasileira de História da Mídia, vol. 2, n. 2, jul/2013-dez/2013.

_____. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul./dez. 2014. Editora UFPR.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil, 2ª ed. São Paulo, ASTE, 1995.

MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino. Introdução. In MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.) **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.7-17.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura**: a ciber-religião. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MONTERO, Duglas Montero. “Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo Popular”. In: VALLE, E. (org.) **A cultura do povo**. São Paulo, Cortez e Moraes, Educ, pp. 81-111. 1997.

MORAES. Marieta Ferreira de. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

MORALES, Fábio Augusto. Do spatial turn às histórias globais da religião: trajetórias e perspectivas. **Reflexão**, Campinas, 42(1):XX-XX, jul./dez., 2017.

MOTTA, PATO SA. Rodrigo. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 109 - 137, 2018.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros. **REVISTA USP**, São Paulo, n.82, p. 32-45, junho/agosto 2009.

NOVAES, Regina. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (org.) **Fiéis & cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.181-207.

NOVAES, Regina. Juventude, Religião e espaço público: Exemplos "bons" para pensar tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): 184- 208, 2012.

NOVAES, Regina. Juventude e religião. Sinais do tempo experimentado. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 20 n. 2, p. 351-368 ,dez. 2018.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez.2012.

ORO, Ari Pedro. "Podem passar a sacolinha": um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro", **Cadernos de Antropologia**, n° 9: 7-44. 1992.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). In: **Varia hist.** [online]. 2015, vol.31, n.57, pp.863- 90.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei. **Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 27, n° 53, p.11-23, 2007.

PIERUCCI, Antônio Favio. (1987). As bases da nova direita. **Novos Estudos** (CEBRAP). n. 19, pp. 26-45.

PRANDI, Reginaldo. "Religião paga, conversão e serviço", in. PIERUCCI, Antonio. Flávio.;

PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**, São Paulo, Hucitec, pp. 257-273. 1996.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. **Progressistas, mas conservadores: a ideologia do partido progressista (PP) no Rio Grande do Sul**. 2012. (Dissertação em Ciências Sociais) -Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 38, n°. 138, p.9- 26, jan.-mar., 2017.

RÉMOND, René. O retorno do político. In: AGNES, Chauveau ; TÉTARD, Phillippe (Org). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP : EDUSC, 1999, p.51-61.

REVEL Jacques. Microanálise e construção do social. In: **REVEL, Jacques. Jogos de escala. A experiência da microanálise** (Org.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15- 39.

_____. "Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado". **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 15, No. 45 (set./dez. 2010).

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: AGNES, Chauveau; TÉTARD, Phillippe (Org). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP : EDUSC, 1999, p.39-50.

ROCHA, Cristina; VÁSQUEZ, Manuel A. O Brasil na nova cartografia global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 34(1): 13-37, 2014.

ROCHA, André Santos da. Espaço Urbano e Religião: sobre a espacialidade Evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense. In: **Simpósio Nacional de Geografia Urbana. VVI Simpurb**. 2019, Teatro da Ufes e CCHN. pp. 2667- 2683.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. **REVER. Revista de Estudos da Religião**. dezembro / 2007 / pp. 31-56.

RODRIGUES, Donizete. Novos Movimentos Religiosos: realidade e perspectiva sociológica. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 12, volume 19(1): 17-42 (2008).

RODRIGUES, Elisa. A emergência dos Novos Movimentos Religiosos e suas repercussões no campo religioso brasileiro. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1 e 2, p. 45-58.

ROSENDAHL, Zeni. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 92p.

SAMPAIO, Mônica Machado. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Revista Espaço e Cultura**. N. 4. junho 1997.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019.

SANTHIAGO, Ricardo; TRINDADE Borges, Viviane; ROSA, Rodrigues, Rogério. O devir público da história no tempo presente: outras linguagens, outras narrativas. **Canoa do Tempo**, [S. l.], v. 12, n. 01, p. 13–38, 2020.

SANTOS JUNIOR, João Júlio Gomes. A história política na hora da virada transnacional: novas possibilidades. **Esboços**, Florianópolis, v. 26, n. 41, p. 67-83, jan./abr., 2019.

SANTOS JUNIOR, João Júlio Gomes; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo** | Vol. 23 n. 3 | Set./Dez. 2017. p. 482-502.

SANTOS DORNELLES, Danielle.; BONALDO, Rodrigo Bragio. História e distopia: três abordagens teóricas (presentismo, atualismo e um futuro sem precedentes). **Revista Aedos**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 21–41, 2022.

- SCOTT, Joan. Experiência. In SILVA, Alcione Leite da. (et all). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.
- SELL, Carlos Eduardo. Poder instituído e potência subversiva. Max Weber e a dupla face da dominação carismática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. VOL. 33 N° 98. p. 1-16. 2018.
- SILVA, Alex Sandro da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n° 9, p. 73-91. Jun 2009.
- SILVA, Eliane Moura da & KARNAL, Leandro. **O Ensino Religioso na Escola Pública do Estado de São Paulo** – volume 1, Secretaria de Estado da Educação - UNICAMP, São Paulo, 2002.
- SILVA, Eliane Moura da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul./dez. 2011.
- SILVA, Yago Henrique Feitosa da. **Comunicação dos movimentos cristãos nas redes sociais**: Análise dos perfis dos movimentos “Céu na terra movement” e “Jesuscopy” no Facebook e Instagram. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – UniCEUB, Brasília, 2018
- SILVEIRA, Emerson José Sena da. Tradicionalismo católico no ciberespaço. **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 20-42, dez. 2014.
- _____. Juventude Católico-Carismática: mudança de sentido, música e religião em ambientes urbano-eletrônicos. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** V.6, Dossiê: Religiões e Religiosidades na Modernidade Tardia, p. 167-201, Dez., 2017.
- SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Antíteses**, [S.l.], v. 9, n. 17, p. 270-296, set. 2016.
- _____. **História, Técnica e novas Mídias**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- SIRINELLI, François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Phillippe (Org). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC, 1999.73-93.

SOARES, Fagno da Silva. Clio entre a digital history e a storiografia digitale: a oficina historiográfica de Anita Lucchesi e suas contribuições à história digital no Brasil. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 5, p. 634- 680, agosto. 2017.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Introdução. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Faustino. Apresentação. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religiosidade em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

TEIXEIRA, Cezar Pinheiro; VITAL DA CUNHA, Christina; CORRÊA, Diogo Silva; REIS, Lívia. Processos de conversão religiosa. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 41(1): 1-280, 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Apresentação. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo(Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

VIEIRA, Beatriz; FELIPPE, Eduardo Ferraz; NICODEMO, Thiago Lima. Apresentação. Crise: a exceção que se tornou regra. **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 07-12, jan./jun. 2018.

VILLAZÓN, Julio Córdova. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo(Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Ocupação evangélica**: efeitos sociais do crescimento pentecostal na favela de Acari. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia, PPGSA/UFRJ. (2002).

_____. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas**: um estudo sócio-antropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no Complexo de Acari. 2009. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Religião, grafite e projetos de cidade: embates entre “cristianismo da batalha” e “cristianismo motivacional” na arte efêmera urbana. **Revista Ponto Urbe**, São Paulo, Vol.1, nº15, p.1-27, 2014.

_____ ; MENEZES, Renata. Editorial: Reconfigurações do religioso na paisagem urbana. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(2), 2017.

WAGNER, Christiane. Zeitgeist, o Espírito do Tempo – Experiências Estéticas. **Rev. Cult. e Ext. USP**, São Paulo, n. 12, p.21-29, nov. 2014.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

YOUNG, Amos. Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política. **Cernos Teologia Pública**. a Ano XIV – Vol. 14 – Nº 120 – 2017.

